

STAR TREK

JORNADA NAS ESTRELAS

EFEITO ENTROPIA

VONDA N. McINTYRE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

VONDA N. McINTYRE

EFEITO ENTROPIA

A *Enterprise* é chamada para transportar até uma prisão de reabilitação um perigosíssimo criminoso, acusado de usar pessoas como cobaias e assassiná-las. Spock descobre que se trata do Dr. Mordreaux, um brilhante físico do qual foi aluno e admirador. Inicia, então, uma investigação por conta própria e coisas estranhas começam a acontecer. O aumento da Entropia é assustador. E apenas Spock poderá deter o Caos!

Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado.

Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral.

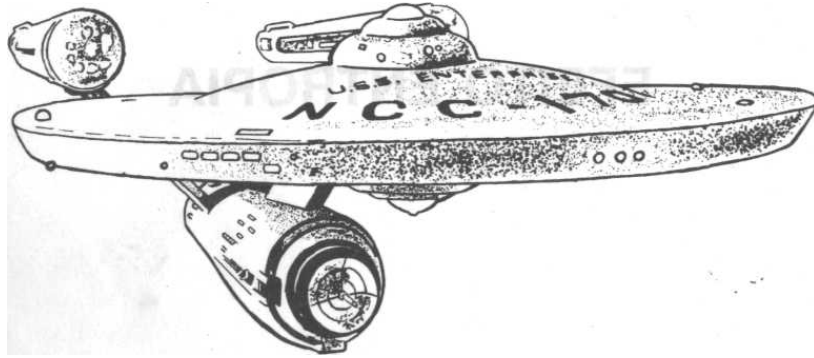
Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance quando aparecer a referência numerada a uma dessas palavras.



"O Espaço, a fronteira final.

Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas,

novas civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum Homem jamais esteve."



USS. ENTERPRISE NCC — 1701

A *United Space Ship Enterprise*, uma astronave da classe *Constitution* foi lançada em 2188. Sob o comando do capitão James T. Kirk ficou famosa em toda a galáxia, tornando-se símbolo da Frota Estelar. Viajam à bordo da nave 430 pessoas, sendo 43 oficiais e 387 tripulantes. Com aproximadamente um terço de membros femininos. Sua velocidade de cruzeiro é feita em dobra espacial seis — 216 vezes a velocidade da luz (c). A de emergência é feita em dobra oito — 512 vezes a velocidade da luz (c). Tem 400 torpedos de fóton e três bancos de *phasers*, com enorme poder de fogo. Todo sistema de propulsão e armazenamento de energia é alimentado por cristais de *dilithium*. Casco composto por titânio e alumínio transparente. Tem 302 metros de comprimento, 140 m de diâmetro, 71 m de altura e 21 andares.

James Tiberius KIRK é o comandante da *Enterprise*. O mais jovem capitão da Frota Estelar tem uma destacada folha de serviços. Recebeu as mais importantes comendas e distinções da Federação

de Planetas. Natural do planeta Terra seu sucesso não foi conquista fácil. Quando assumiu o comando da *USS Enterprise* aos 29 anos, já havia sido ferido três vezes e alguns de seus feitos já estavam gravados nos anais de honra da Frota. De natureza independente é um militar por formação e um explorador e diplomata por vocação. Seu carisma e liderança naturais despertam a confiança e lealdade de sua tripulação.



O imediato e oficial de ciências da nave *Enterprise* é **SPOCK**. Filho de um vulcano e uma terrestre possui uma mente extremamente analítica. Recebeu a educação de um vulcano, treinado em lógica, computação e controle das emoções. É devotado à ciência e guiado pela lógica, base filosófica de seu povo. Fisicamente é mais vulcano que terrestre: seu sangue, baseado em cobre, é verde e tem pulsação média de 242 batimento por minuto. Possui uma extraordinária força física e grande resistência à dor. Possui capacidade telepática e a capacidade de imobilizar um homem através do famoso 'toque de vulcano'.



Leonard H. McCOY é o oficial médico-chefe da *Enterprise*. Um médico da Terra apegado às tradições e arredo à tecnologia de seu tempo — reflexo de seu temperamento extremamente humanista e romântico — que não o impede de ser um exímio conhecedor do uso dos modernos e sofisticados instrumentos médicos. É amigo pessoal e conselheiro do capitão Kirk. Vive em freqüentes desentendimentos com Spock. O doutor McCoy não gosta da disciplina e protocolo militar. É extrovertido, passional e sonhador; guiado pelas emoções que o tornam às vezes uma pessoa irascível, mas também amável e dócil.



Tenente-comandante **Montgomery SCOTT** — engenheiro-chefe da *Enterprise*. Um escocês que possui profundo conhecimento da alta tecnologia utilizada nas astronaves.

É o responsável pela engenharia e manutenção da nave. Assume o comando da *Enterprise* na ausência de Kirk e Spock.

Tenente **Nyota UHURA**, oficial de comunicações da *Enterprise*.

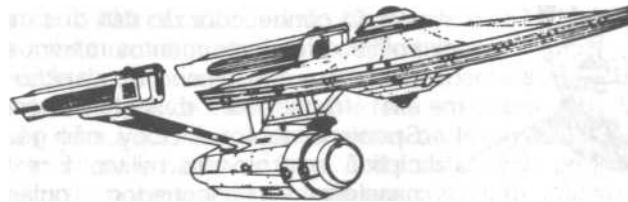
Nasceu nos Estados Unidos da África e seu nome significa "liberdade" na linguagem *swahili*.

Excelente em matemática e física. Colecionadora de canções e magnífica musicista.

Tenente **Hikaru Kato SULLU**, Piloto da *Enterprise*. Um oriental apreciador de botânica e de personalidade romântica.

Campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais.

Alferes **Pavel Andreievich CHECOV**, navegador da *Enterprise* Um russo que freqüentemente se admira pela ingenuidade dos seus ancestrais soviéticos, que alegavam ter inventado e descoberto quase tudo no universo. É jovial, impulsivo e de espírito alegre.



VONDA N. McINTYRE — EFEITO ENTROPIA

Tradução: Norberto de Paula Uma

Título original: *Entropy Effect*

Editora ALEPH

1991

Prólogo.

O capitão James T. Kirk estava reclinado no sofá da sala de estar de sua cabine, folheando um livro. As luzes piscaram e ele levantou-se abruptamente, assustado com a falha na energia e o tremor simultâneo na gravidade da *Enterprise*. Os escudos defletores⁽¹⁾ principais foram forçados até os limites, consumindo toda energia disponível para proteger a nave e seus tripulantes da radiação quase incalculável de mais uma tempestade de raios-X.

Kirk forçou-se a relaxar, mas ainda sentia-se pouco à vontade, como se tivesse que estar tomando alguma providência. Mas não havia nada que pudesse fazer, e bem o sabia. Sua nave estava em órbita ao redor de uma singularidade⁽³⁰⁾ a primeira e única jamais descoberta, e o Sr. Spock observava, media e analisava, tentando deduzir porque tinha aparecido, súbita e misteriosamente, vinda do nada. O oficial de ciências vulcano⁽⁴⁾ estivera neste trabalho há seis semanas; estava quase terminando.

Kirk não estava gostando nada de expor sua nave à radiação, ondas de gravidade, torções e curvaturas do próprio espaço. Mas aquele trabalho era crítico: espalhando-se como um grande câncer, a singularidade abrangia uma grande rota comercial do espaço de dobra⁽¹¹⁾. E mais importante: se uma singularidade podia surgir sem nenhum aviso, uma outra qualquer poderia muito bem aparecer. A seguinte poderia não só perturbar o comércio interestelar. Poderia brotar por perto de um planeta habitado e acabar com toda a vida em sua superfície.

Kirk olhou de relance para a tela de seu terminal de comunicações, que deixara focalizada na singularidade. Enquanto a *Enterprise* fazia um arco sobre um dos pólos, a tempestade de energia se intensificava. A poeira turbilhonava, caindo pelo furo no continuum⁽³⁰⁾, desintegrando-se em energia. A luz que podia ver, os comprimentos de onda do espectro visível⁽³¹⁾ formavam apenas a menor parte da furiosa radiação que incidia em sua nave.

As forças, deslocamentos e marés perturbavam toda a tripulação; todos estavam agressivos e entediados, a despeito do considerável perigo em que se encontravam. Nada mudaria até que o Sr. Spock completasse as observações.

Spock poderia fazer todo o trabalho sozinho numa nave pequena, se uma nave dessas conseguisse suportar a torção no espaço causada pela singularidade. Mas como isto não era possível, ele precisava da *Enterprise*. Porém, Spock era o único ser essencial para esta missão. E isto era o pior de tudo aquilo: ninguém temia enfrentar o perigo, mas não havia meio de controlá-lo ou combatê-lo ou sobrepujá-lo. Não tinham nada para fazer, senão esperar, até que o trabalho terminasse.

Kirk pensou, com gratidão, que pelo menos podia começar a encarar aquela missão em termos de horas e não em semanas ou dias. Como o resto da tripulação, ficaria muito contente, quando tudo estivesse terminado.

— Capitão Kirk?

Kirk estendeu a mão e abriu o canal. A imagem da singularidade desapareceu e a tenente Uhura surgiu na tela.

— Sim, tenente?... Uhura, o que há de errado?

— Estamos recebendo uma transmissão subespacial⁽²⁾, capitão. Codificada...

— Retransmita para cá. Qual é o código?

— Máxima, senhor.

Ele sentou-se depressa. — Máxima!

— Sim senhor, emergência máxima, da colônia de mineração Aleph Primo. Foi recebida uma vez, depois interrompida, antes que pudesse ser repetida. — Olhou para seus instrumentos e retransmitiu a gravação para o terminal dele.

— Obrigado, tenente.

A chave do código veio-lhe à mente de imediato. Estava proibido de manter um registro por escrito da chave. Não lhe era nem mesmo lhe era permitido usar o computador da nave para fazer uma decodificação automática. Com lápis e papel, começou o cansativo trabalho de transformar o amontoado de letras e símbolos, até que se transformassem em uma mensagem coerente.

A tenente-comandante Mandala Flynn trocou de roupa, vestindo o seu quimono de judô e pendurou as calças e camisa do uniforme no armário. Pelo menos agora, seus longos cachos ruivos não iam desfazer-se do nó. Sabia que deveria cortá-los. A patrulha da fronteira, sua última designação, favorecia um aspecto e comportamento bem menos convencional, até, do que era o usual a bordo da *Enterprise*; usual ou, melhor dizendo, tolerável. Tinha subido a bordo havia apenas dois meses, e a maior parte de seu tempo e atenção tinham-se centralizado, até agora em pôr a equipe de segurança numa forma razoavelmente coerente. Consequentemente, ainda não tivera tempo para sentir as precisas,

embora informais, limitações da vida naquela nave. Não pretendia amoldar-se à nave; pretendia ficar em destaque. Mas queria que este destaque fosse devido ao seu profissionalismo e competência, não às suas excentricidades.

Pensou se o Sr. Sulu já não estava cansado de seu acordo, um tanto brincalhão, de que ela não cortaria seu cabelo, até a cintura, se ele deixasse também o cabelo crescer também. Até agora, tinha conservado o seu lado do trato: estava com o cabelo pelos ombros e também deixara crescer o bigode. Mas Flynn não queria que ele se sentisse preso a isto, se os outros estivessem brincando com ele. Foi ao *dojo* da nave, e parou, logo depois de entrar para fazer a reverência de costume.

Sobre o *tatami*, o Sr. Sulu fazia ginástica, mãos presas atrás da nuca, deitando e levantando do chão, os cotovelos tocando os joelhos. Mas parou e deixou as mãos apoiadas no chão.

Flynn sentou-se de cócoras ao lado dele. — Tudo bem?

O outro nem ergueu os olhos. — Senhorita Flynn, eu preferiria dar uma tremenda surra nos klingons⁽⁷⁾ do que equilibrar uma nave estelar em torno de uma singularidade. Sem falar em equilibrar-se entre o Sr. Spock e o Sr. Scott.

— Tem sido divertido. Você sai andando por aí e, de repente, está flutuando no ar.

O Sr. Sulu esticou o corpo e os braços para a frente, numa postura da Yoga, tocando os joelhos com a testa.

— O Sr. Scott não acha que as flutuações da gravidade, ou as quedas de energia, ou todo o resto dos problemas, *engraçados* — disse, em tom abatido. A gola bordada de seu quimono caía por cima de suas orelhas. Parecia que ia ficar encolhido daquele jeito

para sempre. — O Sr. Scott está convencido que da próxima vez que passarmos por uma tempestade de raios-X, a sobrecarga dos escudos explodirá os motores. — Gemeu de dor e endireitou-se lentamente. — Tudo o que o Sr. Spock quer, evidentemente, é uma órbita circular perfeita, com ou sem tempestade.

Flynn concordou, solidária. Não era como se o perigo fosse algo a ser enfrentado. A responsabilidade por seu curso e, portanto, sua segurança, estava quase que inteiramente sobre os ombros do Sr. Sulu. Estava com excesso de trabalho e estafado.

— Quer cancelar esta aula? — perguntou Flynn. — Detesto parar, quando está indo tão bem, mas uma só aula não faria diferença.

— Não! Estive esperando por ela o dia inteiro. Seja a sua aula de esgrima ou a minha, de judô, são as únicas coisas que me motivaram nestas últimas duas semanas.

— OK — respondeu ela. Tomando a mão dele, ela levantou-se e ajudou-o a ficar de pé. Depois de fazerem um aquecimento, Sulu, o aluno, inclinou-se perante Flynn, a instrutora. Depois, inclinaram-se formalmente um para o outro, oponente para oponente.

Na esgrima, Mandala Flynn estava apenas aprendendo os primeiros movimentos; o Sr. Sulu podia vencer sua guarda com facilidade. No judô, suas posições eram invertidas. Flynn era faixa preta do quinto *dan* naquela arte, enquanto que o Sr. Sulu pouco passara além do estágio de cair com segurança.

Mas hoje, a primeira vez que ele saiu de um lançamento pelo ombro, Flynn sentiu que a posição saíra errada. Tentou apanhá-lo, mas ela não estava esperando que ele fosse desajeitado. O Sr. Sulu caiu pesadamente, sem rolar ou soltar-se. Flynn ficou olhando para ele, punhos fechados, enquanto ele olhava para o teto.

— Droga! Será que esqueceu tudo o que aprendeu nos dois últimos meses? — Arrependida de imediato, controlou a raiva. Aprender a controlar seu temperamento violento era uma das razões pelas quais resolvera treinar judô. Normalmente, funcionava. Ajoelhou-se ao lado de Sulu. — Você está bem?

Ele se levantou, sentindo-se embaraçado.— Fui muito desajeitado.

— Eu não devia ter gritado, — disse Flynn, ela mesma embaraçada.

— Olhe, não vai adiantar, você está muito tenso, vai se machucar se continuarmos.

Ela começou a massagear as costas e ombros dele. Reclamou, quando os polegares dela atacaram os músculos contraídos.

— Pensei que o aquecimento tivesse sido suficiente, — ele observou.

— Um aquecimento não adiantaria. — Ela o fez tirar o quimono e deitar-se de bruços no *tatami*, pôs-se em cima dele, e começou a massagear suas costas, pescoço e ombros.

De início, ele fazia uma careta a cada músculo massageado mas a tensão foi gradualmente se dissipando e Sulu ficou quieto, sob as mãos dela, olhos fechados. Uma mecha do cabelo preto dele cobriu-lhe o rosto. Ela teve vontade de afastá-la, mas não: continuou a massagem.

Quando toda a tensão do corpo dele relaxou, e as mãos dela é que estavam doloridas, deu uma batidinha nos ombros dele e sentou-se na sua frente, de pernas cruzadas. Ele não se moveu.

— Ainda está vivo?

Ele abriu um olho, devagar, e sorriu. — Quase morto.

Flynn riu. — Vamos, o que você precisa é de um banho demorado, mais do que ser atirado de um lado para outro do ginásio, por uma

hora.

Minutos depois, os dois estavam mergulhados numa água extremamente quente de um banho de imersão ao estilo japonês. Flynn soltou o cabelo, e o deixou cair sobre os ombros. A água escorria pelas mechas, nas costas, fazendo cócegas; o calor atenuou a ligeira dor que sentia na clavícula, esmagada muitos anos antes. Distraída, esfregou a cicatriz que se irradiava pelo ombro, riscos branco-prateados na pele ligeiramente morena. O osso estava bem curado mas, algum dia, precisaria fazer uma terapia para que crescesse de novo. Mas não agora, pensou. Não tinha tempo.

Sulu espreguiçou-se. — Tem razão. Só desta vez, um banho sem o exercício antes é muito bom. — E sorriu.

Ela também sorriu.

— Percebeu — disse Flynn, — que nos conhecemos há dois meses e ainda nos tratamos por "senhor Sulu" e "senhorita Flynn"?

O Sr. Sulu hesitou. — Sim, percebi. Não pensei que fosse... adequado, que eu iniciasse qualquer informalidade.

Como chefe da segurança, Flynn não era, de acordo com a hierarquia, superior imediato de Sulu. Se fosse, jamais se permitiria considerá-lo atraente. Mas estava acostumada com as tradições da patrulha da fronteira, onde a tripulação veterana é que decidia quando convidar os novos a usar

informalmente os nomes. Patente não era importante para isso. Aqui era diferente, pois a *Enterprise* seguia linhas militares mais tradicionais. Flynn era de uma patente superior a de Sulu.

— Vou tomar a iniciativa, então. Meus amigos me chamam Mandala. E você, usa outro nome? — Ela nunca ouvira ninguém chamá-lo de

outra coisa que não "Sulu".

— Normalmente não, mas... Mandala esperou um pouco: — Mas? Desviou os olhos. — Quando digo aos outros meu primeiro nome, se sabem japonês, riem.

— E se não sabem japonês?

— Aí me perguntam o que quer dizer, digo-lhes, e então eles riem.

— Acho que enfrento qualquer um no departamento de nomes esquisitos, — contrapôs Mandala.

— Meu primeiro nome é Hikaru.

Ela não riu. — Lindo nome. Muito adequado.

Ele começou a enrubescer. — Então você sabe o que quer dizer.

— Claro: Hikaru — o iluminado. É do livro?

— Sim, — respondeu ele, surpreso. — Você é a única pessoa fora de meu círculo familiar que eu conheço e que ao menos ouviu falar da *Lenda de Genji*.

Ela o encarou. Ele desviou os olhos, olhou de novo e, subitamente, um não conseguia tirar os olhos do outro.

— Posso chamá-lo de Hikaru? — perguntou Mandala, tentando controlar a voz. Ele tinha lindos olhos castanho-escuros, que nunca perdiam o senso de humor.

— Gostaria que sim, — ele respondeu, com brandura. O intercom na parede soou, assustando a ambos.

— Senhor Sulu, para a ponte! Acelerado!

Hikaru deixou-se afundar, até ficar completamente imerso na água quente. Um instante depois, projetou-se para cima, como um golfinho irritado, pulou para fora da banheira, e ficou pingando sobre os azulejos.

— Eles nos acham em qualquer lugar! — gritou, agarrou a toalha e bateu no botão do intercom. — Estou a caminho! — Voltou-se para Mandala, que já saíra da água. — Eu...

— Sim; continue, — disse ela. Seu nível de adrenalina disparou; o coração dela latejava. — Podemos conversar depois. Só os deuses sabem o que aconteceu.

— Meu Deus, você tem razão. — Ele correu para o vestiário, colocou depressa as calças, e saiu, botas e camisa ainda nas mãos. Mandala vestiu-se quase tão depressa; sabia que a segurança não seria de grande ajuda, se a singularidade os agarrasse e engolisse, mas queria estar pronta para qualquer eventualidade.

No observatório da *Enterprise*, o Sr. Spock contemplava, meditativo, a listagem de seu computador. Ainda não indicava nada daquilo que esperara. Queria passar por toda a análise preliminar de novo, mas já era quase hora de fazer novas leituras. Estava ansioso para obter o máximo de dados. .

Como deveria fazer um relatório para a Frota Estelar⁽³⁾ e esta tinha quartel-general na Terra, Spock pensava na singularidade nos termos das tradições científicas da Terra. As teorias de Tipler e Penrose⁽³²⁾ eram, de fato, as mais úteis na análise do fenômeno. Até o momento, no entanto, Spock não encontrara nenhuma explicação para o aparecimento abrupto de uma singularidade. Esperava que ela se comportasse de um modo peculiar, mas comportava-se ainda mais peculiarmente do que a teoria previa. A poeira interestelar que estava aspirando deveria tornar visível o horizonte dos eventos⁽³²⁾, mas não era isso o que estava

acontecendo. Se é que a singularidade estava crescendo, expandia-se para e por dimensões que Spock não poderia observar.

Mas Spock tinha, efetivamente, descoberto alguma coisa. As funções de onda⁽³²⁾ que descreviam a singularidade continham elementos entrópicos⁽³²⁾ como jamais vira antes. Termos tão inusitados que surpreenderam até mesmo a ele.

Muitas descobertas científicas ocorrem quando o observador nota um evento improvável, mesmo aparentemente impossível, e vai atrás dele, ao invés de descartá-lo como sem sentido. Spock bem sabia disto, agora mais do que nunca.

Se a primeira análise dos dados se confirmasse mais uma vez, os resultados se propagariam como ondas de choque por toda a comunidade científica e também em meio à opinião pública. Se a primeira análise se confirmasse: era bem possível que ele tivesse cometido um erro, ou mesmo que a própria constituição de seu aparelho causasse um erro insuspeito.

Spock ficou sentado junto a seus instrumentos, centralizou-os, focalizou-os, conferiu os ajustes.

A *Enterprise* aproximou-se de uma brecha no disco de acreção⁽³²⁾ ao redor da singularidade, uma região onde as tempestades de raios-X nasciam repentinamente, e um observador podia dirigir o olhar para o centro do estranho e incomum fenômeno, que torcia o espaço, o tempo e a razão.

Mas enquanto a bateria de instrumentos de leitura de Spock varria a singularidade, a *Enterprise* subitamente, e sem qualquer aviso, acelerou com toda sua potência, mergulhando na matéria e energia em desintegração e irrompendo pelo espaço profundo.

Spock levantou-se lentamente, incapaz de acreditar no que estava acontecendo. Durante semanas, a *Enterprise* suportara as torções caóticas e as reviravoltas das dimensões espaciais; agora, tão perto do fim de suas observações, toda a segunda série de medições estava destruída. Precisava de uma repetição delas, pois todas as possibilidades alternativas precisavam ser excluídas. As ramificações do que descobrira seriam tremendas.

Se suas conclusões preliminares estivessem corretas, a expectativa de vida do universo não era de bilhões de anos.

Era, para todos os fins práticos, de menos de um século.

A *Enterprise* disparou pelo espaço interestelar a um fator dobra que forçava demasiado os motores já bastante solicitados.

Pelo menos o Sr. Sulu nos tirou dali com sua precisão usual, pensava Jim Kirk, em seu lugar na ponte, tentando parecer mais calmo do que estava na realidade. Nunca tivera a oportunidade de responder a uma emergência máxima antes.

A porta do turboelevador deslizou e, pela primeira vez em semanas, o Sr. Spock chegava à ponte. Mal tinha deixado o observatório desde que tinham atingido a singularidade pela primeira vez. O oficial de ciências vulcano desceu ao nível inferior, parou ao lado de Kirk, e simplesmente fitou-o, impassível.

— Senhor Spock... — disse Kirk — recebi uma ordem de emergência máxima. Sei que o senhor não havia terminado o seu trabalho, mas a *Enterprise* precisava responder. Não tive escolha. Lamento muito, Sr. Spock.

— Uma ordem de emergência máxima... — repetiu Spock. Sua expressão não se alterou, mas Kirk achou que ficara abatido.

Considerando tudo, não era de surpreender.

— Pode aproveitar alguma coisa dos seus dados? Pode chegar a qualquer tipo de conclusão sobre a singularidade?

Spock olhou para a tela. Longe, à frente, ainda indiscernível contra o brilhante campo estelar, uma estrela comum, do tipo G⁽³⁴⁾ esperava por eles. Atrás estava a singularidade, com seu forte brilho.

— As conclusões preliminares foram muito interessantes, — disse Spock. Pôs as mãos atrás das costas. — Entretanto, sem uma repetição completa das observações, todos os dados são basicamente sem valor.

Kirk resmungou uma praga, e repetiu, arrependido, — Lamento.

— De maneira alguma o senhor é responsável, capitão, nem há nenhuma razão lógica para que o senhor peça desculpas.

Kirk suspirou. Como sempre, Spock recusava-se a reagir à adversidade.

Seria um alívio se, ao menos uma vez, ele esmurrasse a parede, pensou Jim Kirk. Se esta emergência não for realmente séria, eu mesmo vou procurar alguma coisa para esmurrar.

— O senhor está se sentindo bem, Sr. Spock? Parece exausto.

— Eu estou bem, capitão.

— Bem que poderia descansar... vai levar algum tempo até chegarmos perto de Aleph, quando chamarei o quartel general. Porque não tira uma soneca?

— Impossível, capitão.

— A ponte de comando pode passar sem o senhor por mais algumas horas.

— Sei disso, senhor. Porém, quando comecei minha experiência, alterei psicofisiologicamente o meu metabolismo para permitir-me

ficar alerta no curso das observações. Poderia devolver meu ritmo circadiano⁽³⁵⁾ ao normal, agora, mas não me parece sensato preparar-me para descansar já que minha presença poderá ser requerida, quando chegarmos ao nosso destino.

Kirk enxergou claro, através das minúcias técnicas das palavras de seu oficial de ciências.

— Spock, — disse ele, — Não está querendo dizer que não dorme há seis semanas, não é?

— Não, capitão.

— Bom, — respondeu Kirk, aliviado, e, depois de uma pausa, — Então, o que estava querendo dizer exatamente?

— Que só se completarão seis semanas depois de amanhã.

— Meu Deus! Não tinha confiança em ninguém mais para fazer as observações?

— Não era uma questão de confiança, capitão. Os dados são muito sensíveis. A diferença entre as interpretações de duas pessoas sobre um mesmo dado causaria uma descontinuidade na curva das observações maior do que o erro experimental.

— Não poderia fazer várias séries e tirar a média? Spock ergueu uma sobrancelha. — Não, capitão.

Como se eu já não soubesse, pensou Kirk. Eu juraria que ele está sensivelmente mais pálido.

Diário de Bordo Data Estelar: 5001.1

"Estamos a um dia de viagem da singularidade, mas o mal-estar que se apossou da Enterprise e minha tripulação durante a missão não se dissipou. Ao contrário, intensificou-se. Deixamos um mistério,

não-resolvido, atrás de nós, para nos defrontarmos com um segundo mistério, sobre o qual sabemos ainda menos. A ordem de emergência máxima tem precedência sobre qualquer outra. A nave está agora a caminho da colônia mineradora de Aleph Primo, mantendo silêncio de rádio, como exige o código. Nem mesmo posso perguntar o por que de sermos desviados; só posso especular sobre as razões de tal urgência e certificar-me de que os tripulantes poderão enfrentar... o quê?"

UM.

O sol de Aleph Primo tinha crescido ò bastante para aparecer, na tela, como um disco, e não mais como um ponto. A tripulação estava em seus postos, esperando defrontar-se com algum perigo tão indefinido quanto a singularidade, que agora estava muito longe, deixada para *trás*. A *Enterprise* aproximava-se do posto de mineração com todos os escudos levantados, sensores estendidos até seus limites. Kirk ainda não tinha outras informações além daquela simples e implacável ordem, e ainda estava restringido pelo silêncio de rádio.

Virou-se para seu oficial de ciências.

— A estrela não parece estar em perigo iminente de se transformar em *nova*⁽³⁴⁾ — Uma *nova* incipiente era das pouquíssimas razões pelas quais um código de emergência máxima podia ser enviado. — Isso já é algum consolo.

— Considerando sua posição na seqüência principal⁽³⁴⁾, capitão, essa estrela não tem probabilidade de se transformar em *nova*, agora ou no futuro previsível.

— As duas outras possibilidades são invasão ou erro experimental crítico, — retrucou Kirk. — Escolha pouco convidativa.

— Há ainda uma última categoria.

— Sim, — disse Kirk, pensativo. A razão não-classificada, mesmo porque inclassificável: perigo jamais encontrado antes. — Poderia

ser interessante.

— De fato, capitão.

— Senhor Sulu, o que está captando nos sensores?

— Nada inusitado, senhor. Uns poucos transportes de minério em trânsito entre os asteróides e Aleph Primo, alguns veleiros...

— Veleiros! — Gente velejando ao vento sola⁽³⁷⁾, num cruzeiro pelos campos magnéticos, para um calmo piquenique... no meio de uma emergência? Kirk achava difícil de acreditar.

— Sim, senhor. Parece que se trata de uma corrida. Mas o curso está bem longe das rotas comerciais normais.

— Graças aos céus, por estes pequenos favores, — respondeu Kirk, com considerável sarcasmo. Centenas de anos não haviam alterado a tradição de que um veleiro sem motor, por menor que fosse, tinha precedência sobre uma nave com motor, mesmo que as naves de recreio mostradas na tela fossem grãos de poeira comparadas com a *Enterprise*.

— Capitão Kirk, — disse Sulu, — estamos ao alcance dos sensores de Aleph Primo.

— Obrigado, Sr. Sulu. Pode passar para a tela?

Sulu tocou seus controles e o caos em forma de jóia da estação espacial despontou, magnificada, à sua frente. Suas seções transparentes e opacas rebrilhavam como um arco-íris retratando a luz das estrelas. Kirk nunca visitara Aleph Primo antes; nunca esperara encontrar tanta beleza. Muitas cidades não eram bonitas. Mas esta era como um delicado conglomerado de fibra de vidro curvado, conchas de radiolários⁽³⁸⁾, ampliadas milhões de vezes e fragmentos de pedras semi-preciosas polidas, turquesa e opala, ágata e âmbar.

— Capitão: estamos recebendo uma transmissão.

— Obrigado, tenente Uhura. Vamos ouvi-la. — Talvez agora viesse a saber porque haviam sido chamados. Se a base estivesse sob ataque, era por infiltração, mais do que por assalto, pois Kirk não via nenhum dano estrutural, nem a agitação e comoção esperadas após uma batalha. Não sabia se devia ficar ainda mais preocupado, mas sua curiosidade certamente estava estimulada.

— Não é de Aleph Primo, senhor, — disse Uhura. — É de uma outra nave.

A segunda nave descrevia uma curva por trás da base e, com um súbito choque, Kirk via, por causa da perspectiva, em contraste com o ponto vermelho da nave, o imenso volume de Aleph Primo. Claro que a estação era grande, precisava ser; abrigava quase um milhão de seres inteligentes, humanos e outras formas de vida. Sulu ampliou a imagem da nave que se aproximava, e Kirk teve um relance tantalizante de uma forma familiar, pintada de maneira nada militar, nas cores de uma águia fênix, antes de a imagem se dissolver e a parte de vídeo de comunicação aparecer na tela.

— Hunter! — exclamou Kirk espontaneamente.

— *Aerfen* para *Enterprise*, — dizia o capitão da outra nave. — Você está aí, Jim; é você?

— Capitão? — Uhura fez uma pausa.

— Mantenha silêncio de rádio, tenente, — respondeu Kirk, mesmo contrariado. — Precisamos deixar os cumprimentos para depois.

O capitão da outra nave estelar parou um pouco, olhando sempre para a tela. Ela mudara, depois que Kirk a vira pela última vez, há muitos anos. As rugas nos cantos de seus olhos cinza claros só acrescentavam mais caráter a seu rosto, sem diminuir sua

elegância. Os cabelos pretos ainda eram longos, e o cacho que caía pelo rosto direito, até o ombro, prendia com uma trança, com uma tira de couro e uma pena escarlate. Eles estavam ligeiramente grisalhos, mas isso só aumentava sua dignidade, sua gravidade.

Então sorriu, como uma criança, o que levou sua memória a anos passados, na Academia⁽⁵⁾ com a rivalidade, a amizade, e a paixão. Mas conhecia-a bem o bastante para detectar um traço de reticência em seu sorriso, a reticência que ele mesmo provocara.

— A *Aerfen* estará em Aleph por mais alguns dias. Chame, se tiver tempo.

A transmissão se desfez. Agora, a nave de Hunter já tinha vindo bem para a frente de Aleph, de modo a ficar bem de perfil, em relação à *Enterprise*. Sulu ampliou a imagem mais uma vez, e ficou contemplando, arrebatado.

— Capitão Hunter e & *Aerfen*, — disse, com toda a admiração. Olhou de volta para Kirk. — O senhor a conhece, capitão?

— Nós... fomos colegas na Academia. — Kirk nunca vira Sulu num tal estado de veneração a um herói; o piloto não ficaria tão surpreso se o próprio d'Artagnan⁽³⁹⁾ aparecesse, flexionando sua espada e retorcendo a ponta de seu bigode, e falasse com ele.

Longe de ficar intrigado, Kirk entendia muito bem como o Sr. Sulu se sentia. Ele mesmo sentia algo parecido, e por uma razão mais forte. Com perícia, Sulu deslocou a *Enterprise* para uma órbita estável em torno de Aleph Primo. Em relação ao plano daquele sistema solar, & *Aerfen* circulava em torno de Aleph numa órbita polar. Em vez de escolher um nível vago, e estacionar a grande nave numa órbita equatorial, Sulu gastou um pouco mais de tempo e combustível para posicionar sua nave de modo que, da ponte, a *Aerfen* ficasse à vista

o maior tempo possível. Sulu deixou que aquelas linhas elegantes enchessem seus olhos. Era muito menor que a *Enterprise*, pois era um caça. Seu desenho apresentava a menor seção reta possível a um inimigo, numa aproximação frontal, portanto, suas linhas eram alongadas. Era pintada num forte vermelho, com pontos pretos e prateados. Parecia uma ave predadora, rápida e forte.

Enquanto dava os toques finais na órbita da *Enterprise*, a orientação relativa entre o caça e a nave estelar mudou ligeiramente, e pôde ver um longo e brilhante rasgão na lateral da *Aerfen*, a tinta vaporizada por uma arma do inimigo.

— Eles estiveram em combate, — disse, em voz baixa. Recentemente, também, imaginou. Sabia intuitivamente que Hunter não deixaria sua nave ferida mais que o mínimo estritamente necessário.

— Senhor Sulu!

Respondeu, com um sobressalto. — Sim, capitão? — Pensou quantas vezes Kirk já o havia chamado, até que finalmente, ouvisse. Achou que o capitão o repreenderia pelo gasto adicional de combustível.

Kirk sorriu. — Só queria cumprimentá-lo pela órbita.

O Sr. Sulu corou, mas percebeu que o tom brincalhão de Kirk era superado em muito pela compreensão e aprovação.

— Obrigado, capitão.

Kirk sorriu de novo, enquanto Sulu voltava toda sua atenção para o veloz e poderoso caça. Sulu tinha razão: a *Aerfen* já vira alguma ação, e não fazia muito tempo. Seria por isso que a *Enterprise* fora trazida para cá tão precipitadamente? Um ataque a Aleph Primo e a sua nave chamada como reforço? Mas isso não fazia sentido;

Hunter não se comportara como um comandante em alerta, e o resto de seu esquadrão não estava à vista. Além do mais, a *Enterprise* já circulara a base uma vez, e Kirk não encontrara nenhum sinal de dano. Os sensores não revelavam nenhuma outra nave que pudesse pertencer ao inimigo.

Kirk olhou para o oficial de ciências por sobre o ombro.

— E o senhor, já percebeu o que está acontecendo, Sr. Spock?

— A evidência é contraditória, mas creio que não nos veremos envolvidos de imediato num conflito armado. Essa é a única inferência justificável que posso fazer com a informação disponível.

— Certo.

— Transmissão de Aleph Primo, — disse Uhura.

A *Aerfen* dissolveu-se da tela, e Sulu reclinou-se, surpreendido pela súbita mudança, os ombros caindo, em desapontamento. Um civil magro, jovem, cabelos brancos.

— Capitão Kirk! Não sei como dizer-lhe o quanto estou aliviado com sua chegada. Sou Ian Braithwaite, promotor público de Aleph. Pode descer imediatamente? — O promotor falava com energia e insistência.

— Senhor Braithwaite... — Kirk ia respondendo.

— O transmissor ainda está travado, — Uhura lembrou-o.

— Abra o canal! — Ele fez uma pergunta direta, e ninguém vai descer em Aleph até que eu saiba o que há de errado.

— Sim, senhor.

— Senhor Braithwaite, está me ouvindo, agora?

— Sim, capitão, claro. Está com problemas com o seu transmissor?

— Problemas com...! O senhor nos enviou um chamado de emergência máxima, nós nos mantivemos em silêncio de rádio.

Tecnicamente, eu estou violando as regras agora. O que está acontecendo por aí?

— Emergência máxima? — Braithwaite abanou a cabeça, incrédulo.

— Capitão, lamento muito, mas não posso discutir isto com o senhor em canais não-protegidos. Não seria melhor que eu fosse até aí para conversar?

Kirk pesou essa possibilidade. O que quer que estivesse acontecendo dentro de Aleph Primo, claramente não era uma emergência no âmbito do sistema planetário ou uma invasão inimiga. Mesmo assim, não queria transportar⁽¹⁰⁾ ninguém, ou nada, para dentro da *Enterprise* até que soubesse com certeza o que ocorria. Começava a acreditar que, o que quer que fosse, fora um tremendo mal-entendido. Olhou para Spock, mas o vulcano não mostrava nenhuma expressão, além da sobrancelha erguida. Kirk respirou fundo.

— Não, Sr. Braithwaite. Vou descer em alguns minutos.

— Obrigado, capitão.

— Kirk desligando.

A imagem do promotor desapareceu. Sulu sub-repticiamente tocou um controle, e a vista à frente da *Enterprise*, incluindo a *Aerfen* voltou.

— Muito bem, — falou Kirk. — “*Mysteriouser and mysteriouser*”. Virou-se para Spock, esperando um olhar intrigado em resposta à sua má gramática. Kirk não estava com vontade de explicar Lewis Carrol⁽⁴⁰⁾ a um vulcano, muito menos uma glosa de Lewis Carrol.

Mas Spock replicou, sem expressão, — Curioso, senhor. Muito curioso. Kirk riu, a resposta desconcertante permitindo-lhe liberar a tensão.

— Então, vamos descobrir que diabo está acontecendo?

O que Jim Kirk queria mesmo, agora que estava fora do blecaute de comunicações, era conversar com Hunter. Mas ainda não podia justificar o tempo que isso exigiria. Ele e Spock foram diretamente para o escritório de Ian Braithwaite, bem dentro de Aleph.

O homem alto e esbelto avançou e apertou fortemente a mão de Kirk. Era bem mais alto que o capitão; sua cabeça destacava-se acima da de Spock.

— Capitão Kirk, mais uma vez, muito obrigado por ter vindo. — Olhou para Spock. — Nós já nos conhecemos?

— Não, não creio.

— Este é o Sr. Spock, meu oficial de ciências, e meu imediato. Braithwaite agarrou a mão de Spock e sacudiu-a antes que Kirk pudesse fazer alguma coisa. Eram os modos mais rudes de um estranho apertar a mão de um vulcano.

Spock notou o embaraço de Kirk, mas sabia que seria uma séria quebra de protocolo de sua parte não estender a mão, caso o humano em questão fosse assim tão ignorante. Spock suportou tudo. Com alguns segundos de aviso, poderia ter-se preparado, mas isso não aconteceu. As emoções e pensamentos da superfície da mente de Braithwaite bateram contra Spock como uma onda: pensamentos humanos normais, confusos e fortes, com uma sobrecamada de inexplicável dor. Assim como preparar-se para a comunicação telepática exigia tempo, concentração e energia, também o mesmo ocorria para preparar suas defesas contra os ecos de uma tal comunicação. Spock não podia ficar se defendendo constantemente contra todo contato físico acidental; aprendera a

ignorar essas coisas, em geral. Mas também, em geral, seus colegas a bordo da *Enterprise* sabiam disso, e evitavam tocá-lo.

Tentando responder à falta de cortesia com cortesia, Spock fez o máximo para não observar aquela breve abertura nos pensamentos do outro, resistindo à tentação de se intrometer e descobrir porque sua nave fora chamada ali. Não procurou nenhuma informação, e dos pensamentos que lhe foram impingidos, nenhum era útil.

Spock recolheu sua mão, enquanto recorria a seus escudos mentais.

— Por favor, venham para o escritório dos fundos. É um pouco mais seguro. — Dirigiu-os ao aposento seguinte.

— Lamento, Sr. Spock, — Kirk disse, baixinho. Vira os músculos se enrijecendo ao longo do maxilar do amigo, uma ligeira mudança, algo que alguém que não conhecesse Spock muito bem não perceberia.

— Vou conservar meu escudo até voltarmos para a nave, capitão,
— Spock falou, tenso.

Braithwaite arrastou uma cadeira a mais para a sala interior, para que todos pudessem sentar-se; o cubículo estava pobremente mobiliado e cheio de arquivos, bancos de dados, pilhas de fitas de memória, transcrições, e a desorganização geral de um escritório com pessoal insuficiente. Braithwaite arranjou uma bebida para Kirk, num copo de plástico (Spock declinou); o promotor sentou-se, depois levantou-se; o nervosismo se irradiava à sua volta. Deu alguns passos para um lado, alguns passos para o outro lado. Estava deixando Kirk nervoso, também.

— Normalmente, meu trabalho é pura rotina. Mas nestas últimas semanas... — Parou, esfregando o rosto com ambas as mãos. —

Desculpem, cavalheiros. Uma amiga minha morreu na noite passada, e ainda não me recuperei...

Kirk levantou-se, pegou Ian pelo cotovelo, levou-o à cadeira, fê-lo sentar e deu-lhe o copo de plástico.

— Beba um pouco. Relaxe. Vá devagar e conte o que aconteceu. Braithwaite tomou fôlego, demoradamente. — Desculpem, nada tem a ver com sua presença aqui, só que não consigo tirar Lee de minha cabeça. Ela não parecia tão doente, mas quando passei pelo hospital, esta manhã, disseram que ela estava com botulismo hipermórfico⁽⁴¹⁾ e...

— Compreendo, — disse-lhe Kirk. — Agora vejo porque o senhor está tão perturbado.

— Ela era advogada de defesa pública de Aleph. As pessoas acham que um promotor e um advogado de defesa sejam inimigos, mas isso não é verdade. Há, é verdade, alguma competição, mas, com respeito mútuo, é impossível não fazer amizade.

Kirk concordou. Spock observava aquela explosão emocional, neutro.

— Agora, acho que estou mais calmo. — Conseguiu dar um sorriso fraco, que logo se dissipou. Inclinou-se para a frente, concentrado, sombrio. — Os senhores estão aqui para se encarregar do caso que estou terminando. Não tem comparação com nada que já vi antes. Começou de maneira bem desagradável... dez pessoas desapareceram e parecia algum tipo de "conto do vigário" envolvendo homicídio. Mas era pior. Resultou ser pesquisa científica em pacientes involuntários.

— Que tipo de pesquisa? — quis saber Spock.

— Isso eu não posso dizer, além de "desenvolvimento de armas proscritas". Mas isso não afeta o caso, pois a condenação não foi por isso. Assim, causava-se menos publicidade. E publicidade, neste caso, seria muito embaraçoso. O quartel-general da Federação⁽⁶⁾ classificou como secreto tudo o que tinha a ver com o caso. — Sorriu, desajeitadamente. — Eles mesmos não gostaram nada que eu ficasse sabendo de alguma coisa. Sabia que eles estavam preocupados, mas não esperava que mandassem uma nave como a *Enterprise* para levar o prisioneiro para a Colônia de Reabilitação Número Sete. Mas, com toda a certeza, é um transporte seguro.

— Espere um pouco, — interrompeu Kirk, — Espere um pouco! — toda sua simpatia por Ian Braithwaite evaporou. Estava começando a gritar, mas pouco se importava. — Está querendo dizer, — já estava de pé, — que desviou a *Enterprise*, uma nave de linha, com uma tripulação de quatrocentas e trinta pessoas, para transportar um só homem pela distância de um único sistema solar?

A esta altura estava inclinado sobre Braithwaite, gritando na cara dele. Endireitou-se e afastou-se, interrompendo sua explosão, nem um pouquinho arrependido.

O copo de plástico vazio foi ruidosamente amassado pelo punho fechado do outro. — Não fui eu quem escolheu a sua nave, capitão Kirk. — O rosto dele estava tão branco quanto o próprio cabelo. — O quartel-general da Federação disse que enviaria uma nave, e quando a *Enterprise* se aproximou à toda, em dobra oito, presumi que essa era a nave.

— A transmissão não veio do quartel-general da Federação, — alegou Spock, com toda a calma. — Nem do Comando da Frota

Estelar. — Havia-se sentado, imperturbável, enquanto Braithwaite contava sua história e Kirk tinha sua explosão de raiva. — Nem mesmo veio de uma das Bases Estelares. Veio diretamente de Aleph Primo, com o código de emergência máxima que foi usado apenas cinco vezes antes, pelo que eu saiba, na última década-padrão.

— Sinceramente, não sei o que aconteceu, Sr. Spock.

— Esse chamado está reservado para catástrofes planetárias, ataque não-provocado do inimigo, ou ocorrências imprevistas, no decurso de investigações científicas. Não se destina a ajudar a lidar com um criminoso qualquer.

O ar de culpado de Braithwaite desapareceu em uma forte e agressiva determinação. — Criminoso qualquer! Além de todo o resto, o homem é um assassino!

— Peço desculpas, — respondeu Spock precisamente no mesmo tom. — Talvez eu não tenha me expressado bem.

Braithwaite aceitou as desculpas, irritado.

— De qualquer modo, esse chamado não se destina a lidar com criminosos, — continuou Spock. — De fato, há penalidades legais quanto ao seu mau uso... como o senhor bem sabe.

A despeito de si, Kirk sorriu. Spock poderia negar, mas estava induzindo um efeito muito mais emocional com frios fatos do que Kirk conseguira ao gritar. Kirk esperava que em algum ponto, no fundo de sua metade humana reprimida, Spock estivesse desfrutando daquela vingança.

— Mas não fui eu quem usou o código, — respondeu o promotor.

— A comunicação originou-se do seu escritório, e levava a sua assinatura.

— Se os senhores foram desnecessariamente desviados, lamento muito, — disse Braithwaite disse, muito honestamente. — Tentarei descobrir o que aconteceu. Obviamente, os senhores jamais deveriam ser chamados pelo código de emergência.

— Muito bem, — respondeu Kirk. — então é isso; acho que podemos ir embora.

Mas o outro logo se pôs de pé. — Mas capitão, o senhor não entende o problema. Estamos isolados aqui, e as naves oficiais passam muito raramente. Simplesmente não temos as instalações para a detenção de alguém tão perigoso, carismático e inteligente como Georges Mordreaux. Se escapasse, desapareceria facilmente, poderia até esconder-se numa nave comercial e fugir deste sistema planetário. Não haveria nada que o impedisse de recomeçar em algum outro lugar. O homem é perigoso: faz as pessoas acreditarem que ele pode satisfazer a seus desejos! É imprescindível que seja mandado a um centro de reabilitação antes que tenha oportunidade de ludibriar mais alguém. Se ele fugir...

— Seu pescoço estará em risco, por exemplo, — retrucou Kirk. Braithwaite corou um pouco. — Isso, nem é preciso dizer.

— Capitão, — falou Spock. — Acredito que deveríamos aceitar o pedido do Sr. Braithwaite.

Abismado, Kirk encarou seu oficial de ciências.

— Deveríamos?

— Sim, capitão. Acredito até que seja vital que o façamos. Kirk deixou-se cair de volta na cadeira.

— Mas que diabo...

O que Ian Braithwaite mais queria era empurrar o seu prisioneiro para bordo da *Enterprise* o mais depressa possível.

— Lamento, Sr. Braithwaite, — respondeu-lhe Kirk. — Isso não pode ser feito. Minha nave não está mais equipada para tratar com criminosos perigosos do que Aleph. Vamos ter de fazer alguns preparativos, primeiro.

Kirk e Spock deixaram o escritório do promotor e dirigiram-se para o núcleo central da base espacial.

— Preparativos, capitão? A chefe de segurança Flynn não vai gostar nada da crítica subentendida por essa afirmação.

— Céus! Não diga nada a ela. Era só uma desculpa conveniente. — Percebeu que não poderia ter escolhido uma desculpa menos diplomática: se Flynn soubesse, ficaria muito ofendida, e com razão. Desde sua chegada, a segurança entrara numa tal ordem que Kirk considerava inacreditável. Ele não achava que sua posição de oficial comandante de Flynn o protegeria de sua firme lealdade a seu pessoal. Ou de seu humor instável; era tão fácil enfurecê-la que Kirk às vezes imaginava se ela realmente teria merecido a promoção a oficial.

— Não tenho nenhuma razão para repetir observações imprudentes para a comandante Flynn, — respondeu-lhe Spock.

— Ótimo. Bem, nunca estivemos em Aleph Primo antes; não vejo mal nenhum em ficar por algum tempo, não importa a desculpa.

— Vai achá-la fascinante. Há um pequeno laboratório de pesquisa de crescimento de cristais bioeletrônicos, que poderia revolucionar a ciência da computação.

— Então é algo que eu preciso conhecer, mas... Senhor Spock...

— Capitão?

— O que está acontecendo, exatamente? Braithwaite estava prestes a desistir, e chamar alguma outra nave, você obviamente percebeu isso. Eu fiz o seu jogo, mas gostaria de saber o que é.

— De fato, capitão, agradeço sua confiança.

— Bem, um capitão é pra essas coisas.

— Lamento minha aparente incoerência. Até ele mencionou o nome do "criminoso de alta periculosidade", não sabia que algo além do rompimento das leis estava envolvido.

Kirk estranhou. — Não me lembro... Georges Mordreaux? Quem é ele, Spock? Você o conhece?

— Estudei física temporal com ele, há muitos anos. É um físico brilhante. De fato, quando ficou claro que não fomos desviados para tratar de qualquer emergência, o único benefício que notei em sermos dirigidos para Aleph Primo foi a possibilidade de discutir minhas observações com o Dr. Mordreaux antes de refazê-las.

— Isto deve ter sido um choque, pra você.

— Jim, isso tudo é um absurdo! — Spock recompôs-se imediatamente e continuou, de novo um modelo da calma vulcana.

— O Dr. Mordreaux é um ser ético. Mais que isso: é um cientista teórico, não experimental. Sempre preferiu trabalhar com papel e lápis, do que com um computador. Mesmo que tenha partido para o trabalho experimental, é despropositado pensar que colocaria em risco seres inteligentes de qualquer espécie. Considero extremamente improvável que tenha se transformado num assassino doentio.

— Acha que pode provar que ele é inocente?

— Gostaria de ter a chance de descobrir porque está sendo transportado para um centro de reabilitação com tanta pressa, e sob

tanto segredo.

Kirk não gostava muito da idéia de se intrometer em negócios das autoridades civis, mas estas já haviam se intrometido com sua nave e, por outro lado, sabia tão bem quanto Spock que se Mordreaux fosse para uma Colônia de Reabilitação não sairia melhor de lá. Poderia estar mais feliz, nunca mais causaria problemas, mas nunca mais seria um físico brilhante.

— Tudo bem, Spock. Há mesmo alguma coisa esquisita em todo esse caso. Talvez seu professor esteja mesmo sendo injustiçado. No mínimo, poderemos *xeretar* um pouco.

— Obrigado, capitão.

Kirk parou, e sacou seu comunicador.

— Kirk para *Enterprise*. Tenente Uhura, suspenda o silêncio de rádio. Não chegaria a dizer isso, mas não há emergência nenhuma. Conserve todos a postos. Vou ficar mais um pouco em Aleph, mas pode me chamar, se precisar.

— Sim, senhor.

— Kirk desligando. — Titubeou, depois achou melhor mandar seu recado para a chefe da segurança.

— Senhor Spock, por favor diga à comandante Flynn que confirme as razões pelas quais ficaremos aqui para o Sr. Braithwaite. Acho que um dia é o máximo que posso arranjar para justificar, mas faça um rodízio de tripulação mínima, para que todos possam ter uma folga. Especialmente o Sr. Scott, que não deve passar esse período de licença enfurnado nos motores.

— Muito bem, capitão.

— Presumo que um dia em Aleph e uma viagem bem lenta até Rehab Sete servirá a seus planos.

— Admiravelmente, capitão.

A praça espaçosa dava a ilusão de estar sob céu aberto. De fato, estava bem no centro de Aleph Primo. Com suas brisas suaves para cá e para lá, perfume de flores no ar e um gramado convidativo, ela era tão perfeita que Jim Kirk sabia que não poderia tolerar aquilo por muito tempo. Mas até que os clichês ficassem evidentes, desfrutaria do lugar tal como era: uma recriação da superfície de um planeta, feita por alguém que jamais caminhara ao ar livre num planeta habitado. Além do mais, resolveu, caso não gostasse, que poderia ir a algum dos outros parques, projetado para os habitantes não-humanos da base. Jim Kirk examinou aquela praça quase vazia, e imaginou se um habitante de Gama Draconis VII acharia agradável o labirinto de túneis ali perto. Mas depois foi chegando à conclusão de que era escavado com muita uniformidade, um pouco úmido demais e, apesar de ser imperceptível, possuía uma complexidade previsível.

Então avistou Hunter saindo das sombras de um pequeno bosque e esqueceu os labirintos de túneis, os habitantes de Gama Draconis VII, e até as balsâmicas e erráticas brisas.

Hunter acenou e continuou aproximando-se.

Pararam a poucos passos de distância, examinando-se de alto a baixo.

Hunter estava com as calças pretas do uniforme e botas regulamentares, mas também usava uma blusa de seda azul e um casaco de malha grossa, prateada e, claro, a pena vermelha no cabelo.

— Pelo que vejo, ainda colecionando pontos negativos, — disse Jim.

— E você, ainda horrivelmente bitolado, sabe? Algumas coisas nunca mudam. Ainda bem.

Riram-se e abraçaram-se ao mesmo tempo pelo simples prazer de se reencontrarem depois de tanto tempo. Não era mais como nos velhos tempos, e Jim lamentava. Imaginava se ela também se ressentia. Tinha medo de perguntar temendo ferir-lhe os sentimentos, ou os próprios, ou tensionar ainda mais aquela amizade, que já estivera por um fio.

Estavam recaindo nos chavões antigos, só que pouco à vontade, como velhos amigos que compartilharam bons e maus momentos e com muitos anos a serem atualizados. Caminharam juntos naquele parque, durante horas; e foi uma hora por ano, até que chegaram ao presente.

— Você não recebeu ordens para vir até Aleph, não é? — perguntou Jim.

— Não; este é o único posto no meu setor que pode pintar a *Aerfen* do jeito que eu quero, sem esfregar os estúpidos regulamentos na minha cara. E minha tripulação gosta daqui, por causa da liberdade que se tem. Só os deuses sabem como eles merecem essa liberdade. E você?

— A coisa mais esquisita. Esse tal de Ian Braithwaite...

Hunter deu uma risada. — Quer dizer que ele foi para cima de você, também? Queria que eu embarcasse algum criminoso e o levasse para a Reab. Sete, na *Aerfen!*

— E o que foi que ele lhe disse? — perguntou Jim, o embaraço fazendo seu rosto corar.

— Para começar, onde é que ele podia enfiar o tal do prisioneiro? Na verdade, eu deveria dizer que a *Aerfen* praticamente cairia de sua órbita, sem uma revisão geral, mas é que eu estava muito louca da vida para dar qualquer resposta bem educada.

— Eu também.

— Pensei mesmo que ele iria atrás de você, mas Jim, uma nave de linha fazendo um servicinho de entregas? Não me deixe em suspense: conte-me o que disse a ele.

— Eu lhe disse que faria o serviço.

Hunter começou a rir, mas depois percebeu que o outro estava falando sério.

— Muito bem, — respondeu ela. — Deve ser uma história melhor que qualquer indecência imaginada. Vamos ouvi-la.

Jim narrou-lhe o acontecido, inclusive a análise de Spock. Estava gostando de ter alguém mais objetivo com quem conversar.

— Já ouviu falar de Georges Mordreaux?

— Claro... bons deuses, não quer dizer que ele esteve em Aleph todo esse tempo? E é ele que você deve levar para sofrer uma lavagem nos miolos?

— E você, o que sabe sobre ele?

Hunter sempre tivera um forte pendor pela física, e até pensou em se especializar no campo. Mas a vida acadêmica era calma demais para ela, e seu gosto pela aventura e novidade logo prevaleceu. Mesmo assim, mantinha-se informada sobre os principais avanços na pesquisa, nos ramos que mais a interessavam.

— Há duas escolas de pensamento, e quase ninguém no meio. A primeira acha que ele foi o melhor físico desde Vekesh, ou mesmo Einstein⁽³⁰⁾, Escute, Jim, não quer jantar na *Aerfen*, ou procurar

algum lugar por aqui? Não sei do horário que está respeitando, mas é tarde, para mim, e estou com fome.

— Eu estava esperando que você fosse para a *Enterprise*, para lhe mostrar a nave. E o outro grupo?

Ela desviou os olhos. — Eu devia saber que não poderia enganá-lo com uma distração. — Deu de ombros. — Não querendo ofender o seu Sr. Spock, o outro grupo, que é a maioria, considerava o Georges Mordreaux um louco.

Jim ficou calado por um momento. —Tão ruim assim?

— Receio que sim.

— Spock não mencionou isso.

— Razoável. Deve ter sua própria opinião e considera a oposição como um bando de mexeriqueiros. O que pode muito bem ser verdade.

— Por que sempre se refere a Mordreaux no passado?

— Ah, é como eu penso nele. Publicou alguns trabalhos, há alguns anos, e a reação a eles foi... negativa, para dizer pouco. Ainda publica alguma coisa, de vez em quando, mas ninguém sabia onde ele estava. Não fazia idéia de que era aqui!

— Acha possível que alguém tenha preparado alguma vingança, ou armadilha, contra ele?

— Não consigo imaginar porque alguém faria isso. Ele não é mais influente nos círculos acadêmicos. Além do mais, os professores de física não desacreditam seus rivais com um processo criminal; não seria considerado civilizado.

— E o que acha dele?

— Nunca o encontrei pessoalmente; não posso lhe dar uma opinião pessoal.

Ela estava brincando com a ponta de seu casaco. — Jim... a última vez que estudei Física formalmente foi há quinze anos. Ainda sou assinante de dois jornais, mas conservo uma competência apenas superficial. Estou muito desatualizada para sequer adivinhar uma resposta para a sua pergunta. O homem fez um bom trabalho, há muito tempo. Como ele será agora... quem sabe?

Caminharam mais um pouco, em silêncio. Hunter enfiou as mãos nos bolsos.

— Desculpe, mas não posso ajudar muito. Mas não se pode dizer grande coisa sobre a personalidade de alguém a partir do seu trabalho.

— Sei; é que estou tentando agarrar qualquer coisa, para descobrir porque escolheram a *Enterprise* para esta missão. — Já lhe contara sobre as observações de Spock, que tinham sido arruinadas. — Bem, capitão, posso oferecer-lhe uma visita à minha nave, e um jantar?

— Bem, capitão, isso soa muito bem!

Ao longe, no parque, Jim ouviu uma voz fraca.

— Ei, Jim!

Leonard McCoy acenava alegremente do outro lado do parque e, com seu companheiro, veio correndo pelo gramado até Jim e Hunter.

— E esse, quem é?

— O médico de minha nave, Leonard McCoy.

Ela observou-o aproximar-se. — Parece mesmo em boa forma. Jim achou graça, e ele e Hunter foram pelo campo, para cumprimentar McCoy e seu amigo.

Spock voltou à *Enterprise*, chamou a tenente-comandante Flynn e começou a elaborar um rodízio para dar o máximo de liberdade ao número máximo de pessoas, como o capitão Kirk solicitara. Antes de acabar, as portas do elevador se abriram, deslizando, e Flynn entrou na ponte de comando.

— Sim, Sr. Spock?

Voltou-se para ela. — Comandante Flynn, nossa missão aqui envolve a sua seção. Amanhã de manhã, o Dr. Georges Mordreaux virá a bordo, e deveremos transportá-lo para a Colônia de Reabilitação Número Sete.

Ela estranhou um pouco. A Rehab Sete era neste mesmo sistema; neste exato momento estava em oposição, em relação a Aleph Primo, mas de qualquer maneira isto significava apenas duas unidades astronômicas de distância: coisa trivial para uma nave estelar, quase um insulto, e ela devia ter percebido.

— Se ele fosse um VIP, "Pessoa Muito Importante", o senhor não me chamaria. Devo pressupor que ele está preso.

— Isso mesmo. — Sabia que ela estava à espera de maiores informações, mas nada tinha a oferecer. Entretanto, a declaração do capitão Kirk a Ian Braithwaite, de que a segurança precisaria de tempo para se preparar para a chegada do Dr. Mordreaux adequava-se a seus planos, e não viu nenhuma razão para tornar aquela declaração verdadeira, em retrospecto. — Temos nossas ordens, comandante Flynn. Por favor, cuide da segurança da cabine VIP para uso do Dr. Mordreaux.

Spock estava aguardando uma torrente de perguntas e objeções que certamente viriam do chefe da segurança anterior, quando lhe

pediam alguma coisa fora do comum, mas a nova comandante comportava-se de maneira totalmente diferente.

— Está bem, Sr. Spock. O Dr. Mordreaux foi condenado sob que acusação?

Spock encontrou alguma dificuldade em contar-lhe, porque recusava-se a acreditar nas acusações. — Pesquisa antiética sobre pacientes inteligentes, — foi o que acabou dizendo. — E... homicídio.

— Senhor Spock, — Flynn contrapôs com todo o cuidado, num tom que oferecia mais informação do que crítica, — as celas de detenção são consideravelmente mais seguras que o reforço que o meu pessoal poderá dar a um camarote, até amanhã. As celas não são masmorras; são razoavelmente confortáveis.

— Estou ciente do problema da segurança, comandante Flynn, bem como o capitão Kirk. Estou depositando minha confiança em sua capacidade. O prisioneiro ficará na cabine VIP.

— Então vou reforçar essa cabine, Sr. Spock.

— Preparei um rodízio de licenças para toda a tripulação, exceto os da sua seção. Deixarei a folga dos seus a seu critério.

Ela olhou para o terminal, onde a tela mostrava a escalação da segurança. Escolheu diversos oficiais com conhecimentos de eletrônica; quatro, que eram os que podiam trabalhar com eficiência nas telas de energia.

— Todos os demais podem ir a Aleph, — disse ela. — Já que não estamos respondendo a uma emergência de âmbito planetário...

— Não; as ordens são simplesmente para transportar o Dr. Mordreaux. Obrigado por sua ajuda, comandante Flynn. Se puder ajudá-la de alguma forma nos preparativos...

— O meu pessoal pode cuidar de tudo, Sr. Spock, mas obrigada, de qualquer forma.

Ele acenou com a cabeça e a chefe de segurança deixou a ponte.

Quando Mandala Flynn saiu do turboelevador, já ouvia a gritaria de comemoração pela folga, que estava sendo comunicada por todos os terminais de comunicações gerais da nave. Estava tão contente quanto os outros, porque a chamada de uma catástrofe se transformara em algumas horas de liberdade. Precisava admitir, porém, que em dois meses na *Enterprise* chegara a ansiar por algum incidente, algum conflito que fosse real, ao invés de exercício. Você bem que poderia ter continuado na patrulha da fronteira, dizia a si mesma, voando de um lado para outro do mesmo plano do espaço, lutando numa escaramuça ocasional, arriscando a vida e levando uns tiros, até que a aposentassem numa Base Estelar em algum lugar.

Mas as ambições dela visavam mais alto. Não estava satisfeita com as coisas conhecidas; o que a fascinava era o desconhecido. Essa foi uma das razões pelas quais se agarrara à oportunidade inesperada de se transferir para a *Enterprise*: não para pequenas corridas dentro de um mesmo sistema solar, como esta, com um bocado de insensatez burocrática, mas a exploração, os novos mundos, a aventura de verdade. Mesmo se ocasionalmente significasse ficar olhando por seis semanas para uma singularidade. Flynn queria uma experiência nesta nave porque, com o tempo, pretendia comandar uma, ela mesma. Os limites dos planetas da Federação eram demasiado estreitos para ela. Era uma filha do

espaço interestelar, sentia-se confortável aqui, em sintonia com ele. Pertencia à vanguarda da descoberta.

E se você descobrir o que está procurando, pensou, se algum dia chegar a uma conclusão sobre aquilo que está procurando, o que fará, então?

Colocou suas divagações de lado, ao entrar no escritório da segurança, onde os quatro oficiais que escolhera já estavam lá, à sua espera.

Quando Spock ficou a sós, abriu um canal de comunicações para a estação espacial e começou seu verdadeiro trabalho, o de obter tanta informação sobre o passado recente do Dr. Mordreaux que pudesse encontrar.

Primeiro, pediu os registros do julgamento do professor ao computador de acesso público de Aleph Primo.

A resposta voltou, rápida: *NÃO HÁ INFORMAÇÃO DISPONÍVEL*. Mas a fita devia estar aberta ao público. Spock tentou de novo, acrescentando seu código de segurança, que seria suficiente para abrir quase qualquer nível de classificação de documento secreto. O pedido foi negado.

Tentou vários outros possíveis depósitos de registros criminais e nada descobriu. Os serviços de notícias nada falavam, em seus índices, sobre a prisão do Dr. Mordreaux, sua condenação ou sobre a sentença; seu nome sequer aparecia na lista dos habitantes da estação. Spock empurrou sua cadeira para longe do terminal de informações e ponderou sobre o que fazer a seguir.

Quem sabe se o professor estava usando um pseudônimo? Mas isso não explicaria o seu desaparecimento dos registros judiciais,

que sempre usariam seu verdadeiro nome. Spock considerou as possibilidades, tomou uma decisão e passou a trapacear os computadores de Aleph sem trégua. Suas defesas eram adequadas para os propósitos normais — afinal, não se ocupavam de nenhum assunto especialmente importante — mas eram defesas insignificantes se comparadas com a capacidade de Spock sobrepujá-las.

Mesmo assim, ainda não conseguiu nenhuma informação útil. As fitas do julgamento simplesmente não existiam, pelo menos não nos bancos de dados do computador. Quem quer que tivesse classificado o caso do Dr. Mordreaux, fizera um trabalho extremamente eficiente. Ou os registros tinham sido apagados — uma quebra na Constituição da Federação — ou ainda existiam e não tinham mais qualquer interface com a rede informática.

Mandala encontrou Hikaru no ginásio. Sorriu quando a viu e apertou os fechos do colarinho e ombro de sua jaqueta de esgrima.

— Não sabia que as aulas continuavam, — disse ela.

— Seria preciso desorganizar muito a rotina para que eu a cancelasse, — respondeu Hikaru. — Mas eu não sabia se você poderia vir.

— Precisarei inspecionar os novos escudos quando estiverem ligados mas, até então, a única coisa que poderia fazer seria olhar o trabalho por cima dos ombros dos outros, deixando todo mundo nervoso. Vão terminar mais ou menos na mesma hora em que você e eu terminaremos. Então, vamos todos descer para Aleph para nos divertir um pouco. Por minha conta. Quer vir?

— Claro; obrigado.

Mandala jogou um livro para ele. Apanhou o pequeno cassete.

— O que acha dos livros da Terra? Era pré espacial⁽⁴⁴⁾, quero dizer.

— Gosto muito. Acho que meu preferido é *Os Três Mosqueteiros*.

— Meu favorito é *O Conde de Monte Cristo*, de Dumas.

— Já leu *O Homem de Virgínia*!

— Claro, é muito divertido, no antigo Inglês Moderno. Que tal *A Máquina do Tempo*!

— Este é muito bom, sim. E *Frankenstein*!

— Claro; e *Islândia*!

— Hum-hum. Li em algum lugar que finalmente estão planejando publicar a edição em fac-símile, integral.

Mandala riu. — Há muito tempo que só falam nisso. Mas gostaria que fosse verdade.

Hikaru olhou com curiosidade para o cassete que ela lhe dera; ela o apontou com a espada.

— Esse é *Babel-17*⁽⁴³⁾ Talvez o que eu goste mais. Delany é grande.

— Nunca ouvi falar. Quando foi publicado?

— No calendário antigo, 1966.

— Mas isso não conta como era pré espacial.

— Mas claro que sim.

— Ah, você deve contar a partir da primeira descida na Lua. Eu conto a partir do Sputnik I⁽⁴⁴⁾.

— Tradicionalista, hein? Ei... isso quer dizer que não leu *Sibyl Sue Blue*. Vai deixar de ler excelentes livros porque não concordamos por uma diferença de doze anos?

— De modo algum — respondeu Hikaru. — Muito obrigado. Enquanto iam para o local dos exercícios, Mandala impulsivamente passou o braço pela cintura de Hikaru e abraçou-o.

Ele não a repeliu. Não exatamente. Era polido demais. Mas seu corpo ficou tenso. Surpresa, magoada, tentando descobrir como e onde entendera mal as coisas, Mandala soltou-o e foi depressa para a sua posição.

— Mandala... — Foi até ela; não queria abraçá-la, mas apenas tocou seu cotovelo. — Desculpe... está com raiva de mim?

— Eu entendi mal, — respondeu ela. — Vamos esquecer o assunto. Não quero passar por idiota duas vezes num mesmo dia.

— Não, não foi assim.

— Não? Ontem eu pensei que... — mas deu de ombros. — Normalmente eu entendo indiretas. Desculpe por ter forçado a situação. Não posso negar o que fiz, mas não queria pressioná-lo. Lamento se o deixei embaraçado.

— Mas não deixou; sinto-me honrado.

— Ido bem; não ligue. Você foi muito mais polido comigo do que eu seria com alguém em quem não estivesse interessada.

— Não é que eu não esteja interessado.

Ela não tinha nenhuma resposta para aquilo. Não lhe dissera na cara que ele era o homem mais atraente que já encontrara, mas ele bem que tinha percebido o que ela sentia. Se ele também a achava atraente... e depois de ontem achava que sim... então não conseguia entender seu comportamento.

— Estive pensando no que aconteceu — disse ele, a voz embargada. — Provavelmente, vou-me embora. Você sabe que tenho pensado em pedir transferência, já conversamos a respeito. Você é a única pessoa com quem conversei a respeito!

— Claro; e daí? Nenhum de nós tem certeza sobre o que estará fazendo na semana que vem, no mês que vem...

— Não seria justo com você — respondeu Hikaru.

Mandala ficou olhando; fez força para que a surpresa não se transformasse em raiva. Jogou a espada, que fez muito barulho, contra o chão. — Que diabo quer dizer, justo comigo? Como pode decidir isso? Você foi honesto — o que mais acha que pode me dever?

Ele ficou na frente dela, abatido. Mandala queria abraçá-lo, afastar aquele aspecto magoado, mas sabia que só um abraço não bastaria. Além do absurdo de tentar acariciar alguém enquanto os dois estavam de roupa de esgrima, no meio de um ginásio público, ela não queria se arriscar a deixar Hikaru embaraçado de novo.

— Eu só achei que... — começou de novo. — Parecia tão frio, corresponder a você quando as chances eram que eu partiria de imediato.

Mandala pegou a mão dele e acariciou-lhe a palma. — Não é justo com você, isso sim. Hikaru, ninguém na patrulha da fronteira assume compromissos a longo prazo. E muito arriscado, e muito doloroso. Era o que costumávamos dizer um para o outro: só por um pouco. Só estou acostumada a isso. Mas você... acho que preferiria algo que durasse mais.

— Mas é melhor, mesmo — disse ele, sem ter muita certeza.

— Isso é com você. Está bem. Entendo, agora. Esteve numa tremenda tensão nestas últimas semanas, e está pior ainda, porque está pensando em se transferir da *Enterprise*. Creio que está certo em não querer suportar mais tensão ainda.

— Acho que é parte do problema.

— Certo.

— Obrigado. — Abraçou-a, e ela o abraçou de volta, até ela mesma ficar embaraçada por sua reação. Afastou-se e foi pegar sua espada.

— Vamos lá, quero minha aula.

Saudaram um ao outro, com as espadas. Hikaru colocou a máscara.

— Hikaru, se mudar de idéia, avise-me. — colocou sua máscara e graciosamente se pôs em guarda.

Depois de várias horas de trabalho infrutífero, o Sr. Spock finalmente desfez sua ligação com Aleph Prima. Tentara todas as rotas concebíveis para atingir a informação que desejava, e todas elas davam num beco sem saída. Não havia mais nada que pudesse fazer a bordo da nave.

Antes de desligar seu terminal, chamou a lista da escalação, para achar alguém que tivesse familiaridade com a ponte de comando e que ainda estivesse a bordo. O Sr. Sulu era o primeiro da lista.

Procurando o piloto pelo intercomunicador, Spock achou-o no ginásio. Sulu apareceu na tela, puxou a máscara de esgrima para cima da cabeça. O suor escorria pelo rosto. Spock comumente achava Sulu o seu colega de mais fácil convívio. Mas o outro lado do caráter do tenente, o que emergia quando estava no fundo de sua veia romântica, Spock achava totalmente incompreensível.

O Sr. Sulu limpou o suor, baixou a espada e voltou a ser o modelo de um oficial sério e compenetrado da Frota Estelar.

— Sim, Sr. Spock?

— Senhor Sulu, pode interromper o que está fazendo?

— Acabei uma aula agora mesmo, Sr. Spock.

— Preciso voltar a Aleph Prima por um momento e não quero deixar a ponte abandonada.

— Posso chegar aí em dez minutos, Sr. Spock.

— Obrigado, Sr. Sulu. Spock desligando.

Mas quando estendeu a mão para os controles, viu Sulu começar involuntariamente um gesto em sua direção. Spock interrompeu seu gesto.

— Sim, Sr. Sulu? Algo mais?

— Senhor Spock... — Sulu parou, mas depois disse tudo de uma só vez. — O capitão não disse... o senhor acha que é possível que... a capita Hunter venha a bordo?

Spock fitou Sulu impassivelmente por alguns momentos.

Sulu, naquela altura, daria tudo para não ter dito nada. O Sr. Spock era talvez a única pessoa a bordo da *Enterprise* que não entenderia, ou não queria entender o porquê daquela pergunta. Tanto quanto Sulu já pudera observar, a reação mais efusiva que Spock jamais oferecia a alguém era respeito, e isso só de vez em quando. Nunca dera sinais de culto ao herói. Sulu não tinha ilusões sobre seu sentimento em relação a Hunter: era mesmo culto ao herói, puro, flamejante e despuddorado. Hunter fora uma heroína aos olhos de Sulu por metade de sua vida. Mesmo tendo nascido na Terra, sua mãe era consultora de agronomia e o pai, um poeta e Hikaru Sulu passara sua infância e adolescência, numa série de planetas da fronteira, em diversos planetas-colônia. Sua estada mais demorada em qualquer lugar fora em Ganjitsu, mundo nos limites de um setor, que havia muito tempo, sofria assaltos constantes de renegados — os klingons'^ alegavam que eles eram renegados mas, é claro, que ninguém levava isto a sério — e à mercê de piratas demasiado

humanos. O Ganjitsu-jin resistia, com meios inadequados; por muito tempo achavam que tinham sido esquecidos, ou abandonados. Então Hunter, uma oficial muito jovem e em seu primeiro comando na ocasião, veio como um falcão de caça, expulsou os piratas de volta até as mãos dos klingons, e venceu os próprios klingons no jogo deles.

Sulu vira coisas em Ganjitsu com as quais ainda tinha pesadelos, mas fora Hunter quem acabara com a realidade daqueles pesadelos. Sulu não achava que poderia fazer o Sr. Spock entender o que sentia por ela, mesmo que tivesse a oportunidade de explicar. Sem dúvida, perdera a confiança do oficial de ciências para sempre. Sulu desejou ardentemente ter esperado pelo capitão Kirk para perguntar sobre Hunter. O capitão entenderia.

Entretanto, Spock não estava olhando para ele com reprovação, nem com as sobrancelhas erguidas, numa indagação.

— Não tenho meios para saber dos planos da capitã Hunter, Sr. Sulu. Porém, a possibilidade não está além dos limites da razão. Se ela fizer uma visita de cortesia à *Enterprise*, espero que seja recebida como merece um oficial com uma ficha tão excepcional. Spock desligando.

Sulu observou o rosto sem expressão e ascético do oficial de ciências desaparecendo da tela. Sulu esperava que sua própria surpresa não transparecesse muito: pelo menos não ficara boquiaberto.

Depois de todos estes anos eu deveria aprender a não fazer pressuposições sobre o Sr. Spock, pensou.

Spock nunca deixou de surpreendê-lo — de maneiras bem lógicas e previsíveis, se alguém observasse da perspectiva certa — no ponto

onde Sulu pensava que sabia mais precisamente como o vulcano se comportaria.

— Ei! — disse Mandala, detrás dele, — é melhor mexer-se, Hikaru; você prometeu em dez minutos. — Ela tirou a máscara de esgrima e os dois deram-se as mãos formalmente: era canhota, de modo que a mão direita estava desenluvada.

— Acha que ela virá a bordo?

Mandala sorriu. — Espero que sim; seria muito bom revê-la. — Limpou o rosto suado na manga. — Sabe, se você se transferir, não poderia ir para lugar melhor que o esquadrão de Hunter. — Dirigiram-se ao vestiário.

— O esquadrão de Hunter! — A possibilidade de servir nele era tamanho sonho que a frase nunca parecia real. — Eu não teria a menor chance!

Mandala fitou-o com uma expressão indecifrável. Apertou o passo e pôs-se à sua frente. Surpreso, Hikaru parou, e também Mandala, alguns passos depois.

Respirou fundo, e falou bem claro.

— Onde, mas que droga, onde arranjou tanta dúvida sobre si mesmo?

— Se eu me candidatasse, e ela me recusasse...

— Mas você tem toda a formação necessária. Tem a especialização. E tem essa estrela da Academia.

Hikaru sorriu, em descrédito. — Você diz isso porque nunca viu minhas notas.

Ela voltou novamente ao ataque, olhos furiosos, de fogo verde. — Pro inferno com as suas notas! Você entrou no curso, e terminou: é tudo o que conta! Nenhum burocrata ignorantão pode tirá-lo de uma

lista de transferência alegando que você possivelmente não teria a qualificação para uma coisa que realmente quer.

Hikaru já a conhecia bem para notar a dor na sua voz por debaixo da raiva.

— Isso já aconteceu com você? — perguntou, com suavidade. Mas já sabia que sim; Mandala nunca tivera a chance de entrar para a Academia. Literal e figurativamente, fora promovida por atos de bravura.

— Aconteceu... diversas vezes, — ela acabou por reconhecer. — E toda vez que acontece, machuca mais. Você é a única pessoa para quem admiti isso. Não contaria para mais ninguém.

Ele balançou a cabeça. — Eu não vou contar.

— Este é o único posto de primeira linha que já tive, Hikaru, e sei que Kirk não pediu por mim de modo especial. Pediu pela primeira pessoa disponível que pudesse substituir meu predecessor. Aceitaria qualquer um. — Sorriu, desiludida. — Às vezes acho que é como ele me considera. Consegui este emprego por puro acaso. Mas pode apostar que não vou desperdiçar esta oportunidade. Não vou deixar que eles me atrapalhem. Com ou sem estrela da Academia... — Interrompeu suas próprias palavras, como se notasse ter revelado muito mais de si do que desejava. Agarrou os ombros dele. — Hikaru, deixe-me dar-lhe um conselho. Ninguém vai acreditar em você se você mesmo não sentir isso.

Mas será que me atreverei a acreditar em mim o bastante para tentar uma transferência para o comando de Hunter? Era isto o que Hikaru pensava. Devo atrever-me ao risco de ser recusado?

O Sr. Spock transportou-se de volta a Aleph Primo. A prisão da cidade era num corredor curto perto do setor de governo; mostrava evidência de muito uso e negligência. As paredes de plástico estavam arranhadas e riscadas; com inscrições em alguns lugares e cortadas tão fundo que a pedra de asteróide da base original aparecia por baixo. As paredes foram reformadas seguidamente, em cores ligeiramente diferentes, deixando remendos intrincados de superfícies lascadas, gastas e parcialmente substituídas.

Uma guarda de segurança descansava na escrivaninha. Spock não fez nenhum comentário quando ela apressadamente pôs de lado o seu computador de bolso; não tinha o mínimo interesse nas atividades dela, no horário de serviço, quer estivesse lendo ficção de baixo nível, do tipo que consome tanto o tempo dos humanos, quer estivesse jogando com a máquina.

— Posso ajudá-lo?

— Sou Spock, primeiro oficial da *USS Enterprise*. Vim entrevistar o Dr. Georges Mordreaux, antes que o levemos a bordo.

Ela estranhou. — Mordreaux?... O nome soa familiar, mas não creio que ele esteja aqui. — Olhou para o sensor da recepção e dirigiu-se a ele. — Georges Mordreaux está na detenção?

— Não há prisioneiro com esse nome, — respondeu o sensor.

— Desculpe, — foi dizendo a policial. — Não acho que haja ninguém com previsão para ser mandado para fora da estação. Só a coleção usual de desordeiros. Ontem foi o dia de pagamento.

— Acho que foi cometido algum engano, — retrucou Spock. — As fitas do julgamento do Dr. Mordreaux não estão nos registros públicos. Talvez ele esteja aqui, mas os documentos foram perdidos.

— Eu me lembro de já ter ouvido esse nome. — respondeu ela. — Ele foi preso por homicídio. Mas sua advogada apelou para a lei de privacidade, de modo que não houve publicidade. Alegou insanidade mental.

— Então, ele está aqui.

— Não; se foi por isso que foi condenado, não poderia estar aqui; está no hospital. Mas o senhor pode dar uma olhada, se quiser. — Apontou para um grupo de telas, uma para cada cela, que lhe dava um panorama de toda aquela ala da prisão. Spock não avistou ninguém que se parecesse com seu ex-professor, de modo que seguiu o conselho da policial e foi procurar no hospital.

— Claro, ele está aqui — disse o enfermeiro de plantão, em resposta à pergunta de Spock. — Mas vai ter alguma dificuldade em entrevistá-lo.

— Que dificuldade?

— Depressão aguda. Ele está fazendo terapia, mas ainda não acertaram a dose. Ele não está muito coerente.

— Gostaria de falar com ele.

— Acho que está bem. Tente não contrariá-lo. — O enfermeiro verificou a identidade de Spock, depois levou-o pelo saguão e destrancou a porta. — Vou ficar de olho na tela.

— Não é necessário.

— Pode ser, mas é meu trabalho. — E deixou Spock entrar.

A cela do hospital parecia um quarto barato de um hotel mediano, num planeta afastado. Tinha uma cama, poltronas, fornecedor de refeições, até mesmo um terminal, se bem que neste, as telas se limitavam a entretenimento e informação. Os carcereiros de

Mordreaux não se arriscavam a deixá-lo entrar nos programas do computador da cidade e usar seu conhecimento para fugir.

O professor estava deitado na cama, braços estendidos ao lado, olhos arregalados. Era um homem de estatura mediana e ainda magro; ainda conservava a abundante cabeleira, mas que agora era cinza. Seus olhos castanhos luminosos não mais brilhavam com a excitação das descobertas; agora transpareciam angústia e desespero.

— Doutor Mordreaux?

O professor não respondeu; nem sequer piscou.

Seria catatonia induzida pela tensão? imaginava Spock. Transe de meditação? Não, claro, devia ser por causa das drogas.

Spock fizera parte de seus estudos superiores de Física na Makropyrios, uma das melhores universidades da Federação. O Dr. Mordreaux era pesquisador ali, mas a cada ano dava apenas um pequeno e concentrado seminário. No ano que Spock foi seu aluno, o doutor havia aceito apenas quinze alunos, e solicitou o máximo de todos eles, mesmo de Spock.

O velho professor atingira cedo o pináculo de sua carreira, e mais: permaneceu no topo. Seus trabalhos freqüentemente deixavam seus colegas boquiabertos, e as honras acadêmicas recaíam sobre ele com monótona regularidade.

— Professor Mordreaux, preciso falar com o senhor.

Por um bom tempo, o Dr. Mordreaux nem se alterou, mas por fim fez um barulho áspero e grosseiro que levou alguns segundos para Spock perceber ser uma risada. Lembrava-se da risada dele, de há muitos anos: cheia de prazer e alegria; quase dava para um jovem vulcano entender o humor e alegria.

Como muitas outras coisas, tinha mudado.

— Porque veio a Aleph Prima, Sr. Spock?

O Dr. Mordreaux apoiou as palmas das mãos na cama, e empurrou-se até sentar-se.

— Não pensava que o senhor se lembraria de mim, professor.

— Mas eu me lembro, sim.

— A nave onde sirvo foi chamada para levá-lo a bordo.

Spock parou, pois grandes lágrimas começaram a escorrer devagar pelas faces do doutor.

— Para me levar para a cadeia, para me reabilitarem.

— O que aconteceu, professor? Achei as acusações contra o senhor quando muito, improváveis.

Mordreaux tinha deitado de novo, enrolando-se em posição fetal, chorando e rindo, com aquela risada irreconhecível.

— Vá embora! Deixe-me só, já disse que só queria ajudar as pessoas, só fiz o que elas queriam.

— Professor, eu vim aqui para tentar ajudá-lo. Por favor, coopere.

— Você quer é me trair, como todos os outros, quer me trair, e quer trair meus amigos. Não vou lhe contar! Vá embora!

A porta deslizou, abrindo-se, e o enfermeiro entrou, apressado. — O médico está a caminho. O senhor precisa ir embora. Eu lhe disse que ele não estava coerente. — Foi logo conduzindo Spock para fora do quarto.

Spock não protestou, pois não havia nada mais que pudesse fazer por ali. Deixou o hospital, pensando cuidadosamente no que o professor dissera. Continha pouquíssimas informações, mas o que era aquilo sobre trair seus amigos? Seria verdade que tinha feito pesquisa em pacientes inteligentes, e que foram feridos, ou mortos?

Em sua loucura, poderia o professor estar negando, dentro de sua imaginação, eventos que realmente aconteceram? O que queria dizer com "ajudar as pessoas?"

Spock não tinha as respostas. Precisaria esperar até que o Dr. Mordreaux estivesse a bordo da *Enterprise*; precisava ter esperanças de que o professor se tornasse mais racional antes que fosse muito tarde.

O oficial de ciências tirou seu comunicador, mas mudou de idéia quanto a voltar à nave imediatamente. Nenhuma razão lógica exigia que sua viagem até Aleph Prima fosse uma perda total. Pôs o comunicador de lado e foi para outra região da base.

Enquanto Jim Kirk se preparava para chamar a *Enterprise*, o sinal de chamada foi atendido tão rápida e inesperadamente que ele quase deixou cair o aparelho.

— Bom sincronismo! — comentou para Hunter, sorrindo. — Pelo menos deixaram-me em paz a tarde inteira!

Hunter automaticamente ficou tensa. A *Aerfen* nunca chamava quando ela estava fora da nave, exceto por uma emergência séria: literalmente toda sua tripulação era capaz de assumir o comando, na sua ausência. Ela mesma garantia que assim fosse, pois as missões da *Aerfen* deixavam-na exposta a baixas violentas, a qualquer momento. Hunter sempre tinha noção disso, mesmo que inconscientemente e, por extensão, da sua própria fragilidade. Pelo bem de sua própria nave, não podia se dar ao luxo de se considerar indispensável. Tinha suficiente segurança para dar a todo o seu pessoal mais responsabilidades do que o estritamente essencial, ou mesmo permitido. Da última vez que fora chamada pela Frota

Estelar, fora para ensinar um cadete talentoso, mas sem as credenciais de treinamento, a pilotar a *Aerfen* em dobra espacial.

Em virtude disto, o comunicador de Hunter raramente dava sinal quando ela estava em algum planeta; ao ouvir o de Jim, inconscientemente presumiu que a chamada era de emergência. Ele podia precisar de ajuda; seus reflexos a prepararam para a ação.

— Kirk falando.

Hunter lembrou-se da primeira vez em que se encontraram. Tão corretinho e formal, pensou, e eu... praticamente ainda tinha areia nos pés.

Olharam um para o outro com o mesmo desdém.

— Capitão, — disse uma voz no comunicador, — tenho um equipamento para a *Enterprise*, mas é preciso sua assinatura antes que eu o envie a bordo.

— Que tipo de equipamento, Sr. Spock?

— Bioeletrônico, senhor.

— Para quê?

— Para incorporar às aparelhagens de observação da singularidade.

— Ah, está bem. Onde é que você está?

— No laboratório de crescimento de cristais, no setor de gravidade zero de Aleph Prima.

— Precisa mesmo que eu vá agora, Spock?

— É muito importante, capitão.

Jim deu uma olhada para Hunter e fez uma careta. Ela deu de ombros, entendendo a situação, e relaxou. Não havia emergência.

— Muito bem, Sr. Spock; estarei aí em alguns minutos. — Fechou o comunicador. — Desculpe. Spock trabalhou tão duro naquelas

malditas observações, só para ser arrancado delas inopinadamente. O mínimo que posso fazer é atendê-lo, se quiser levar mais equipamento.

— Eu entendo. Sem problemas.

— Não vai levar muito tempo...

— Jim, está bem. Vou subir para a *Aerfen* e cuidar de umas coisinhas, depois vou direto para a *Enterprise*.

— Combinado. Encontro você lá em pouco tempo.

Ela ensinou-lhe o caminho, pois o padrão espacial de Aleph não era tão simples quanto parecia. Além do mais, conhecia um bom atalho e ficou observando-o a se afastar pelo gramado.

Hunter pegou seu comunicador. — Hunter para *Aerfen*. Leve-me para cima, Ilya.

Esperando ser localizada pelo feixe, Hunter ficou rememorando a tarde. Gostou de ver Jim Kirk de novo, mesmo surpresa porque sua amizade durara a despeito das diferenças entre eles, diferenças óbvias desde que se conheceram no mesmo pelotão da Academia. Jim Kirk era um aluno-modelo, com aquela aura cosmopolita; Hunter já era problemática antes de chegar, uma colona com sua arrogância espinhosa, defensiva, orgulhosa, sempre na defensiva, que queria ser chamada por um só nome e recusava-se a registrar qualquer outro.

O comandante deles, aluno veterano (cujo nome foi mudado instantaneamente de Friendly, "Amigável", que era por si só, ridículo, para "Frenzy", "Frenético". Desrespeitou o nome e mais, a pena que sempre usava no cabelo. De acordo com a liberdade de religião, tinha direito a ela, mas ele ordenou que a tirasse. Ela recusou-se.

Acusou-a de não usar o uniforme regulamentar e desacatar um oficial superior.

Quanto à segunda acusação, até que sentiu-se tentada a declarar-se culpada.

Advogados não eram conhecidos entre o povo de Hunter, e não pretendia envolver ninguém mais em suas dificuldades com a hierarquia. Mas a Corte Marcial não a deixaria sem um defensor. Para desgosto de Hunter, James T. Kirk apresentou-se como voluntário.

Hunter já o rotulara como o mesmo tipo de emproado que era o comandante do pelotão, e as primeiras palavras que ele lhe dirigiu só sustentaram a sua opinião.

— Acho que você está cometendo um grande erro. Se pedir desculpas a Frenzy, ele pode retirar a queixa.

— Desculpas! Pelo quê?

Olhou para a trança do cabelo preto dela, para a peninha vermelha presa na sua ponta. — Olhe, se Frenzy acrescentar mentira às acusações, você estará acabada!

— Mentira! — gritou ela. Pulou da cadeira e encarou-o, do outro lado da mesa, apoiando bem as mãos no tampo para não fechar os punhos e socá-lo.

— Ninguém, ninguém, no mundo todo, em toda minha vida, já me acusou de mentir, e agora preciso de uma boa razão, e bem depressa, para não te jogar do outro lado da parede.

Ele esticou a mão para a pena. Ela recuou depressa, sacudindo a cabeça, de modo que a trança passou para trás do ombro.

— Não toque nisso!

— Eu sei que você não acredita que estou do seu lado. Mas estou. Juro. Li umas coisas a noite passada e sei o que a pena deve significar. É o ponto final numa longa série de testes, que só uns poucos terminam. Não estou querendo dizer que não tenha feito isso, mas essa pena não é a verdadeira. Por mais importante que seja, é melhor ficar sem ela, até conseguir a de verdade, porque se o tribunal descobrir que você provocou toda esta agitação por uma coisa sem significado intrínseco, poderão até expulsá-la.

Hunter achou estranho: — Onde arranhou essa idéia que não é de verdade?

Pegou um livro de sua pasta, colocou numa leitora, e chamou uma página. — Ali, — disse ele, apontando para uma foto de uma águia fênix, planando, tão bonita que Hunter precisou lutar contra uma maré de saudades. O indicador de Jim Kirk tocou a ponta branca de uma pena da asa. — E ali. — Hunter piscou de surpresa; era sua avó, perfeitamente reconhecível. Era tão elegante e respeitável naquela idade quanto aos oitenta, quando Hunter a encontrara pela primeira vez. Kirk tocou a pena na foto; uma pena comprida, do tamanho da mão, com uma ponta branca.

— Está vendo o que quero dizer? — disse, apontando para a pena de Hunter que, apesar de vermelha, tinha uma ponta preta, mal chegava ao tamanho de seu polegar, e a forma era diferente.

— Ou você pegou um livro ruim, ou perdeu alguns pormenores, — respondeu ela. — Usar uma das penas primárias só quer dizer que as águias o aceitaram como um adulto. — Tocou com força no teclado da leitora, trouxe de volta a primeira foto, e apontou a crista da águia, que era de um vermelho mais escuro, por causa das penas de ponta preta.

— A que eu uso é uma pena da crista. Significa... bem, é complicado demais para explicar tudo o que significa. As águias me aceitam como uma amiga.

Kirk observou-a. — Uma das águias lhe deu a pena? — Estava pasmo.

Hunter mostrou sarcasmo, de novo. — Isso mesmo; bons deuses, o que pensou que fosse? Um troféu? — Sentia-se repugnada sequer com a idéia de ferir um daqueles seres alienígenas, magníficos e fortes. — São tão inteligentes quanto nós. Talvez um pouco mais.

Kirk encostou-se na cadeira, lentamente. — Acho que agora eu entendo. Peço desculpas. Tirei conclusões apressadas e estava errado. Estou perdoado?

Hunter fez que sim com a cabeça, num gesto breve. Mas a repugnância por ele começou a desaparecer, pois ela também tirara conclusões apressadas e estava errada.

No dia seguinte, na Corte Marcial, o comandante do pelotão de Hunter, com toda a certeza, lenta, e irrevogavelmente, destruiu sua credibilidade junto aos superiores. Liberdade de religião era assunto delicado para a Frota Estelar. Respeitavam-na, teoricamente, mas na prática, era coisa difícil de administrar. A parte o grande número de sistemas de crenças, os rituais variavam de virtualmente nenhum até os mais completamente bizarros. Assim, quando um cadete emproadinho com o seu primeiro e insignificante comando se mostrava culpado de perseguir uma panteísta cujo desacato consistia em usar uma pena no cabelo, não demonstravam nenhuma simpatia para com ele.

Se bem que poderia usar esta desculpa, Hunter nunca alegou motivo religioso por seu comportamento não-conformista.

Conseguia agir segundo sua consciência, e como queria, por uma combinação de agilidade, pouco se importar com ficha limpa, e o mais puro, sólido e impecável desempenho.

Pôs de lado as velhas memórias, quando se materializou na plataforma do transportador de sua nave. O oficial superior de armas cumprimentou-a e afastou o longo cabelo loiro da testa.

— Olá, Ilya. Tudo em ordem?

— Não tenho queixas, — respondeu em sua voz controlada e sempre com poucas palavras. Mas um instante depois, quando passavam pela escotilha da popa, acrescentou: — Exceto uma.

— O quê?

— Hunter, eu queria que essa nave danada de grande saísse da nossa retaguarda. Fico nervoso.

Hunter olhou e viu a *Enterprise*, orbitando atrás e acima deles. Riu-se. — Ilya Nikolaievitch, eles estão do nosso lado!

DOIS.

O Sr. Sulu não estava acima da vaidade de imaginar a si mesmo como capitão da *Enterprise*, e não como um oficial qualquer de uma tripulação de, no máximo, vinte pessoas. Mandala Flynn tinha descido com os últimos quatro oficiais da segurança para cumprir sua promessa de pagar-lhes um jantar. Sulu esperava ter com ela mais tarde.

Na ponte escurecida, ele foi até a poltrona do capitão e ficou olhando para a tela. A *Enterprise* estava orientada de tal maneira que, em relação ao campo gravitacional da nave, Aleph Primo mostrava-se sobre sua cabeça, um gigantesco ornamento de Natal girando aos olhos de Sulu devido ao movimento da nave ao seu redor; e depois, cercada pelo espaço e estrelas multicoloridas, a *Aerfen*, suspensa. *Aerfen*, Minerva, Athena⁽⁴⁵⁾ dos olhos verdes, deusa guerreira e defensora.

"E assim Pallas Athena foi deslizando para a Terra", recitou Sulu.

— Hunter para *Enterprise*. Permissão para ir a bordo.

Sulu sobressaltou-se, sentindo o rosto enrubescer, mas, claro, ela não poderia tê-lo ouvido citando Homero⁽⁴⁶⁾ em voz alta na ponte de comando de uma nave estelar; nem ninguém poderia tê-lo ouvido, estava completamente só.

— *Enterprise*, Sulu falando. Permissão concedida, sem dúvida, capitão. — Sulu chamou alguém para vir substituí-lo, acelerado, e correu para a sala de transporte.

Hunter rebrilhou e materializou-se. Sulu sabia instintivamente que ela desprezava cumprimentos efusivos. Quando desceu da plataforma, apertou a mão que ela estendeu e apresentou-se, em resposta à apresentação dela. Mas também inclinou-se ligeiramente, quebrando um pouco o protocolo da Frota Estelar, num gesto de respeito segundo as tradições de sua família. Ela não era tão alta quanto esperara — em sua mente, ela seria algo como uma semi-deusa ou um gigante, e sentiu um certo alívio ao perceber que sua presença física não era bem o imaginado. A mão dela era dura e firme, com traços de calos na palma e uma comprida e feia cicatriz que ia para as costas da mão e desaparecia sob o punho da blusa. Seu casaco prateado fazia os ombros brilharem, como se estivesse usando armadura.

— Senhor Sulu, é um prazer conhecê-lo. Jim falou do senhor com grande consideração.

Sulu não sabia o que responder; estava por demais surpreso e envaidecido. — Muito obrigado. — E por fim, humildemente, — O capitão Kirk ainda não voltou de Aleph Primo, capitão Hunter. Posso mostrar-lhe a sala dos oficiais?

— Está muito bem, Sr. Sulu.

Foram para o elevador, desceram e seguiram por um longo corredor. A *Enterprise* parecia abandonada, assombrada, surreal com a tripulação em liberdade e as luzes amortecidas.

— A nave não está com seu melhor aspecto, agora, — desculpou-se Sulu. Conversaram sobre a *Aerfen* e a *Enterprise* até chegarem à sala. Sulu ofereceu-lhe uma bebida, ou um copo de vinho, que ela recusou; acabaram tomando um café, sentando-se junto a uma

escotilha dando para o espaço, ainda conversando sobre espaçonaves.

— Rasgão feio, aquele na lateral da *Aerfen*, — comentou Sulu. — Espero que os danos não tenham sido muito graves.

Hunter desviou os olhos. — Não para a nave. Perdi dois dos meus, naquela luta.

— Capitão... Desculpe, eu não sabia.

— Como poderia saber? Senhor Sulu, ninguém é voluntário para uma missão como esta sem conhecer os riscos.

Subitamente, ela pareceu muito humana e muito cansada, e a consideração que Sulu tinha por ela aumentou. Para preencher o silêncio, e porque não sabia o que dizer, levantou-se e encheu suas xícaras de novo.

— De onde o senhor é, Sr. Sulu? — Foi a pergunta dela, quando o outro voltava. Só uma pequenina tensão na voz traía sua curiosidade. — Acho que deveria reconhecer o seu sotaque, mas é tão ligeiro que não o identifico.

— Não é fraco: é uma completa misturada. Vivi em muitos lugares diferentes, quando criança, mas onde fiquei mais tempo foi em Shinpai. Usou o nome coloquial, sem pensar.

— Shinpai! — disse Hunter. — Ganjitsu? Já estive lá.

— Sim, madame, — respondeu Sulu. — Eu sei. Eu me lembro. Ninguém por lá vai esquecer, por muito tempo. — Foi a vez dele desviar os olhos; não fora sua intenção revelar algo sobre si mesmo, ou sobre a dívida que ele e muitas outras pessoas tinham para com ela, e agora percebia por que.

Receio que ela vai dizer que não foi nada, pensou. Receio que vá dar de ombros e rir-se de mim.

— Muito obrigada, Sr. Sulu.

Voltou a olhar para ela, devagar. Um ar sombrio em seu rosto escureceu seus olhos cinza.

— Nesta profissão, o senhor deve saber, por vezes sentimos que tudo o que fazemos, a guerra, os amigos que morreram, tudo é pela glória de algum conjunto de regras que não tem rosto. E isto não importa. Não importa nem um pouco. Só importa quando você sabe que faz diferença para alguém.

— Mas fez diferença, — respondeu Sulu. — Nunca pense que não fez diferença.

Jim Kirk precisou pousar as desajeitadas caixas de cristais bioeletrônicos antes de poder pegar o seu comunicador.

— O senhor não poderia ao menos mandar entregar estas coisas, Sr. Spock?

— Claro, capitão, mas pensei que o senhor não gostaria de ficar em Aleph Primo por mais alguns dias.

Kirk resmungou alguma coisa não-articulada e abriu seu comunicador. — Kirk para *Enterprise*.

— *Enterprise*. Sulu falando, capitão.

— O Sr. Spock e eu estamos prontos para subir, Sr. Sulu.

Minutos depois, Kirk, Spock, e as várias caixas se materializaram na plataforma do transportador. Kirk desceu para cumprimentar Hunter, que acompanhara Sulu até a sala de transporte.

— Pelo que vejo, já conhece o Sr. Sulu, — disse Jim. — Este é o Sr. Spock, meu imediato.

— Senhor Spock, — disse ela, inclinando a cabeça em sua direção.

— Que bom conhecê-lo pessoalmente, depois de ouvir falar do

senhor por tantos anos.

— Sinto-me honrado, — disse Spock.

Kirk notou que Sulu afastava-se devagar, achou mesmo que com relutância, em direção à porta.

— Senhor Sulu, — disse, por impulso, — já jantou?

— Jantar? — perguntou Sulu, surpreso pela pergunta inusitada. — Capitão, receio que meu organismo perdeu a noção do tempo depois que chegamos à sexta semana ao redor da singularidade. Não saberia que nome dar à minha última refeição.

Kirk achou graça. — Sei como se sente. Vou mostrar a nave para a capitã Hunter, e depois ela, eu e o Sr. Spock vamos jantar no convés de observação. Hunter, quero que você conheça meus oficiais. Senhor Sulu, quer ver quem mais está a bordo? Gostaria de juntar-se a nós.

— Apreciaria muito. Obrigado capitão.

Quando Kirk, Hunter e Spock pegaram o equipamento novo e deixaram a sala de transporte, Sulu correu para o console e abriu um canal para Aleph Primo.

— Sulu para Flynn, responda, comandante.

A pausa se arrastou tanto que ele começou a ficar preocupado; estava a ponto de chamar novamente quando a voz de Mandala se fez ouvir.

— Flynn falando.

— Mandala...

— Hikaru, há alguém com você aí? — ela disse, antes que ele pudesse falar do convite recebido.

— Não, estou sozinho.

— Ótimo. Leve-nos para cima; tenho dois dos meus comigo. Percebeu a urgência na voz dela; localizou-os logo e acionou. Observou atônito os três vultos desgrenhados que apareceram nas plataformas. Mandala estava acompanhada por dois dos membros mais surpreendentes da força de segurança da *Enterprise*. Snnanagfashtalli parecia um leopardo bípede com pele castanha, vermelha e bege. Todos a chamavam "Snarl", "Rosnado", mas nunca na sua frente. Apareceu de quatro, garras de rubi expostas, olhos castanhos dilatados e refletindo a luz como um holofote. Suas orelhas estavam coladas contra o crânio, a crista estava eriçada da nuca até a ponta de sua cauda pintada, espetada como uma escova. Estava rosnando.

— Devíamos voltar! Estava de olho numa garganta tão tenra! Mandala riu. Seu cabelo tinha caído, despenteado. O cabelo vermelho, olhos verdes brilhantes e a pele ligeiramente bronzeada faziam-na parecer um animal tão esbelto e selvagem quanto Rosnado.

— Aquela garganta tenra teve a falta de educação de chamar a segurança de Aleph, e foi por isso que viemos para cá. — Mandala parecia mais feliz do que nunca, desde que Hikaru a vira chegar a bordo da *Enterprise*.

O terceiro membro da equipe, Jenniver Aristeides, ficou olhando para o chão, ombros caídos. Tinha dois metros e meio de altura, ossatura espessa e densa, e parecia ter mais camadas de músculos que o normal dos humanos. O que era bem possível. Ela era humana, mas sofrerá uma operação de engenharia genética para poder viver num planeta de gravidade elevada.

Mandala foi até ela de um lado, e Rosnado esfregava-se nela do outro.

— Vamos, Jenniver, — disse Mandala, gentilmente. Pegou a manopla da outra mulher e levou-a para longe da plataforma. Jenniver levantou a cabeça, e contra sua pele cinza de aço, os olhos de prata brilhavam, com lágrimas não-derramadas.

— Não queria brigar, — disse Jenniver.

— Eu sei. Não foi sua culpa. Eles mereceriam que você esmagasse as cabeças deles, ou que Snnanagfashtalli rasgasse uma ou duas caras.

— Não tenho o direito de ficar zangada se alguém diz que sou feia.

— Eu tenho — alegou Rosnado.

— Mas não quero envolver vocês em complicações.

— As complicações são minhas amigas, — a voz de Rosnado era um ronco baixinho.

— Ela não vai, não é? Você não vai, comandante? O capitão vai achar ruim? Foi minha culpa.

— Jenniver, pare com isso! Está tudo bem. Eu estava lá. Vi o que aconteceu. Vá dormir um pouco, e não se preocupe. Principalmente não se preocupe com Kirk.

Rosnado pegou a mão de Jenniver. — Venha, amiga. — Saíram da sala de transporte.

Mandala empertigou-se e sacudiu o cabelo para trás.

— O que aconteceu? — interpelou Hikaru.

— Uns idiotas acharam engraçado humilhar Jenniver; Rosnado se ofendeu com o que disseram e foi nessa hora que cheguei. Obrigada por nos trazer para cá.

— Mas então, você entrou numa briga.

— Hikaru, — Mandala retrucou, rindo. — Pareço ter saído para um calmo passeio?

— Machucou-se?

— Não, e também não machucamos muito os outros. Fique sabendo que é preciso muita habilidade para fazer isso.

Ele olhou para as duas oficiais de segurança. — Não queria estar na pele delas quando o capitão Kirk souber da história; vai ficar furioso! Mandala olhou bem para ele, estreitando seus agressivos olhos verdes. — Se Kirk tiver problemas com a minha maneira de agir, terá de acertar contas comigo. — A fúria chegou tão perto da superfície que Hikaru mal a reconhecia. — Mas se houver alguma disciplina a ser administrada na Segurança, isso é comigo. — Abruptamente, a raiva desapareceu e ela riu-se de novo. Juntou o cabelo solto na nuca e soltou-o novamente. Hikaru fechou os olhos por um instante, quase se xingando de idiota por recusá-la, mesmo que pudessem ter apenas uns poucos instantes.

— Pelos deuses! — comentou Mandala, — Eu estava precisando disso! — Olhou para Rosnado e Jenniver, pensativa. — Sabe, a despeito de seu aspecto, Jenniver tem um temperamento suave. Acho mesmo que é um pouco tímida. Será que ela gosta de trabalhar na segurança?

— E você, tem certeza que está bem?

— Sim. Mas por que me chamou? Já está de folga? Quer voltar para Aleph?

— Já jantou?

— Não, tinha levado meu pessoal, mas estava esperando por você.

— Ótimo, porque eu tenho uma oferta até melhor.

Jim Kirk preferiria dar as boas-vindas a Hunter a bordo da *Enterprise* com uma recepção formal e com todos os oficiais, mas seu senso de justiça combatia seu desejo de exibir sua nave e seu pessoal na melhor forma. A justiça finalmente venceu; não queria que nenhum dos oficiais da *Enterprise* fosse chamado de volta de Aleph. Mas quando ele e Hunter entraram no amplo e deserto convés de observação, na penumbra, para que o brilhante campo estelar brilhasse por todos os cento e oitenta graus da janela, esqueceu de todo desapontamento. Ele e sua velha amiga estavam juntos, contemplando as profundezas das estrelas, sem falar, sem precisar dizer nada, mas de novo, Jim pensava nas coisas que queria dizer para Hunter, todas as coisas que devia dizer. Quase voltou-se para ela chamando-a pelo nome, o nome de sonho que só sua família e ele sabiam, o nome que não falara desde a última vez que tinham feito amor juntos.

A porta se abriu; Jim respirou fundo e soltou o fôlego devagar, sentindo uma mistura de contrariedade e alívio, quando Spock entrou no convés, seguido pelo Sr. Sulu e a tenente-comandante Flynn. Toda aquela atmosfera se desvaneceu.

— Mandala! — Exclamou Hunter. — Não sabia que estava a bordo da *Enterprise!*

— Olá, Hunter. Vir para cá foi uma surpresa para mim, também.

— Ela disse que queria o meu emprego, — Jim disse, sem pensar. O rosto de Flynn enrubesceu, mas Hunter deu risada, deliciada.

— Então você vai ter de recomendá-la para um lugar melhor, se quiser ficar com esta nave.

Essa foi a primeira vez que Jim entendeu o que Mandala Flynn lhe dissera sobre seu plano de carreira quando fora recebida a bordo

pela primeira vez. Realmente olhara-o fixamente nos olhos, e dissera: — Eu quero o seu emprego. — Quis dizer que esperava ser levada muito a sério, por mais dúvidas que tivesse sobre sua formação e preparo para aquelas funções. Mas na época, não entendera nada.

Flynn sorriu para Hunter.

Foi a primeira vez que a vi sorrir, pensou Jim. Um sorriso de verdade, não de ironia. Acho que devo reavaliar esta oficial.

Hunter e Mandala Flynn abraçaram-se com a familiaridade fácil das tradições menos formais das patrulhas da fronteira.

— Vejo que não tenho mais apresentações a fazer, — disse Jim, — Quando serviram juntas?

O sorriso de Flynn desapareceu abruptamente e seu ar costumeiro de alerta voltou. Jim ficou incomodado ao se lembrar de sua desculpa improvisada a Ian Braithwaite, de que a segurança precisaria de vinte e quatro horas para se preparar para receber o prisioneiro, desculpa esta que logo chegaria aos ouvidos de sua nova chefe de segurança. Sabia que não seria através de Spock, mas mais indiretamente, através do próprio Braithwaite.

— Dê-me outra chance, comandante Flynn, disse Kirk. Eu não sabia se ia sair-se bem. A senhora precisava ter essa corrente subterrânea de ferocidade para chegar aonde chegou, e saindo de onde começou, e eu não sabia se podia controlar isso. Mas a senhora é uma oficial capaz, a segurança está ficando em boa forma pela primeira vez em um ano, e a última coisa na galáxia que eu gostaria de fazer, seria provocá-la.

— Meu esquadrão e a frota de Mandala se uniram por algum tempo, — explicou Hunter. — Lá na fronteira de Orion.

— Aquela situação ficou muito difícil, pelos relatórios, — comentou Jim. A partir daí, a conversa escorregou para os bons velhos tempos e as recordações, e até mesmo o Sr. Spock relaxou o suficiente para contar uma história estranha, do começo de sua carreira na Frota Estelar. Para surpresa e alívio de Kirk, Mandala Flynn também começou a relaxar sua reserva e rigidez. Só o Sr. Sulu ficava à margem da conversa, e não parecia sentir-se isolado. Ao contrário, parecia mais do que contente, em meramente poder escutar. Jim Kirk sorria, consigo mesmo. Experimentara alguns minutos de arrependimento, um tanto egoísta, depois de seu impulsivo convite para que os outros viessem jantar com ele e Hunter, mas agora gostava do que tinha feito.

Mais tarde, naquela noite, Sulu estava sentado no escuro, em sua cabine, mordendo distraidamente o polegar. Gostava da *Enterprise*. Seus amigos estavam aqui; os tripulantes o respeitavam, e seus superiores ocasionalmente o elogiavam; admirava o seu capitão. Se decidisse ficar, poderia até mesmo reconhecer que estava desesperadamente apaixonado por Mandala Flynn.

Ainda assim, pensava, ainda assim — e aquelas ambições que eu costumava ter? Nada do que pensei nos últimos seis meses mudou. Minha ficha até agora não tem sido boa para me dar uma chance de ter um comando de verdade. Terei de assumir mais riscos do que assumi até agora, na vida.

Mas e Mandala?

Sabia que se renunciasse a suas ambições por causa dela, ela não entenderia e começaria a desprezá-lo. Se continuassem amigos, ou amantes, isto não poderia acontecer com base em auto-negação, de lado a lado.

Se continuasse, estaria assumindo riscos. À parte do puro perigo físico, para o qual estaria se oferecendo como voluntário se pedisse transferência para um esquadrão de caça — idealmente, com *zAerfen* — o capitão Kirk não o impediria. Tinha certeza disso. Mas não tinha motivo para crer que Hunter aceitaria seu requerimento. Se ela não aceitasse, e se nenhum comandante de esquadrão o aceitasse, e se continuasse na *Enterprise*^ as coisas nunca mais seriam as mesmas para ele.

Jim e Hunter caminhavam juntos para a sala de transporte.

— Gostei muito deste dia, Jim. Foi bom tê-lo visto de novo.

— Lamento que precisemos ir embora tão cedo, — respondeu ele.

— Mas não há razão para não darmos uma volta em torno de Aleph no caminho de volta.

— Então eu já estarei longe, — disse ela. — A fronteira é instável, e meu esquadrão não tem forças suficientes, não posso deixar a capitânea fora de linha mais do que o absolutamente necessário. Do jeito que está, a *Aerfen* deverá partir desfalcada. — Sacudiu a cabeça, olhando para o chão. — Não sei como vou substituir essa gente, Jim.

Mas não havia nada que ele pudesse responder. Sabia como era perder amigos da tripulação, e não havia nada que alguém pudesse dizer para consolar.

Chegaram à sala de transporte e Jim registrou as coordenadas da nave de Hunter.

— Bem...

O verdadeiro embaraço surgiu agora, quando não queriam dizer adeus. Abraçaram-se fortemente. Jim guardara por tempo demais

as coisas que queria dizer. Tinha receio que fosse muito tarde, não só hoje, mas havia muitos anos, para dizer. Enterrou o rosto na curva entre o pescoço e o ombro dela; o perfume do seu cabelo trouxe-lhe memórias tão fortes que ficou até com medo de olhá-la no rosto de novo, com medo de tentar falar.

— Jim, por favor, não. — Afastou-se delicadamente.

— Hunter...

— Até mais ver, Jim. — Subiu na plataforma.

— Até mais, — ele sussurrou.

Ela deu um sinal de cabeça, dizendo que estava pronta. Ele tocou os controles e ela tremeluziu ao desaparecer.

Levou algum tempo para Jim Kirk reconquistar a compostura. Quando conseguiu, foi direto para sua cabine, esperando ardentemente não encontrar ninguém no caminho. Sentia-se exaurido, emocional e fisicamente. Pela primeira vez, sentiu-se conformado com a missão de transportar passageiro *da Enterprise*: estava quase agradecido por isso.

Hunter tinha razão. Vai ser um servicinho de entregas. Talvez fosse o que precisássemos, agora.

Entrou em sua cabine, escuro e silencioso. Era o único lugar da nave onde podia começar a relaxar, e não estivera nem perto desta condição por mais de vinte e quatro horas. A exaustão começou a tomar conta dele. Tirou a camisa e jogou-a de qualquer jeito no reciclador.

A lâmpada de mensagem piscava, verde, no terminal de comunicações. Praguejou silenciosamente. Uma mensagem código

verde nunca tinha urgência, mas sabia que não conseguiria dormir até saber o que era. Apertou o botão de recepção.

A voz gravada do Sr. Sulu pedia uma entrevista oficial.

Coisa estranha. A última entrevista oficial de Kirk com qualquer um da tripulação fora há tanto tempo que nem se lembrava sobre o que era. Nunca tivera nenhuma entrevista assim com Sulu. Orgulhava-se de ser tão acessível que entrevistas oficiais eram desnecessárias.

Por pura curiosidade, respondeu ao chamado de Sulu: se o oficial do leme estivesse dormindo, Kirk não cancelaria um sinal de privacidade. Mas não estava para surpresa do capitão, Sulu apareceu na tela imediatamente, bem acordado, mesmo que com aspecto cansado e tenso. Agora que Kirk pensava no assunto, Sulu não tivera nenhuma oportunidade de passar a licença em Aleph Primo. Através de uma ou outra circunstância, estivera quase sempre de serviço desde que chegaram, e ficara ainda por mais um turno, para manobrar a *Enterprise* para longe da singularidade.

Eu o estou solicitando demais, pensou Kirk. A competência dele passa por pressuposta, fica mascarada por sob o seu senso de humor, e não percebo como ele trabalha duro, como trabalha bem. Senhor... será que ele teria outros planos para esta noite, e pensou que meu convite era uma ordem?

— Sim, Sr. Sulu. Recebi sua mensagem. Está tudo em ordem? Talvez eu lhe deva desculpas.

A expressão de Sulu foi de completo desconcerto. — Desculpa, capitão? Pelo que?

— Eu não pretendia, esta noite, fazer um convite obrigatório. Achei que o senhor tinha outras coisas a fazer e sabotei o seu programa.

— Não senhor! Eu é que temia ter sido egoísta, ao aceitar, caso o senhor e a capitã Hunter quisessem mais privacidade...

— De modo algum. Bem, foi melhor esclarecer essa questão. Até amanhã de manhã.

— Capitão...

— Sim, Sr. Sulu?

— Não era por isso que eu queria conversar com o senhor.

Kirk ia começar a perguntar se o assunto não devia esperar até que os dois dormissem um pouco, mas alguma coisa na atitude de Sulu o impediu.

Além do mais, considerou Kirk, não seria uma perfeita oportunidade para fazer com que ele soubesse de seu valor para esta nave? E para mim? Seria bom, para variar. E ele não parece estar pronto para um sono tranqüilo; há alguma coisa que realmente o incomoda.

— Por que não vem até minha cabine, Sr. Sulu? Poderíamos conversar enquanto tomamos um pouco de *brandy*.

— Muito obrigado, senhor.

Desta vez, foi Kirk quem caiu das nuvens. — Transferência? Mas, por quê? Para onde? O que aconteceu para deixá-lo descontente com a *Enterprise!*

— Estou muito contente aqui, capitão! — Sulu segurou a taça com as duas mãos. Acima de tudo, queria que Kirk entendesse porque ele queria dar este passo. O aroma do *brandy*, quase tão intoxicante quanto o próprio licor, envolvia seu rosto. — Capitão, tenho uma ficha inexpressiva...

— Mas a sua ficha é exemplar!

Sulu recomeçou. — Servir na *Enterprise* é uma nota positiva na ficha de qualquer um. É a única coisa notável na minha... e acho que consegui isso por pura sorte.

— Mesmo? Então acha que escolho minha tripulação ao acaso?

Sulu ficou encabulado, percebendo a impertinência de sua observação.

— Não, senhor, claro que não. Mas não sei por que o senhor me escolheu. Minhas notas na Academia foram sempre na média... — E parou, pois seu desapontamento consigo mesmo e com seu desempenho na Academia era uma dor que nunca acabava.

— Não considere apenas suas notas cumulativas. Mudando sempre, como ocorria com sua família, só poderia deixá-lo menos preparado que os outros cadetes. De modo que sempre que você começava uma nova matéria, começava sempre dentre os últimos da classe.

Sulu nem ergueu o olhar. Estava mesmo muito embaraçado.

— Mas depois, você melhorava cada vez mais, até dominar a matéria completamente. Essa é minha idéia de um oficial com um potencial excelente, Sr. Sulu.

— Obrigado, capitão...

— Acho que não fui muito convincente, não é?

— Preciso conviver com minha ficha, senhor. O que quer que o senhor tenha visto além dela...

— Seu próximo capitão poderá não ver? Sulu fez que sim.

— Acho que você está subestimando a si mesmo.

— Não, senhor! Desculpe, mas talvez agora não. Adoro esta nave, esse é o problema. Seria tão fácil ficar — mas se meu nome surgir em duas listas de promoções, poderei até ser promovido.

Eventualmente, poderia até ganhar um comando. Mas a menos que eu me destaque de algum modo, a menos que eu ganhe o máximo de experiência que puder em vários ramos da Frota Estelar, nunca poderei esperar mais que o comando de alguma nave de carga, ou de um posto calmo e distante.

Kirk titubeou. Sulu não sabia se o capitão ia tentar consolá-lo, ou se tentaria convencê-lo de que não sabia como funcionava a Frota Estelar, e em que direção sua carreira poderia ir.

Kirk ficou olhando para sua bebida. — Não há desonra num comando calmo e afastado.

Sulu bebericou um pouco do *brandy* para ganhar algum tempo. — Capitão, viver a vida sem desonra é importante, para mim. É importante mas não é suficiente. Observar o mundo da diplomacia já foi uma forma de educação para mim, e não queria perder, por nada, a exploração do espaço. Mas sem algo mais, minha carreira morre em mais um passo ou dois.

Observou o rosto de Kirk ansiosamente, tentando adivinhar seus pensamentos. Kirk ergueu os olhos, e sua voz tinha alguma frieza.

— Nunca poderia imaginar que Hunter poderia roubar minha tripulação — quer ser transferido para a *Aerfen!*

— Sim senhor, mas a capitão Hunter não me disse nada a respeito! Estive pensando nisso há um bom tempo. Minha opção inicial foi por ser designado para um esquadrão de caça, e só fui designado para cá porque as necessidades da *Enterprise* tinham precedência sobre todas as outras unidades. — Não tinha certeza se era a coisa certa para dizer para o capitão Kirk, mas era verdade. — Discuti a possibilidade com um amigo, da tripulação, mas o senhor é a única outra pessoa com quem falei deste assunto. — Seria antiético pedir

para Hunter primeiro, e Sulu ficou um pouco desgostoso porque Kirk pensou que tinha sido assim. — Sei que ela perdeu dois tripulantes, mas não tenho ilusões: deve haver uma lista de espera de voluntários para a *Aerfen*. Nem sei dos pré-requisitos necessários ou se sou adequado para eles. Não sei como ela reagiria ao meu requerimento, mesmo com a sua aprovação. — Inclinou-se para a frente, falando com muito empenho. — Senhor, nunca lhe menti antes, e não é agora que vou começar. Pode perguntar à capitã Hunter se já falei com ela... e ela não me parece ser o tipo de pessoa que mentiria, também.

Sulu não podia antecipar como o capitão reagiria agora, por causa de seu ar distante, da mais completa introspecção. Talvez só estivesse contendo sua raiva.

— Senhor Sulu, o que aconteceria se ela não aceitasse o seu requerimento, ou se a Frota Estelar já tivesse designado outras pessoas?

— Capitão Kirk... isso é uma coisa que eu preciso tentar, seja no esquadrão da capitã Hunter ou outro qualquer.

Pela primeira vez desde que Sulu chegara, Kirk sorriu. Sulu nunca sentira tanta gratidão ao ver aquela expressão em alguém mais, em toda sua vida.

— Não sei como Hunter vai reagir ao seu requerimento, Sr. Sulu. Mas se ela recusar, vai demorar muito tempo, procurando por alguém com a metade da sua competência.

O processo correu mais rápido do que Sulu jamais imaginara ser possível. Foi-lhe concedida de imediato uma transferência temporária para a *Aerfen*. De início, achou que fora aceito por puro desespero, porque o caça estava com muita falta de pessoal.

Possivelmente, Hunter não o queria em sua nave. Mas Kirk reafirmou-lhe, e a capitã Hunter também, à sua moda, que fora aceito por seus méritos passados e em potencial, e que a transferência seria efetivada assim que a máquina burocrática percorresse todos os seus meandros. Assim, às seis da manhã em ponto, menos de cinco horas depois de conversar com Kirk, estava no meio da sua cabine vazia, uma mochila cheia e uma caixa não muito grande com objetos diversos, a seus pés, além do sabre antigo nas mãos.

Levando-o, deixou a cabine, foi silenciosamente pelo corredor, e bateu à porta de Mandala, sem fazer muito barulho. A resposta foi quase instantânea:

— Entre!

A porta não estava trancada; entrou no cabine escuro.

— O que aconteceu? — Mandala já estava pondo a blusa do uniforme pela cabeça, presumindo que era chamada para uma emergência.

— Está tudo bem; sou eu.

Ela olhou-o do emaranhado da blusa. Cobria a parte inferior do rosto, como uma máscara, puxou algumas mechas do cabelo da testa.

— Oh, oi — ela disse. — Você não veio me ajudar a repelir uma invasão. — tirou a blusa, de novo, e jogou numa cadeira, junto com as calças, e fez sinal para a luz aumentar um grau. Logo brilharam reflexos dourados em seu cabelo ruivo. Quando estava de serviço, nunca usava o cabelo solto assim, numa massa de cachos em torno do rosto e ombros, caindo até abaixo da cintura. Na verdade, Hikaru

achava que era das poucas pessoas a bordo que já vira aquele cabelo solto.

O sorriso de Mandala sumiu. — Por outro lado, parece que há algo errado com você. O que há, Hikaru? Sente aqui.

Sentou-se na beirada do catre. Ela encolheu as pernas debaixo do cobertor e cruzou os braços sobre os joelhos.

— Vamos, conte, o que houve?

— Já pedi transferência para o esquadrão de Hunter.

— Ela o aceitou! — disse Mandala, alegre. Ele confirmou.

— Mas você deveria estar soltando fogos. É a melhor coisa do mundo!

— Estou começando a achar que cometi um erro. Estou quase me arrependendo.

— Hikaru, a *Enterprise* é um grande posto, mas você não está errado em achar que precisa de mais experiência.

— Mas eu não estava pensando profissionalmente, e sim, pessoalmente. Ela virou o rosto, mas depois encarou-o e tomou sua mão.

— Está vendo só o que eu queria dizer? — retrucou ela. — Sobre se apegar a alguém?

— Lamento. Sei como se sente. Eu nem queria tocar no assunto. Só vim me despedir e dar-lhe de presente o meu sabre. Não posso levar; é excesso de peso.

Mandala aceitou o sabre com a devida dignidade: era uma espada antiga, de fino artesanato.

— Obrigada. — Baixou a cabeça, escondendo o rosto entre os joelhos, e ele pensou que ela estava chorando.

— Mandala, ei, desculpe...

Sacudindo a cabeça violentamente, sem olhar para cima, ela segurou o pulso dele, para interromper suas desculpas. Quando ergueu a cabeça, viu que ela estava rindo tanto que as lágrimas escorriam.

— Não, — ela disse. — Eu é que lamento. É linda, e não estou rindo do sabre, só que, se eu pudesse, eu lhe daria... — olhou à volta. — Ah, aqui! — Puxou o grande anel do seu dedo médio da mão direita. Era um círculo formado naturalmente em uma pedra como o rubi, quase da cor de seu cabelo, inclusive com reflexos dourados, nas facetas. Exceto quando praticava judô, sempre o usava. Colocou-o no dedo mínimo dele.

Ao subir em sua promoção a tenente-comandante, uma das matérias que Mandala estudara foi Psicologia, incluindo sua história. Sorrindo, contou a Hikaru sobre a teoria do sexo e seus símbolos, de um outro século: espadas e bainhas, chaves e fechaduras. Quando acabou, ele ria com ela, das idéias ingênuas de uma outra era.

Olharam, sérios, um para o outro.

— Quer dizer que tudo o que disse antes...

— Raramente digo algo que não queira. E você, mudou de idéia?

— Eu... não sei.

— As coisas não ficariam mais fáceis para o seu lado, mas eu gostaria que sim.

— E eu fiquei gostando de você assim que você veio a bordo, — disse-lhe Hikaru. — Mas estou indo embora...

Ela pousou as mãos nos ombros dele. — Se mudar de idéia, as coisas não vão ficar fáceis para mim, também. Amo você, Hikaru,

apesar de ter lutado muito contra este sentimento, e não sei se vamos nos arrepender de fazer amor... ou não.

Mandala acariciou o rosto dele, o ângulo de seu maxilar, a curva de sua garganta. Ele inclinou-se em sua direção e ela correspondeu, beijando-o com doçura, as mãos nas costas dele.

— Você não imagina o quanto eu quis fazer isto, — ela murmurou. Ela abriu a camisa dele e puxou-a sobre a cabeça, acariciando os lados das costas com as pontas dos dedos. Observou-o tirar as botas e as calças. Mais uma vez admirou o seu corpo compacto de atleta. Levantou o lençol para que viesse para seu lado, e quando ele estava deitado, e virou-se para ela, ela subiu a mão por sua coxa, seu quadril, sua cintura, e ele estremeceu. Hikaru beijou o rosto dela, com muitos beijos pequenos e quentes; acariciou-a e ao seu cabelo, e beijou a cicatriz do ombro, como se quisesse afastar toda a dor que aquilo representava. Mandala inclinou-se sobre ele e deixou o cabelo cair em cachos sobre os seus ombros. Cuidadosamente, de início, depois brincando, depois felizes, amaram-se um ao outro.

Jim Kirk estava na sala dos oficiais, as mãos em torno de uma caneca de café quente. Sentia-se deprimido.

A porta deslizou e o Dr. McCoy entrou ruidosamente.

— Bom dia, Jim, — disse alegremente, com um forte sotaque sulino, que sempre aparecia mais quando estava sob a influência de vários drinques ou uma ressaca. Kirk não sabia qual das duas, e nem queria saber de nada.

— Mas que noite, — foi dizendo McCoy. Pegou uma caneca para si e sentou-se na frente do outro. — Que noite pra você também, não?

Pelo menos, parece.

— Sim, — respondeu Kirk, mesmo sem escutar muito. — Uma noite e tanto. — Passara quase toda a noite junto ao comunicador subespacial tentando liberar a burocracia para a transferência de Sulu, e agora começava a achar que cometera um grande erro. Talvez, se não fosse tão eficiente, Sulu mudasse de idéia.

— Achei que sim. Espero que tenha se divertido tanto quanto eu.

— Diversão...? — Kirk procurou em sua memória pelo sentido das palavras de McCoy, e percebeu que o doutor devia estar voltando de Aleph Primo naquela hora e, portanto, nada sabia de Sulu. De fato, Kirk não vira McCoy uma só vez depois de encontrá-lo e a sua amiga veterinária no parque, no dia anterior.

— Magro, de que está falando?

— Jim, meu menino, você realmente parecia feliz. Não me lembro de tê-lo visto tão bem antes. Mas sabe, acho que ter mais constância em certos assuntos não lhe faria mal algum...

Kirk não agüentava McCoy quando ficava paternalista, especialmente a esta hora da madrugada.

— ... de modo que é uma verdadeira alegria vê-lo com uma velha amiga. Kirk percebeu o que McCoy inferira. Por alguma razão que o irritava, mas, para ser justo, McCoy não tinha nenhuma razão em especial para pensar qualquer outra coisa. Além do mais, porque Kirk se importaria com o que

McCoy pensasse sobre a amizade que tinha com Hunter? A verdade não concernia a ninguém mais.

— Você teve a impressão errada, Magro.

McCoy passou ao tom brincalhão que muitas vezes recorrem dois homens que querem evitar discutir qualquer coisa que realmente

importe.

— O quê, Don Juan T. Kirk, Casanova das espaçovias...

— Cale a boca!

Mccooy ficou olhando, arrependido de ter brincado, percebendo que tudo o que dissera naquela manhã estava tão perto do perfeitamente errado quanto poderia desejar um imperfeito ser humano.

— Jim — disse em voz mais calma, abandonando qualquer sinal do menino brincalhão, — Lamento, sei que você e ela costumavam andar juntos, e apenas presumi... Não queria rememorar nada de doloroso.

Kirk balançou a cabeça. — Não é culpa sua. Nem mesmo é uma pressuposição errada, dado meu comportamento usual.

— Quer conversar a respeito, ou é melhor eu enfiar a viola no saco e ir embora?

— Hunter e eu somos amigos. Ela é uma de minhas melhores amizades. Já fomos amantes. Mas não somos mais. Ela é membro de uma família de parceiros...

— Ah, bem; isso explica tudo.

— Não; não explica. Nem mesmo começa a explicar.

— Jim, agora é que eu estou começando a ficar confuso.

— Parcerias não costumam ser relacionamentos exclusivos. A dela certamente não é. Quatro ou cinco deles têm carreiras como Hunter, que os mantêm afastados quase todo o tempo. Mas dentro de um grupo maior, as crianças têm alguma estabilidade. Conheci a filha de Hunter há alguns anos... — De início, não se entenderam direito; ele não estava acostumado a ter crianças por perto. Pelo menos descobriu a tempo que suas atitudes paternais a desagradavam, e

que ela o desprezava por isso. Depois que passou a tratá-la como um ser humano racional, começaram cautelosamente a fazer amizade.

— Filha dela! — disse McCoy, admirado. Não considerara Hunter senão em sua encarnação de oficial da Frota Estelar, e estava tão surpreso quanto poderia estar se o próprio Jim Kirk começasse a contar casos sobre os filhos em casa.

— Não é sempre que se encontra alguém de quem você poderia ser o pai, — disse Kirk.

McCoy tomou um demorado gole de sua caneca, e começou a desejar que houvesse alguma coisa mais forte lá dentro.

— Quase que juntei-me ao grupo de Hunter, Magro. Depois de encontrá-los as primeiras vezes, eles me convidaram... convidaram-me em três ocasiões diferentes, ao longo de quatro anos. Eu me sentia à vontade no meio deles. Acho... acho que teria amado a todos. — Parou, e não retomou senão depois de um instante. Quando falou, a voz estava muito ponderada.

— Pensei que não estava pronto para dar um passo assim tão grande. Sempre recusei. Talvez eu não estivesse pronto, mesmo. Talvez ainda agora eu não esteja preparado. Talvez eu tenha tomado a decisão certa. Mas quase sempre penso que ter dito *não* foi a maior besteira de minha vida.

— Nunca é tarde demais para corrigir um erro.

— Não concordo com você nesse ponto. Mas, de qualquer modo, nunca mais me convidaram, depois que comecei a achar que deveria ter aceitado.

— Porque não fala com eles?

Kirk abanou a cabeça. — Não é assim que deve ser. Seria tamanha falta de educação que eles seriam praticamente forçados a dizer não.

— Mas se a parceria não é exclusiva, e você e ela ainda são amigos...

— Foi o que pensei, por um bom tempo. Depois da primeira vez que me convidaram, achei que nada tinha mudado. Hunter e eu fomos tão íntimos, por tanto tempo... Mas ela estava crescendo, e eu ainda estava considerando tudo como uma brincadeira. Brincar é bom, até certo ponto. Brincar é o motivo pelo qual a parceria não é exclusiva. Mas para Hunter e eu... especialmente depois do segundo convite, foi como provocá-la todo o tempo, como se eu não quisesse ir muito longe, mas esperando que ela confiasse em mim sem restrições. Até me disse o seu nome de sonho. Sabe o que isso significa?

— Não, não sei direito.

— Nem eu, na época. É difícil de explicar, mas trata-se de algo ainda mais profundo do que confiar a própria vida ao outro.

Kirk fez outra pausa e McCoy esperou que continuasse, sabendo como era difícil para Jim falar de assuntos tão pessoais.

— Tivemos vários mal-entendidos sérios. Tanto que, quando me convidaram pela terceira vez, eu nem sabia o que dizer. E quando eu disse não pela terceira vez, ela é que ficou sem saber o que dizer. E ressentida. Acho que deixou de confiar em mim. Provavelmente foi bom que tenha sido enviada para um lado, e eu para o outro, e não nos víssemos por uns dois anos.

McCoy estava observando um lado de seu amigo que raramente encontrava, percebendo que geralmente a superfície clara e calorosa escondia profundezas obscuras. Kirk quase nunca deixava

que ninguém percebesse o menor sinal de suas dores íntimas, e aprendera alguns truques de Spock, para escondê-las, mesmo provocando o vulcano sobre ser humano no fundo. Para dizer a verdade, Kirk era mais humano por dentro do que admitia normalmente. McCoy gostaria de ter algo para dizer que ajudasse. Kirk inspirou fundo, e soltou o fôlego rápido.

— Jim, — disse McCoy com toda delicadeza, esperando não estar abusando de sua amizade, — por que não disse a Hunter o que disse a mim, sobre achar que cometeu um erro? Não seria o mesmo que pedir para se juntar à parceria, não é?

— Não sei. Já pensei no caso. Mas não sei mais se é isso o que ela quer ouvir. Por que deveria? Mesmo que ela queira, isso a colocaria numa posição incômoda. E se o resto do grupo dissesse não? Magro, e se eles dissessem sim, e eu me arrependesse no último instante? Seria simplesmente um insulto para eles. Seria a única coisa à qual nossa amizade não sobreviveria, eu acho. Não mais uma vez.

— Você geralmente não muda de idéia, depois de tomar uma decisão.

— Mas isto é diferente.

— Por quê?

Kirk deu de ombros. — Apenas, é diferente.

Dez da manhã. Sulu colocou a mochila e a caixa de diversos de um lado de uma das plataformas do teletransporte, depois virou-se para os amigos. A notícia de sua transferência espalhou-se de boca em boca quase que de imediato, e pelo menos desta vez gostou do efficientíssimo sistema de mexericos da nave. Nunca teria tempo

para localizar todos os seus amigos, muito menos os que eram apenas conhecidos. Mas aqui estavam, todos se aglomerando na sala de transporte para desejar-lhe felicidades: os seus alunos de esgrima; Pavel Chekov, Janice Rand e Christine Chapel; a decana dos iogues da nave, Beatrice Smith; o capitão Kirk, Dr. McCoy e Uhura. Até o Sr. Spock estava ali. Enquanto Sulu se despedia de todos, teve uma súbita e assustadora sensação de que havia algo de muito errado em tudo aquilo, mesmo sendo o que queria, e que o pêndulo voltaria logo, com força e velocidade suficiente para esmagá-lo. Pôs de lado a sensação, achando que era apenas ansiedade; além do mais, nunca tivera nenhum lampejo de clarividência antes e seu nível de percepção extra-sensorial não era nada acima da média.

Não apertou a mão do Sr. Spock, como o fez com o capitão Kirk, não o abraçou, como o fez com Uhura, e depois, com o Dr. McCoy. Ao invés disso, Sulu inclinou-se solenemente perante o oficial de ciências. Spock ergueu a mão, no gesto vulcano equivalente.

— Vida longa e próspera, Sr. Sulu.

— Muito obrigado, Sr. Spock. Sulu virou-se. — Mandala...

Ela pôs os braços à volta dele. — Estávamos certos, Hikaru, — ela disse, bem baixinho, para que ninguém pudesse escutar. — Mas nem mesmo isso deixou as coisas mais fáceis.

— Não, — concordou ele. A vista estava embaçada; ficou embaraçado pelas lágrimas.

— Cuide-se, — disse ela.

— Você também.

Virou-se de repente e foi para a plataforma do transportador. Não podia suportar ficar abraçado a Mandala num lugar tão público. Já

tinham dito seus adeuses em particular.

Ela ergueu a mão, acenando. Sulu correspondeu, depois olhou para Spock, atrás do console, e deu sinal. O frio tremeluzir do raio o engolfou, e ele desapareceu.

Depois que Sulu se foi, a sala de transporte foi-se lentamente esvaziando. O estado de espírito geral era de depressão, coisa a que Mandala Flynn era mais suscetível que os outros. Deu uma sacudidela mental em si mesma e forçou-se a prestar atenção de novo em seu trabalho. Dali há alguns minutos, seu prisioneiro chegaria. Sentia-se incomodada com a missão, e tinha certeza de que algo inusitado estava para acontecer. O capitão e o oficial de ciências sabiam o que era, mas nenhum dos dois confiava-lhe coisa alguma.

*"Theirs not to make reply, "A eles não cabe responder,
Theirs not to reason why, a eles não cabe pensar por quê,
Theirs but to do and die." a eles cabe apenas fazer e morrer".*

Flynn pensou no poema no mesmo tom cínico com que Tennyson⁽⁴⁷⁾ o escrevera, não com a aprovação irracional ou atenção inquestionável da obediência que se incrustou mais e mais espessamente com o passar dos séculos.

Quanto mais ela soubesse sobre uma missão, melhor poderia cumpri-la; nunca encontrara uma exceção a esta proposição. Mas os oficiais superiores da *Enterprise* não a conheciam o suficiente para saber o quanto poderiam confiar nela; considerou se algum dia o capitão Kirk confiaria mesmo nela. Até agora, não dera nenhum sinal disso.

Sem explicação, dissera-lhe que não. Esperava que sua missão de transporte significasse grande desafio. Mas mesmo assim, pedira-lhe uma impressionante força de segurança. E claramente não havia como argumentar com o Sr. Spock sobre o uso do cabine de hóspedes. Assim, o inexplicável Sr. Mordreaux estaria hermeticamente a salvo do transportador até seu cabine — mas depois disto, Flynn não se sentiria confiante, mesmo colocando-o sob guarda vinte e quatro horas por dia, mesmo com a nova porta de segurança no cabine e as telas de energia à sua volta.

Quem, imaginou Flynn está armando um espetáculo para quem? Quem está enganando quem? E, mais importante, por quê?

Kirk olhou para ela.

— Estamos prestes a receber nosso prisioneiro, Comandante Flynn.

— Sim, senhor. O destacamento de guardas estará aqui às dez e quinze, como o senhor pediu. — Ela já ouvia seus passos, no corredor.

Não pode deixar de reprimir um sorriso quando a equipe chegou. Esperava que eles não se sentissem ridículos, mas sabiam porque foram escolhidos: achou melhor contar-lhes o pouco que sabia. Cada um dos cinco levava um rifle phaser⁽¹²⁾ mas as armas empalideciam perante a presença física dos próprios oficiais de segurança.

Berarnardi al Auriga, seu segundo em comando, tinha mais de dois metros de altura e era um bloco sólido e compacto como matéria em colapso gravitacional, pele negra, olhos de fogo, vasta barba ruiva e cabelo flamejante, em todos os tons de vermelho, laranja e louro.

Néon, a despeito de suas escamas iridescentes e uma cauda longa e cheia de placas como a de um estegossauro, mais parecia mais

um tiranossauro em tamanho econômico. Os seres humanos costumavam pensar nela em termos de um dinossauro: grande e perigosa, mas lerda e estúpida. Mas era ágil como eletricidade e as facetas de seu QI que a Frota Estelar podia medir começavam em 200 e desapareciam nas alturas.

Snnanagfashtalli e Jenniver Aristeides foram escolhas óbvias. Jenniver se destacava mesmo acima de Barry ai Auriga. Era como uma estátua de aço. Flynn de início achou Aristeides a criatura humana mais grotescamente feia que já vira, mas depois de algumas semanas começou a achar que aquela mulher calada tinha uma beleza estranha, de pedra, escultural.

Snnanagfashtalli era o único membro maldoso da equipe. Depois de vê-la em ação no dia anterior, Flynn decidira recorrer a ela apenas em missões em que nada aconteceria, ou quando tivesse certeza de que tudo aconteceria. Rosnado não atacava sem razão, e atacava ferozmente, quando havia um motivo, mas não era boa no meio-termo, quando autocontrole e disciplina eram exigidos. Não tinha nem uma coisa nem outra. Sob tensão, era mais provável que usasse suas garras cor de rubi do que o phaser.

Máximo Alisaunder Arrunja, o último membro da equipe, tinha o talento de se misturar à multidão. Era um homem de meia idade, rosto enrugado, grisalho. Quando decidia, porém, não se mimetizar, emanava dele a aura mais gelada e perigosa que Flynn já vira. Ela já o vira separar um pugilato incipiente entre dois tripulantes irritadiços; não precisou encostar um dedo em nenhum, nem teve de ameaçá-los. Os dois pararam por puro terror irracional do que o outro poderia fazer.

Flynn olhou para o capitão Kirk. — Espero que esta força de segurança seja adequada, senhor.

— Sim, comandante Flynn, — respondeu ele, com a cara fria e indiferente de um jogador de pôquer, de modo que ela ficou com certeza de que sua avaliação da situação não estava muito errada.

Flynn olhou para ai Auriga. — Tudo pronto, Barry?

— Sim, madame, — respondeu ele em voz baixa.

Depois de meio instante, Jenniver Aristeides emendou, — Mesmo que estejamos esperando por uma tropa de klingons.

Ela mal sorriu, Max riu-se, soando como um grunhido, Néon deu um guincho agudo, estranho, Barry deu uma risadinha convulsiva, e Rosnado olhava de um rosto para outro, rosnando grave, gutural, imaginando se era dela que estavam rindo. Além da falta de autocontrole e disciplina, faltava-lhe também senso de humor.

— Aprecio a todos vocês, bastante, — disse-lhes Flynn. Rosnado ergueu as orelhas, baixou a crista e deslizou silenciosamente, colocando-se em posição, junto ao teletransporte.

— Capitão Kirk, — disse o Sr. Spock, num tom que Flynn poderia chamar quase de angustiado, se alguém lhe pedisse a opinião. — Capitão Kirk, o dr. Mordreaux é um velho professor. Esta... esta... força de choque de guerrilheiros de modo algum seria necessária.

— Ora, vamos, Sr. Spock. Queremos que Ian Braithwaite veja que o levamos a sério, não é?

O olhar de Spock foi de Kirk para Flynn, e perspassou por todo o grupo de segurança. Ficou depois olhando para o teto por um bom tempo.

— Como quiser, capitão.

O transportador deu sinal de que estava pronto e um momento depois o prisioneiro e o promotor-chefe de Aleph Primo se materializaram. O quinteto de Flynn engatilhou seus rifles phaser, e ela pousou a mão na coronha de sua pistola phaser, ainda no coldre.

Ora... ele está dopado, pensou Flynn, assim que Mordreaux se materializou. O rosto inexpressivo e olhar desfocado não permitiam outra interpretação. Ademais, o prisioneiro usava algemas de energia, e algemas de resistência inercial nas pernas, que só lhe permitiam andar, mas que se encurtariam e o fariam cair se vencesse as drogas e tentasse correr. Era tudo tão antiquado quanto correntes ao velho estilo, e igualmente desnecessário e humilhante. Flynn olhou para Spock, mas o rosto dele continuava impassível; aparentemente gastara toda sua raiva contra a tropa de choque de guerrilheiros.

Braithwaite saltou da plataforma, relanceou o olhar pela equipe da segurança e cumprimentou Kirk com a cabeça.

— Ótimo! — disse ele — Onde é a cela da detenção?

— Senhor Braithwaite, vou tirar a *Enterprise* de órbita imediatamente. Não há tempo para o senhor fazer qualquer inspeção, nem há necessidade disso.

— Mas capitão — estou indo para a Rehab Sete com o senhor.

— Isso não pode ser.

— São minhas ordens, capitão. — Estendeu para Kirk uma transmissão subespacial oficial. Kirk leu-a superficialmente, enrugando a testa.

— Bem, o senhor terá de providenciar a volta por si mesmo, e como o senhor mesmo apontou, não há muitas naves oficiais por aqui.

— Eu sei, capitão. — A expressão do outro ficou meditativa. — Depois de tudo o que aconteceu, o julgamento, e Lee... bem, eu precisava passar algum tempo sozinho. Meditar um pouco. Providenciei uma nave individual; voltarei com uma nave a vela. — Olhou para Kirk. — Farei o melhor para ficar longe de suas vistas até chegarmos a Rehab Sete e depois, o senhor não precisará mais se preocupar comigo.

Correu atrás da turma de segurança e o prisioneiro. Kirk parou um pouco, sentindo-se incapaz de reagir, depois de alguém que se propunha a voar sozinho de volta por todo um sistema solar, numa nave minúscula e frágil, lhe dizer para não se preocupar. Sacudindo a cabeça, seguiu os outros, saindo da sala de transporte.

Jim Kirk voltou aos seus aposentos e deixou-se cair numa poltrona, cansado demais para se arrastar até a cama. Já faziam trinta e seis horas que não dormia; perdera o melhor piloto que a nave já tivera; seu oficial de ciências, tentando salvar alguns resultados de suas observações da singularidade e alguma possível explicação para sua ocorrência, comprometera a maior parte do tempo do computador elaborando equações que ninguém mais conseguia sequer ler, quanto mais entender; e o Sr. Scott começara a pedir, irritado, tempo do computador para o setor de engenharia. Um lunático brilhante ou um gênio injustiçado — possivelmente, as duas coisas ao mesmo tempo — estava preso no cabine VIP, e seu cão de guarda de inesgotável vitalidade estava alojado perto dele. A nave voava rangendo como uma relíquia dos velhos tempos, os motores de torção precisavam de uma revisão completa, e mesmo o motor de impulso estava funcionando irregularmente.

Uma das razões pelas quais Kirk estava sentindo-se tão exausto era que a animação de Ian Braithwaite nunca acabava. Seria muito mais fácil lidar com ele se fosse um tipinho desprezível mas, ao contrário, era apenas jovem, inexperiente, simpático... e ambicioso.

Kirk lamentava, agora, não ter explicado à comandante Flynn exatamente o que estava acontecendo — mesmo que ela obviamente soubesse que era alguma coisa especial. Quando Kirk alegou excesso de trabalho e tentou persuadir Ian a se recolher a seu alojamento, o promotor levou Flynn embora para uma inspeção nas medidas de segurança. Kirk esperava que ela fosse diplomata o suficiente para continuar o espetáculo que fora armado. Acreditava que ela era, mas agora é que ia descobrir.

Kirk não conseguia manter seus pensamentos longe da conversa da manhã, com o Dr. McCoy. Parte dele desejava que nunca tivesse acontecido; não gostava, geralmente, de expor sua alma, e nas raras ocasiões em que o fazia, sempre sentia-se embaraçado, depois.

Droga, pensou ele, era disso mesmo que estávamos conversando. Leonard McCoy e Hunter são meus dois melhores amigos, e nem posso me abrir com nenhum deles.

Mas que coisa absurda! Vendi minha vida por uma fachada de total independência, que eu sei que está cheia de furos, mesmo quando a levanto na minha frente. Não vale mais a pena — se é que algum dia valeu.

Se Spock tiver sucesso em inocentar Mordreaux, teremos de levá-lo de volta a Aleph Primo. Mesmo que não o faça, a *Enterprise* precisa de muitas reformas antes de pensarmos em retomar as observações de Spock, e os estaleiros de reparo mais próximos

estão em Aleph. Se Hunter já tiver ido embora, posso alugar uma nave de corrida, e voar para o lugar onde estiver baseado o seu esquadrão. Preciso vê-la de novo. Preciso conversar com ela — conversar com ela de verdade, desta vez. O Magro estava certo; mesmo que nada mude, preciso dizer-lhe que estava errado.

TRÊS.

O engenheiro-chefe Montgomery Scott percorria o corredor, resmungando pragas em algum obscuro dialeto escocês. Seis semanas de trabalho para nada, seis semanas de trabalho que precisariam ser retomadas inteiramente ou mais provavelmente, abandonadas, se eram tão triviais que podiam ser abandonadas apenas dois dias antes do término — e por uma razão tão boba. Desde que chegou aquela mensagem misteriosa, e foram desviados, a única coisa que ouvia falar era: pobre Sr. Spock, pobre Sr. Spock, todo aquele trabalho por nada.

E que tal, imaginava Scott, o pobre Sr. Scott? Manter os motores de uma nave estelar funcionando com regularidade nas proximidades de uma singularidade não era bem um piquenique, e estivera nesse trabalho tanto tempo quanto o Sr. Spock estivera no dele. Os motores tinham sido terrivelmente forçados, e o trabalho de Scott era providenciar que eles não falhassem: se não tivessem funcionado durante uma correção de órbita, a missão se encerraria instantaneamente — ou teria durado muito mais do que seis semanas, dependendo do ponto de vista. Vista do exterior, a *Enterprise* teria caído através da métrica espacial degenerada progressivamente desvanecendo e fragmentando-se até desaparecer. Do interior, a tripulação perceberia o próprio espaço desvanecer, depois reaparecer — isto presumindo que a nave fizesse esta passagem inteira, e não aos pedaços, mas seria o espaço em algum outro lugar, em algum outro tempo, e as chances

de a *Enterprise* voltar para casa estariam incomensuravelmente perto de zero.

Os motores eram a principal causa do mau humor de Scott. Enquanto todos na nave, ou quase todos, recebiam de presente um dia de liberdade em Aleph Primo, Scott — ao invés de estar relaxando no melhor lugar deste octante para desfrutar de sua liberdade — usara cada minuto desse período para encontrar as peças de que precisava e levá-las de volta à nave. E isto era apenas o começo do trabalho: ainda precisava instalar o novo equipamento nos motores de dobra desligados. Sentia-se longe de estar à vontade, apenas com motores de impulso para mover a *Enterprise*. Mas eles não podiam atracar em Aleph Primo, não: precisavam cumprir a nova missão. Missão; pois sim!

Depois, havia a questão de Sulu. Era verdade que Scott e Sulu não eram amigos chegados, mas conhecia o oficial do leme há anos e era completamente desconcertante voltar à superfície depois de seis horas lutando contra os casulos de energia, para descobrir não só que o outro tinha ido embora, mas também sem se despedir, e saber que todos, exceto ele, sabiam da partida do companheiro.

Passou à sala de transporte, e parou um instante. Pensou ter visto um brilho, como se alguém estivesse usando a unidade. Claro, isso era impossível: estavam longe demais para que alguém fosse trazido para bordo. No entanto, Scott voltou atrás.

O Sr. Spock estava no meio da sala, como se tivesse acabado de se materializar na plataforma; desceu e deu dois ou três passos, antes de parar: os ombros estavam caídos, e parecia que ia cair.

— Senhor Spock?

Spock imobilizou-se, por não mais que um segundo, depois endireitou-se e voltou-se calmamente para o engenheiro-chefe.

— Senhor Scott. Eu devia saber que era o senhor.

— O senhor me chamou? Está se sentindo bem? Alguma coisa errada com o teletransporte? — Sem dúvida, alguém esquecera de pedir-lhe que o consertasse, mesmo que isso fosse uma de suas responsabilidades: parecia que ninguém achava que valia a pena contar alguma coisa para Scott, nestes dias.

— Simplesmente notei algumas flutuações mínimas de energia, Sr. Scott, — respondeu o oficial de ciências. — Podiam tornar-se motivo de queixas.

— Posso voltar e ajudá-lo, assim que me apresentar ao capitão Kirk para informar sobre os motores. — Ele estranhou. Spock, que nunca mostrava sinais de cansaço, parecia abatido, esgotado, muito mais do que Scott. Então todos: humanos, super-humanos, vulcanos e até mesmo o Sr. Spock tinham os seus limites.

— Isso não será necessário, — respondeu Spock. — O trabalho já está quase no fim. — Não se moveu. Scott ficou à porta por mais um momento, depois voltou-se e deixou Spock sozinho. Após todos estes anos, não se sentia mais ofendido quando Spock nem agradecia por uma oferta de ajuda pela qual não pedira, e da qual não necessitava. Mas hoje, Scott estava num estado de espírito no qual sentia-se ofendido por nada.

Enquanto o engenheiro-chefe se aproximava do turboelevador, um civil alto e magro também se apressou para entrar: sem dúvida, era uma das pessoas que tinham recolhido em Aleph. Se Kirk não lhe confiara as razões para mudar os planos, Scott presumira que alguma missão secreta essencial lhes fora designada. Presumira

que estavam trabalhando na base de que cada um ficava só com as informações estritamente necessárias. Estas pressuposições estavam erradas, a mensagem era trivial, e Scott fora deixado no escuro simplesmente porque, como sempre, ninguém se dera ao trabalho de informar-lhe o que estava acontecendo.

Scott cumprimentou o civil com um sinal de cabeça, enquanto entravam no elevador; entretanto, gostaria de ficar sozinho, porque estava mais com vontade de ficar resmungão do que cordial, em público.

— Segurem o elevador!

Scott fez as portas se abrirem novamente e o capitão entrou. Parecia

descansado; seu uniforme estava novo: Scott, por outro lado, passara as seis horas depois de sair de Aleph na casa das máquinas, e sentia-se imundo.

— Scotty!

— Capitão, — respondeu Scott, lacônico. Ocorreu-lhe, de repente, que o civil devia ter sido a última pessoa a usar o transportador, a pessoa que de acordo com Spock, tinha se queixado.

— Senhor, — disse Scott, de repente, — poderia descrever como se sentiu, ao chegar pelo transportador? Ajudaria a localizar o problema.

O civil surpreendeu-se.

— Desculpe, senhor. Sou o engenheiro-chefe, e meu nome é Scott.

— Bom Deus, Scotty, — interpelou Kirk, — o transportador está com defeitos, também?

— Seu transportador funcionou direito, pelo que pude perceber, — respondeu o civil. Sorriu. — Eu até pensei que ia ficar com as

pernas bambas.

As portas se abriram e todos saíram para a ponte.

Scott deteve-se e faltou-lhe a voz ao ficar olhando boquiaberto para o posto do oficial de ciências. Ali, em seu lugar habitual, Spock estava inclinado sobre seu terminal de computador.

O capitão Kirk e o civil foram para o nível inferior da ponte, onde a comandante Flynn estava, apoiada no corrimão, esperava por eles. Scott foi atrás, mas não conseguia tirar os olhos de Spock e tropeçou nos degraus. Flynn segurou-lhe o braço para ampará-lo.

— Está tudo em ordem?

— Sim, — respondeu ele, aborrecido, e logo afastou-se dela. Kirk foi para sua poltrona e voltou-se para Scott.

— Quais são as más novas sobre os motores, Scotty?

— Os motores não estão em muito boa forma, capitão. Peguei quase todas as peças de que precisávamos em Aleph, e posso manter tudo funcionando enquanto o motor de dobra não for muito solicitado, depois que estiver em ordem. Seria melhor ficar em velocidade sub-luz, até fazermos um condicionamento completo... Sua voz foi desaparecendo quando Spock desceu para escutar.

— O que está errado, Scotty? — quis saber Kirk.

— Bem, não é nada, mesmo, capitão, mas como o Sr. Spock chegou antes de mim na ponte? Vim até aqui diretamente da sala do transportador.

Spock ergueu uma sobrancelha. — A sala de transporte, Sr. Scott? Fiquei na ponte desde que o Sr. Sulu partiu; não passei perto do transportador nas últimas horas.

— Mas o senhor disse que havia algo de errado com ele.

— Não tenho notícia de nenhum defeito.

— O senhor disse que era uma flutuação de energia, Sr. Spock, e que estava quase pronto. Mas o que eu não entendi é como o senhor chegou aqui antes de mim. — Dentre os oficiais, haviam um ou dois brincalhões, mas Spock jamais participaria de tais frivolidades, nem cooperaria com elas.

Scott sacudiu a cabeça, como que para dispersar a névoa de exaustão e confusão que o cercava. Tudo ficaria tão claro se não estivesse tão cansado.

— Senhor Scott, já faz algum tempo que estou aqui na ponte.

— Mas acabei de vê-lo, até falei com o senhor!

Spock nada disse, mas ergueu uma sobrancelha de novo.

— Mas eu o vi!

— Scotty, — falou Kirk — até que horas você ficou acordado ontem à noite?

Scott virou-se: — Capitão, isso não é justo! Não tive folga — não fiz nada senão trabalhar nos motores!

— Mas você devia ter aproveitado a folga! — respondeu Kirk, num tom muito mais apaziguador. — Scotty, estamos todos cansados, estivemos sob tensão por tempo demais. Tenho certeza de que há uma explicação razoável para o que você viu...

— Está querendo dizer que estou sofrendo de alucinações, capitão? Não tive uma alucinação sobre o Sr. Spock na sala do transporte mais do que agora!

— Não é isso o que eu quero dizer. Estou dizendo que quero que você descanse. Vamos conversar a respeito mais tarde, se você quiser.

A expressão de Kirk não admitia réplica. Scott hesitou, mas claramente ele estava excluído de qualquer continuação da

conversa. Spock ficou olhando para ele, intrigado, mas não conseguiu oferecer qualquer explicação para o estranho comportamento do outro.

Pois bem, pensou Scott, com a irritação de gerações de oficiais mantidos na obscuridade por causa da burocracia, autoridades políticas e seus próprios oficiais superiores: pois bem, existe mesmo algo estranho acontecendo, afinal não é nenhuma missão rotineira. Sem dúvida que acabarei descobrindo tudo, com o tempo. Talvez descubra tudo sozinho, sem esperar que alguém se digne a me explicar o que é.

Deixou a ponte, sabendo que o oficial de ciências o seguia com o olhar, presumindo que Kirk estava agora mesmo dizendo em particular para Spock, com admiração e respeito: — Bem, não podemos esconder nada dele por muito tempo, não é? — ao que Spock responderia: — Não, capitão; ele tem faculdades dedutivas de um poder inusitado entre os humanos. — Scott foi ao elevador para voltar a seus aposentos, ansiando por uma ducha — muita água e água muito quente — e aquela bebidinha que negara a si mesmo antes. Depois, pretendia dormir bastante.

Ainda não conseguia entender como é que Spock conseguira passar à sua frente, da sala de transporte até a ponte. Pois era isso o que fizera, quer admitisse ou não.

De volta à ponte de comando, Kirk estava com vontade de perguntar a Spock o significado daquela cena com Scott, mas precisou dirigir sua atenção para Ian Braithwaite.

— Capitão Kirk: estamos viajando em velocidade sub-luz?

Kirk suspirou. — Senhor Braithwaite, a Rehab Sete é tão perto de Aleph Primo — relativamente — que se tentássemos alcançá-la em

velocidade de dobra, passaríamos além dela. Estaríamos forçando os motores além do que é seguro fazer, com tanta aceleração e desaceleração.

— Espere aí, capitão, eu não estava fazendo objeção, nunca estive numa nave estelar antes e estou contente só por poder fazer uma visita. Só esperava experimentar velocidade de dobra uma vez na vida. — disse, esperançosamente.

Kirk começou a achar extremamente difícil ficar bravo com Ian Braithwaite.

— Bem, nunca se sabe quando vai surgir uma oportunidade dessas, — respondeu. — Mas como pediu para discutir a segurança, pensei que a comandante Flynn deveria estar presente também.

Flynn mantivera-se calada; agora, avançou um passo para juntar-se a eles.

Ian puxou um papel dobrado de seu bolso. — Isto aqui chegou quando o senhor estava dormindo, capitão.

Kirk leu: mais um cidadão de Aleph atacado de botulismo hipermórfico.

— Acha que Aleph vai precisar do apoio de nossos recursos médicos? Está preocupado com uma epidemia?

— Antes fosse, — respondeu Ian. — Mas como minha amiga Lee era defensora do Dr. Mordreaux, e o juiz Desmoulins foi quem julgou o caso, acho que isso foi proposital.

— Então alguém os envenenou?

— Não tenho provas. Mas acho que é bem possível.

— Por quê?

— A esta altura dos acontecimentos, só posso fazer especulações. Mas a coincidência incomoda. E assusta. A possibilidade que mais

me preocupa é que alguém poderia estar tentando soltar o Dr. Mordreaux. Acho que deveríamos reforçar a segurança.

— Ian, — disse Kirk, tolerante, — entendo porque você está preocupado. Mas está perfeitamente seguro a bordo da *Enterprise*, e a comandante Flynn está no total controle da segurança do Dr. Mordreaux.

— Olhou para Flynn, esperando uma confirmação, mas ela evitou seu olhar.

— Comandante Flynn?

Ela o encarou, com seu olhar verde cristalino. — Preferia discutir a segurança menos publicamente, capitão.

— Ah! — reagiu Kirk e ele entendeu que ela esperava que entendesse a indireta — de que não estava satisfeita com o esquema de segurança — assim como ele contara com ela para entender indiretas, desde o início desta missão. — Muito bem. Mas afinal de contas, o Dr. Mordreaux é um senhor de idade...

— Comandante Flynn, — disse Braithwaite, — o Dr. Mordreaux é minha responsabilidade tanto quanto sua, e não acho justo excluí-lo do que for discutido a respeito dele. Capitão Kirk...

— Kirk!

Braithwaite falou ao mesmo tempo em que o grito invadiu a ponte: por um instante, Flynn pensou que era ele mesmo que tinha gritado o nome do capitão.

— Você me destruiu, Kirk! Merece morrer! Chocados, todos se voltaram.

O Dr. Mordreaux, olhos arregalados, estava na entrada da ponte. Sacou uma velha e feia pistola e fez um gesto para Flynn e Braithwaite com o seu cano. — Vocês dois, saiam do caminho.

— Dr. Mordreaux, — disse Braithwaite, — não torne as coisas ainda piores para o senhor...

Com a hiperestesia⁽⁴⁸⁾ provocada por uma dose de adrenalina, Flynn viu a pistola fazer pontaria, quando Braithwaite avançou na direção de Mordreaux. Pensou: errado, errado, é a coisa mais errada para fazer; corajoso, mas insensato. Esses malditos amadores! Quando o martelo se armou, ela já havia se lançado para a frente. Seu impulso afastou Braithwaite da Unha de fogo e levou-a até o nível superior da ponte. Mais uma fração de segundo de hesitação por parte de Mordreaux e a mão dela agarraria o seu pulso, mais uma fração de segundo — maldito Kirk, por não lhe informar sobre o que se passava, maldito Kirk por fazer a missão parecer trivial, senão o phaser dela estaria pronto, e para o inferno com o regulamento. Mais uma só fração de segundo...

E a pistola disparou.

O estampido surpreendeu-a mais que o golpe que jogou-a sobre o convés.

Jim Kirk logo se colocou de pé. A arma disparou uma segunda vez, a detonação cortando a cacofonia da desordem na ponte de comando. A bala atingiu-o, engolfando-o na dor, como a explosão de uma *nova*.

Mordreaux recuou até o elevador e as portas fecharam, um segundo antes de Spock alcançá-lo. O oficial de ciências não perdeu tempo tentando forçar as portas. Pulou de volta pelos degraus, passou pela comandante Flynn, que procurava erguer-se, e bateu no botão do comunicador.

— Doutor McCoy à ponte, imediatamente! Equipe de trauma, emergência nove!

Spock ajoelhou-se ao lado de Kirk.

— Jim...

A ponte estava um caos à volta deles. O convés e as paredes do casco salpicados de sangue, que também brilhava sobre as telas de dados. A chefe da segurança, a mão apertando o ferimento no ombro, dava ordens ríspidas pelo comunicador, mobilizando suas forças para prender Mordreaux. O sangue escorria por entre seus dedos e regava o piso, ao lado de Spock, como chuva.

A segunda bala atingira Kirk em cheio, no peito. O sangue jorrava a cada batida do coração. Significava que pelo menos o seu coração ainda batia. — Spock... — Jim lutou contra as névoas da inconsciência, até que pode ver claro.

— Fique deitado, Jim, o Dr. McCoy está vindo.

Spock tentou parar o sangramento. Jim gritou e procurou segurar o pulso do outro, desajeitadamente. — Não; por favor... — estava sentindo o sangue borbulhar dentro do peito.

A ferida era muito funda e muito grande para fechar por pressão direta. Spock parou com o esforço inútil, que só causava mais dor. Jim levantou-se, devagar, apoiado no companheiro e a sensação de afogamento diminuiu um pouco.

— Alguém mais ferido? Mandala?...

— Estou bem, capitão — Ela começou a subir os degraus, de novo.

— Comandante Flynn! — Spock disse, sem olhar para trás. -Sim?

— Não chame o elevador, o Dr. McCoy não pode ser atrasado.

Mas ela precisava descer para ajudar sua gente; precisava! Era como um instinto. Mas Spock tinha razão. Esperou, balançando-se sobre os calcanhares.

— Mandala, deixe-me ajudá-la, — as mãos delicadas de Uhura ampararam-na em alguns passos, antes de ela vacilar.

— Não, não posso.

— Mandala...

— Uhura, — ela disse, em voz baixa, — Se eu me sentar, não sei se poderei levantar, depois.

— Tenente Uhura, — Spock interrompeu, — chame o Dr. McCoy de novo.

Spock não queria fazer nada com Jim sem antes colocá-lo numa padiola, mas se o Dr. McCoy nem a maça viessem em trinta segundos, ele mesmo ia carregá-lo para a enfermaria.

— O que aconteceu, Spock? — Jim sussurrou. — Isto deveria ser apenas... um servicinho de entregas. — Uma espuma cor-de-rosa formou-se em seus lábios. A bala tinha perfurado o pulmão. Sua respiração era irregular e, quando tentou tomar fôlego, sentiu mais uma pontada de dor.

— Não sei, Jim. Por favor, fique quieto.

Kirk estava entrando em estado de choque e não havia mais tempo a perder.

As portas se abriram, e McCoy lançou-se para dentro da ponte.

— O que aconteceu? Meu Deus! Viu Flynn primeiro e foi em sua direção.

— Não, eu não, — disse ela. — Veja o capitão.

Hesitou só um pouco, mas viu que o sangue que cobria a blusa de seu uniforme e sujava seu rosto, cabelos e mãos, escondia uma ferida no ombro, nada grave; correu para o lado de Kirk.

Flynn foi para o elevador e as portas fecharam-se atrás dela.

McCoy ajoelhou-se ao lado de Jim.

— Vá devagar, Jim, meu menino. Vamos levá-lo para enfermaria bem depressinha...

Kirk nunca tivera tanta consciência de sua própria pulsação, como uma tempestade passando por todo o corpo. — Magro, eu...

— Calado!

— Tinha razão. Do que falamos... Eu ia contar para Hunter.

— Ainda vai contar. Cale a boca, que conversa é essa? McCoy passou para cá e para lá o tricorder⁽⁸⁾ por sobre o corpo de Kirk. O coração de Jim não fora prejudicado, mas a artéria estava cortada. O sensor mostrava o pulmão perfurado, mas isso era óbvio. A coisa mais importante era dar-lhe oxigênio o mais depressa possível, depois ligá-lo a um trocador de fluídos, um porta-sangue: estava sagrando tanto que a falta de oxigênio era o pior perigo.

— Onde está a equipe de trauma? — perguntou Spock, a garganta apertada.

— A caminho, — respondeu McCoy, defendendo o seu pessoal, mesmo estando irritado porque eles ainda não tinham chegado. Mas sabia que podia salvar Jim Kirk.

— Você vai ficar bem, Jim, — disse, e não estava mentindo.

Mas havia algo mais, um sinal de perigo do tricorder. McCoy pensou imediatamente em envenenamento, mas as indicações estavam em outra faixa. Nunca vira nada como aquele sinal antes. — Mas que diabo...

Jim pensou que tinha sangue nos olhos. Uma nuvem atrapalhava sua visão.

— Não consigo enxergar, — disse ele, e estendeu a mão.

Spock agarrou sua mão, segurando-a com força, deliberadamente, abrindo todos os escudos mentais e emocionais que tinha

construído ao longo de seu demorado convívio com os seres humanos.

— Você vai ficar bem, Jim, — disse Spock. Pôs a mão direita sobre a têmpora de Kirk, fechando o circuito místico e telepático que o unia ao amigo. Dor, medo e ressentimento jorravam para dentro dele. Aceitou tudo de boa vontade e sentiu a pressão sobre Jim diminuir. — Minha força para ti, — ele sussurrou, bem baixo, para ninguém escutar, palavras que eram um lembrete hipnótico das técnicas que estava usando. — Minha força para ti, minha vontade para ti.

McCoy viu as pálpebras de Spock baixarem e suas pupilas rolarem, até que só aparecessem o branco dos olhos. Mas não podia prestar atenção ao que o vulcano estava fazendo. As portas do elevador se abriram e a equipe de trauma entrou correndo, com o seu equipamento de apoio.

— Venham cá! — gritou McCoy. Correram, obedecendo.

Ligaram toda a unidade de trauma e o oxigênio invadiu o corpo de Jim. Seus nervos famintos propagaram nova agonia interior. Engasgou e o sangue o sufocava. Os longos dedos de Spock agarraram sua mão. A dor atenuou só um pouquinho, mas a visão de Jim sumiu quase até a escuridão total.

— Spock?

— Estou aqui, Jim.

A mão do amigo pressionou suavemente a têmpora e a face do outro. Kirk sentiu aquela proximidade, a força que o mantinha vivo. Não podia mais ver, nem dentro de sua mente, mas de uma outra maneira, que não sabia descrever. Sentia a precisão dos

pensamentos de Spock, sua ordem distorcida pela dor e medo que sentia em Jim.

Jim Kirk sabia que estava para morrer e que Spock o seguiria pela espiral descendente até que tivesse caído fundo demais para voltar. Com toda boa vontade escolheria a morte para salvar a vida de Kirk. James Kirk também tinha uma escolha, ainda.

— Spock... tome conta... da minha nave.

Sentiu que tinha esperado demasiado, mas aquele terror deu-lhe a força da qual precisava. Arrancou a mão da de Spock, rompendo o contato, dispensando a força e a vontade de Spock e entregando-se sozinho à agonia, desespero e morte.

A ressonância física da força emocional jogou Spock para trás. Seu corpo chocou-se contra o corrimão e escorregou para o piso. Ficou imóvel, tentando recuperar as forças. O frio do convés foi sentido com seu rosto e mãos contra ele. Os ecos dos ferimentos de Jim Kirk lentamente se desfizeram. Spock abriu os olhos e percebeu só uma neblina cinzenta. Piscou e piscou mais uma vez; a membrana nictitante⁽⁴⁹⁾ passou pela íris e, por fim, pode ver. Spock levantou-se com dificuldade, fazendo força para esconder suas reações.

O corpo de Jim agora estava sobre a maça da equipe de trauma, ligado a fluídos e ao respirador, respirando, mas totalmente imóvel. Os olhos... arregalados, cobertos com uma camada cinza prata.

— Doutor McCoy...

— Agora não, Spock.

Spock sentiu-se tremendo. Cerrou os punhos.

McCoy e parte de sua equipe médica levaram todo o equipamento flutuante para o elevador, enquanto que dois dos paramédicos

ficaram para trás para levar Braithwaite para a enfermaria, nocauteado pelo tombo que levou.

O corpo do capitão estava vivo; agora, poderia ser mantido vivo indefinidamente.

Mas Spock sentira Jim Kirk morrer.

Mandala Flynn, apoiada contra a parede negra do turboelevador, estava com os olhos fechados e procurava fazer um levantamento dos danos causados pela bala em seu corpo. A bala passara diagonalmente da clavícula, à frente e à esquerda, através das costas e descendo, alojando-se nas costelas flutuantes como uma gota de chumbo derretido. Pelo que percebia, passara sem causar nenhum dano crítico. Mas a clavícula estava partida mais uma vez: uma sensação já conhecida.

Disse um palavrão. A bala entrara quase exatamente onde um estilhaço o atingira, quase dois anos antes. Agora, ia precisar de um mês de tratamento: o osso, recortado como um quebra-cabeças, nunca recuperaria toda sua força original.

A pressão sangüínea estava baixa; precisava fazer força para não entrar em estado de choque. Até agora, tivera sucesso, mesmo em conter a dor, a maior parte num segundo plano da consciência.

Sabia bem que não poderia ficar de pé por muito mais tempo. Perdera sangue demais, e o corpo humano tinha limites, que ela agora estava atingindo.

As portas do elevador deslizaram, dando para um corredor vazio.

Deveria haver guardas em todos os níveis! a fúria ergueu-se dentro dela, fúria e vergonha, porque não importava a gravidade do ferimento do capitão Kirk, a responsabilidade era só dela. Mesmo

que ninguém fosse ferido, o prisioneiro tinha escapado. Não havia desculpas: pensara que seu comando da força de segurança tinha sido competente, mesmo acima da média. Observara a moral levantar-se a partir do nada, mas aqui estava ela, exposta como um fracasso.

Encare a situação, Flynn, eles poderiam ter substituído seu predecessor com uma pedra, e a moral teria subido de qualquer modo. Isso não a torna uma boa líder. Deveriam rebaixá-la a cadete, que é o que você devia ser. Estavam certos todo o tempo.

Um lunático com uma pistola estava à solta na nave e não havia nenhum guarda nas amaldiçoadas portas dos elevadores!

Foi para o saguão. Os pés estavam amortecidos, dormentes, e os joelhos não se firmavam.

Será por causa do choque? Isto não é sintoma de choque. O que está acontecendo?

Deu uns poucos passos para a frente. A cabine do Dr. Mordreaux era virando o corredor. Vinham-lhe à mente frases feitas sobre trancar o curral depois de o cavalo fugir, junto com sua usual incerteza sobre como devia ser um cavalo... ou um curral... mas prestou atenção novamente. Se a sua gente não estava junto ao elevador, a cabine de Mordreaux era um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar a procurá-los. E a ele.

Será que fora um ataque planejado? Será que Braithwaite estava certo? Todos os agentes de segurança apanhados e eliminados, silenciosamente, um a um, numa tentativa de libertar Mordreaux? Em termos logísticos, não fazia sentido tomar de assalto uma nave estelar, ao invés da minúscula segurança de Aleph Primo. Aqui, uma força de ataque teria de passar sem ser percebida pelos sensores

da nave; a força precisaria abordar a *Enterprise*, passando por sistemas de alarme com diversos níveis de redundância, e tudo isto precisaria ser feito muito depressa e perfeitamente, para que nenhum deles disparasse um dos alarmes.

Mandala tropeçou e caiu de joelhos, mas sem sentir nada. As pernas estavam insensíveis, até os quadris. Olhou para baixo, sem entender coisa alguma. Não adiantava nada. Conseguiu levantar-se, ainda uma vez.

Um ataque não fazia sentido em termos humanos; em termos humanos, seria impossível. Mas também aprendera — em uma das suas primeiras lições de vida — que a consciência humana era minoria, e limitar-se a pensar em termos humanos era a maneira mais rápida de fazer papel de idiota.

Mas ela não vira ninguém por ali. Podia chamá-los pelo comunicador, mas estava com raiva demais para falar com qualquer um dos seus, senão cara a cara. E, para dizer a verdade, achava que não podia mais levantar a mão esquerda. Toda a força e sensação tinham desaparecido daquele braço.

Virou a esquina.

Ali, na frente da cabine de Mordreaux, vários agentes de segurança, atarantados.

— Mas que diabo está acontecendo? — ela disse, para que todos ouvissem. — Mordreaux está solto e vocês ficam aí como... como...

Bernardi al Auriga, erguendo-se para espiar pela janelinha da nova porta de segurança da cabine VIP, empertigou-se. Era mais alto que seu superior de cabeça e ombros. Viu o sangue nos dedos dela, espalhando-se pelo braço.

— Mandala... Comandante, o que...? Deixe-me ajudá-la...

— Responda minha pergunta! — Flynn nem conseguia sentir o calor do seu próprio sangue. A dor desaparecera.

— Mordreaux está aqui, comandante! — respondeu ai Auriga. Destrancou a cabine, para quê ela pudesse ver. Olhou lá dentro. Deitado em sua cama, braços cruzados, com aspecto de ter sido acordado, Mordreaux olhou para eles, tonto de sono.

— Alguma coisa errada? Porque essa agitação?

— Neon, — disse Mandala, — elevador, porta, guardas?

— Comandante, — Néon disse com sua voz metálica, — prisioneiro, cela, Neon, interseção, alarme.

— O quê...? — a confusão de Flynn não era por não entender o inglês de Neon. Ela dissera não só que Mordreaux estivera em sua cela, mas que ela é que estava de guarda quando o alarme soou.

— Prisioneiro, ponte, separação, — disse Neon.

Flynn sacudiu a cabeça, tentando afastar da mente uma crescente turvação. Um número indeterminado de possibilidades girava por sua consciência. Uma duplicata andróide. Clones⁽⁵⁰⁾. Clones! Que diabo, ele poderia até ter um irmão gêmeo.

— Barry, chame todos, mas todos, mesmo! Tire da cama os que estão dormindo, e revistem a nave. Duplique a guarda aqui, e coloque vigias na nave de ligação e portas estanques, e também no transportador. — Engasgou; sentia-se sem fôlego e tonta. — Mordreaux acaba de dar um tiro no capitão Kirk, na ponte... ou se não era Mordreaux era alguém fazendo uma imitação danada de boa. Avise que ele está armado.

— Sim, comandante.

— Mas onde está Jenniver? — perguntou Flynn. Esta deveria ter sido sua primeira pergunta: ela devia mesmo estar em estado de

choque. A visão turvou por um instante. Fechou os olhos, e ficou assim. — Jenniver devia estar de guarda; onde está agora? — Abriu os olhos de novo, mas a vista não tinha melhorado.

— Enfermaria — informou Neon.

— Não; estou bem, — Flynn retrucou, sabendo que não era verdade.

— Jenniver, enfermaria, doença, interseção, — Neon explicou, pacientemente. — Mandala, enfermaria, interseção, instante.

Flynn concordou. Neon falava com precisão, mesmo que a única parte de sua fala que correspondia entre sua língua e o inglês fosse o substantivo. Se Jenniver tivesse sido ferida numa tentativa de fuga, seria aquilo que Neon diria. Mas Jenniver caíra doente, e estava na enfermaria. Neon achava que Flynn devia ir logo para lá. E tinha toda a razão.

— Jiffy, — disse Neon.

Flynn cerrou os olhos outra vez. Estava perdendo o equilíbrio e tentou não cair. Estendeu o braço esquerdo, que se moveu muito fracamente; a mão não reagia. A dor perspassou por seus ombros e costas, e sumiu no entorpecimento que sentia no peito e barriga; cambaleou contra a parede com outra pontada, e foi escorregando para o chão.

Preciso das duas mãos, ela pensou, com dificuldade. É isso.

Sua mão direita também não se mexia.

Assustada, abriu os olhos e olhou para baixo, piscando, na tentativa de ver claro.

Gemeu.

Delicadas fibras prateadas, brilhando em meio àquela névoa cinza, enroscaram-se em seus dedos, como seda, prendendo-os ao

ombro. Em pânico, puxou a mão para longe. As fibras esticaram, arrebentaram, com um som musical, como as cordas de um instrumento. As pontas rompidas enrolaram-se na blusa, e os fibras soltas enrolaram-se na mão.

Neon aproximou-se, emitindo um ruído alto, de interrogação.

— Fique longe! — Flynn sentia as fibras crescendo e retorcendo dentro dela, entretecendo-se como uma teia, em torno de sua medula. Neon e Barry aproximaram-se, tentando ajudá-la. — Neon, Mandala, separação, separação! Barry, não deixe ninguém me tocar sem uma unidade de quarentena! — Seu maxilar e língua começaram a amortecer, à medida que as fibras deslizavam em direção ao cérebro. Esforçou-se para emitir mais algumas palavras. Os joelhos dobraram, caiu para a frente e para o lado, nem sentindo o impacto. Uma película de tentáculos em rápido crescimento cegou-a.

Agora sabia que tipo de arma fora usado por Mordreaux.

— Depressa, — ela disse, quase sem forças. — Barry... Diga a McCoy... teia de aranha... Capitão Kirk...

As fibras atingiram a consciência de Mandala e esmagaram-na.

Spock fez muita força para não ceder às reações de seu corpo ao que acabava de acontecer. Mesmo entendendo o conceito humano de "alma" ou "espírito", sua percepção daquilo que mantinha um ser vivo inteligente e auto-consciente era inteiramente vulcano, muito sutil e complexo para ser explicado em termos humanos ou em qualquer língua humana. Mas entrara em contato com aquele conceito, mais profunda e intimamente do que em qualquer outra ocasião em que sondara uma mente antes, e observara, ou melhor, sentira-o morrer, até o último lampejo. Se Jim não tivesse rompido a

conexão hipnótica, devolvendo a Spock sua vontade e toda a força que tentara canalizar para dentro de seu amigo, Spock também estaria agora em estado de coma e com um dano cerebral e sob os cuidados delicados mas, ao mesmo tempo brutais, das máquinas salva-vidas de McCoy.

— Senhor Spock, o que aconteceu? Por favor, deixe-me ajudá-lo. — Uhura veio em sua direção, sem tocá-lo, mas oferecendo a mão, meio estendida. Spock sabia que ela não o tocaria sem permissão. Pavel Chekov debruçou-se sobre o console, chorando convulsivamente, de choque e de alívio, pois, tal como os outros humanos presentes na ponte, ele também achava que o capitão Kirk sobreviveria.

As emoções que revolteavam ao redor de Spock eram tão fortes que sentia tudo mesmo sem ser tocado, e em sua condição enfraquecida, precisava afastar-se de todos. Não podia pensar com lógica neste estado, e era essencial que agora, alguém o fizesse. Havia muito o que fazer.

Grandes lágrimas escorriam lenta e regularmente pelo rosto de Uhura, mas ela parecia não notá-las; exteriormente, parecia até mais calma que Spock.

— Tenente... — Interrompeu-se. Sua voz parecia um grito. Recomeçou. — Preciso de sua ajuda. Chame a comandante Flynn e diga que dei ordem para que se dirija à enfermaria. Há razões para crer que foi ferida muito mais seriamente do que pensa. Ela deve ir imediatamente.

— Sim, senhor. — Quando os canais deram sinal de funcionamento, disse, — Mas, e o senhor, Sr. Spock?

— Não sofri nenhum mal físico. — Foi preciso reunir todos os fragmentos de força que lhe restavam para subir os degraus. Lá atrás, ouviu Uhura chamar Mandala Flynn.

— Tenente, ela está cá em baixo, — a voz de Berarnardi al Auriga estava muito perto da histeria. — Na cela de Mordreaux. Desmaiou, mas ordenou que não a tocássemos. Levou um tiro de teia. Maldição, ela acha que aconteceu o mesmo com o capitão Kirk!

Spock socou os controles do turboelevador. Quando as portas fecharam, todos os membros da tripulação olhavam para ele, chocados e horrorizados.

O elevador desceu, fechando a visão deles. Spock encostou-se na parede, lutando para controlar um corpo trêmulo. Uma teia de aranha: devia logo ter percebido, mas era tão peculiarmente humano em sua brutalidade, que nunca ia imaginar que alguém usaria este recurso.

Longe dos outros membros da tripulação, por fim conseguiu acalmar-se. Quando as portas do elevador se abriram de novo, saiu com a aparência de

quem não perdera a consciência um só momento.

Quando virou o corredor e aproximou-se da cabine de Mordreaux, viu Berarnardi al Auriga apertando os controles de um intercomunicador.

— Mas onde é que estão os técnicos médicos!

Agora, o setor médico já devia estar sabendo sobre a teia de aranha. A enfermaria devia estar em polvorosa.

Com as escamas refletindo a luz, Neon, estava agachada junto a Mandala Flynn, como se pudesse protegê-la, com sua ferocidade. Spock ajoelhou-se junto ao corpo desfalecido da chefe de

segurança. Viva, dera a impressão da mais completa competência e força física, mas isto era em virtude de sua habilidade e autoconfiança, não do porte físico. Era uma mulher esbelta e frágil; a vida se escoara dela, revelando a delicadeza de sua ossatura e a transparência da pele, ligeiramente bronzeada. Tinha mesmo um aspecto muito frágil.

— Não... — disse ai Auriga, quando Spock aproximava-se dela. — Disse que não devíamos tocá-la.

— A comandante Flynn não é meu superior. — Estendeu a mão na direção dela, mas hesitou. Ainda tinha nas mãos o sangue de Kirk. Spock passou as pontas dos dedos nas têmporas de Flynn. A ferida no ombro dela ainda sangrava um pouco; as células do corpo ainda mantinham um simulacro de vida. Mas não tinha mais pulso, e não percebia a mais fraca resposta de seu cérebro.

Os olhos dela, que tinham sido de um verde brilhante, tornaram-se cinza sedoso. Spock vira a mesma película ficando espessa sobre os olhos de Jim Kirk, quando o carregavam para fora da ponte.

— O perigo já passou, — disse. Ergueu os olhos, para o oficial da segurança. — A teia parou de crescer. A comandante Flynn está morta.

Berarnardi al Auriga deu as costas; Neon rosnou baixo, gutural. Spock considerou se teria de defender a vida de Mordreaux.

Neon voltou a ficar de cócoras. — Vingança, — murmurou, esperançosa, e depois, com voz mais forte, — Dever, fidelidade, juramento, dever.

Spock pôs-se de pé. — Onde foi que vocês capturaram o Dr. Mordreaux? — perguntou ao imediato de Flynn.

— Não capturamos, — respondeu ai Auriga, aborrecido. Lenta e relutantemente defrontou-se com o Sr. Spock de novo. — Esteve aqui todo o tempo. Ficou sempre trancado. Mandala... a comandante Flynn ordenou-me que revistasse toda a nave. Procurando um duble.

Spock ergueu uma sobrancelha. — Um duble. — Antes de considerar isto, precisava considerar se não houve uma falha na segurança. — Quem estava de guarda?

— Neon. Era o turno de Jennifer Aristeides, mas ela está na enfermaria. Lamento, Sr. Spock, mas ainda não sei o que aconteceu. Acabo de saber que ela estava doente, e achei mais importante iniciar a revista.

— Isso mesmo. Quais foram as outras ordens que deu?

Berarnardi al Auriga respirou bem fundo. — A guarda foi dobrada. O que eu quero é o que a comandante Flynn queria todo o tempo: remover o prisioneiro para uma cela da segurança. As ordens para conservá-lo aqui ainda estão de pé? O capitão está em condições de dar ordens?

— Não, Tenente, não está. Mas são as minhas ordens, e ainda valem.

— Mas, depois de tudo o que aconteceu... — A voz de ai Auriga estava explodindo de ressentimento.

— O capitão entendeu o meu raciocínio, — disse Spock, sabendo muito bem que em algum lugar, seu raciocínio mostrara-se falho.

— Isso é insensato, Sr. Spock. Ele já escapou antes. Mesmo com a guarda dobrada, talvez possa fazê-lo de novo. Poderia retomar sua arma do lugar onde a escondeu. A descrição foi de uma automática

de doze tiros, de modo que ele tem mais dez daquelas malditas balas... em algum lugar.

— As ordens ainda valem, Sr. ai Auriga.

Ouviu passos, e olhou por sobre o ombro antes de o som chegar na faixa de audição humana. Um técnico médico vinha correndo pela esquina. Parecia atormentado e desorientado. A túnica estava suja de sangue.

Abriu atabalhoadamente a maleta de primeiros socorros antes mesmo de parar ao lado do corpo de Mandala Flynn. Ajoelhando-se, tomou o seu pulso e levantou a cabeça, aparvalhado.

— Mas, pelos deuses, não fiquem aí parados! — Sacou um estimulante cardíaco da sacola, para tentar uma ressuscitação.

Spock puxou-o suave, mas insistentemente para longe de Flynn.

— Não há necessidade disso. Não há motivo. Ela está morta.

— Senhor Spock!...

— Veja os olhos dela.

O técnico olhou para baixo. Era ai Auriga quem se assustava.

— É assim... — O técnico olhou para o Sr. Spock. — Era assim que estavam os olhos do capitão. O Dr. McCoy está operando agora.

Spock deu as costas para o técnico. Não queria nem pensar em Jim sendo mutilado ainda mais, numa tentativa inútil de salvar sua vida.

Um barulho de murros sobressaltou a todos.

— Deixem-me sair, estão ouvindo? — Era o Dr. Mordreaux gritando, batendo na porta. — Eu não fiz nada! De que estão me acusando, desta vez? Estou dizendo que estive sempre aqui, desde que me trouxeram para esta maldita nave!

Bernardi al Auriga virou-se devagar para a porta fechada, o corpo tenso de raiva. Spock esperou para ver o que o oficial de segurança

iria fazer; esperou para ver se o homem de olhos vermelhos podia se controlar o suficiente para tomar o lugar de Mandala Flynn., Berarnardi subitamente estremeceu, as mãos fechando-se, e depois, aos poucos, relaxou. Voltou-se para o técnico médico, que estava ao lado do corpo de Flynn, sem poder fazer nada.

— Tem um sedativo para aplicar nele?

— Não! — interveio Spock, na mesma hora.

Os dois outros olharam para ele. Neon, ignorando a todos, puxou a maça de dentro do "kit" de primeiros socorros, e começou a desdobrá-la.

— Senhor Spock, — foi dizendo ai Auriga, — Não posso interrogá-lo, se está histérico.

— O Dr. Mordreaux tem estado sob a influência de drogas demais, administradas por razões nem sempre suficientes, desde antes desta viagem começar, — foi a resposta de Spock. — A menos que lhe seja permitido recobrar-se da influência delas, nunca ouviremos dele uma história coerente. A comandante Flynn ordenou uma revista da nave, não foi?

— Sim, — confirmou ai Auriga.

— Nesse caso, talvez fosse o que você devesse fazer.

— Já comecei, — disse o oficial de segurança. Depois, praguejou consigo mesmo. — E ainda precisamos achar a maldita da arma.

— Já revistaram, é claro, o Dr. Mordreaux?

Berarnardi al Auriga congelou. — Meus deuses, acho que ninguém fez isso. Neon...?

— Prisioneiro, seguranças, separação. — Ela abriu a maca sanfonada em sua forma final prateada, lisa, e empurrou-a para baixo, até quase tocar o convés. — Corredor, cabine, separação.

— Nenhum de nós esteve perto dele. A comandante Flynn estava para revistá-lo, acho, mas...

— Pois é o que temos a fazer, agora, — disse Spock. — Destranquem a porta e fiquem longe dele.

Enquanto ai Auriga destrancava a porta, Neon colocou Mandala Flynn na maçã, fazendo com que flutuasse até a altura da cintura. Aproximou-a do técnico médico, que segurou a empunhadura da maçã e ficou olhando para ela, inerte.

— Leve-a até a unidade de estase, depois de consultarem o seu testamento, — disse Spock. — Neon: Neon, porta, deslocada.

O técnico médico saiu do caminho. Neon inclinou a cabeça, dizendo que sim, e foi para um lado da porta, pronta para pular para dentro e ajudar, caso necessário.

— Doutor Mordreaux, — disse Spock, alto o bastante para que o professor ouvisse, — por favor, acalme-se. Vou entrar para conversar.

Os murros na porta pararam. — Senhor Spock? É o senhor? Graças aos deuses, uma pessoa racional ao invés desses idiotas militares burocratas!

Spock empurrou a porta. Estava preparado para reagir com toda sua força e velocidade, a qualquer instante, para ficar prevenido contra qualquer bala de teia de aranha. Mas o Dr. Mordreaux deixou-se estar imóvel no centro da cabine, braços abertos, rigidamente. Quando viu Spock, seus olhos arregalaram-se um pouco, mas não se moveu. — Senhor Spock, o que aconteceu?

Spock baixou o olhar para a camisa e as mãos sujas de sangue, mas não respondeu. — Preciso revistá-lo, Dr. Mordreaux.

— Vá em frente, — Mordreaux falou, com resignação, e não sem alguma ironia — Estou ficando bom em seguir o protocolo.

Spock revistou-o rapidamente. — Ele está desarmado. Berarnardi al Auriga sondou a cabine com seu tricorder.

— Senhor Spock, o que supõem que eu tenha feito?

— O capitão Kirk acabou de levar um tiro, Dr. Mordreaux.

— O que? E suspeitam de mim?

— Houve várias testemunhas.

— Estão mentindo. Mentem, como todos mentiram a meu respeito. Não feri ninguém. Não fiz nada. Só ajudei meus amigos a realizar seus sonhos.

Por mais extraordinária que fosse a verdade, se Spock a retirasse agora, o professor nunca mais teria motivos para confiar nele outra vez.

— Senhor... eu sou uma das testemunhas do seu ataque. — Estendeu as mãos, sujas de sangue.

Mordreaux encarou-o, abismado. — Você! Senhor Spock, como pode acreditar que eu tenha sido capaz de uma coisa dessas?

— Não há nenhuma arma aqui, disse ai Auriga, desligando o tricorder. — Ele deve ter-se livrado dela. Preciso ajudar na busca, Sr. Spock. Acho melhor que o senhor não fique aí, até que eu possa destacar outro guarda.

— Não precisa ficar preocupado com minha segurança.

— Senhor Spock...

— Se necessário, tornarei isto uma ordem, Sr. ai Auriga.

O oficial de segurança fitou-o por um momento, depois, deu de ombros. — Como quiser. — Deixou Spock a sós com o Dr. Mordreaux.

— Realmente, acho difícil acreditar que foi o senhor que matou meu capitão, — alegou Spock. — Entretanto, vi com meus próprios olhos.

— Mas não era eu. Deve ter sido... um impostor. Alguém tentando me incriminar.

— Doutor Mordreaux, de que adiantaria que alguém tentasse agora forjar evidências contra o senhor? O senhor já está sentenciado para uma colônia de reabilitação. Não há pena mais severa.

— Só a morte, — disse Mordreaux, e começou a rir, nervosamente.

— Não resta mais nada, senão a morte, e foi o que planejaram para mim! — Do riso histérico, derreteu-se em lágrimas, e caiu, chorando ainda, no catre.

— Doutor Mordreaux! — Spock agarrou-o pela camisa e forçou-o a levantar-se. A outra mão de Spock estava formando um punho.

Mordreaux ainda soluçava. — Não posso fazer nada, lamento muito. Spock abriu o punho, chocado com sua própria reação. Estivera a um fio de cabelo de agredir o professor.

— Doutor Mordreaux, não posso ficar aqui mais tempo, por hora. Por favor, tente acalmar-se.

— Não sou eu, são as drogas; por favor não me dêem mais drogas.

— Não, — respondeu Spock. — Não haverá mais drogas. — Olhou bem para o homem que respeitara por tanto tempo, agora tremendo, e descontrolado. — Voltarei quando puder.

Deixou Mordreaux para trás, na cabine, e trancou bem a porta atrás de si. Neon reativou os campos de força.

QUATRO.

Leonard H. McCoy, Médico

A placa com seu nome na escrivaninha fora jogada longe; Leonard McCoy olhava para ela sem ver, assim como ela parecia também fitá-lo, caçoando das letras de seu título. O latão e o plástico representavam mesmo o quanto valia sua competência. Derramou mais uísque no copo vazio: bom e velho *bourbon* de Kentucky, nada dessa coisa alienígena e bizarra que todos a bordo descobriam, só Deus sabia onde, bebiam e depois comparavam entre si as histórias de pileque. Surpreendente ver quantas espécies supostamente inteligentes escolhiam o mais completo veneno, etanol como sua droga favorita para recreação; surpreendente quantos sistemas biológicos diferentes reagiam a ele da mesma maneira. Vira até mesmo Spock bêbado, certa feita, mesmo que o vulcano se recusasse a falar sobre aquela ocasião. Não importa. Spock não era mais divertido bêbado do que sóbrio.

O copo estava vazio, de novo. Podia jurar, tinha acabado de enchê-lo. Não importava. Encheu-o de novo. As coisas que as pessoas bebiam, mesmo aquele *brandy* esquisito, favorito de Jim...

Emitiu um pequeno ruído de dor e lamento, no fundo da garganta. O *bourbon* deveria fazê-lo esquecer, não forçá-lo a lembrar. Mas agora lembrava-se do sucedido, o que vira, ouvira e sentira, a memória do brilho sedoso e cinza sobre os olhos abertos de Jim...

Estava escutando os ruídos e notas suaves do sistema de sustentação da vida, na unidade de quarentena de tratamento

intensivo, junto ao escritório. De má vontade, levantou-se, com o passo incerto, e foi ver as telas dos sistemas.

O crescimento da teia mecânica se detivera; as fibras moleculares não mais se estendiam mais e mais pelo cérebro de Jim. McCoy tinha reparado a artéria cortada, e o pulmão perfurado; até mesmo induzira regeneração no corte da cirurgia, para não ficar uma cicatriz.

Mas os instrumentos davam informações completamente enganosas. Mostravam respiração forte, mas era o respirador que forçava a passagem de ar pelos pulmões de Jim; aquele corpo não fazia nenhum movimento por si só. A pulsação dele continuava regular, mas a ausência de qualquer sinal na tela paralela mostrava que o coração se contraía pela própria natureza daquele músculo, não em resposta a qualquer impulso nervoso. Os nervos estavam destruídos. Mesmo o plexo sino-atrial e o plexo átrio-ventricular foram infiltrados e esmagados.

A química do sangue parecia normal: era de uma normalidade induzida, as indicações completamente normais, nunca mudando. O pH e os eletrólitos, teor de açúcar no sangue e hemoproteínas, todos estabilizados por um equipamento extraordinariamente sensível. Num ser humano normal, saudável, respirando, as indicações estariam sempre variando, reagindo a tudo, desde os diversos ritmos respiratórios e fome, estado de espírito, estado de atenção, divagações.

McCoy tentava manter os olhos afastados do EEG⁽⁵¹⁾. Enquanto não olhasse naquela direção, podia enganar a si mesmo. O copo ainda na mão, pela metade. Esvaziou-o e sentiu o fluxo de esperança, a súbita certeza de que, se olhasse desta vez, encontraria alguma

prova de que o cérebro de Jim havia sobrevivido, e que viveria para se recuperar.

Olhou para a última tela e a mais importante.

Todas as linhas das ondas cerebrais estavam retas, mortas, como se dizia na Faculdade de Medicina, com o cinismo de auto-proteção daqueles ainda não acostumados com a morte. Alfa, beta, delta, teta, e todas as ondas menores, até ômega; todos os padrões que poderiam indicar vida mostravam que Jim Kirk estava morto.

A teia ficara completa e não mais se formava por si mesma. Nada que McCoy ou alguém mais pudesse fazer teria impedido seu crescimento. Ela era feita para isso. A teia de aranha era proibida em todos os mundos da Federação. Nenhum governo, por mais beligerante que fosse, fabricava aquilo. À parte a repugnância com que todos a consideravam, uma tal arma poderia ser tão perigosa para os que a levavam consigo quanto para as vítimas visadas.

Mas qualquer imbecil sem instrução podia fabricar a coisa num laboratório de porão. Apareceu durante uma das raras fases de terrorismo que eclodiram, mesmo dentro da Federação. A teia de aranha não era nada, senão uma arma de terrorista: matava com certeza, e de uma morte lenta e feia.

Será que existe morte bonita? Era o que McCoy ponderava. A morte por phaser é menos certa? Morte é morte, quer você se transforme num lampejo e deixe de existir, ou se dissolva lentamente na entropia⁽³³⁾ universal, a despeito de todos os recursos da medicina moderna.

As fibras ramificavam exponencialmente ao longo de axônios e dendritos, subindo pela medula espinhal e para dentro do cérebro. As moléculas organo-metálicas neurofílicas concentravam-se no

cérebro, e tinham tal afinidade com o nervo óptico, que enquanto invadiam e destruíam a retina, continuavam crescendo em torno do olho, por sobre o branco e a íris, travando as pálpebras abertas.

Jim Kirk olhava para cima, os olhos mortos, cinza de seda.

McCoy foi para o escritório e serviu-se de mais um drinque. Lágrimas desciam quentes pelas faces; mergulhou na sua poltrona, ficou sentado, agarrado ao copo, como se sua frieza lhe desse algum conforto acima da dor cega e lancinante.

— Doutor McCoy...

McCoy saltou de pé, assustado com o aparecimento silencioso de Spock, na porta do escritório. O *bourbon* escorreu fora do copo, sobre a sua mão, esfriando-a com a evaporação do álcool. Desafiadoramente, engoliu de uma só vez o conteúdo do copo e pousou-o com força.

— Tá querendo alguma coisa, Spock?

Spock observou-o, impassível. — Creio que o senhor percebe para que eu vim.

— Não, não sei; vai precisar me contar.

Spock saiu do escritório e ficou de pé, braços cruzados, perante a unidade de quarentena. Depois de alguns instantes o doutor levantou-se, de má vontade, e seguiu-o.

— Doutor McCoy, o capitão está morto.

— Não é isso o que minhas máquinas dizem, — disse McCoy, sarcástico e teve um repentino lampejo de memória, de Jim Kirk rindo e perguntando: Magro, desde quando você depositou alguma confiança em máquinas?

— Isso é precisamente o que as suas máquinas dizem.

Os ombros de McCoy caíram. — Spock, a vida é mais do que alguns sinais elétricos. Talvez, de alguma maneira...

— O cérebro dele está morto, Dr. McCoy.

McCoy enrijeceu o corpo, sem querer concordar com o que Spock estava dizendo, por mais que soubesse que era a verdade. De certo modo, a consciência imersa numa neblina alcoólica insistia que enquanto acreditasse que Jim poderia se recuperar, a possibilidade era como se fosse real.

— Eu estive na mente dele até o momento imediatamente anterior à sua morte. Doutor, eu senti a morte dele. Sabe como a teia funciona? Suas fibras se enrolam ao longo das fibras nervosas. Quando se apertam, cortam as conexões entre as células cerebrais. Cortam as próprias células.

— Eu estudei medicina militar, Spock. Mais que você. Até mesmo mais que você.

— O cérebro do capitão foi esmagado. Não há esperança de recuperá-lo.

— Spock...

— Esse corpo que restou é uma casca vazia. Não tem mais vida que um clone acéfalo, esperando que seu proprietário venha retirar os órgãos de que precisar.

McCoy deu uns passos nervosos, a esmo, dando um soco no ar.

— Maldição, Spock! Maldição, maldição...

Spock segurou com facilidade a mão do outro. McCoy continuou tentando esmurrá-lo, falhando, contra a força do oficial de ciências, que o segurava.

— Doutor McCoy, o senhor sabe que estou certo. McCoy relaxou, dando-se por vencido.

— Você não pode sustentá-lo por mais tempo. O senhor fez o melhor para salvá-lo, mas a partir do momento em que foi ferido, não podia mais ser salvo. Este fracasso não é motivo de vergonha para o senhor, a menos que fique prolongando essa vida falsificada. Deixe-o descansar, doutor, eu lhe peço. Deixe-o descansar.

O vulcano falava com uma intensidade penetrante. McCoy levantou o olhar para ele, e Spock afastou-se depressa, esforçando-se para esconder os poderosos sentimentos de dor e desespero que chegaram perigosamente perto de vencê-lo.

— Sim, Sr. Spock; o senhor tem toda a razão.

Abriu a porta do quarto de quarentena. O ar passou à sua volta, para a sala de pressão negativa, e entrou. Spock seguiu-o. McCoy examinou o EEG uma última vez, mas sabia que não devia esperar alteração alguma. O sinal continuava reto e indiferente; todos os traços davam a mesma triste nota.

McCoy afastou uma mecha de cabelo da testa de Jim. Mal podia tolerar olhar mais tempo para a fisionomia do seu amigo, por causa daqueles olhos.

Com toda a precisão, com um firme propósito, pôs-se a trabalhar. Depois de se resolver, as mãos movimentavam-se com segurança, sem serem afetadas por tudo o que tinha bebido. Removeu as agulhas do braço de Jim. Os sinais químicos começaram a mudar de nota imediatamente. Os tons do oxigênio caíram, os de dióxido de carbono subiram; nada mais filtrava os produtos da atividade metabólica. O sinal deteriorou de harmonia perfeita para tons menores, depois para uma cacofonia total. McCoy removeu as ligações que reativavam o coração de Jim quando, inevitavelmente,

falhava. Finalmente, os dentes bem cerrados, McCoy desligou o respirador.

O coração de Jim Kirk continuou batendo porque o coração continua batendo mesmo quando é cortado fora do peito; o músculo se contrai ritmicamente até que todas as células saiam de sincronismo, o órgão passa a fibrilar e as células morrem, uma a uma.

Mas o reflexo da respiração exige um impulso nervoso. Quando McCoy desligou o respirador, o corpo de Jim não tentou dar nem mais um suspiro. Depois da última e involuntária exalação, não houve o menor esforço, e isso, muito mais que a evidência das máquinas, mais do que a persuasão de Spock, ou sua certeza intelectual, por fim convenceram McCoy que qualquer centelha ou sussurro de seu amigo estava morto.

Todos os sinais vitais se estabilizaram em zero, e os tons musicais silenciaram.

O doutor puxou o lençol sobre o rosto de Jim, sobre os olhos cinza, mortos.

McCoy desabou. Os soluços o assolaram e ele cambaleou, de repente consciente do quanto havia bebido. Quase caiu, mas Spock apanhou-o, sustentando-o com a coisa mais próxima de um abraço que o vulcano podia suportar.

— Meu Deus, Spock, como uma coisa dessas pôde acontecer? McCoy submergiu, agradecido, na escuridão.

Spock apanhou McCoy enquanto caía, e ergueu-o facilmente. O sentimento de perda e dor atacavam Spock com tanta força que ele mesmo não negaria sua existência; tudo o que podia fazer era impedir sua manifestação exterior. Isso não reduzia sua vergonha interior. O rosto carregado, levou McCoy a um dos cubículos e

acomodou-o num catre. Tirou-lhe as botas e soltou a camisa de seu uniforme, manchado de suor, cobriu-o com um lençol e atenuou as luzes. Depois, lembrando-se da única, humilhante e involuntária vez em que ele mesmo se embriagou, Spock decidiu ficar até ter certeza que o médico não tinha ingerido etanol suficiente para por sua própria vida em perigo. Sentou-se numa cadeira perto da cama e apoiou a cabeça na mão.

Spock não percebera, tanto quanto McCoy, que tinham sido observados. Do outro lado da unidade de quarentena, num cubículo meio coberto por uma cortina, Ian Braithwaite observava tudo. Estava sob fortes sedativos; tinha uma fratura do crânio na linha do cabelo e uma severa concussão, da queda que sofrera na ponte; a cabeça doía fortemente e a visão era dupla, e quádrupla.

De início, não entendeu o que estava acontecendo, e depois pensou que era alucinação ou sonho. Depois percebeu, incrédulo, que era a realidade mesmo o que estava observando, tentou fazer força para se levantar, mas os sensores jogaram mais sedativo para dentro de seu corpo. Enquanto as telas do sistema de sustentação da vida do capitão Kirk se apagavam, uma a uma, Ian sentia a perda de consciência. Tentou gritar, tentou parar Spock e McCoy, mas não podia mover-se. Só podia observar, inerte, enquanto o Sr. Spock e o Dr. McCoy discutiam e esperavam que Jim Kirk morresse.

Ian recaiu na inconsciência, acreditando que nunca mais acordaria, mas sabendo muito bem o que vira.

Spock despertou abruptamente. Quase caíra no sono. Se dormisse agora, seria difícil acordá-lo por vários dias. O quanto poderia adiar aquela crescente necessidade, era incerto, mas não tinha escolha.

Havia muitos deveres à frente para que pudesse se permitir um repouso.

Mas afinal, porque se impedira de dormir? Olhou para McCoy, mas este dormia profundamente, sem problema nenhum.

Na penumbra da enfermaria, a luz da unidade de quarentena estava parcialmente obstruída; foi a sombra que se projetava sobre ele que o acordara.

Jenniver Aristeides, a oficial de segurança que caíra doente na cabine do Dr. Mordreaux, estava olhando pelo vidro, para as máquinas quietas, os sensores silenciosos e o corpo coberto do capitão. Um reflexo brilhou, enquanto duas lágrimas caíram de seus olhos de prata, sobre as faces cinza prateado, e os dedos se agarraram às bordas do vidro.

Christine Chapel correu pela sala.

— Alferes Aristeides, você não devia estar de pé.

— O capitão está morto, — ela respondeu, em voz baixa.

Chapel hesitou. — Eu sei, eu sei. Por favor, volte para a cama; você esteve passando terrivelmente mal.

— Não posso ficar. Precisam de mim.

Chapel ficou na frente de Aristeides, impedindo sua passagem para o corredor. Aristeides esperou pacientemente, as mãos imensas soltas ao lado do corpo, sem querer agredir ninguém. O contraste entre as duas mulheres era tão notável que um observador que não conhecesse nenhuma das duas teria dificuldade em acreditar que pertenciam à mesma espécie. A enfermeira Chapel era uma mulher alta, forte, elegante, mas perto da solidez de granito de Aristeides, parecia tão delicada quanto os "moradores do vento", seres que

viviam sobre os desertos de Vulcano, frágeis demais sequer para tocar o chão.

Spock ergueu-se e aproximou-se silenciosamente de Aristeides. Ela era o único humano a bordo da *Enterprise* que poderia enfrentar Spock. Ele e Chapel juntos não conseguiriam impedir aquela oficial de segurança, se ela quisesse passar entre os dois.

— Alferes, — disse ele, — enquanto você estiver aqui, precisa obedecer às ordens do pessoal médico.

— Já me recuperei. Tenho os meus deveres.

— O Dr. McCoy deu-lhe licença de pelo menos uma semana, — disse Chapel. Ela olhou além de Aristeides, para Spock, com alívio e gratidão ao menos pelo apoio moral; devia saber, tanto quanto ele, que Aristeides poderia fazer o que bem entendesse. Spock pensou em usar o "toque de vulcano" nos nervos nela, se sua mão pudesse abraçar o maciço músculo trapezoidal, só se o nervo estivesse perto o bastante da superfície para ser acessível.

— Eu devia ter dito honra, — disse Aristeides. — Tenho uma certa honra a cumprir.

— Sua honra não está em questão, — disse Spock. Aristeides não respondeu.

— O que a deixou mal? — Spock perguntou a Chapel. — Está em risco de recaída?

Chapel piscou e passou a mão pelos olhos, procurando na memória, tentando se lembrar de horas que pareceram dias.

— Botulismo hipermórfico.

— Muito inusitado. — Spock, como Kirk, presumiram que os dois colegas de Braithwaite caíram infectados a partir de uma mesma fonte, em Aleph Primo, mas como Aristeides poderia também ter

contraído a doença? Nem Aleph Primo nem a *Enterprise* tiveram uma epidemia de envenenamento alimentar. Ao contrário, o único ponto em comum entre as vítimas era alguma relação com o Dr. Mordreaux.

— Já me recuperei, — insistiu Aristeides. — Não posso ficar aqui. Pelo menos, deixem-me ir de volta para meus aposentos.

Spock ergueu uma sobrancelha para Chapel. — Haveria alguma objeção médica a isso?

— Não me parece uma boa idéia.

— Por favor, estou implorando — sussurrou Aristeides.

Um olhar de piedade abrandou a expressão de Chapel. Ia tocar a fita de metal e plástico no pulso esquerdo de Jenniver, mas a oficial de segurança encolheu-se — como se tivesse medo que Chapel batesse nela? Isso não fazia sentido. Talvez simplesmente não gostasse de ser tocada.

— Jenniver, — disse Chapel, — promete não tirar o seu sensor? Assim, se se sentir mal, iremos ajudá-la.

— Se eu precisar de ajuda, o sensor vai dar o sinal.

Isso não era uma pergunta, pensou Spock. Era uma simples afirmação: não implicou em promessa alguma.

— Sim, vai. Acho que está bem, se ficar em seu quarto, — disse Chapel. — Precisa descansar mais do que tudo, agora.

Jenniver Aristeides inclinou a cabeça, agradecida, e Christine Chapel ficou de lado, para que a outra pudesse passar. A oficial de segurança foi lentamente pelo corredor e virou uma esquina, desaparecendo.

Chapel ficou olhando, voltou alguns passos para dentro da enfermaria e parou. — Espero que tenha sido a coisa certa a fazer.

Spock queria dar uma olhada no Dr. McCoy de novo, mas enquanto se voltou, Chapel estendeu a mão e tocou sua manga com os dedos. Spock encarou-a de novo, esperando alguma explosão emocional que se recusaria a entender.

— Senhor Spock, disse ela, calmamente, — alguém precisa contar à tripulação o que aconteceu. Não é justo que eles descubram através de mexericos, ou do jeito que Jenniver descobriu. O senhor está no comando agora. Se não puder... se preferir não fazê-lo, deveria pedir a alguém que o fizesse.

Spock hesitou um momento, depois concordou. — Tem razão. — Era difícil para ele admitir que se enganara ou, pelo menos, negligenciara seu primeiro dever para com a tripulação; estaria no direito de repreender Chapel por tratá-lo de maneira impertinente. Mas ela tinha razão. — Sim, tem razão. Não vou me atrasar mais.

Ela fez um gesto rápido de cabeça, sem alegria nenhuma, e deixou-o só, desaparecendo na penumbra das salas de máquinas, remédios e conhecimento que, agora serviam de bem pouco.

Atrás de Spock, McCoy gemeu. Voltou ao cubículo, pois se o etanol tinha deixado o doutor doente, poderia ajudar. Spock fez sinal para a luz ficar um pouquinho mais intensa.

McCoy logo pôs o braço sobre os olhos. — Apague, — resmungou, as palavras tão pastosas que Spock mal o entendia.

O nível de luz não fazia diferença para Spock; ele conseguia enxergar com um nível de luz que pareceria total escuridão, para um ser humano. Atendeu ao pedido de McCoy.

— Doutor, pode me ouvir?

A resposta de McCoy foi totalmente incompreensível.

— Doutor McCoy, preciso voltar aos meus deveres.

Tive um sonho, — disse McCoy, agora pronunciando as palavras com toda a clareza.

Spock endireitou-se. Via que o doutor podia ser deixado sozinho. McCoy levantou-se de repente, na escuridão.

— Spock, eu sonhei com o tempo.

— Durma de novo, doutor. Estará bem, pela manhã.

McCoy deu uma risada cínica. — É o que acha, não? — Esfregou o rosto com as mãos. As rugas tinham se aprofundado desde o dia anterior, e os olhos estavam injetados e inchados. Olhou para Spock como se o vulcano estivesse sob um holofote.

— Sei o que devemos fazer.

— Sim, — respondeu Spock. — Preciso contar ao resto da tripulação o que aconteceu.

— Não!

— Precisa ser feito, doutor.

— Tempo, Spock: tempo. Já fizemos isso antes — podemos fazer de novo, agora.

Spock nem respondeu. Sabia o que McCoy queria sugerir. Ele mesmo pensara naquela possibilidade e a rejeitara como inviável. Era antiético e amoral; e, se certas hipóteses estivessem certas, em última análise, tão destrutivo a ponto de ser impossível.

— Precisamos preparar os motores para nos jogar de volta no tempo. Podemos voltar! Podemos voltar para salvar a vida de Jim!

— Não, Dr. McCoy; não podemos.

— Pelo amor de Deus, Spock! Sabe que é possível!

Spock ficou a pensar que lógica poderia penetrar aquele estado altamente emotivo de McCoy. Talvez nenhuma, mas precisaria tentar.

— Sim. Seria possível voltar no tempo. Poderia mesmo ser possível impedir o que aconteceu. Mas a tensão gerada por nossas ações distorceria o próprio espaço-tempo.

McCoy balançava a cabeça, como se jogando longe as palavras de Spock sem sequer fazer um esforço para entendê-las.

— Poderíamos salvar a vida de Jim.

— Teríamos causado um dano maior do que aquele que iríamos reparar.

— Já fizemos isso antes! Fizemos para ajudar outras pessoas — por que não podemos fazer para ajudar um amigo?

— Doutor McCoy... das outras vezes fomos forçados a interferir com o fluxo dos eventos... e nem sempre foi para ajudar outras pessoas, e só fizemos aquilo para devolver o continuum à sua linha de máxima probabilidade. Não para desviá-la.

—E daí?

— O que fizemos foi para impedir que o futuro fosse mudado. Desta vez, se mudarmos o passado, mudaremos o futuro também.

— Mas aquele foi o futuro que já tinha acontecido. Estávamos vivendo nele. Para nós, o futuro ainda não aconteceu.

— Isso é o que as pessoas cujas vidas afetamos no passado teriam nos dito.

— Você está dizendo que o futuro está irrevogavelmente fixado — que nada que fizermos vai fazer qualquer diferença, porque simplesmente não pode fazer diferença.

— Não é isso o que estou dizendo. Estou dizendo que há trajetórias de máxima probabilidade que não podem ser interrompidas e recomeçadas à vontade. Fazer isso causaria uma descontinuidade — uma espécie de singularidade, se assim o quiser, nada diferente,

quanto ao efeito e potencial destrutivo, da singularidade em torno da qual orbitávamos há alguns dias. Poderia nos arrastar para nossa destruição. É isso o que o senhor quer para o futuro?

— Neste momento pouco me importa o futuro! Estamos vivendo no presente. Qual a diferença, se algo que fizemos agora vai mudá-lo, ou algo que fizemos algumas horas atrás? — McCoy interrompeu-se, desconcertado, tentando por alguma ordem nos tempos verbais.

— Mas faz uma diferença. Isso fica implícito em todas as teorias apresentadas sobre o tempo, desde as extrapolações vulcanas de há mil anos, até as extensões da relatividade geral do século XXI da Terra, e incluindo o último trabalho publicado pelo Dr. Mordreaux.

McCoy ficou olhando. — Mordreaux! Está citando o trabalho dele, para provar que não podemos desfazer o crime que ele cometeu!

— De fato, é verdade.

— McCoy levantou-se de sobressalto. — Pro diabo com você! Você não é o único nesta nave que sabe do efeito de chicote no tempo. Vou procurar Scott, e...

Spock interrompeu-o com uma das mãos em seu ombro, e McCoy sentiu um gelo na espinha, enquanto Spock apertava um pouco o nervo na junção entre o pescoço e o ombro.

— Não quero deixá-lo inconsciente, Dr. McCoy. No seu estado, correria perigo. Mas é o que vou fazer, se me sentir forçado.

— Não pode me manter inconsciente ou trancado para sempre...

— Não; não posso.

— Então, como acha que vai deter-me?

— Vou confiná-lo a seus aposentos por esta noite, se necessário. Não sei como sublinhar o perigo que o senhor está considerando realizar.

— E depois desta noite?

— Espero que, pela manhã, o senhor esteja mais receptivo ao que é razoável.

— Não conte com isso.

— Doutor McCoy, eu lhe proíbo de seguir esse curso de ação. McCoy deu meia-volta e dirigiu-se a Spock, furioso:

— Pensa que pode me dar ordens, agora? Só porque é o capitão? Você nunca será o capitão desta nave! — A voz dele, apesar de gritada, ainda estava pastosa, por causa do uísque, e só a raiva o impedia de desmaiar.

Spock deu um passo atrás, mas logo recuperou a compostura.

— Doutor McCoy, estou-lhe pedindo que me dê sua palavra de oficial da Frota Estelar que esta noite não vai fazer o que ameaçou.

— Spock deixou sua própria ameaça sem falar.

McCoy olhou-o de novo, depois relaxou e deu de ombros. — Claro. Não vou fazer nada esta noite. Dou-lhe minha palavra. Que me importa? — Riu, num som esganiçado, como aço retorcido. — Tenho todo o tempo do mundo! — Voltou-se para a enfermaria, — O que houve com a minha garrafa?

A tenente Uhura estava sentada em seu posto na ponte, pronta para gritar a qualquer momento.

Tenente Uhura! Dizia consigo mesma. Lembre-se que você é uma tenente, fique lembrando disso todo o tempo.

Sabia perfeitamente bem que não deveria gritar nem atirar nada em Pavel Chekov, por mais que o desejasse. Com a tensão crescente das últimas duas horas, o russo, nervoso, se distraía alternando resmungos incompreensíveis em sua língua natal, com um assobio

tão desafinado que nem devia estar consciente do que fazia. Uhura conhecia bem música. Chekov assobiava sem nenhuma afinação. Para Uhura, aquele ruído era como arranhar um quadro negro com as unhas todo o tempo.

Sabia, também, que sua irritação contra os hábitos nervosos de Chekov era sua própria tentativa de parar de se preocupar com o capitão. O Dr. McCoy não divulgara nenhum boletim sobre seu estado, desde logo depois da cirurgia, que fora há várias horas. Não sabia se aquele silêncio era de bom ou mau agouro.

Não era tanto porque Chekov assobiava meia frase de uma melodia repetidamente, ou porque assobiava no tom errado, mas quanto mais continuava, mais deixava a música irreconhecível.

Spock não voltava e Uhura não ouvira nada vindo dele pelos comunicadores da nave, desde que deixara a ponte. Tampouco ouvira nada sobre Mandala Flynn. Devia estar na enfermaria, pois Berarnardi al Auriga estava coordenando a busca de um cúmplice do atacante.

Uhura estremeceu. Teia de aranha era, para ela, não mais que um boato; nativa da Terra, o terrorismo não se manifestava por lá havia décadas. Sabia o que a teia de aranha fazia, mas achava que as descrições eram exageradas. O capitão Kirk e Mandala Flynn estavam lá na enfermaria, talvez seriamente feridos, mas logo se recuperariam. Tinha certeza disto. Afinal de contas, Mandala saía daqui andando, de modo que dificilmente seus ferimentos seriam sérios.

Pavel desafinou de maneira toda especial e Uhura olhou para ele, revoltada.

As portas do turboelevador se abriram. O assobio parou.

O Sr. Spock entrou na ponte, e Uhura soube imediatamente, com uma esmagadora onda de desespero, que tudo saíra horrivelmente errado.

Sem dizer palavra, Spock desceu até o nível inferior. Parou um pouco e, depois, sentou-se na poltrona do capitão.

Uhura cerrou seus longos dedos. Sentia um impulso irracional de pular e correr para longe do seu posto, para um lugar onde não precisasse ouvir o que o Sr. Spock estava para dizer.

Mas Spock já tinha aberto o canal do intercomunicador: quando falasse, todos a bordo o ouviriam. Não haveria onde se esconder. Pavel virou a cabeça para trás; também percebia o desastre no ar e o rosto estava pálido e doentio.

O silêncio e a tensão cresceram.

Spock fechou um pouco os olhos, abriu-os de novo, e olhou firme para a frente.

— Aqui é o comandante Spock.

Ele quase nunca se refere a si mesmo pela patente, pensou Uhura, só por seu cargo: oficial de ciências, imediato...

— É meu dever informá-los que há alguns minutos, James T. Kirk, capitão da USS *Enterprise*, morreu. Estava ferido, sem esperanças. Não recobrou a consciência depois que foi removido da ponte. Não sofreu nenhuma dor.

Uhura refugiou-se o tanto quanto pode dentro de sua mente, deixando as palavras deslizar sobre a consciência e escapar sobre a superfície lisa e impermeável que armou para se proteger da dor. Aquela notícia precisava chegar devagar e por hora, não estava preparada para isso.

— Na tentativa de defender o capitão, a chefe da segurança, Mandala Flynn, foi mortalmente ferida. Morreu no cumprimento do dever.

— O suspeito dos homicídios está preso. Não foi descoberta até agora nenhuma evidência concreta da existência de um cúmplice.

Spock fez uma pausa, procurando alguma palavra de conforto, com o que não estava familiarizado, para oferecer à tripulação. Não conseguiu encontrar nenhuma. Desligou os circuitos; o comutador deu um estalido final.

— O capitão... está morto? — Pavel Chekov falava num tom baixo, sem poder acreditar.

— Sim, Sr. Chekov.

— Mas... o que vamos fazer?

— Vamos levar a termo a nossa missão, — respondeu Spock. — Tenente Uhura...

Ela olhou-o inexpressivamente e depois respondeu, como se tivesse percorrido uma grande distância, só para poder ouvi-lo. — Sim, Sr. Spock?

— Notifique à Frota Estelar sobre o que aconteceu... e às autoridades civis. O Sr. al Auriga sem dúvida vai querer tomar nossos depoimentos, nas próximas horas. Todos nós precisamos nos esforçar para relatar acuradamente o ocorrido.

— Sim, senhor, — respondeu Uhura, monotonamente.

Sulu entrou cautelosa e silenciosamente no minúscula cabine que compartilhava com o oficial de artilharia, Ilya Nikolaievich. A cabine era da metade do tamanho da sua na *Enterprise*. Talvez, eventualmente, acharia desagradável ter de compartilhar um quarto,

mas neste instante, nada podia estragar sua alegria por estar a bordo do *Aerfen*. Além do mais, na patrulha normal, ele e Ilya Nikolaievich estariam de serviço em horários diferentes, e cada um podia ficar com o quarto só para si por algumas horas, todos os dias.

Sulu não se sentia tão bem, nem tão cansado, há muitos anos. Trabalhara por dezoito horas, praticamente sem descanso, familiarizando-se com o armamento do *Aerfen* e das suas naves irmãs, armas que dependiam de precisão e delicadeza, mais que da força bruta, como as da *Enterprise*. Gostou de seu primeiro escore de exercícios, mas isto não queria dizer que estava satisfeito, e só ficaria contente quando alcançasse ou ultrapassasse os escores dos outros dois oficiais artilheiros. A rivalidade era amistosa, mas existia. Ilya dormia pacificamente, como uma criança. Quando estava acordado, seu rosto, com um maxilar bem quadrado, tinha uma expressão suspeita, vigilante, e até mesmo cruel. Demonstrou os procedimentos para Sulu com eficiência, diretamente, e em tom neutro, sem mostrar ressentimento contra o novo colega, nem tampouco entusiasmo. Outros membros da tripulação chamavam-no Ilyushka, mas como não pediu a Sulu que usasse este diminutivo, Sulu continuou cautelosamente a tratá-lo formalmente pelo nome e sobrenome. Sulu sabia que estava sendo posto à prova por todos: Hunter, claro, e em particular, por Ilya Nikolaievich.

Ilya era mais baixo que Sulu, mas de compleição semelhante: compacto e bem proporcionado, esbelto, mas musculoso. O denso cabelo, liso e louro caía-lhe sobre a testa, quase até as sobrancelhas, e abaixo do pescoço, nas costas. Fazia Sulu lembrar-se de Spock, pelo estrito autocontrole. Agora que dormia, não

parecia menos sombrio do que antes, mas a tensão desaparecera do rosto. Era um ser humano: a única coisa de vulcano que tinha estava no caráter.

Sulu tirou a camisa, depois sentou-se para retirar as botas. Eram um pouco apertadas, e quando a esquerda saiu, a mão escapou. A bota saiu voando. Inclinou-se para a frente, para apanhá-la, mesmo sabendo que não conseguiria, e piscou quando o barulho quebrou o silêncio do interior do quarto.

Ilya pulou, no seu catre, já com a faca brilhando em sua mão. Sulu gelou, ainda inclinado, com uma das mãos em posição de apanhar a bota.

— Desculpe, — disse ele, embaraçado, sentindo o sangue subir-lhe ao rosto.

Ilya recostou-se, resmungando e baixou a faca.

— Não faz mal. Eu devia ter-lhe avisado. Passei dois anos atrás das linhas, durante a escaramuça de fronteiras de Orion. — Colocou a faca de novo debaixo do travesseiro. — Mas por favor, não me toque enquanto eu estiver dormindo, nem venha por trás de mim sem aviso. Entendeu? Reajo por reflexo, e você poderia se machucar.

— Vou me lembrar disso.

Ilya fez que sim. A túnica russa de colarinho alto que vestia abriu-se no peito, mostrando uma cicatriz branca por todo o tórax, até o abdômen. Sulu não pode deixar de observar, e Ilya notou. Deu de ombros.

— Um *souvenir*, — e voltou a dormir, sem dizer mais nada.

Sulu acabou de tirar a roupa e acomodou-se em sua pequena cama o melhor que pôde. Esticou-se, esfregou a nuca, e fechou os olhos

por um pouco. Mas ainda não queria dormir. Puxou a leitora da parede, de modo que ficasse suspensa sobre seu colo. Ainda não tivera tempo de programá-la para sua voz, e além do mais, era mal educado falar com um computador quando alguém estava dormindo no mesmo quarto. Usou o teclado para chamar a planta da *Aerfen*. Estudou-a por várias horas, memorizando tudo o que pode e anotando as diferenças entre esta nave e as outras do esquadrão. Enquanto lia, empurrava o anel de rubi de Mandala para dentro e para fora do dedo, e girava. Sentia falta dela. Mas ainda não estava sentindo falta da *Enterprise*, o que o surpreendia. Mas, claro, sentia saudades de Mandala Flynn. Estavam acontecendo coisas sobre as quais gostaria de conversar com ela, e ficava pensando. Na Lição de Esgrima, ou na Minha Lição de Judô, ou Quando Encontrar Com Ela Mais Tarde... e depois lembrando que pelo menos por enquanto as horas que passavam juntos tinham acabado. Por fim, quase vinte e quatro horas depois de ter subido a bordo da nave do capitão Hunter, caiu no sono, com a pálida luz da tela de leitura iluminando-lhe o rosto.

O comandante Spock ia pelo amplo corredor da nave que, agora, era dele. Não era totalmente desprovido de ambições, mas suas ambições estavam em outra direção, não eram comandar uma nave tripulada principalmente por seres humanos, muitas vezes incompreensíveis. McCoy estava certo: era o capitão da *Enterprise* apenas formalmente. Cumpriria o seu dever o melhor que pudesse, enquanto fosse forçado a isso; pediria transferência, como oficial de ciências para uma outra nave, assim que possível. Nunca entrou em sua cabeça que poderia continuar na *Enterprise*; nunca sequer lhe

ocorrera que continuar na *Enterprise* sob outro capitão seria o curso mais lógico. Com a morte de Jim Kirk, esta parte da vida de Spock chegara a um fim, e ele não via objetivo nenhum em prolongá-la.

Tentou deduzir o que tinha acontecido, e como, mas fracassou completamente. Toda seqüência razoável de pensamento terminava em paradoxo ou impossibilidade. Não fora encontrada a menor evidência de um cúmplice, nem parecia possível que um cúmplice pudesse ter tido acesso à nave, e depois desaparecesse. Em contradição com isto, Mordreaux não poderia ter fugido de sua cabine sem ajuda, mas tudo indicava que era assim que tinha acontecido. A ficha médica de Jenniver Aristides era muito peculiar. Estivera tão seriamente doente que rejeitara a hipótese de que ela é que tinha soltado Mordreaux, e depois tomado veneno para esconder sua culpa. Mas poderia ter sido uma conspiradora traída. Parecia estar dentro dos limites do possível; uma probabilidade, mesmo.

A arma não fora encontrada. Nem ninguém se livrara dela: a análise dos sistemas de reciclagem não descobriu nenhuma quantidade estranha de um elemento incomum.

E se o cúmplice misterioso, ou mesmo o Dr. Mordreaux, tivesse conseguido chegar a uma porta estanque antes que todas as saídas da nave estivessem sob guarda? A arma poderia ter sido aspirada para o espaço, e estaria perdida para sempre. Ou talvez fosse transportada para fora da *Enterprise* sem destino algum, de modo que agora suas partículas subatômicas estavam espalhadas irrecuperavelmente por um enorme volume do espaço. Isto parecia ser a única conclusão possível. Mas o próprio Mordreaux não teria

tempo para fazer isto: Spock não conseguia calcular tempo suficiente para ele fazer o que fizera aos olhos de todos.

Spock, lenta e relutantemente, estava chegando à conclusão de que um membro da tripulação tinha preparado e mesmo executado aquele crime, até agora sem motivo.

Mas será que podia confiar em suas conclusões? Tinha a evidência de seus próprios olhos, para provar que Mordreaux cometera o crime; mas tinha também a evidência de seus próprios olhos e conclusões perfeitamente razoáveis de que Mordreaux não era um homem violento: mas esta conclusão também parecia falsa, agora.

Esperava que a esta altura Mordreaux estivesse recuperado. Precisava conversar com o professor; precisava saber como é que ele via os acontecimentos. Foi para a cabine VIP.

O que sucedera dentro *da Enterprise* tinha certas incômodas semelhanças com o que Spock descobrira estar implícito nas suas observações da singularidade. A análise parecia indicar que a entropia estava crescendo muito mais depressa do que deveria; de fato, a própria taxa de seu crescimento também crescia. Achava muito difícil acreditar naqueles resultados, e se algum dia se permitisse sentir alívio, ou raiva, teria sentido mais alívio do que raiva, quando as novas ordens interromperam sua missão anterior. Precisava de tempo para reexaminar seus instrumentos, e saber se os resultados eram legítimos.

Os eventos na *Enterprise* tinham aquela mesma incômoda aura de algo errado, de eventos que não deviam e nem podiam acontecer do jeito que aconteciam.

Assim como não podia fazer nenhuma determinação final sobre os resultados da entropia sem mais dados, não podia entender os

acontecimentos das últimas horas sem dispor de maiores informações. Spock queria observar, perguntar e investigar, antes de tirar mais conclusões. Qualquer outro plano seria em vão.

Queria saber o que tinha acontecido, e porque; queria entender a causa.

A língua vulcana não tinha palavra para "coincidência".

— Senhor Spock!

Voltou-se, para ver quem era. Snnanagfashtalli saltitava pelo corredor, na sua direção, usando as quatro patas. Os membros da tripulação dotados de pelagem não deviam usar os uniformes dos humanos; Rosnado usava uns cinturões de couro macio com a insígnia da *Enterprise*, comunicador, e coldre para o phaser. Deteve-se, no mais absoluto silêncio, os músculos se contraindo debaixo de suas manchas marrons e vermelhas. Os dedos longos e finos estavam enrolados, para correr, e quando flexionou as mãos, as garras se estenderam.

— Por favor, venha. Há grande causa para apreensão.

Spock ergueu a sobramcelha. Rosnado falava fluentemente em vulcano, sem nenhum sotaque, e sem as falhas do seu inglês. Apenas as sibilantes tinham uma pronúncia diferente.

— O que há? — Ele respondeu também em vulcano.

— Amiga Jenniver. A doença... perturbou sua mente. A desordem está nela, e à volta dela, e ela vê só um caminho para sua honra.

Spock não tinha razões para acreditar que Rosnado não estava sabendo o que aquela frase significava.

Rosnado voltou a falar inglês. — Ela está totalmente desesperada, Sr. Spock. — Isto era uma coisa que não podia ser dita em vulcano, exceto recorrendo a termos arcaicos. — Ela só quer morrer.

— Leve-me até ela; depressa.

Jenniver Aristeides estava contemplando uma pintura de seu lar. Estava pendurada na parede, como se fosse uma janela. Ela mesma pintara o quadro, numa época em que se sentia com muita saudade de casa, solitária, fraca e incompetente. Pintar era coisa não muito apreciada no seu planeta natal, e às vezes desprezava a si mesma por permitir-se essa atividade. Mas a cena, um panorama, dava-lhe algum conforto. Quase se decidira a pintar o pasto perto de sua casa, com os cavalos pastando depois de um dia no arado. No entanto, isto seria sentimental demais. O quadro também ficaria estático; numa pintura, as poderosas criaturas com mais de cinco metros de altura, pesando duas toneladas, nunca ergueriam as orelhas, nunca sacudiriam as crinas, nem galopariam até a cerca, ao longe, dando coices para o ar. Era assim que gostava de lembrar-se deles, e não congelados no tempo. Precisava de uma pintura que pudesse fingir ser a realidade.

A porta da sua cabine se abriu. Ouviu, mas não deu atenção. Além dela, só Snnanagfashtalli podia abrir a porta, e gostaria de ver sua amiga mais uma vez. Mas não para se despedir. Se se despedisse, Fashtall tentaria impedi-la. Num gesto rápido, escondeu os restos do sensor médico esmagado. Prometera apenas que, se precisasse de ajuda, ele daria sinal. Nunca mais daria nenhum sinal, e não precisava de ajuda, para o que queria fazer.

— Alferes Aristeides. — A voz não era de Fashtall; era do oficial de ciências, o imediato, ou melhor o capitão. — Posso entrar?

Snnanagfashtalli veio por trás dela e esfregou o rosto contra a sua têmpora, na saudação de amigos. A pele bege e marrom deslizou

suavemente pelo cabelo castanho e crespo de Jenniver, cortado curto.

— Como queira. — Não era um convite; não se sentia presa a nada, nem à cortesia. Devia ficar de pé, fazer continência, reconhecer a presença dele de algum jeito, sendo ele um oficial superior. Mas não podia fazer sequer o esforço trivial de se mover com cuidado na gravidade normal da Terra. Não queria ofender Spock. Ao contrário, ele era das poucas pessoas a bordo a quem admirava sem restrições.

Apesar de Mandala Flynn a tratar bem, e não com o desprezo do antigo chefe da segurança, Jenniver tinha medo da violência reprimida que irradiava e, paradoxalmente, por causa de sua relativa fragilidade física. Como um dever, Jenniver tinha respeitado o capitão Kirk, da maneira dela, afastada da maioria dos humanos normais que tentavam ignorá-la, sem conseguir esconder a repugnância que lhes inspirava, incomodados por sua presença. Com Snnanagfashtalli tinha um relacionamento como nunca tivera com ninguém antes. Talvez fosse gratidão, pela amizade e consideração; talvez fosse amor. Mas nunca experimentara o amor, nem dando, nem recebendo, de modo que não sabia. Não podia perguntar a Fashtall, nem tinha amizade suficiente com ninguém para perguntar. Se perguntasse, e eles rissem, a humilhação seria a morte para ela.

Mas Spock, ela admirava. Sempre achava que, num gesto desajeitado, mesmo que não fosse, de fato, desajeitada, poderia machucar outro humano ou qualquer ser do tipo humano a bordo, mas Spock irradiava uma força que lhe dava mais segurança. Nunca se preocupou se ia feri-lo por engano, com um passo em

falso. E ele era a única criatura humanóide a bordo que não sentia aversão pelo seu aspecto. Era indiferente, e esta reação já era tamanho alívio, que sentia-se à vontade na presença dele.

— Está melhor agora?

Ela hesitou, mas respondeu. Não importava o que dissesse: não poderia detê-la. Esperava que lhe mostrasse a deferência de não tentar.

— Não. — Não mentiria a uma pergunta direta. — Sinto-me envergonhada e desonrada. Falhei, como sempre falhei em tudo.

— Alferes Aristeides, percebe que quase morreu? Que um outro membro da tripulação com certeza morreria, e nem teria tempo de dar o alarme?

— O resultado foi o mesmo. Desmaiei — devo ter desmaiado, senão, como o prisioneiro conseguiria escapar? O capitão e minha comandante estão mortos. Eu não devia ter adoecido. Minha gente não contrai doenças. Seria melhor que eu tivesse morrido.

Fashtall rosnou. — Estou dizendo que seu povo espera demais de si mesmo.

Jenniver acariciou a longa mão de Fashtall, enrolada e apousada em seu ombro.

— Não exigem mais que os outros podem dar. Só que eu não posso responder.

Spock deu a volta, para ficar face a face.

— Não entendi o que disse.

— Senhor Spock, as plantas que o meu povo cultiva são tão carregadas de metais pesados, que só uma mordida do nosso pão mataria um membro de qualquer espécie natural que conhecemos. Somos imunes a todas as pragas humanas, e quase a todas as

toxinas. E o médico disse que eu sofri de "intoxicação aumentar"? — Riu-se, amargamente. — Só é uma evidência de que sou uma inútil, dependurada entre o verdadeiro humano e o verdadeiro mutante.

— O suicídio não me parece ser uma maneira criativa de resolver as dificuldades.

— Deixei meu lar porque eu não conseguia viver lá. As razões, aqui, são diferentes, mas ainda não me adaptei. Sou meio-humana e os planetas não têm um lugar para mim. — Desviou o olhar. — O senhor não pode entender.

— Acha que não? Eu também sou meio-humano.

Jenniver riu-se de novo. — Ah, claro, o senhor não vê diferenças entre nós?

Ele teve a boa educação de não piorar as coisas, tentando responder.

— Não duvido que o senhor tenha se sentido pouco à vontade, em certas ocasiões, ou que tenha sido alvo de ódio, — disse Jenniver.

— Mas nesta nave, vi como os outros olham para o senhor, e como olham para mim. Percebi que o senhor não precisa de amigos, mas se quisesse, sempre haveria amigos para o senhor. Admiro a sua independência, mas não posso imitá-la. Desejo muito ter amigos, mas mesmo os de minha espécie fogem de mim. Eu enlouqueceria, se não fosse por Snnanagfashtalli. — Suspirou. — Fiz o melhor que pude para executar uma função para a qual não fui feita. Mas acha que posso suportar a vergonha de falhar, por causa de uma doença cuja epidemia incluiu só a mim?

— Não foi uma epidemia, — retrucou Spock. — Falando estritamente, nem mesmo foi uma doença.

— Não tente me consolar, Sr. Spock. Estou cansada disso também.

— Desconfiei quando a enfermeira Chapel disse que só você, em toda a tripulação, foi atingida. A despeito da virulência da toxina do *Clostridium botulinum* hipermórfico, seria preciso que alguém como você ingerisse uma dose maciça, para ser afetada — dose grande demais para ser administrada, senão numa forma altamente purificada. Uma análise dos resultados dos seus testes confirmou minha suspeita.

— O que está querendo dizer?

— Você foi envenenada. Snnanagfashtalli deu um rosnado rouco.

— Alguém tentou matá-la, e quase conseguiu, e teria sucesso, com qualquer outro tripulante, inclusive eu. Acredito que essa mesma criatura também envenenou dois cidadãos de Aleph Primo, da mesma maneira, e preparou a morte do capitão Kirk. Ainda não posso fazer suposições se a comandante Flynn também era um alvo planejado.

— Pelos deuses! — Jenniver piscou lentamente, várias vezes, seus cílios castanhos, grossos, batendo nas faces. Fashtall dava-lhe batidinhas nas costas.

— Quem fez isso? — As pupilas diagonais dos olhos castanhos de Fashtall se dilataram, com a perspectiva de uma boa caçada.

— E por quê? — queria saber Jenniver.

— Não sei. Não tenho resposta a nenhuma dessas duas perguntas. O Dr. Mordreaux foi exaustivamente examinado quando subiu a bordo, e não levava nada consigo — certamente nenhuma arma, nem cápsula de veneno.

— De qualquer modo, eu dificilmente deixaria que um prisioneiro me desse uma cápsula de veneno, — respondeu Jenniver, — para isso,

eu tenho competência.

— Realmente, — respondeu Spock. — Alferes, quando estava de serviço, ou pouco antes, experimentou alguma pontada?

— Como um dardo, quer dizer? Não, mas eu nem sentiria. Meu sistema nervoso não foi projetado para responder a esse tipo de estímulo. — Um trauma físico grave era o único ferimento que ameaçaria alguém da espécie dela, e era o único tipo de dor que podia sentir.

— Percebo. — Spock ficou considerando aquelas palavras, depois olhou-a bem nos olhos. — Você se lembra de ter perdido a consciência?

— Não, — ela respondeu, depressa, depois desviou o olhar. — Mas eu devo ter sentido.

— De acordo com o Sr. ai Auriga, você foi encontrada, semi-consciente, apoiada contra a porta. Isto indicaria que, mesmo que desmaiasse, o Dr. Mordreaux ainda teria sérias dificuldades para passar por você.

— Essa era a idéia. Mas obviamente, eu estava enganada. Ele conseguiu escapar. O senhor mesmo o viu.

— Acredito que sim. Mas se ele não poderia ter escapado da cabine, deve existir alguma outra explicação.

— Gostaria que o senhor me dissesse qual é.

Spock levantou-se. — Entende agora que você não é responsável pelo que aconteceu? O que quer que tenha acontecido, a culpa, de modo algum, é sua.

Jenniver estava tentando desesperadamente acreditar naquilo, mas era difícil, tão difícil... — Eu não deveria ter ficado doente, — ela disse, pois aquilo ainda era verdade.

Snnanagfashtalli rosou, um uivo de frustração. — Ela não vai se ferir, agora! Se tentar, corto-lhe a garganta!

Jenniver e Spock olharam para ela, que devolveu-lhes o olhar sem perceber a ironia. Com um repentino alívio, Jenniver começou a rir e abraçou a amiga.

— Está bem. Agora, sinto-me melhor.

Spock foi até a porta, abriu-a, e voltou atrás um pouco.

— Alferes, por favor, satisfaça uma curiosidade. Você não foi voluntária para um cargo na segurança?

— Não. Tentei me transferir. Mas sempre era indeferida, e não tive coragem de pedir à comandante Flynn.

— Que posto você queria?

— Botânica. Não é o mesmo que arar entre as pedras com duas parelhas de cavalos. Mas é o mais perto que posso chegar, sem estar em casa. Mas eu não gostaria de voltar para casa.

Spock fez que sim. Entendia como era isso.

Uma vez passada a crise, ele mesmo trataria da transferência dela. Fechou a porta atrás de si e deixou as duas amigas.

isso.

Uma vez passada a crise, ele mesmo trataria da transferência dela. Fechou a porta atrás de si e deixou as duas amigas.

CINCO.

O Dr. McCoy acordou com a pior ressaca de sua vida. Devia ter tomado algum remédio a noite passada, mas estava bêbado demais, desgostoso demais — e ainda preservava o moralismo anacrônico de que se devia pagar por seus próprios excessos. Mas quando se levantou, precisou correr para o banheiro; o mal-estar durou enquanto não ficou com o estômago totalmente vazio; os olhos lacrimejavam e a garganta doía, com a bile. Desistindo da tentativa de se disciplinar, tomou uma pílula anti-náusea e duas aspirinas, bebeu um copo de solução isotônica, para ajudar na reidratação. O gosto era tão ruim que quase vomitou de novo.

McCoy suspirou e lavou o rosto. Os olhos estavam vermelhos, injetados; parecia ainda estar chorando.

Talvez eu me transforme num velho bêbado, jogado num beco de algum planeta de fronteira que ninguém conhece, pensou. Tudo o que está faltando é deixar a barba crescer uns três dias...

Naquele ponto notou, para ficar ainda mais contrariado, que o seu repressor de barba tinha acabado: esquecera de pedir mais. Enquanto os pêlos não crescessem e lhe dessem um aspecto ainda mais decadente, iam picar o rosto e incomodar.

Saiu aos tropeços do cubículo onde tinha dormido — seja claro, pensou com seus botões: onde tinha caído inconsciente — de volta para sua cabine. Não conseguindo desviar o olhar, notou que a unidade de quarentena estava vazia, as máquinas desligadas e encostadas na parede. Alguém — Spock, talvez, ou mais

provavelmente Christine Chapel — tinha conservado a mente mais clara que ele, na noite passada. O corpo de Jim fora levado para a sala de estase.

McCoy lavou-se, barbeou-se, aplicou mais repressor de barba, e vestiu roupas novas. Estava embaraçado com seu comportamento desde a morte de Jim — não, desde muito antes, desde que se recusou a acreditar na evidência de suas máquinas, bem como de sua formação médica e experiência. No momento em que Uhura transmitira a horrível notícia da teia de aranha, McCoy sabia que não poderia salvar Jim, mas por um impulso invencível, tentou bancar o super-homem. Sua motivação teria sido amor, ou meramente teimosia e orgulho? Não importava agora; tinha falhado. Estava envergonhado, igualmente, pela maneira como tratara Spock. E o pior era que, mesmo que se desculpasse — coisa que pretendia fazer — nunca teria certeza se o outro entenderia o quanto ele lamentava, assim como não podia ter certeza se o ofendera, em primeiro lugar.

Sua conversaçãõ ainda estava vivida na memória. Preferiria uma amnésia. Tal como era, lembrava-se da noite passada com a clareza surreal de um sonho.

Aquilo que insistira que fizessem era absurdo. Com o dia seguinte, sóbrio, o primeiro choque de dor e desorientaçãõ passando para um latejar de luto e dor, McCoy sabia o quanto sua idéia era impossível. Vira a coisa num sonho simplesmente porque era mesmo um sonho. Spock bem o sabia. Suas excusas, explicações, tudo era uma nuvem de fumaça tecnológica, um disfarce da verdadeira razão pela qual se recusava a fazer qualquer coisa. Sabia, visceralmente, o que McCoy só agora compreendia: jogar com o destino era uma

coisa errada. Talvez tivesse sido menos afetado pela morte de Jim do que McCoy — talvez sua aceitação não-emotiva da circunstância permitira-lhe ver mais claramente. Mas aquilo em que tudo se resumia era que a morte não era um estado antinatural; ela podia ser adiada, mas nunca negada; não podiam retroceder, como crianças brincando de faz-de-conta, e consertar as coisas, para que tudo ficasse bem outra vez, e todos vivessem felizes para sempre, amém.

McCoy deu outro suspiro. Tinha um trabalho a fazer, que negligenciara por demais, mas assim que acabasse, procuraria por Spock e admitiria na sua frente, que ele estava com a razão.

Uma batida na porta despertou Sulu. Ficou deitado, olhando para o teto por vários segundos, imaginando onde é que estava. Não, não estava na *Enterprise*...

Agora lembrava. Relanceou pela cabine; o catre de Ilya estava desarrumado e vazio.

A porta abriu-se silenciosamente e a luz do corredor invadiu a estreita fresta.

— Senhor Sulu?

Apoiou-se nos cotovelos, piscando. Só podia ver sombras, além da faixa de luz.

— Sim... O quê...? Quem é? — Sentia-se tão cansado e tonto que a cabeça girava.

— É Hunter. Preciso falar-lhe. — A voz dela estava áspera e tensa. Sulu empurrou a tela de volta contra a parede, onde obedientemente voltou à cor preta. Tateou à procura do comutador

da luz e aumentou a iluminação do aposento, enquanto puxava um pouco o lençol sobre o peito.

— Sim, madame? Entre.

Ela entrou devagar, relutantemente, e foi até o pé do catre. O cabelo estava solto, sem tranças.

— Acabo de receber uma transmissão subespacial. Da *Enterprise*. São notícias... extremamente ruins. — Passou a mão pelos olhos, como se quisesse afastar deles a dor.

Sulu surpreendeu-se, cerrando os pulsos com tanta força que o anel de Mandala enterrava-se na mão.

— O que foi? O que aconteceu?

Ela sentou-se na beirada da cama. — Não há nenhuma maneira fácil de dizer uma coisa dessas. Jim Kirk foi morto.

Abismado, ouviu-a contar o sucedido, se bem que aquelas palavras não lhe parecessem mais do que sons ao acaso. O capitão Kirk, morto? Não era nada impossível. Um turbilhão de imagens engolfou-o, sobre a bondade que James Kirk demonstrara para com ele, tudo o que lhe ensinara, as várias vezes que lhe salvara a vida. Eu deveria estar lá, pensou Sulu. Eu deveria estar na ponte, quando tudo aconteceu, eu poderia ter feito alguma coisa. Eu poderia ter impedido sua morte.

— Sou o oficial da Frota Estelar de patente mais alta, neste setor, — disse Hunter. A voz dela quase sumiu; parou, retomou o fôlego e controlou-se de novo. — É meu dever investigar as mortes de Jim Kirk e Mandala Flynn. Estou indo...

Sulu ergueu a cabeça, sem acreditar, a mais fria dor transparecendo em sua expressão.

— Mandala? — sussurrou. — Mandala está morta?

A voz da capitã Hunter foi se apagando. Sulu ficou olhando para ela, estremecendo por dentro, o rosto enlutado com o segundo choque, ainda mais devastador.

— Pelos deuses, — disse Hunter. — Deuses! Lamento muito. Eu não sabia...

— Nem poderia saber, — respondeu Sulu. — Ninguém sabia. — Olhou para suas mãos, que nada poderiam fazer agora. O anel de rubi parecia opaco, como uma pedra qualquer. Agora, sentia-se desarmado. — Era uma coisa só nossa. — Se estivesse lá, poderia ter feito alguma coisa. Não foi sua culpa. — Mas talvez tenha sido minha culpa, pensou. Talvez fosse minha culpa.

— Estou indo para a *Enterprise* daqui a uma hora, — disse a capitã Hunter. — Tenho uma nave auxiliar de dois lugares. O outro lugar é seu, se quiser. — Levantou-se depressa, e saiu. Depois, Sulu não soube dizer se ela se fora porque ia chorar, ou porque ele é que ia.

Max Arrunja destrancou a cabine do Dr. Mordreaux para o Sr. Spock sem mais comentário do que o exigido por um mínimo de civilidade; o segundo membro da guarda reforçada simplesmente ficou à porta, olhando para a frente. Spock não lhe dirigiu a palavra, nem a interpelou. A divisão de segurança perdera uma comandante respeitada, com muito mais efeito direto sobre suas vidas que o capitão Kirk, alguém que substituía um superior insatisfatório não com mera competência, mas com liderança que conquistara admiração. Até certo ponto, culpavam Spock por sua morte, e ele tinha muito pouca evidência de que estavam errados.

Bateu na porta e tomou a resposta resmungada como permissão para entrar. Na penumbra mais além, o professor estava

enrodilhado sobre o catre, debaixo de um cobertor.

— Professor Mordreaux? Pausa. — O que quer, Sr. Spock?

— Eu lhe disse que voltaria, quando o senhor tivesse tempo de se recuperar dos efeitos das drogas que lhe deram em Aleph Primo.

— Neste momento, estou achando que as drogas não foram uma má idéia.

— Doutor Mordreaux, não temos tempo para auto-piedade. Preciso saber o que aconteceu, aqui e na estação.

— Eu fiz tudo aquilo, — disse Mordreaux. Sentou-se devagar e voltou-se para o vulcano, fazendo um gesto para aumentar a iluminação.

Spock sentou-se bem na frente, esperando que o outro continuasse. O oficial de ciências preferia não falar; percebeu que estivera esperando por uma negativa em que pudesse acreditar, e por alguma outra explicação que não a que o professor que mais respeitara em toda uma vida de busca pelo conhecimento matara Jim Kirk.

— Pelo menos, acho que fui eu, — voltou Mordreaux. — Mas imagino o que me levaria a isso?

Um raio de esperança, aqui. — Professor, se o senhor estava transtornado...

— Não fiz aquilo agora, Sr. Spock. Ainda não me enlouqueceram. A despeito daquela piada de julgamento, nunca matei ninguém.

— Mas o senhor acaba de dizer que cometeu o crime.

Mordreaux olhou para ele, depois riu. A risada tinha um pouco da vitalidade de antigamente, mas era auto-depreciativa, também.

— Desculpe. Pensei que você tivesse acompanhado meus trabalhos, inclusive os últimos. Eram demais, mesmo para você, eu

receio.

— Ao contrário, Dr. Mordreaux, meu terminal de informações está programado para identificar o seu nome. Sempre achei o seu trabalho muito fascinante. — Abanou a cabeça. — Nunca deveria ter deixado a Makropyrios; sua pesquisa teria sobrevivido aos seus críticos.

O Dr. Mordreaux deu uma risadinha. — Mas já sobreviveu aos críticos. Tornou-os verdadeiros crentes, os poucos que a conheceram. Acreditam tanto que estão suprimindo todo o trabalho. Aliás, estão suprimindo a mim, também.

Spock olhou para ele, o significado daquelas palavras ficando cada vez mais claro. O Dr. Mordreaux dissera duas vezes que trabalhara para realizar os sonhos dos seus amigos; disse que devia ter morto o capitão Kirk, mas não agora...

— Não pode estar dizendo que fez uso prático do seu trabalho teórico sobre física temporal! — A despeito de si mesmo, o vulcano estava chocado.

— Claro que sim; por que não?

— Pelas considerações éticas, sem falar no perigo. Os paradoxos... As demonstrações teóricas não eram suficientes; eu precisava demonstrar os princípios. Eu poderia continuar publicando trabalhos toda minha vida, mas *o Journal* não queria saber mais deles, e sem o "imprimatur" dele, minhas monografias não recebiam mais atenção do que as de qualquer pseudo-cientista auto-intitulado. Eu poderia, do mesmo jeito, juntar-me a uma filial de um planeta qualquer da Sociedade da Terra Plana.

— Seria melhor mesmo que fizesse isso, — respondeu-lhe Spock.

— Pelo menos o perigo seria apenas para a sua saúde mental.

— Não estou entendendo as suas objeções, — disse o Dr. Mordreaux. — Ninguém foi ferido. Os amigos que fiz em Aleph Primo imploraram para que eu fizesse uma aplicação prática.

— Então o senhor aceitou. Mandou-os de volta no tempo, e foi por isso que foi condenado por experiências antiéticas.

O Dr. Mordreaux deu de ombros. — Sim. Estive trabalhando com o deslocamento, só para provar que era possível. Estou um pouco cansado de ver os outros rirem de mim. Mas meus amigos não achavam engraçado. Ao contrário, estavam intrigados. Vários até me ajudaram, especialmente um deles, que percebeu que meu feixe de transmissão era essencialmente um teletransportador modificado, e modificou um teletransportador para mim. Isso acelerou meu trabalho em um ano ou mais.

— Doutor Mordreaux, há uma diferença qualitativa entre uma pequena demonstração com objetos inanimados e mandar seres humanos para viver em outra época!

— Sim, acho que você tem razão. É mais espetacular. Mas creio que estaria na mesma situação difícil, quer eu trabalhasse com gente ou não.

— Por que fez isso?

— Porque aquelas pessoas eram minhas amigas, e souberam convencer-me. Senhor Spock, não há alguma outra época e lugar em que o senhor gostaria de viver, onde acha que viveria melhor do que agora?

— Não, professor.

— Ora, diga a verdade!

— Doutor Mordreaux, como sabe, sou um híbrido. As técnicas de hibridização de espécies altamente evoluídas de origem

evolucionária diversa só foram aperfeiçoadas poucos anos antes de meu nascimento. Eu nem mesmo existiria numa época anterior.

— Não fique discutindo minúcias vulcanas comigo, sabe o que eu quis dizer. Não importa. O presente pode parecer uma utopia^ ', para você, mas garanto-lhe que quase qualquer ser humano que tiver bastante confiança em você para discutir suas esperanças e sonhos, exibirá um desejo profundamente arraigado de viver em alguma outra época e pertencer a algum lugar que são incapazes de atingir.

— Muito romântico, — observou Spock secamente, lembrando do fascínio do Sr. Sulu por uma cultura da Terra, há muito extinta. Se surgisse em meio a ela, iria considerá-lo uma aberração paga, e teria uma chance probabilística de morrer de gangrena por um corte de espada, recebido em duelo, ou por causa da Peste Negra⁽³⁶⁾.

— As pessoas que mandei para o passado foram as primeiras que acreditaram em mim depois de muito tempo, Sr. Spock. Não teria coragem de dizer-lhes que tinha a única coisa do Universo que eles queriam, depois recusar a dar-lhes.

— O senhor precisa ir lá e trazê-los de volta.

— Não, absolutamente!

— Respeito sua lealdade aos amigos, professor, mas seu futuro, basicamente, sua vida, está em jogo. Se eles forem de fato seus amigos, não o abandonariam para receber uma punição que eles poderiam evitar.

— Talvez não, mas por outro lado, você, com essa afirmação, coloca a amizade em severo julgamento. Além do mais, trazê-los de volta não me causaria nenhum bem. Não fui julgado por fazer experiências com seres inteligentes, não senhor, mesmo que

pensasse que fosse este o motivo de minha condenação. Minha demonstração deixou alguém lá no topo da Federação em pânico: as autoridades encontrariam alguma outra maneira de silenciar-me.

— Mas os outros fatores...

— Tomei em consideração as possíveis alterações da história, é claro. Mas meus amigos foram tão longe para o passado que o perigo é mínimo.

— Quão longe? — As equações realmente mostravam que a capacidade de uma pessoa alterar os eventos era inversamente proporcional ao quadrado da distância que se viajava pelo tempo.

— Não vou responder a isso, porque não quero dar-lhe nenhuma pista para encontrá-los. Mas as chances deles causarem qualquer mudança significativa tende a zero; está além da sétima casa decimal.

— Mas se o senhor trouxesse seus amigos de volta ao tempo deles, impediria que chamassem a atenção das autoridades, e nada disto aconteceria.

O Dr. Mordreaux riu-se de novo. — Agora é você que está falando sobre alterar os acontecimentos passados. Não está falando de recuperar meus amigos, mas de voltar e impedir que saiam, em primeiro lugar. O que aconteceu com seus elevados princípios éticos?

— Professor, a contradição que o senhor está tentando apontar é completamente ilusória.

— Eu não vou trazê-los de volta! Isso foi tudo o que eles me pediram: que não os trouxesse de volta!

Spock podia ver que o Dr. Mordreaux ia se descontrolar logo, se a conversa continuasse no mesmo tom, de modo que

momentaneamente parou de tentar persuadi-lo a mudar o curso de suas ações.

— Deixando de lado o passado, sua hipótese é que uma sua versão futura foi quem matou o capitão Kirk.

— Não sei porque faria isso, mas é a única explicação que posso imaginar. O que me preocupa é que eu possa tornar-me tão diferente. Estava sob a impressão de que a reabilitação tornava a pessoa totalmente não-violenta. Mas é isso mesmo, não vejo outra explicação. A menos que você pense que eu me transformei numa nuvenzinha e escapei desta cela pelos espaços intermoleculares.

— A oficial de segurança que o guardava foi envenenada. Devido ao metabolismo dela, não era fatalmente suscetível àquela toxina. Mas era óbvio que queriam matá-la. Se ela tivesse morrido, seria pressuposto que o senhor teria escapado, depois retornado. Queriam que o senhor fosse considerado culpado pela morte do capitão.

— Por que eu incriminaria a mim mesmo? — Disse o Dr. Mordreaux mais para si mesmo do que para Spock.

— A questão mais fundamental é: porque o senhor desejaria matar o capitão Kirk?

O Dr. Mordreaux sacudiu a cabeça. — Nunca o tinha visto antes de ontem, de modo que deve ser por alguma coisa que acontecerá no futuro.

— Algo que ele fará num futuro onde não teria sido morto... -* A voz do professor desapareceu.

— Já tive experiência prática de viagem no tempo, — retrucou Spock. — Esta nave esteve envolvida em diversos incidentes que poderiam, no mínimo, destruir o futuro de nossa civilização; e há

evidência de que o perigo potencial é ainda pior. Em cada um dos casos anteriores, pudemos prevenir as destruições. Professor, este é outro desses incidentes. Acredito que devemos reparar o dano ao *continuum*, ou sofrer as conseqüências.

Mordreaux ficou olhando para ele, calado, por algum tempo.

— Quer impedir que o meu futuro eu mate Jim Kirk.

— Esse seria o efeito final, sim. Mas... — Spock interrompeu-se. Talvez fosse melhor, por hora, que o Dr. Mordreaux acreditasse que os motivos de Spock fossem principalmente egoístas.

— Não posso dizer que gosto da idéia de mim mesmo... mesmo um eu que ainda não existe... matar alguém.

— Então precisamos trabalhar juntos para chegar a esse fim.

O Dr. Mordreaux subitamente deu uma risada. — Senhor Spock, percebeu que esta conversa por si mesma poderia ser suficiente para alterar minhas ações no futuro? Talvez...

Olharam um para o outro por vários segundos.

Nada mudou.

As memórias de Spock estavam inalteradas; o capitão ainda estava morto.

O Dr. Mordreaux deu de ombros. — Bem, foi só uma idéia. — Olhou para Spock com repentina desconfiança. — Quero uma promessa sua antes de concordar em ajudar.

— Que tipo de promessa?

— Não deve tentar impedir meus amigos de voltar ou ficar lá.

Spock reconsiderou, por um momento. Reparar este rompimento no fluxo do tempo sem tratar do outro seria o bastante?

Ou seria simplesmente um esforço inútil, em vão? Duvidava que poderia reconciliar sua análise dos efeitos com as do Dr. Mordreaux.

Nos níveis superiores de qualquer ramo da ciência, por mais precisa que fosse, havia espaço para dúvida, conflito e filosofias contraditórias; obviamente o Dr. Mordreaux não concordava em que o deslocamento tivesse um efeito prejudicial duradouro.

Mas Spock acreditava que sim, e precisava deter o perigo.

— Ofereço-lhe um meio-termo, professor.

— Assim como...?

— Reservo-me o direito de tentar convencê-lo de que suas ações precisam ser desfeitas, mesmo que só para salvá-lo do destino a que foi condenado.

— Quer que eu deliberadamente desfaça todo o meu trabalho!

— Espero que possa se persuadir a si mesmo a usá-lo com mais responsabilidade.

— Se eu usá-lo de qualquer maneira, estarei de volta a caminho de uma colônia de reabilitação! Não é o que eu fiz com isso o que assusta, mas sim o fato de simplesmente existir. Seu potencial enquanto arma é quase inimaginável. Tenho a escolha deste destino, e a realização de meu trabalho nas mãos de umas poucas pessoas, ou viver a vida inteira desacreditado nas mentes de todos. Já viu o que escolhi! Aceita minhas condições ou vamos esquecer todo o negócio?

Spock respirou fundo; estava arriscando demais a sua honra. — Vou aceitar as suas condições.

— Há muito poucas coisas no universo que eu levaria tão longe, sabe?

Especialmente agora.

— Sei o quanto vale a sua confiança, — respondeu Spock, muito sinceramente.

O Dr. Mordreaux fez que sim.

Spock passou outra meia hora na cabine VIP, enquanto o professor descrevia os elementos gerais da unidade de mudança do tempo. Quando Spock começou a entender como o dispositivo era, em realidade, simples, ficou mais e mais intrigado com o fato de que ninguém o descobrira antes, mesmo que somente por acaso.

Mas talvez alguém o tivesse descoberto, e simplesmente o usara com mais discrição.

Ian Braithwaite entrou na casa das máquinas da *Enterprise*. Nascera em Aleph Primo; nunca estivera em nenhum outro lugar. Navegava astronaves a vela como *hobby*; sua técnica podia enfrentar a de qualquer um de Aleph, pulando do campo magnético para o vento solar, ou navegando livre na frente de uma tempestade iônica, rumo ao espaço interestelar. Mas as naves que pilotava, as mais velozes, as mais frágeis, perigosas e excitantes, não tinham nenhum motor. Nada que já experimentara se comparava com a *Enterprise*.

Só os motores de impulso estavam funcionando — imagine só como seria com toda potência de dobra! A energia vibrava numa frequência demasiado baixa para se ouvir, mas dava para senti-la. Martelava por suas pernas e subia pelo corpo, até as pontas dos dedos. Isto só reforçou sua determinação. Não ia deixar uma nave como esta cair nas mãos de traidores.

— O senhor está perdido?

Montgomery Scott já enfrentara mais de uma noite sem sono, recentemente, e a tensão do dia anterior piorava ainda mais sua exaustão. Aqui estava alguém, Ian tinha certeza, que fora leal a seu capitão.

— Preciso falar com o senhor.

— Sobre o que? — perguntou Scott.

— Esta é uma nave magnífica! — Ian disse, repentinamente, sem conseguir conter mais tempo a sua admiração.

— Sim, é mesmo.

— Senhor Scott...

— Senhor... estamos numa situação ruim. Tecnicamente, o senhor não devia estar aqui... não vou ficar seguindo cegamente as ordens, mas neste momento, não posso mostrar-lhe a nave.

— Senhor Scott, não sou tão tolo a ponto de pedir uma visita pela nave, depois do que aconteceu. Preciso falar-lhe exatamente sobre o que aconteceu.

Scott franziu a testa. Finalmente, disse: — Venha, poderemos conversar em meu escritório.

O Sr. Scott chegou muito perto de dizer que se Braithwaite não estivesse a bordo, nada daquilo teria acontecido, só para começar. Mas o promotor parecia tão sério, tão determinado, que Scott achou melhor aceder, mesmo que fosse apenas para saber do que estava acontecendo, para variar. Pois tentara deduzir o que estava em curso nas últimas vinte e quatro horas e nada conseguiu; as únicas explicações que pode imaginar levavam a conclusões que não podia aceitar ou acreditar.

O escritório do engenheiro, apenas um cubículo, mal tinha espaço para um par de cadeiras e um terminal de computador, e era tudo. Scott transferiu uma pilha desorganizada de listagens de computador da cadeira extra para o chão, para que Braithwaite pudesse sentar, e afastou a segunda cadeira do computador, para ele mesmo poder sentar-se.

— Geralmente, não está tão desarrumado, — disse, desculpando-se. — Isso não tem importância. Senhor Scott, tenho treinamento para fazer investigações, e estou determinado a prender as pessoas que mataram James Kirk. — Pessoas! — exclamou Scott. — Mas a nave foi revistada. Não descobriram ninguém que poderia ter ajudado o Dr. Mordreaux... nenhum cúmplice. — Não encontraram ninguém que não fosse da tripulação. Scott olhou-o friamente. — Está querendo dizer que um de nós ajudou a matar o capitão. Quer dizer que estou sob suspeita? — O quê?... Não, muito pelo contrário! Estou aqui porque parece-me que o senhor é das poucas pessoas a bordo em quem posso confiar absolutamente.

— Por quê?

— Senhor Scott... como o senhor, eu vi o Sr. Spock onde ele não deveria estar. Eu o vi onde não podia estar de maneira alguma.

— Não entendi.

— De algum modo, ele estava em Aleph Primo antes que a *Enterprise* chegasse. Não me pergunte como, mas estava. Eu o vi. Mas ele nega isto.

— Mas isso é...

— Impossível? Como foi impossível para ele, ontem, estar na sala de transporte e na ponte de comando, ao mesmo tempo?

— Com certeza... o senhor não acha que o Sr. Spock está envolvido na morte do capitão!

— O que eu acho é que está acontecendo alguma coisa muito esquisita. O senhor o encontrou, e eu também. Se o capitão Kirk lhe tivesse dado atenção ontem, possivelmente, ainda estaria vivo. Senhor Scott, não vou pretender saber de tudo o que aconteceu, ainda não. Tudo o que tenho são suspeitas, que não quero dizer em

público. Sem provas, seriam calúnias, para começar, mas uma coisa é certa: é difícil dissipar uma suspeita, depois que ela surge.

— Sim, isso lá é verdade, — respondeu Scott, impressionado, malgrado a si mesmo, pois não pudera compartilhar de suas preocupações com ninguém mais, mesmo com a esperança de que alguém lhe mostrasse uma única, simples e inegável razão pela qual poderia estar errado. — É difícil de tirar da cabeça... — Parou, não querendo dizer mais, desejando não ter dito nem mesmo isto.

A frase interrompida foi tantalizante para Ian, mas era muito cedo para tentar descobrir mais. Fez uma pergunta que parecia mudar de assunto, mas que de fato, não.

— Senhor Scott, o Sr. Spock já ofereceu qualquer explicação para estar na sala de transporte? Qualquer razão que fosse?

— O senhor ouviu tudo o que ele me disse sobre esse assunto. E logo depois, o capitão Kirk...

— Sim, claro. — Ian esfregou as têmporas; a dor de cabeça não tinha desaparecido, e agora piorava de novo.

— Está se sentindo bem? Quer um pouco de água?

— Sim, por favor. — Braithwaite piscou, tentando dissipar a visão dupla. Fechou bem os olhos por um instante; ficou melhor. Ficou a imaginar como seriam os primeiros sintomas de botulismo hipermórfico. Scott estendeu-lhe um copo de água, que bebeu, agradecido.

— O senhor não está com aspecto nada bom, — observou Scott.

— Não estou me sentindo muito bem, mas estou perturbado, com raiva, o que só piora as coisas. Sr. Scott, uma pessoa poderia ser teletransportada de um local da *Enterprise* para outro?

— Bem... pode-se transportar de um lugar para a sala de transporte, e depois para um outro lugar. Seria preciso se materializar na plataforma, entre um lugar e outro. Seria uma coisa lenta e que consumiria muita energia. Muito desperdício.

— Mas poderia ser feito.

— Claro que sim.

— Senhor Scott; suponha que alguém transportasse o Dr. Mordreaux de sua cela para o transportador...

O engenheiro não alterou sua expressão, enquanto Ian falava, mas involuntariamente ficou branco como um cadáver.

— Então a possibilidade existe, — disse Ian.

— Bem...

— O senhor teria alguma objeção?

— A cabine estava blindado, os alarmes instalados. Se alguém tentasse, nós saberíamos. E não seria possível passar o raio do transportador pelo campo de força.

— Os campos de força foram instalados em torno da cabine especificamente para esta viagem. Poderiam não ser completamente seguros. Ou talvez o feixe fosse intensificado, e os alarmes desligados.

— Essa operação seria muito complicada.

— Mas, poderia ser feita?

— Talvez; mas só por umas poucas pessoas. Ian esperou.

— Eu mesmo saberia fazer.

— Só o senhor?

— O Senhor Spock...

Braithwaite ia começar a falar, mas Scott estava balançando a cabeça.

— Não, está errado; não seria possível. — Braithwaite esfregou os nós dos dedos, frustrado. Parecia razoável: transportar Mordreaux para fora de sua cela, depois transportá-lo de novo para o turboelevador vazio, esperando na ponte; ele sairia, dispararia contra o capitão, e entraria no elevador de novo. Seu cúmplice o transportaria de volta à sala de transporte, e depois de volta para sua cela. Mas a menos que Scott estivesse encobrindo alguém — coisa em que Ian não acreditava — seu conhecimento técnico forçava-o a afastar-se de uma pista tentadora, mas que se mostrava errônea.

— Não, — dizia Scott — não foi bem isso o que aconteceu. — Parou, e tomou fôlego. — Os escudos são projetados para embaralhar qualquer feixe de teletransporte; não é possível atravessá-los com nenhuma potência de feixe. — Olhou para Ian, com expressão de resignação e como que traía alguém. — Alguém que conheça os sistemas de segurança desta nave muito bem, que saiba como eles se inter-relacionam, cortou as redes de alarme e os escudos por um instante, e depois, antes que um ou outro pudesse se refazer, porque levam alguns segundos, foi quando o transporte foi feito. Poderia ser feito várias vezes, e ninguém perceberia.

— Quem poderia fazer isso?

— O capitão, ou a chefe da segurança. Ou eu mesmo.

— A chefe da segurança. Interessante. — Ian soubera que Flynn era ambiciosa, e que não tinha riqueza pessoal; não lhe parecia que ela teria maiores chances de progresso. Suas suspeitas aumentaram.

— Alguém mais,

Sr. Scott?

— Ou... o Sr. Spock. — Scott disse isto com relutância, sabendo muito bem o que significava, nos termos de sua altercação com o oficial de ciências.

— Mas alguém mais poderia ter aprendido como fazer, — acrescentou.

— Mas o senhor viu o Sr. Spock na sala de transporte só uns poucos minutos antes do ataque. E ele negou ter estado lá.

— Sim, — Scott reconheceu, sentindo-se mal. — Não posso acreditar... Não poderia acreditar, se não tivesse visto o Sr. Spock com meus próprios olhos, e se não tivesse conversado com ele. — Como sempre acontecia quando estava sob forte tensão, seu sotaque escocês ficou mais forte. — Mas não posso acreditar. Deve haver alguma outra explicação. Precisa haver.

Ian Braithwaite baixou os olhos para os longos dedos de suas mãos. Não era suficiente: melhor conseguir mais evidências, mais testemunhas.

— Senhor Scott, será melhor não falar disto a ninguém mais, por hora. Tudo isto é circunstancial e, é claro, poderia haver alguma outra explicação. Poderia ser algum lamentável acidente. Levantou-se.

— Mas o senhor não acredita nisso, não é?

— Gostaria de estar errado. — Deu um tapinha no ombro de Scott e foi-se.

— Senhor Braithwaite, — disse Scott, com a voz um pouco alterada. Braithwaite virou-se.

— Há uma outra explicação, sabe?

— Por favor, diga-me.

— Estou inventando tudo isso sobre o Sr. Spock. Para proteger-me, e afastar de mim as suspeitas.

Braithwaite ficou olhando. — Senhor Scott, espero que, se algum dia ficar numa situação difícil, tenha um amigo com metade da sua lealdade.

No escritório dos arquivos, o Dr. McCoy requisitou do computador os testamentos de James T. Kirk e Mandala Flynn.

O de Flynn era um documento frio e impessoal, escrito, nem mesmo gravado em fita de áudio, e armazenado na memória da nave em fac-símile. Apenas dizia que se usasse o soldo que ela tivesse a receber para um brinde — McCoy conseguiu sorrir um pouco, pois o seu próprio testamento reservava uma pequena porção de seu dinheiro para o mesmo fim — e que a enterrassem num planeta, não importava qual — desde que tivesse vida.

O testamento de Flynn era inusitado, por não favorecer a ninguém, nem mencionar ninguém. Mais ou menos por acaso, a maioria dos tripulantes adquiria *souvenirs* dos lugares visitados, artefatos exóticos, alienígenas, para guardar ou dar para os amigos e familiares, em casa. Mas de acordo com os registros de embarque, a chefe de segurança chegara com uns poucos objetos pessoais, e de acordo com seu arquivo pessoal, não tinha parentes vivos, nem planeta natal oficial. Nascera em pleno espaço, em trânsito entre dois sistemas solares distantes; nenhum de seus pais era nativo de um ou outro. Eram membros de uma nave mercante, a *Mitra*, que navegava sob uma bandeira de conveniência; a mãe de Flynn fora evacuada, ainda criança, de um planeta agora deserto, parte de uma região neutra entre o espaço do Império Romulano⁽⁹⁾ e o da

Federação. O pai nascera numa colônia artificial, que faliu e foi dispersada. Poucos anos depois que Flynn alistou-se na Frota Estelar, a nave mercante e toda sua tripulação, toda a sua família, perdeu-se, vítima de acidente ou traição, e nunca mais se achou qualquer sinal deles.

Seria preciso recuar pelo menos duas gerações na genealogia de Mandala Flynn para descobrir um mundo que se poderia reconhecer como seu, e com parentes que a reconheceriam, se bem que ela nunca se dera ao trabalho de procurar por eles. Se o fizesse, sua classificação continuaria sendo a de uma pessoa sem posses, uma cidadã de lugar algum, com todos os preconceitos concernentes a esta condição, e toda a suspeita que se dirige a quem não tem um lar de verdade e, como diriam alguns, tampouco sem lealdades.

A maior parte dos tripulantes preferia cremação ou um funeral no espaço, mas considerando o passado de Flynn, McCoy não achou surpreendente que ela quisesse retornar à terra; qualquer terra.

McCoy deixou o testamento de Flynn desvanecer-se na tela e concentrou as forças para ver o de Jim.

Como a maioria, Jim Kirk gravara seu testamento diretamente numa célula de memória permanente. Podia sofrer emendas ou ser destruído, mas o texto principal não podia ser alterado.

Jim apareceu na tela. Os olhos de McCoy ficaram marejados e piscaram, depressa, pois era como se seu amigo estivesse logo ali, na sala ao lado, falando com ele e não como um cadáver já frio.

Repetindo o conteúdo de um maço de folhas, Jim recitou as formalidades legais e provas de identidade e a distribuição de suas propriedades. Deixou seus bens para o sobrinho órfão, Peter, filho

de seu irmão. Depois ergueu os olhos, direto para o registrador de memória, direto para os olhos de McCoy, e sorriu.

— Olá, Magro. Se estiver assistindo a isto é porque estou morto ou tão perto da morte que não faz diferença alguma. Sabe que não acredito em intervenções heróicas para preservar a vida, depois que o cérebro se foi, mas estou dizendo isto de novo, aqui, para que tenha um registro legal de minha preferência por uma morte a mais clemente possível.

Aquele sorriso logo desapareceu e olhou sério para o registrador, reforçando a estranha sensação de McCoy de que Jim só estava ali, do outro lado de uma fibra de comunicação.

— Leonard, até agora eu nunca lhe disse diretamente o quanto eu o estimo como amigo. Se cheguei até a morte sem dizer, peço-lhe desculpas. Espero que possa perdoar-me; espero que entenda como é difícil, para mim, falar dessas coisas. — Sorriu de novo. — É costume mexer com Spock por não demonstrar emoção alguma; pelo menos, ele diz que este é o seu ideal.

— Muito obrigado por sua amizade. — Foi o que Jim Kirk disse, muito simplesmente. Parou um pouco, depois terminou reatando as instruções exigidas pelas formalidades de um testamento. McCoy mal ouviu as últimas palavras e nem podia ver direito o rosto de Jim. Sem acanhamento, deixou as lágrimas escorrerem.

— Prefiro a cremação do que o enterro no espaço, — falou Jim. — Não me atrai muito a idéia de ficar flutuando, mumificado no vácuo pelos próximos milhões de anos. Prefiro ser queimado pelo calor dos motores da minha nave.

— Eu achei que ele escolheria mesmo o fogo, — comentou Spock, quando a tela ficou cinza.

McCoy girou, surpreendido, limpando o rosto na manga.

— Há quanto tempo estava aí? — perguntou, irritado, esquecendo que devia uma desculpa a Spock.

— Alguns segundos. Estive procurando pelo senhor por um bom tempo. Preciso falar-lhe no mais absoluto sigilo. Descobri algo muito importante. Gostaria de retomar a conversa da noite passada. Ainda se lembra?

— Sim, — respondeu McCoy, acalmando sua irritação. — Aliás, devo pedir-lhe desculpas. Estava errado quanto às sugestões que fiz, e também estava errado sobre as outras coisas que lhe disse. Lamento, Sr. Spock.

— Não é preciso se desculpar, Dr. McCoy.

— Maldição, Spock! Pelo menos dê-me a chance de desculpar-me graciosamente, mesmo que não lhe faça nenhuma diferença se eu fiz ou não o papel de um grande idiota!

— Pelo contrário, Dr. McCoy. Enquanto que é verdade que seus impulsos foram resultado de excesso de emotividade, também era verdade que estavam corretos. Indicavam o curso certo a tomar — de fato, indicavam um curso que tornou-se absolutamente essencial. Precisamos impedir que o Dr. Mordreaux mate o capitão Kirk.

McCoy encarou bem a Spock, procurando sinais de loucura. A expressão do outro estava tão controlada quanto sempre. Mas não haveria um brilho estranho naqueles olhos?

Talvez os vulcanos enlouquecessem da mesma maneira que faziam tudo o mais, com serenidade e absoluta falta de emoção. Trazer Jim de volta à vida? McCoy defrontou-se com a desolação da perda criada em sua mente pela morte do amigo. Sempre seria causa de dor para ele, quando roçasse contra aquelas lâminas afiadas do

desespero, mas os lugares vazios, mais além, começavam a encher-se de memórias. McCoy começava a aceitar a morte de Jim. Mas terminar este processo seria tarefa longa e penosa, e não achava que poderia tolerar ser arrastado para a frente e para trás sobre a fronteira da aceitação e da negação, por causa dos planos malucos do Sr. Spock. Que McCoy os tivesse sugerido, inicialmente, tornava-os menos, e não mais, toleráveis.

— Senhor Spock, fiquei um pouco alterado, na noite passada. Se não o feri, tanto melhor, porque com certeza, eu tentei. Estou envergonhado de mim mesmo. Não podia aceitar ter falhado tão completamente, quando a pessoa com quem falhei era meu melhor amigo.

— Não percebo a conexão entre seu estado emocional da noite passada e a tarefa que temos a cumprir.

— Não temos tarefa, Spock, exceto enterrar nossos mortos e lamentá-los.

— Doutor McCoy...

— Não! Se eu posso admitir que me excedi na noite passada, você pode também admitir a possibilidade que seu julgamento não possa ser confiável, agora.

— Meu julgamento está em perfeito estado. Não fui afetado por esses eventos que lhe causaram tanta dor.

McCoy não queria brigar com Spock; nem mesmo sentia vontade de forçá-lo a admitir que se importava, sim, com a morte de Jim. Sua irritação não era grande o suficiente para superar a tremenda letargia que estava sentindo. Deu-lhe as costas.

— Por favor, vá embora, Spock. — Deixe-me só, pensava ele. Deixe-me só, para chorar.

Abraçou a si mesmo, como se sentisse frio. De fato, sentia frio; um tremor que descera com o silêncio. Spock ficou tanto tempo sem responder que McCoy acreditou que tinha-se ido, silenciosa e furtivamente, como chegara. O médico deu meia-volta.

Sobressaltou-se, porque Spock nem se movera. O vulcano estava olhando para ele, pacientemente.

— E agora, vai me ouvir, Dr. McCoy?

McCoy suspirou, percebendo que não teria paz enquanto não ouvisse o que Spock tinha a dizer. Resignou-se.

Spock aceitou o gesto como concordância.

— O Dr. Mordreaux não deveria ter morto o capitão, — alegou Spock. McCoy ficou na defensiva. — Sei muito bem disso. — Tinha desgastado os nervos até o fim, tentando pensar nas coisas que poderia ter feito diversamente, qualquer procedimento que teria salvo a vida de Jim. Não conseguira, porém, pensar em nada. Talvez agora Spock lhe contasse sobre algum obscuro artigo de medicina que deveria ter lido, alguma monografia não-traduzida sobre um tratamento de emergência para teia de aranha...

— Não quero fazer crítica nenhuma, Dr. McCoy. Quero dizer que, no curso normal das probabilidades, não-afetado por eventos anacronísticos, ontem, James Kirk não deveria ter morrido. De fato, o Dr. Mordreaux nem mesmo deveria ter estado na ponte.

O sarcasmo de McCoy aprofundou-se. — Mas que diabo está tentando dizer? O que quer dizer com "eventos anacronísticos"?

— As drogas que foram dadas ao Dr. Mordreaux para torná-lo mais tratável e incoerente se esgotaram. Agora sei no que ele estava trabalhando sozinho, em Aleph Primo. Sei porque seu trabalho foi censurado.

Desgostoso com a aparente mudança de assunto, McCoy não deu resposta. Pretendia deixar-se estar ali, até que Spock acabasse, mas não tinha intenção de expressar entusiasmo por uma conferência sobre pesquisa armamentista.

— Ele tomou suas monografias sobre deslocamento temporal, as que causaram tanta controvérsia, e tentou realizá-las na prática. E teve sucesso.

McCoy, que estava ouvindo um tanto desanimado, de repente empertigou-se e repassou tudo o que Spock lhe dissera, concentrando-se nos aspectos técnicos.

— Deslocamento temporal. Movimentar-se pelo tempo. Quer dizer... viagem no tempo?

— É o que acabo de dizer.

— Então pretende usar as teorias dele, testadas experimentalmente, voltar para ontem e salvar a vida de Jim? Não vejo em que o seu plano é diferente, ou mais ético, do que aquele que sugeri.

— Quase nada diferente, com efeito, apenas no que se refere aos meios e motivações. O seu motivo era salvar a vida do capitão. O meu é deter o Dr.

Mordreaux.

— Desculpe-me, Spock, se não consigo perceber as conotações mais sutis da ética.

— Não há nenhuma sutileza em questão. Só que ainda não lhe forneci informação suficiente para entender minha lógica.

McCoy sentou-se, de má vontade, à espera de um longo discurso, mas Spock apenas relatou o que aprendera nas últimas horas, e o doutor ficou interessado, apesar de tudo. Não podia negar que

Jenniver Aristeides poderia ter sido envenenada de propósito, e podia entender as razões de Spock para concluir que Mordreaux nem poderia ter escapado de sua cela e muito menos retornar, a despeito da confusão generalizada. McCoy não estava, porém, tão convencido de que o revólver representava um mistério: por mais sensíveis que fossem os instrumentos, por mais fina que fosse a malha da segurança, uma pessoa esperta poderia esconder a arma, ou livrar-se dela.

McCoy continuou ouvindo, e por fim percebeu para onde se dirigia aquela explicação.

— Spock, está querendo dizer-me que Jim não foi morto pelo Georges Mordreaux que temos preso na *Enterprise* e que foi algum outro Georges Mordreaux? Um do futuro?

— Precisamente, Dr. McCoy. É a única explicação que se encaixa em todos os parâmetros do incidente. É nisso que o Dr. Mordreaux mesmo acredita. Dado que ele tinha acesso à informação de que precisaria para voltar no tempo é também a explicação mais simples.

— A mais simples!

— De fato.

— Mais simples do que ter um cúmplice?

— Um cúmplice que aparece do nada, muito parecido com o Dr. Mordreaux, referindo-se a um incidente que ainda não aconteceu, e desaparece de novo?

— Alguém da nave que tivesse razão para odiar Jim, alguém que entendesse de disfarces holográficos... — Sua voz sumiu, ao olhar de Spock.

— Um ator, então. Alguém com experiência em transformismo...

— Que também conseguiu esconder-se o suficiente para voltar ao aspecto normal, e livrar-se da arma, com todos a bordo procurando por alguém parecido com o Dr. Mordreaux?

— É possível, — insistiu McCoy, desafiadoramente.

— Realmente. Também é possível que a *Enterprise* esteja escondendo algum ser metamorfoseante.

— Mais fácil de acreditar do que num assassino que viaja no tempo!

— Mas minha teoria possui um fator único, que poderia convencê-lo a ajudar-me.

— E qual é?

— Se minha hipótese estiver correta, então estes eventos constituem uma severa perturbação da corrente do tempo. Devem ser corrigidos. O capitão Kirk não precisa morrer. Não deve morrer.

McCoy esfregou os olhos, tentando enxergar além da barragem de raciocínios de Spock. Fazia algum senso, por mais absurdo que parecesse; pelo menos, explicava a sensação generalizada que ele, Jim, e quase metade da tripulação tinham: que tudo estava indo errado, de uma maneira estranha e incontrolável.

— Está bem, Spock. O que quer que eu faça? Vou ajudá-lo, se puder. Será que uma faísca de alívio, gratidão mesmo, teria perspassado pela face do vulcano? McCoy preferiu acreditar que sim.

— Tecnicamente, eu é que estou no comando da *Enterprise* até que a Frota Estelar avalie a situação e designe um outro capitão.

— Ou promova você para esse posto, definitivamente.

— Isso está fora de cogitação. Eu não aceitaria, mas de qualquer forma, isso não vai ser-me oferecido. Mas não tem relevância para o que nos concerne. Não posso cumprir minhas obrigações de capitão

e cumprir uma certa tarefa: o Dr. Mordreaux e eu precisamos construir o equipamento que vai levar-me para ontem. Vai levar algum tempo, e seria melhor que não fôssemos perturbados.

— Por que não podemos nos lançar de volta, com a nave?

— Pela mesma razão que não tentaremos calibrar a singularidade e usá-la para viajar para o passado: resultaria em levar toda a nave para o passado, inclusive o corpo do capitão; seríamos forçados a nos confrontar conosco mesmos, e persuadir a nós mesmos...

— Deixe isso de lado, — interrompeu McCoy, depressa. — O que quer que eu faça? Que eu diga que o dispensei de seus deveres por motivos de saúde?

— Uma sugestão até que razoável, — disse Spock, pensativo. — Diga o que achar melhor, se quiser esquivar-se ou recusar-se a responder quaisquer perguntas.

— Sob condições normais, você precisaria por seu sono em dia, e bem depressa, — McCoy sugeriu, pois sabia a que regime Spock se impusera. — Aliás, por falar nisso, como é que vai conseguir ficar acordado?

— Posso adiar essa necessidade.

McCoy não gostou nada. — Senhor Spock, será que isso é mesmo uma boa idéia? — Spock tantas vezes forçava-se além de todos os limites, mas sempre negaria que estava tentando provar que era igual ou melhor do que qualquer um que fosse totalmente um vulcano.

— Não é relevante, — respondeu Spock. — Simplesmente serão precisos mais alguns minutos, hoje, para estabilizar meu estado metabólico. Não vai afetar meu trabalho.

— Mas isso é absurdo! Por que simplesmente não vai dormir? Tem todo o tempo do mundo!

— Não, não temos. O esforço requerido para mudar um evento é proporcional ao quadrado de sua distância ao passado. A curva de uma função de potência tende ao infinito bem depressa.

— Quanto mais esperar, mais difícil vai ficar?

— Precisamente. Ademais, ainda estamos viajando rumo à colônia de reabilitação, e se não terminarmos o equipamento antes que eu seja forçado a entregar o Dr. Mordreaux às autoridades, não será possível completá-lo de maneira alguma.

— Espere. Pensei que você acreditasse que ele foi condenado injustamente. Pensei que queria provar a inocência dele.

— Infelizmente, isso será impossível.

— Por quê?

— Porque mesmo que fosse inocente, o que tecnicamente não é, não será reabilitado por este crime. O seu trabalho é visto como uma ameaça tão grande que foi tomada uma decisão de alto nível, em algum escalão da Federação, de eliminá-lo.

— Isso paranóico, Sr. Spock!

— As ações deles ou a crença do Dr. Mordreaux de que é isso o que está acontecendo? Eu mesmo duvidei de tal proposição. Entretanto, os registros do julgamento foram perdidos nos arquivos públicos. O nome do professor foi eliminado dos noticiários de Aleph Primo. E, o que é mais importante, suas monografias estão sendo sistematicamente erradicadas dos bancos de memória da Federação. O computador de Aleph Primo contaminou o da *Enterprise* com um vírus. Este programa procura e destrói o trabalho do Dr. Mordreaux; reproduz a si mesmo e se transfere para qualquer

computador com que entrar em contato. Já havia feito seu trabalho na *Enterprise* quando o descobri e só por que o meu computador pessoal está protegido, contra esse tipo de infecção é que pude conservar cópias desses artigos.

McCoy lentamente começou a perceber como eram assustadoras as implicações das teorias de Mordreaux. Qualquer um que colocasse em prática poderia mudar o fluxo do tempo: a própria história. Agora mesmo, todos poderiam estar mudando, sendo mudados, sem consentimento ou sem seu conhecimento. Estremeceu.

— Nenhum argumento ou ninguém mais poderia impedir as autoridades de mandar o Dr. Mordreaux para a reabilitação, — disse Spock.

McCoy cruzou os braços. — Não tenho motivo algum para sentir simpatia por esse homem, Spock, mas o que me parece é que ele está sendo "atirado aos leões"⁽⁵³⁾

— Atirado a que...? Ah... lembro-me dessa referência. Ao contrário, doutor. Há várias maneiras de impedir que seja preso, mas ele não quer aceitar minha ajuda. Prefere que um pequeno número de pessoas aprecie a validade de seu trabalho. A alternativa é que suas teorias caiam no descrédito e isto ele não consegue aceitar.

— Vai deixar que ele seja "reabilitado"?

— Não tenho escolha. Dei minha palavra que não tentaria desfazer suas ações passadas, por mais autodestrutivas que possam ter sido.

— Senhor Spock...

— Doutor McCoy, não tenho tempo para ficar discutindo com o senhor agora. Não discordo de sua posição, mas, por hora,

precisamos ficar satisfeitos com a ajuda do Dr. Mordreaux para salvar o capitão Kirk. Quer um documento formal de que passei-lhe o posto de capitão?

— Não creio que isso seja necessário.

Spock assentiu e se preparou para deixar o local.

— Spock... espere. O vulcano virou-se.

— Por que o segredo, por que devo dar-lhe cobertura e tudo o mais? Vamos anunciar o que aconteceu e o que planejamos fazer e todos os membros da tripulação estarão do nosso lado.

— Esse é provavelmente o pior curso de ação imaginável.

— Você é que não está sendo razoável.

— Este trabalho é visto como uma ameaça, não só para a Federação, mas para toda a história do Universo. Se formos detectados fazendo uso dele, por exemplo, por Ian Braithwaite, sem dúvida iríamos para uma Corte Marcial e mandados para a mesma colônia de reabilitação que espera pelo Dr. Mordreaux.

— Oh!

Spock dirigiu-se a McCoy com gravidade. — Doutor McCoy, o que estamos tentando fazer tem seus riscos e uma colônia de reabilitação não é o maior perigo que nos aguarda. Eu posso falhar. Poderei até piorar a situação. O senhor preferiria que eu continuasse sem o seu envolvimento?

McCoy respirou bem fundo e falou bem devagar: — Não, Sr. Spock, não agüentaria ficar de lado mesmo que me arrisque a acabar junto com o senhor. Vou ajudá-lo o tanto quanto possível.

— Eis aí uma opinião no máximo, contraditória, Dr. McCoy, mas aprecio sua intenção.

Spock sentia o sono tomar conta dele, atenuando suas percepções e distorcendo-lhe a visão. Era muito cedo, muito cedo: precisava agüentar até a noite, antes que a necessidade de dormir ficasse irreprimível. As últimas vinte e quatro horas colocaram-no numa tensão tão grande que fora forçado a desviar a atenção do controle de seu hábito de dormir para controlar emoções que, sob circunstâncias normais, ficavam tão completamente reprimidas que, na prática, não existiam.

Apressou-se em direção a seus aposentos, ao invés de ir para os do Dr. Mordreaux, esperando não ter deixado as alterações para muito tarde.

O calor de seu alojamento, mais parecido com as temperaturas de Vulcano, envolveu-o, e toda a textura da iluminação mudou. Fechou a porta e ficou ali, de pé, por um momento, fazendo a transição do ambiente humano para o seu próprio.

No entanto, não tinha mais tempo. Acomodou-se numa grande laje polida de granito vulcano, uma pedra de meditar, um dos poucos luxos que se permitia. Fechou os olhos e relaxou, lentamente. Não poderia relaxar tão completamente quanto gostaria: se assim o fizesse, cairia imediatamente no sono. Porém, se continuasse sob tensão, não conseguiria controlar o corpo o suficiente para permitir-se a alguns dias mais, algumas horas mais, de que tanto precisava. Não havia alternativa. Precisava arriscar. A ironia da situação era que o nível de concentração de que precisava deveria ser tão profundo, que não podia prestar atenção o suficiente para ficar acordado.

Gradualmente, tomou consciência de cada órgão, cada músculo e cada pormenor de seu corpo. Respirava profundamente, forçando

as células a decompor as moléculas que eram produzidas pela fadiga. Penetrou profundamente em sua mente para contrariar uma resposta biológica já comprimida o bastante até o ponto limite. Precisava lutar consigo mesmo; isto exigia cada fragmento de determinação que lhe restava. Mas, enquanto retornava, camada após camada da mente, foi recompensado por uma renovada clareza do seu intelecto.

Por hora, fora bem sucedido.

O Dr. McCoy deixou o turboelevador e adentrou a ponte. Ia dirigir uma alegre saudação a Uhura, mas um relance para a tensão e a dor em seu belo e elegante rosto, os olhos vermelhos de tanto chorar, lembraram-no que, no que concernia a todos, haviam perdido um respeitado oficial e um amigo. McCoy já tinha começado a pensar em Jim como se tivesse se afastado para uma curta licença; seu próprio desespero desaparecera. Mas era essencial que escondesse suas esperanças. A avaliação da situação feita por Spock sem dúvida era precisa: se ambos caíssem sob suspeita, seriam impedidos.

Parou junto de Uhura. Ela tomou sua mão estendida e ele apertou-a, delicadamente, tentando reconfortá-la. Mas, na verdade, o que tinha vontade de fazer era puxá-la e dançar com ela, abraçá-la e contar a ela que tudo logo estaria bem; queria contar para todos, ali na ponte, na nave inteira, que tudo era um engano, quase que uma piada.

— Doutor McCoy...

— Uhura...

— O senhor está bem?

— Até agora... — respondeu, sentindo-se brutalmente desonesto. — E você?

— Até agora... — Sorriu, tremendo por dentro. McCoy olhou para o nível inferior da ponte.

— Doutor McCoy? -Sim?

— Doutor, as comunicações na nave estão... confusas. Não me refiro aos dispositivos. — Apontou para seu posto — Quero dizer, as pessoas, conversando umas com as outras. Rumores. Suspeitas. Suponho que o Sr. Spock não pode nos dizer nada, se todos nós estamos sob suspeita. Mas se não estamos, apenas umas poucas palavras dele...

— Suspeita! Uhura, de que está falando?

— Passei por rigorosas entrevistas com a segurança... e o senhor sabe do meu nível de segurança... mas nunca passei por nada como o que houve esta manhã.

McCoy estranhou muito. — Pensei que Barry ai Auriga tivesse mais tato. — Mandala Flynn estudara a ficha de ai Auriga com McCoy e o havia recomendado para promoção como seu imediato, pouco depois de chegar a bordo. Uma das razões pelas quais ele fora escolhido era seu perfil psicológico e sua ficha de serviço, indicativos de que se comportava calmamente e com desenvoltura sob pressão.

— Não estou me referindo a Barry. Ele tomou meu depoimento, claro. Mas é Ian Braithwaite. Doutor McCoy, os rumores dizem que o prisioneiro não poderia ter saído de sua cela por si mesmo, de modo que deve haver uma conspiração. De qualquer modo, é isso o que o Sr. Braithwaite está procurando. Acusou até Mandala de estar envolvida. Tive vontade de arrancar-lhe os olhos quando disse isso.

McCoy deu o desprezo. — Nunca ouvi tanta besteira junta. Além do mais, Ian Braithwaite não tem qualquer jurisdição a bordo da *Enterprise*. Mesmo que tivesse, isto não lhe daria o direito de prevalecer sobre você... ou caluniar alguém que não pode mais se defender. — Braithwaite estava longe de ser o único a acreditar que uma pessoa sem posses era um risco para a segurança, quase que por definição. McCoy suspirou. — Uhura, chame o Sr. Braithwaite, por favor. Ache-o e diga a ele para vir à ponte, acelerado.

— Sim, Doutor.

Acomodou-se na poltrona de Jim e passou os minutos que se seguiram prestando pouca atenção ao espetacular campo estelar a sua frente. Imaginava o que aconteceria quando Spock levasse a cabo seus planos. Alguém conservaria qualquer memória do ocorrido ou os eventos simplesmente desapareceriam de sua percepção? Caso afirmativo, o que seria dos seres que estavam aqui e agora?

Será que vamos desaparecer?

Quanto mais pensava nisso, mais emaranhava-se em paradoxos e se confundia com eles.

As portas do elevador deslizaram e Ian Braithwaite entrou na ponte, seu modo maniacamente enérgico manifestado pelos ombros empinados. Desceu os degraus num salto e defrontou-se com McCoy.

— Presumi que queria falar comigo, — disse-lhe McCoy. — Já que tem sido tão agressivo quanto a interpelar o resto da tripulação.

— Preferiria conversar com o novo capitão, mas ele tem me evitado.

— Escute, filho, — retrucou McCoy, não se sentindo nem um pouco como o bondoso velho médico que queria fingir ser, — você é que

fugiu da enfermaria sem minha autorização. Teve uma séria concussão, deveria estar na cama.

— Não tente mudar de assunto!

— Mas, afinal, qual é o assunto? Pelo que ouvi, o senhor está com algumas minhocas que precisam ser tiradas de sua cabeça!

A expressão de Braithwaite era em tudo igual à de Spock, quando não conseguia entender alguma metáfora humana mais colorida.

— O que é uma minhoca?

— Ora, não interessa. Deus me livre dessa gente que nunca andou na superfície de um planeta. Braithwaite, que diabo você quer, atormentando a tripulação? Todos nós passamos por maus momentos ontem, graças a você e seu maldito prisioneiro. Perdemos alguém que admirávamos muito e não quero que coloque mais ninguém sob tensão.

— Não creio que o senhor possa ter alguma objeção. O crime ocorreu em minha jurisdição e o estou investigando.

— O senhor não tem qualquer jurisdição sobre uma nave da Frota Estelar.

— Ah, o senhor é um especialista em direito espacial, além de médico? Estou impressionado.

— Senhor Braithwaite, o que há com o senhor? Todos viram seu prisioneiro matar o capitão e a menos que você mesmo tenha solto Mordreaux, ele está bem preso.

— Não pretendo discutir isso com o senhor.

— Ah, não quer? — Seu fedelho pretensioso, pensou McCoy, chegando bem perto de dizer em voz alta.

— Onde está o Sr. Spock ou deveria dizer "capitão Spock"?

— Acho que ele objetaria nos termos mais veementes se o senhor o chamasse assim. Ele e Jim foram muito próximos por um bom tempo e, mesmo que prefira ter as unhas arrancadas a admitir isso, a morte de Jim foi um golpe duro para ele.

— Mesmo? Suponho que ele esteja por aí, em algum lugar, prostrado de dor.

— Escute aqui, não estou entendendo essa sua beligerância. O que é que há? Se tem algo a dizer, diga logo; não fique atirando pedras a cada coisa que lhe digo.

— Quero falar com o oficial comandante.

— Vai ter que se contentar comigo, então.

— Spock lhe passou o comando?

— Temporariamente.

— E onde está ele?

— Está... dormindo. — A mentira não fora ensaiada. Tentou explicar sobre as observações da singularidade e a habilidade vulcana de adiar o sono, até que percebeu que Braithwaite não acreditava numa só palavra daquilo.

— Mesmo que a hierarquia formal exija que Montgomery Scott assuma o comando, o posto foi dado ao senhor.

— A escolha entre nós é decidida pelo oficial comandante, — respondeu McCoy. Depois, tentou falar num tom mais conciliador. — Além do mais, Scotty está trabalhando nos motores, não tem tempo para comandar e é muito importante onde está.

Ao ver a expressão de Braithwaite, McCoy logo se arrependeu de ter dado tanta corda para o promotor.

— Tenho coisas mais importantes a fazer do que trocar frases brilhantes com o senhor, — disse Braithwaite e deu meia-volta.

— Ian... — interpelou McCoy, no mais suave e arrastado sotaque sulino, só usado nos momentos da mais profunda fúria.

Braithwaite parou, mas não se voltou.

— Ian, quer goste ou não, sou eu é que estou em comando aqui até o Sr. Spock voltar. E se não parar de perturbar a tripulação, se continuar a amolar minha gente, vou mandar confiná-lo em seus aposentos.

Braithwaite virou-se, punhos cerrados. — Acha mesmo que pode fazer isso, não?

McCoy deu o seu mais simpático sorriso de médico de família roça, mas a voz ainda era suave, baixa:

— Não me provoque...

Spock olhava por sobre o ombro do Dr. Mordreaux, observando os esquemas que o professor estivera recriando nas últimas horas. Piscavam, um depois do outro, brilhando na tela de vídeo. O dispositivo possuía a da simplicidade de uma demonstração matemática; era elegante e mortífero como uma adaga de cristal.

— Com nós dois trabalhando juntos, podemos terminar em cerca de duas horas, — observou Mordreaux.

— Qual a capacidade dessa unidade, professor?

— Você quer saber o quanto podemos ir para o passado? Isso não depende do modificador em si, depende de quanta corrente pode-se usar. A *Enterprise* provavelmente pode fornecer potência suficiente para voltar atrás uma semana, se desviar energia do motor de dobra. Se for mais longe, vai forçar o sistema além de sua elasticidade própria.

— Entendo...

O Dr. Mordreaux ergueu os olhos para ele. — Isso já é mais do que você precisa ir. A menos que tenha mentido sobre suas intenções.

— Vulcanos não mentem, professor. Vou manter minha palavra, por mais ilógica que eu ache sua posição, a menos que me libere de minha promessa.

— Muito bem. Volte ao passado, salve seu capitão, e dê-se por satisfeito. Spock não tinha argumento para fazer que o Dr. Mordreaux mudasse de idéia, de modo que o oficial de ciências ficou calado.

— Foi uma feliz coincidência você ter apanhado aqueles dispositivos bioeletrônicos em Aleph. Sem eles, o modificador ficaria do tamanho de uma nave auxiliar e com duas vezes sua massa.

— Não creio em coincidências, — disse Spock distraidamente, fazendo uma lista mental de outras ferramentas e materiais de que precisariam. — Qualquer coincidência observada cuidadosa e logicamente vai mostrar-se explicável.

— Pois quando tiver certeza, conte-me qual a explicação para isso. Mesmo sendo um conceito em que Spock não acreditava, as coincidências ocorreram com ele várias vezes, naqueles últimos dias. Mas não tivera tempo para uma observação lógica e cuidadosa dos diversos fenômenos envolvidos até agora. Inclinou-se de novo sobre a tela de vídeo.

A porta da cabine do Dr. Mordreaux abriu-se. Spock voltou-se.

Ian Braithwaite estava olhando, junto à porta. — Dormindo, então. Espero que esteja tendo bons sonhos, Sr. Spock.

— Meus hábitos de sono não são de sua conta, Sr. Braithwaite.

— São, sim, quando são a base de uma maquinação para me enganar.

— Quer conversar comigo, Sr. Braithwaite, ou apenas veio verificar se o Dr. Mordreaux estava aqui? Como pode ver, ele continua confinado.

Braithwaite aproximou-se, procurando ver melhor a tela. — Trancar o Dr. Mordreaux com acesso a um computador é como dar a qualquer outro a chave da porta. O que vocês estão...

Mordreaux logo apertou o CLEAR no teclado do terminal.

— O que era aquilo?

— Nada que lhe interessasse, — respondeu Mordreaux, mas faltou energia em sua voz.

— O Dr. Mordreaux tem oferecido uma ajuda inestimável para a interpretação das observações que as suas ordens interromperam, — replicou Spock. — Esta pode ser sua última oportunidade de contribuir para o conhecimento científico, coisa que até mesmo o senhor é capaz de apreciar.

Braithwaite fitou-o com uma indisfarçada hostilidade. — Acho difícil sentir-me impressionado com a contribuição dele para o conhecimento comum. — Estendeu a mão para o terminal.

— Não mexa no computador da *Enterprise*, Sr. Braithwaite, — disse Spock.

— O quê!

Spock não achou necessário repetir suas palavras. Braithwaite parou, pulsos cerrados. Depois, lentamente, relaxou. Concordou, pensativo e, sem dizer nada, retirou-se. Spock voltou-se para o Dr. Mordreaux.

— Ele sabe que o senhor mentiu, Sr. Spock. Não faz ameaças — espera, até ter evidências suficientes, e depois parte para a

matança. — O Dr. Mordreaux devolveu seus cálculos da memória do computador para a tela.

— Mas eu não menti. — Spock estava olhando para as complicadas equações exibidas pela tela. — Trabalhar no modificador deu-me valiosas sugestões sobre o projeto de meu dispositivo de observação. Deu-me a ajuda que estava esperando.

— Uma minúcia técnica. Se o fiz, foi inadvertidamente. Ou será mais uma coincidência?

— Muito inusitado —, comentou Spock e voltou ao trabalho.

O Dr. McCoy sobressaltou-se ao ouvir alguém dizer seu próprio nome, como num súbito momento de alerta que o preparava para emergências. Depois de todos esses anos, ainda não se acostumara com isso.

— O que é? Estou acordado!

Olhou à volta e percebeu que ainda estava na ponte. Todos o olhavam, com uma cara estranha: não podia culpá-los. Enrubescendo, recostou-se em sua poltrona, sem querer fingir que não caíra no sono, mas tampouco convidando alguém a fazer comentários.

Era Chekov quem lhe falara, para chamar sua atenção para o fato de que o Sr. Scott estava chamando a ponte.

— Sim, Scotty? Está tudo em ordem?

Uma breve pausa. — Doutor McCoy... é o senhor?

— Em carne e osso.

— Preciso fazer um relatório para o Sr. Spock sobre o estado do motor de dobra. Pode me dizer onde está ele?

— Provavelmente está em sono profundo. — respondeu McCoy, lamentando a mentira, que agora veio a seus lábios mais facilmente do que da primeira vez. — É melhor fazer o relatório para mim, por hora.

Outra pausa. McCoy começou a pensar que o intercomunicador estava com defeito também, como os motores e metade do restante dos equipamentos, nestes últimos dias.

— Para o senhor, Dr. McCoy? — estranhou Scott.

— Bem, sim, estou mais ou menos no comando até que Spock volte ao seu posto.

— Ele o colocou como Imediato, então. — O ressentimento transparecia na voz de Scott. Seus sentimentos foram feridos: fora passado para trás e, quanto a isto, não tinha dúvidas. O engenheiro-chefe não podia adivinhar que era para sua própria proteção e McCoy não podia contar-lhe isso.

— Não exatamente, Scotty, — McCoy respondeu desajeitadamente, esperando salvar um ego arranhado. — Só até que tudo seja esclarecido. Suponho que ele considere essencial que você continue aí onde está.

— Sim, — e Scott completou, friamente, — senhor. Não duvidei que ele estivesse certo.

O intercom desligou. McCoy suspirou. Lidara com Scott com a mesma falta de jeito com que enfrentara Braithwaite pouco antes.

Quando Montgomery Scott desligou o intercom em seu gabinete, lentamente encarou Ian Braithwaite. Sentia-se aturdido e traído.

— Lamento muito, — disse-lhe Braithwaite, com toda a sinceridade.

— O Dr. McCoy está certo, — comentou Scott. — Nunca teria tempo para administração. O trabalho está apenas pela metade nos

motores...

— Maldição, homem! — exclamou Braithwaite, saltando em pé. Ou McCoy está sob coação ou ele e Spock traíram você e a todos nesta nave! Como pode continuar desculpando os dois?

— Conheço-os há muito tempo e nunca tive motivos para desconfiar de nenhum deles. — A sensação de ser traído misturava-se à raiva; não tinha certeza se a raiva era dirigida a McCoy e Spock ou a Braithwaite. Talvez fosse contra todos; talvez essas distinções não importassem.

— Eu sei que é duro, — concordou Braithwaite, lembrando uma ocasião em particular em que oferecera sua confiança e esta fora usada contra ele. — Mas Spock, pelo menos, esgotou suas oportunidades para receber o benefício da dúvida. Não é mais de nenhum interesse prático saber se Mandala Flynn era uma provocadora ou seguidora. McCoy pode, talvez, ser menos culpado, mas não há como tornar um ou outro completamente inocente.

Scott nada disse; ficou olhando para um esquema pregado num quadro de avisos.

— Ou será que há, Sr. Scott? — Ian perguntou-lhe, educadamente.

— Se me disser que existe qualquer outra explicação possível para o que tem acontecido por aqui, eu ficaria grato em ouvir. Não gosto da idéia de que oficiais da Frota Estelar tenham conspirado para tomar uma nave, soltar um criminoso de alta periculosidade e assassinar seu capitão...

— Pare! — interrompeu Scott. — Por favor... não recite essa ladainha de novo. — Parou, tentando controlar-se. — Tudo o que o senhor diz é verdade, sim... Mas não consigo ver o porquê de tudo isso. Talvez a Frota Estelar entregue a *Enterprise* ao Sr. Spock ou

talvez não. É um risco terrível. Ele poderia conseguir seu próprio comando a qualquer hora que quisesse, em outra ocasião. E por que o Dr. McCoy concordaria com um tal plano? Não pode ser ainda mais promovido e continuar a praticar a medicina e disse muitas vezes que não quer desistir de clinicar.

Ian suspirou. Não queria declarar a Scott todas as suas suspeitas, não tanto por causa do descrédito do outro ou porque revelar tais informações seriam contrárias às ordens de Ian, mas porque elas colocariam o engenheiro em risco.

— Eu não tenho provas de que o Dr. McCoy coopera voluntariamente nesse plano. Espero que não. — Se assim for, temos a chance de trazê-lo para nosso lado. Posso levantar algumas hipóteses, mas o senhor não vai gostar delas, assim como não gostou das minhas suspeitas. Espero que o que aconteceu tenha sido um plano para soltar o Dr. Mordreaux, um plano que saiu de controle e deixou a todos sem escolha sobre o que fazer. Na pior das hipóteses... bem, o Sr. Spock tem o comando da nave agora e não precisa esperar autorização da Frota Estelar.

— Mas isso é irracional! — disse Scott. — Por outro lado, a tripulação não concordaria nunca!

— É com isso que eu estou contando, Sr. Scott. Por isso que confiei no senhor, em primeiro lugar.

—Oh.

— Posso contar com o senhor para me ajudar?

— Pode contar comigo para descobrir a verdade. — respondeu Scott, pois isso era tudo o que podia prometer.

SEIS.

Naquela noite, pelo ciclo da nave, o Dr. McCoy se dirigia nervosamente para a sala de transporte, onde Spock pedira que fosse encontrá-lo.

Todo aquele dia fora terrível. Spock estivera todo o tempo escondido, trabalhando no modificador de tempo. O ego ferido de Scott deixara-o com mau humor: só respondia a perguntas diretas e em monossílabos. Ian Braithwaite estava soturno, maltratando a todos os que se aproximavam e inventando todo o tipo de conspirações fantásticas. McCoy achava graça só de pensar no que faria o jovem promotor se conseguisse tropeçar na verdade, mas sua risada era também um tanto agressiva. Barry ai Auriga estava furioso porque, ao tentar interrogar as testemunhas da morte de Jim, encontrava sempre gente que já tivera suas observações alteradas pelos preconceitos de Ian Braithwaite. E uma destas idéias preconcebidas era que a comandante Flynn, a despeito de ter morrido tentando proteger Jim Kirk, de algum modo teria planejado o seu assassinato.

McCoy tinha a desconfiança de que ai Auriga sentia mais que o respeito de um subordinado por sua comandante: tinha sentimentos que conseguia manter muito bem disfarçados até agora. Mas estava claro que os nervos de Barry estavam tensionados quase até o limite do rompimento. Tentava continuar no domínio de si mesmo e, até o momento, se saíra bem, mas McCoy tinha a sensação de que

o tenente não estava muito longe de jogar de lado toda a prudência se Braithwaite voltasse a ficar em seu caminho.

Aparentemente, a advertência feita por McCoy ao promotor teve pouco ou nenhum efeito. McCoy não queria realizar sua ameaça de confinar Ian a seus aposentos, mas seria forçado a fazê-lo. O moral a bordo da *Enterprise* estava tão baixa que provavelmente nem poderia ser medida. McCoy não podia deixar as coisas assim, inalteradas, com boatos e suspeitas à solta, não por muito tempo.

Mas Spock acabara o modificador do tempo, de modo que talvez as preocupações de McCoy fossem infundadas. O doutor parou junto à porta da sala de transporte e ali estava o oficial de ciências, alterando um módulo no interior do teletransporte.

Se o que tinham planejado fosse bem sucedido, McCoy não precisaria fazer coisa alguma. Se Spock tivesse sucesso, nada disto, antes de mais nada, iria estar acontecendo.

Spock percebeu sua presença. — Dr. McCoy. — tomou o menor dos dois dispositivos orgânicos, de aspecto peculiar, e prendeu-o ao módulo do transportador.

— Spock, — disse McCoy, — Spock... o que vai acontecer conosco?

— Não entendo o que o senhor quer dizer.

— Se você voltar no tempo e mudar as coisas, não existiremos mais.

— Claro que sim, Dr. McCoy.

— Mas não aqui, não agora... não fazendo o que estamos fazendo. O que acontece com... com esta probabilidade de existência de todos nós? Desaparecemos da existência?

— Não, Dr. McCoy, não creio que seja isso o que acontecerá.

— Então, o quê?

— Nada. — Spock fechou o painel e abriu-o de novo, verificando se a sua adição cabia no espaço ali disponível.

McCoy resmungou, frustrado.

— Entenda, — prosseguiu Spock, — se eu tiver sucesso, nossa atual versão-probabilidade nunca terá existido. Não vamos desaparecer porque nunca teremos existido, antes de mais nada. Bem simples e lógico.

— Claro. — McCoy desistiu. Podia até sentir a aceleração do seu pulso, por causa do nervosismo, e mesmo do medo; não queria nem pensar como estava sua pressão arterial agora. — Vamos acabar logo com isso.

— Muito bem. — Spock pegou o dispositivo maior e pendurou-o a tiracolo. Pendurado por uma alça, brilhando como grandes contas de âmbar.

— Spock, espere... como é que você vai voltar?

— Como o senhor astutamente apontou, — retrucou o vulcano, — se eu tiver sucesso, não precisarei voltar. Mas se eu for forçado a retornar, a energia requerida será muito inferior. De fato, depois de atingir a energia-limite, a pessoa é virtualmente arrastada de volta para sua própria época. Estabelece-se uma tensão que eventualmente, precisará ser aliviada. A unidade de energia do modificador será suficiente.

— Devo esperar por você aqui? Você voltará imediatamente, depois de partir? Ou... — McCoy não pode resistir e completou: — Ou antes?

— Procurarei não voltar antes de partir, — Spock respondeu, com toda a seriedade. — Se bem que essa seria uma experiência

intrigante... — Parou um pouco, depois voltou a concentrar a atenção no que tinha em mãos. — Os cálculos são muito mais complexos se a pessoa fica longe tanto tempo quanto se gasta no passado. Espero não ficar longe mais do que uma hora.

— Farei tudo para estar aqui.

— Doutor McCoy... se eu ficar longe por um tempo indeterminadamente longo, é essencial que eu, ou o que quer que reste de mim, seja trazido de volta para cá, para minha época. Senão, o conflito entre o lugar onde estou e onde deveria estar criaria dificuldades. Há também a possibilidade de um paradoxo danoso. — Mostrou a McCoy um controle na unidade que acrescentara ao transportador. — O modificador auxiliar vai me puxar de volta. Também o que precisa fazer é ligá-lo. Mas este sinal não pode ser direcionado com precisão. É provável que eu não sobreviva, se o senhor for forçado a usá-lo.

— Então não usarei.

— Mas precisará. Se eu ficar ausente por mais de... um dia, será preciso.

— Está bem, Sr. Spock.

Spock subiu na plataforma do transportador.

— Adeus, Sr. Spock. Boa sorte.

Spock tocou um controle em sua unidade do modificador do tempo. O transportador zuniu, mas ao invés do feixe luminoso de sempre, envolvendo a pessoa na plataforma, irradiou um forte clarão, como um raio de arco-íris.

As luzes apagaram-se. Mais assustador ainda, o som a ventilação desapareceu e a nave ficou por um momento numa escuridão e

silêncio tão completos que McCoy pensou ter ficado cego e surdo por causa da explosão.

A Enterprise perdera toda sua energia.

Ian Braithwaite desconfiou imediatamente do que estava acontecendo quando a energia desapareceu: a mesma coisa acontecera em Aleph Primo, quando o Dr. Mordreaux começou a brincar com seu aparelho de viagem no tempo. Foi a primeira coisa que despertou a atenção de Braithwaite para aquelas atividades tão peculiares e que o levara a esta complicação horrível de conspiração, traição, terror e assassinato. Amaldiçoou a si mesmo por subestimar Spock e Mordreaux, amaldiçoou-se especialmente por ser tímido demais para executar sua investigação de maneira mais agressiva. Deveria ter chamado a polícia civil de Aleph há muito tempo. Deveria ter alertado também a Frota Estelar. Mas estivera tentando desesperadamente manter em segredo a possibilidade de viajar no tempo, como lhe fora ordenado; não havia sentido em censurar todo aquele trabalho e deixar que ficasse público para toda a Federação.

Os geradores de emergência lentamente trouxeram de volta à nave uma fantasmagórica penumbra. Ian lançou-se fora de sua cabine e correu para o corredor onde estava o alojamento de Mordreaux, receando que o aparelho fosse usado para levar o professor para longe da caricatura de prisão em que estivera na *Enterprise*, imaginava quanto tempo levaria antes que a nave fosse desviada de seu curso rumo à Reab Sete — Ian de repente percebeu que não poderia saber nada, a menos que o Sr. Scott o informasse corretamente.

E quanto tempo levaria até que seu destino ser decidido? Seriam vendidos aos klingons ou aos romulanos como reféns, e a nave estelar barganhada com o inimigo; ou seriam os planos para a nave e tripulantes ainda mais precisos, mais particulares? Ian Braithwaite sabia que se tivesse uma criação como a *Enterprise* nas mãos, não a entregaria por tesouro nenhum.

No cruzamento de dois corredores, deteve-se. De que adiantava ir até a cabine de Mordreaux? Não estaria ali: Spock acabara de soltá-lo! Mas o oficial de ciências precisaria usar o transportador em conjunto com o modificador. Ian poderia prender este, pelo menos. Caso se apressasse.

Mudou de direção e saiu correndo.

Ainda desorientado pelo lampejo súbito do transportador/modificador, McCoy piscava. Na escuridão, ficou pensando se era assim que era o nunca ter existido.

— Senhor Spock?

Não recebeu nenhuma resposta.

Aos poucos tomou consciência dos mostradores luminosos do transportador, lançando um brilho prateado em suas mãos. Recuou, nas sombras, e ficou quieto, esperando que algo, qualquer coisa, acontecesse.

A escuridão foi desaparecendo com a fraca iluminação da energia de emergência. Esperou, mas nada aconteceu.

McCoy começou a ouvir exclamações de consternação dos tripulantes que estavam nas redondezas: era sempre uma coisa traumática, pois raramente faltava energia numa nave estelar. Todos ficavam assustados.

McCoy não os culpava. Estava assustado também e sabia o que estava acontecendo.

McCoy olhou à volta na sala de transporte, mas decidiu que seria melhor voltar depois de uma hora em vez de esperar aqui por Spock.

Ao sair, quase deu um encontrão com Ian Braithwaite.

— Maldição, — disse Braithwaite, — eu esperava que...

Impediu a passagem pela porta. Além de ser mais alto que o doutor, era vinte anos mais jovem.

— Ainda não é muito tarde, Dr. McCoy, — ele disse, sinceramente.

— Sei o que aconteceu na noite passada; sei sob que tipo de tensão estava trabalhando. Sei que não estava em domínio de si mesmo.

— Mas do que está falando?

— Eu estava acordado quando o capitão Kirk... morreu. Eu o vi discutindo com o Sr. Spock. Sei que o senhor não queria aceitar as imposições dele.

McCoy ficou olhando para Braithwaite, completamente estupefato.

— Não posso prometer-lhe imunidade, não depois da noite passada.

— Agarrou McCoy pelos ombros. — Mas sei quanta pressão se pode exercer sobre uma pessoa. Já vi isso acontecer, antes. Se me ajudar, juro que farei tudo a meu alcance para evitar uma acusação de crime capital.

McCoy gelou. É isso... Finalmente, percebia tudo! Pensou ele, é atrás de você que ele está, você e Spock, não apenas da comandante Flynn ou alguma conspiração-fantasma sem rosto e sem nome.

Spock não estava sendo tão paranóico assim.

— Está querendo dizer... — McCoy percebeu novamente a ameaça suave, em sua própria voz. — Está querendo dizer que acha que Jim Kirk... Mas exatamente o que está querendo dizer?

— O capitão Kirk ainda estava vivo. Eu o vi desligar os sistemas de sustentação de vida.

— Ele estava morto, Ian. O cérebro dele estava morto antes que eu o removesse da ponte, só que eu não queria admitir. Era sobre isso que Spock e eu estávamos discutindo. Eu não conseguia aceitar que não havia mais nada a fazer para salvar Jim, e não conseguia aceitar a morte dele.

Braithwaite hesitou. — O senhor estava tão bêbado que não sabia o que estava fazendo, como podia saber se ele estava morto ou não?

— Mesmo cego de tão bêbado, eu poderia ouvir os sensores das ondas cerebrais. Ouvir! Meu Deus, eu os estava ouvindo durante horas.

Braithwaite olhou para ele, pensativo. — Gostaria de acreditar nisso. Mas por que fez aquilo bem no meio da noite, sem entrar em contato com a família dele ou mesmo com o executor de seu testamento?

— O único parente que tem é um jovem sobrinho. E eu é que sou o executor do testamento de Jim. Pode consultar seu testamento, se quiser. Ele pediu para não ser mantido vivo se não houvesse esperança para sua recuperação. Eu estava mantendo seu corpo vivo por horas, contra a vontade dele, mentindo para mim mesmo que ele poderia ficar bem. Não foi justo para ninguém, em especial para Jim.

Parte da tensão desapareceu de Braithwaite e ele ficou de lado, mas seguiu McCoy pelo corredor.

— A falta de energia... foi consequência do uso do dispositivo de viagem no tempo.

McCoy não respondeu.

— Doutor McCoy, gostaria de acreditar em sua história sobre o capitão Kirk, por favor creia em mim. Mas precisa dizer-me para onde e quando enviou Spock e Mordreaux.

— Não os mandei para lugar algum. O que quer dizer "quando"? Viagem no tempo? É a coisa mais louca que já ouvi. Já lhe disse que não pode falar com Spock até que ele acabe de dormir. Mas Mordreaux ainda está na sua cabine. Por que não vai lá verificar?

McCoy estava preocupado demais para reparar na fúria que estava estampada no rosto de Ian Braithwaite quando ouviu a lamentável mentira sobre a hibernação, estivação ou *siesta* de Spock, fosse qual fosse o nome. A falsidade daquilo tudo fora gritantemente evidenciada para ele. Mas Ian sabia de suas próprias falhas. Estava voando alto demais para ele, com caso, e desde o começo, tentando equilibrar sua paixão pela justiça contra uma ameaça tão devastadora que era quase incompreensível, tentando equilibrar as suspeitas com sua própria boa-fé.

Você está sendo ingênuo, Ian, pensou ele. De novo.

Mas era possível que mesmo McCoy estivesse sendo enganado.

— Está bem. Vou verificar o Dr. Mordreaux. Mas o senhor tem de vir comigo. — Não seria tão ingênuo a ponto de confiar em McCoy até ter prova da inocência do médico.

McCoy suspirou. — Como quiser, Ian. — A voz dele estava tremendo. Tremia, por ter sido obrigado a reviver a morte de Jim. Foi com Braithwaite em direção ao alojamento de Mordreaux, ficando cada vez mais furioso com o promotor. Duvidava que ver o professor

ia acalmar as desconfianças do rapazinho e supondo que Ian descobrisse que era Spock, e não Mordreaux, que estava desaparecido? A única coisa segura a fazer era removê-lo do caminho tempo suficiente para Spock terminar o que tinha de fazer. Na cabine de Mordreaux, Barry ai Auriga estava conversando com os dois guardas de serviço. Todos os três oficiais de segurança ergueram a cabeça.

— Viemos ver o Dr. Mordreaux... se ele ainda estiver aqui. — disse Ian. Barry ai Auriga precisou controlar-se. — Ele está aqui.

— Destranque a porta.

— Não, Barry, — disse McCoy. — Não faça isso.

Todos olharam para o Dr. McCoy; Ian Braithwaite empalideceu.

— Eu estava certo. Você é...

— Já é o suficiente, — disse McCoy. — Barry, por favor, poderia levar o Sr. Braithwaite em custódia e trancá-lo em seus aposentos, até que ele aprenda boas maneiras?

— Doutor McCoy, — disse ai Auriga, — com todo o prazer.

— Vá com cuidado, por favor.

— Vou tratá-lo com luvas da seda mais macia.

Ian tentou recuar perante o gigantesco oficial de segurança, mas ficou preso entre ele e McCoy e os dois outros guardas estavam prontos para agir.

— Vocês não entendem! Mordreaux escapou! McCoy e Spock ajudaram-no a fugir! — Precisava olhar para cima, para encarar ai Auriga: há muitos anos que não deparava com alguém mais alto que ele e o efeito de ai Auriga, assomando sobre ele, era aterrador. Apertou as mãos contra a fria parede, às suas costas.

— Eles mataram Jim Kirk! — exclamou Ian. — A chefe da segurança ajudou a planejar tudo, mas ela quis demais e eles mataram-na também...

Barry ai Auriga agarrou Braithwaite pelo pescoço.

— Barry... — advertiu McCoy.

— Não vou machucá-lo, — respondeu ai Auriga. — Não vou... — Sua voz estava embargada. — A menos que ele diga só mais uma palavra. — Inclinou-se e encarou Braithwaite, pregando-o na parede com o brilho de seus incríveis olhos escarlate. — Se disser mais uma palavra contra Mandala, eu o mato!

Braithwaite cerrou os dentes e enfrentou ai Auriga, em silêncio, mas sem estremecer.

Bem, pensou McCoy, pelo menos ele tem tutano! Barry ai Auriga acompanhou-o pelo saguão e virou a esquina, indo para seu alojamento.

McCoy gostou de Barry não ter lhe dito algo como "Eu não disse?".

Spock se materializou na plataforma do transportador num clarão de luz de arco-íris. Deteve-se um momento antes de descer, pois a transferência arrancara-o de seu tempo e espaço, torcendo o *continuum* e brutalizando-o um pouco. Cada músculo de seu corpo parecia ter apanhado.

Levou algum tempo para dissipar a dor, um momento mais longo do que ele esperara. Quando se movimentou, sentiu o corpo enrijecido, tentou apressar-se, mas descobriu que era impossível.

— Senhor Spock?

Spock imobilizou-se por não mais que um segundo, depois voltou-se calmamente para o engenheiro-chefe, passando o modificador para

trás, na alça à tiracolo, para que Scott não o visse.

— Senhor Scott. Eu deveria... ter esperado pelo senhor.

— O senhor me chamou? Está se sentindo bem? Há alguma coisa errada com o transporte?

Spock disse a primeira coisa que lhe veio à mente, percebendo, depois de falar, que estava dizendo a Scott o que ele alegara ter-lhe dito na sala de transporte.

— Simplesmente notei algumas flutuações mínimas de energia, Sr. Scott. Podiam tornar-se motivo de queixas.

— Posso voltar e ajudá-lo, — respondeu Scott, — assim que me apresentar ao capitão Kirk, para informar sobre os motores. — Enrugou a testa.

— Isso não será necessário. O trabalho já está quase no fim. — Não se moveu. Scott ficou junto à porta por mais um momento, depois voltou-se e deixou Spock sozinho.

Spock esperou até ter certeza que o engenheiro-chefe se afastara da sala de transporte. Scott ia entrar no turboelevador com Ian Braithwaite e o capitão e uns poucos minutos depois Scott desceria de novo. Depois disso, seria possível para Spock entrar no elevador sem ser observado — ninguém mais entrara na ponte antes que o Dr. Mordreaux aparecesse — e esperaria lá dentro para interceptar o futuro ego perturbado do professor. Spock tocou seu phaser. Preferia não ser forçado a usá-lo, mas não conseguia imaginar outra maneira de tirar Mordreaux de ação definitivamente. Segurá-lo seria inútil, se ele podia simplesmente voltar de novo no tempo e então assassinar o capitão.

Spock escondeu-se perto do elevador, na sombra.

— Ah, Spock! Eu sabia que você viria atrás de mim.

O vulcano virou-se: defrontou-se cara a cara com o Dr. Mordreaux, o mesmo, se bem que ligeiramente mais envelhecido, Georges Mordreaux que aparecera na ponte da *Enterprise*, no triste uniforme cinza de presidiário que seu outro "eu" vestia, com o mesmo revólver de mau aspecto que planejava usar em instantes.

— Eu deveria saber que não seria bom envolvê-lo, mas precisava afastá-lo daquela maldita singularidade, causou-me mais problemas que Braithwaite e Kirk e toda a Federação juntos.

— Não estou entendendo o que quer dizer, Dr. Mordreaux. — Spock foi deslizando a mão para o phaser.

O Dr. Mordreaux fez um gesto com o cano da arma. — Por favor, não faça isso. Nunca quis machucar ninguém. Só estava tentando ficar eu mesmo longe de maiores complicações. Mas você não faz idéia de como as coisas podem ficar complicadas. Você faz uma mudança e ela põe em movimento toda uma série, que não se pode prever...

— Professor, o senhor está seriamente perturbado. O senhor não deve levar a cabo a ação que planejou. É exatamente como disse: iniciará toda uma outra cadeia de eventos que o senhor não vai querer que aconteça.

— Não; desta vez, tudo vai ficar certo.

Olhou mais um pouco para Spock, e o oficial de ciências percebeu que nenhum deles tinha mais escolha. Se Spock não pudesse deter o professor, ele o mataria. E a Jim Kirk.

Jogando-se para um lado, Spock puxou seu phaser. Ao mirar, ouviu o revólver disparar e sentiu o impacto da bala. Ela o empurrou contra a parede e ele caiu no convés, ainda tentando apontar o phaser.

Não conseguiu.

A vista de Spock enevoou-se quando abriu os olhos. Sabia que era um sintoma de teia de aranha. Tentou ignorar a perspectiva de sua própria morte, tentou fazer alguma coisa, qualquer coisa, talvez ainda tivesse tempo de salvar a vida de Jim, deter o professor Mordreaux...

Viu e sentiu a fibra esticando-se para sua mão estendida, picando a palma. Puxou logo a mão, fugindo, e logo ficou de joelhos, depois de rolar pelo chão, ofegante, o sangue escorrendo pelo rosto, entrando nos olhos, por causa do tiro de raspão, na têmpora. Limpou os olhos na manga e a visão clareou.

A bala de teia de aranha enterrara-se na parede e não no seu corpo. Começava a descer, procurando o calor e as células nervosas. Enquanto observava a massa de fibras ainda se esticando em sua direção, elas estremeceram, reluzindo como fios de seda. De repente, todas as fibras se contraíram, recolhendo-se para o centro do tumor, relaxaram e o brilho e o movimento acabaram.

A teia de aranha estava morta e esta não tinha alcançado sua presa. Spock limpou o sangue do rosto e concentrou-se por um momento em deter o sangue que escorria de seu ferimento. Estava também molhado de suor.

O Dr. Mordreaux estava a caminho da ponte.

Já correndo, Spock pegou seu phaser e foi para o turboelevador, não se importando mais se alguém o veria. O elevador parecia levar horas para chegar. Mergulhou dentro dele.

Depois de uma eternidade, o elevador desacelerou e parou, na ponte. As portas deslizaram.

Já sentia o cheiro de sangue humano e ouvia a respiração difícil de seu amigo, mortalmente ferido.

O Dr. McCoy trabalhava freneticamente. Ninguém olhava em direção da porta do elevador aberta.

De novo, Spock sentiu-se lançado ao caos; de novo, presenciou a equipe médica tentando salvar o capitão.

Sentia os tubos e agulhas entrando nele e a renovada onda de dor quando o oxigênio invadiu seu corpo. Mas todas as manifestações físicas do mundo eram periféricas. Apesar do esforço de Spock, Jim estava abandonado. A mente de Spock e a de Jim estavam unidas, mas nem toda a força de vontade de Spock podia impedir a dissolução da consciência de seu amigo. Ela estava sendo arrastada pela não-existência e ele não podia mantê-la contra aquela força destrutiva.

— Spock?

— Estou aqui, Jim. — Não sabia se ouvia as palavras ou as sentia diretamente; não sabia se falava ou pensava a resposta. Sentia-se distanciar junto a Jim.

— Spock... cuide bem... de minha nave.

— Jim...

Com um esforço final e agonizante, quase tarde demais, Jim Kirk arrastou-se para longe de Spock, rompendo a sensação de terror e desespero.

A ressonância física da força emocional atirou Spock de volta para o corrimão. Aos poucos, escorregou para o chão.

Ele e Jim Kirk estavam sozinhos.

Quando as portas do elevador fecharam-se automaticamente, vedando a Spock a cena que esperara impedir, percebeu que de

fato, caíra para trás. Seu corpo tremia incontrolavelmente. O turboelevador esperou pacientemente que lhe dissessem qual o andar. Mas não havia nada a ser feito aqui, nada que ele pudesse fazer.

A mão tremendo, tocou o controle do modificador que o levaria de volta ao lugar ao qual pertencia; desapareceu do fluxo do tempo.

Jim Kirk estava morto.

O ricochete arrastou Spock de volta pelo *continuum* com a mesma força de desmanchar os músculos, assim como na partida. Materializou-se na plataforma do transportador e fez bastante força para manter o equilíbrio. Quando saiu, pernas bambas, McCoy apanhou-o e amparou-o.

— Pelo bom Deus, Spock, o que aconteceu?

— Falhei. — A voz do outro estava roufenha. — Vi Jim morrer de novo. McCoy hesitou, tentando pensar em algo para dizer. Recaiu em assuntos práticos.

— Vamos. Deixe-me cuidar de você.

Puxou o braço de Spock sobre os ombros e ajudou-o a sair daquela sala.

— Senhor Spock!

A vista de Spock, rosto e camisa cobertos de sangue verde, já meio seco, assustaram Christine Chapel. — O que aconteceu?

— Ele caiu da cama — McCoy disse, ríspidamente, e logo se arrependeu do tom de sua voz. — Lamento, enfermeira. Não quis ser mal-educado. Por favor, arranje-me uma bandeja e veja se acha aquela pele sintética híbrida que eu tinha preparado.

Fez Spock sentar. Chapel trouxe a bandeja de instrumentos e saiu, sem dizer nada.

Bem, McCoy pensou, até que mereço esse desprezo.

Soltou a alça do modificador e pôs o aparelho de lado, depois começou a limpar o sangue do rosto de Spock.

— Mas o que aconteceu? Parece um tiro de raspão.

— E é. — Spock falou, sem olhar para McCoy. — Encontrei o futuro Dr. Mordreaux. Não consegui detê-lo.

— Parece que ele é que quase deteve você. — McCoy de repente percebeu o que tinha acontecido. — Spock... ele não atirou em você com a mesma arma...?

Spock fez que sim.

McCoy assobiou baixinho. — Você teve sorte. Mas você o viu?

— Sim.

— Tem certeza...

— De que ele vinha do futuro? Sim, Dr. McCoy. Tive uma oportunidade melhor de observá-lo, desta vez. Ele era... um Dr. Mordreaux diferente. — Olhou de esguelha para McCoy, interrogativamente. — Duvidava que era isso o que eu encontraria?

— Bem, sempre é bom ter alguma confirmação.

Spock caiu em silêncio por momentos, enquanto McCoy limpava a ferida de bala.

— Preciso voltar outra vez.

McCoy começou a protestar, mas nada que pudesse dizer, desde informar que Spock podia muito bem ter perdido quase um litro de sangue até o fato de que estavam os dois sob suspeita de assassinato, traição e pesquisa de armas proscritas, poderia segurá-lo por ali até se recuperar inteiramente. Além do mais, a esta altura, provavelmente a única chance deles era que ele fosse de volta e tentasse de novo. McCoy teria de ficar aqui, encobrir as

pegadas do outro e — sob circunstâncias diferentes, daria até risada disto — ganhar tempo para o outro.

— Vai voltar ao mesmo lugar, de novo?

Spock considerou suas escolhas, que eram em pequeno número.

— Não. — disse ele, por fim. — O Dr. Mordreaux do futuro disse algo que me leva a acreditar que ele foi o responsável por chamar a *Enterprise* a Aleph Primo. Minhas observações sobre a singularidade correlacionam-se com o trabalho dele, de alguma forma, e aparentemente para prejuízo dele.

— Quer dizer que não foi Braithwaite, nem a Frota Estelar, afinal de contas, que nos chamaram, mas o Dr. Mordreaux?

— O Dr. Mordreaux do futuro. Sim. Acredito que essa é a verdade.

— Pode ir tão longe? A distância é grande, além de ser há muito tempo. Quando você partiu antes, causou um corte da energia da nave.

— Se não puder derivar energia dos motores de dobra, precisarei desviar a *Enterprise* e voltar a Aleph Primo... isto é, à posição de Aleph na órbita de onde veio o sinal.

Christine Chapel entrou e depositou ao lado deles o pacote de pele sintética; McCoy e Spock caíram logo em silêncio. Ela olhou-os de maneira estranha e saiu de novo.

— Scotty não vai gostar nada quando ouvir você pedir o motor de dobra funcionando de novo. Vai ser mais difícil ainda explicar porque queremos voltar atrás no curso.

— Mas eu não pretendo informar o Sr. Scott de meu plano; se ele terminou de reparar apenas um dos motores de dobra, não vai ser preciso obter permissão dele para derivar sua energia. Nem vejo

razão alguma para que eu devesse explicar uma mudança no curso da nave, exceto dizer que é necessário.

McCoy abriu o pacote e tirou a pele sintética com pinças esterilizadas. Era a primeira vez que ia experimentá-la, e estava ansioso para ver se funcionava. Se as células tinham-se fundido corretamente, o corpo de Spock não rejeitaria a pele, tal como acontecia com a pele sintética só para humanos ou só para vulcanos. Como Spock era o único híbrido vulcano/humano por ali, pelo menos, o único que McCoy conhecia, tecido para enxerto em um sistema imune tão incomum não poderia ser encontrado facilmente. Cobriu o longo arranhão e pulverizou uma bandagem transparente por cima.

— Quase não se vê, — comentou, contente com o seu trabalho. — Quero que venha mais ou menos a cada dois dias, para eu examinar... — A voz dele desapareceu, quando Spock ergueu a sobancelha de novo.

— Certo, — reconheceu McCoy. — Você não estará aqui. Eu mesmo não estarei aqui. Espero que não.

Spock levantou-se. — Preciso saber como estão os motores de dobra...

— Você estava dormindo, lembra-se? Spock, isto é uma ordem. Vai ficar deitado aqui e estará aqui quando eu voltar. Vou descobrir sobre o motor de dobra e trarei roupas limpas. Faça-me um favor, diga para o computador me deixar entrar na sua cabine, para que eu não tenha que adivinhar o segredo da porta.

— O computador não tranca meu alojamento, Dr. McCoy.

— O quê?

— Meu alojamento não é trancado. Vulcanos não usam fechaduras.

— Mas você não está em Vulcano.

— Sei disso. Mas não vejo razão para me comportar diversamente quanto a fechaduras, assim como não vejo motivo para mudar meu comportamento sob outros aspectos.

McCoy olhou-o, incrédulo. — Quase todos na *Enterprise* são bastante honestos, mas você está abusando da sorte.

— Sorte não está em questão. Observei que os humanos se comportam como se espera que se comportem.

— A maioria de nós, talvez, mas...

— Doutor, será que temos tempo para uma discussão filosófica?

— Não, acho que não. — McCoy desistiu relutantemente de argumentar, pretendendo voltar ao assunto na primeira oportunidade, depois lembrou-se de que, se tudo saísse bem, nada disto teria ocorrido em primeiro lugar. — Muito bem, não se importe. Vai ficar aqui descansando por alguns minutos, está bem? Volto logo.

Depois que McCoy deixou a enfermaria, Spock ficou deitado, no cubículo. Ainda precisava tomar cuidado para não cair no sono, mas precisava desesperadamente de descanso físico. Não podia admitir a dor. Mas só poderia ignorar estas coisas por algum tempo; era um sinal fisiológico de perigo.

Enquanto descansava o corpo e tentava manter a mente alerta, pensou sobre coincidências, as coincidências que começavam a mostrar suas causas. A *Enterprise* não fora chamada a Aleph por acaso; o Dr. Mordreaux descobrira uma maneira de fazer a estação chamá-los. Havia alguma importante relação entre o trabalho do professor e o efeito entropia que Spock descobrira como subproduto de suas observações da singularidade.

Um lampejo de intuição assaltou-o como um choque elétrico e viu como seu novo fator se aplicava ao trabalho do Dr. Mordreaux. Era um resultado direto da viagem pela quarta dimensão, e não um subproduto. A singularidade que fora criada era meramente a manifestação física espetacular da viagem só de ida que os amigos do Dr. Mordreaux fizeram pelo tempo. Spock não podia entender como não tinha percebido isto antes. Talvez estivesse predisposto a aceitar a opinião humana sobre coincidência ou talvez a conexão fosse simples demais para ser vista imediatamente. A conexão teórica entre singularidades e a possibilidade de viagem no tempo e, inversamente, a viagem no tempo e a criação de singularidades tinha séculos de existência. A descoberta desta inter-relação parecia ter precedido a dos princípios da viagem interestelar em quase todas as sociedades tecnológicas.

Mas o efeito entropia era algo novo e era a consequência mais desastrosa do deslocamento temporal.

Os amigos do Dr. Mordreaux precisavam de qualquer maneira ser devolvidos à sua própria época para reparar o rasgão no *continuum* que fora causado por suas viagens.

Spock não sabia avaliar como o Dr. Mordreaux receberia esta nova informação ou sequer se acreditaria nela. Poderia recusar-se a aceitá-la e a consideraria outra tentativa de Spock fazê-lo trair os amigos. O vulcano começou a perceber como era alto o preço de sua palavra de honra.

McCoy entrou na casa das máquinas. O ar estava saturado de ozônio, isolantes queimados e semicondutores derretidos. Scott estava sentado em seu posto, inclinado no console de seu computador: se as coisas estavam tão ruins que não podia

consertá-las de imediato — praticamente por instinto, como McCoy já presenciara antes — então as coisas estavam mesmo muito ruins.

— Alô, Scotty. O que...

Interrompeu sua observação cordial quando Scott empertigou-se em sua cadeira. McCoy sabia que o engenheiro— chefe estava irradiando raiva, antes mesmo dele se voltar, o que fez devagar, ainda sentado na cadeira giratória, empurrando-a com a mão esquerda, tão apertada na beirada da mesa que o braço até tremia.

— Scotty, o que há de errado?

— Nada, nada.

— Vamos lá. É essa maldita história do comando? Eu não queria — tenho certeza que o Sr. Spock nem mesmo pensaria nos seus sentimentos, só pensou no que seria mais eficiente no momento.

— Não há nada errado. — Foi o que Scott repetiu. — Nada errado. O que o Sr. quer? Não tenho tempo para conversa.

Está bem, Scott, seu teimoso, se quer brincar de ser oficial, eu tenho alguns anos a mais de experiência no jogo do que você.

— Bem posso ver, Sr. Scott. Com certeza não quero desperdiçar seu valioso tempo. Apenas dê-me um informe do estado dos motores, de impulso e dobra.

Scott assustou-se com a resposta de McCoy como se estivesse blefando e nunca esperasse uma resposta de McCoy, ou que este ficasse ofendido. McCoy percebeu também que não tinha se comportado como Scott esperava, mas estava sem saber o que este reagiria e, como Scott não tinha tempo para conversa fiada, McCoy não podia tampouco ficar brincando de psiquiatra amador ou sequer dar outra alfinetada no ego do engenheiro.

— Os motores de impulso mal estão funcionando. Se meu pessoal trabalhar vinte e quatro horas, poderemos desacelerar antes de chegar na Reab Sete. Mas o pessoal das máquinas já tem trabalhado vinte e quatro horas por dia há vários dias e estão muito cansados.

— Sabe o que causou o blecaute? — perguntou McCoy, porque era a pergunta que seria de esperar, vinda dele.

— Um desvio de energia. Foi como se alguém dirigisse a corrente para o transportador e dirigisse uma tremenda quantidade de energia elétrica para o espaço.

— Bem, não pode ter sido isso — disse McCoy bem depressa, esperando desviar Scott da informação que era melhor que não conhecesse. — Isso não faz sentido.

— Não, não faz sentido.

— E os motores de dobra? — McCoy logo perguntou, antes que o outro assunto pudesse ir muito longe.

— Não posso desacelerar no espaço normal com os motores de dobra.

— Não, não foi isso o que perguntei. Se eu for à ponte e pedir fator dobra quatro para... para Arturus, seria possível?

Scott abriu a boca, mas não tinha palavras. Por fim, conseguiu murmurar, desanimado: — Sim, sim, seria possível.

— Muito obrigado, Sr. Scott. Era tudo o que eu precisava saber.

McCoy percebeu que Spock chamaria muita atenção em Aleph Primo num uniforme da Frota Estelar antes que a nave fosse chamada para lá. Seria no mínimo inconveniente que Spock fosse preso e acusado de estar ausente sem licença.

Sentiu-se pouco à vontade, remexendo no armário de Spock e a alta temperatura daquele alojamento fazia com que transpirasse. Mas preferiu demorar mais até encontrar uma roupa de talhe menos militar. Atrás das camisas de uniforme e do traje de gala, encontrou várias túnicas de estilo mais informal.

Voltou à enfermaria carregando a camisa limpa debaixo de um braço, esperando que ninguém lhe fizesse perguntas.

— Spock?

Spock sentou-se, na penumbra do cubículo, bem desperto e alerta, não tão abatido quando McCoy teve de ampará-lo junto ao transportador. Examinou a têmpera dele; a pele sintética estava aderindo bem.

— Aqui está uma roupa que achei adequada, — e estendeu-lhe a túnica marrom-escuro. — Chama menos a atenção que o uniforme azul de oficial.

Spock pegou a camisa, com expressão interrogativa, mas não fez objeção à escolha de McCoy.

— Os motores de dobra estão funcionando?

— O Sr. Scott diz que sim.

A camisa limpa era de algum material sedoso, com punhos estreitos e um discreto padrão dourado, assim como no colarinho. Spock vestiu-a.

— Nunca vi você vestindo isso antes.

— Vestir isto a bordo da *Enterprise* não seria apropriado.

— Fica-lhe bem. Combina com seus olhos.

Spock pegou o modificador do tempo e levantou-se. — Não quero frustrar sua curiosidade, doutor. Foi minha mãe quem me deu esta túnica. — Passou por McCoy e saiu da enfermaria.

Depois de um momento, McCoy saiu também.

— Não é necessário que o senhor me acompanhe, Dr. McCoy, — disse Spock quando o médico o alcançou. O oficial de ciências começou a ajustar os controles do modificador sem diminuir o passo.

— Quanto tempo vai ficar longe desta vez?

Spock parou. — Não dá para dizer — disse, devagar. — Eu não tinha... É impossível calcular.

— Chamando Dr. McCoy, — anunciou o computador da nave. — Nave se aproximando. Doutor McCoy à ponte, por favor,

— Ora, não agora! — disse McCoy.

— Melhor responder, doutor. Haverá outro blecaute na nave, mais sério que o último, e sua presença será necessária em outro lugar. Não preciso de... uma festa de despedida.

— Está bem, — respondeu McCoy, percebendo que o seu desejo de acompanhar Spock ao transportador não tinha nenhuma razão lógica. —

Mas se eu tiver de trazê-lo de volta, quanto devo esperar desta vez?

— Pelo menos doze horas. Mas não mais que quatorze ou o modificador do tempo não terá energia suficiente para devolver-me pela distância que terá sido percorrida pela nave.

— Meu Deus! Quer dizer que vai se materializar em algum ponto do espaço?

— Possivelmente. Mas é mais provável que o feixe de retorno espalhe-se por um volume considerável do espaço/tempo que houver no meio...

— Não importa, — logo respondeu McCoy. — Não mais de quatorze horas.

— Doutor McCoy à ponte, — disse de novo o computador. — Doutor McCoy por favor, responda.

— Será minha imaginação ou estou percebendo nele um certo tom histérico?

— A integridade da base de dados do computador foi severamente comprometida, — respondeu Spock. — Infelizmente, não tive a oportunidade de reparar o dano causado pela súbita falta de energia.

— Relaxando nos seus deveres, hein? — disse McCoy e completou antes que Spock desse alguma resposta séria: — Não foi essa minha intenção, desculpe. Eu mesmo estou ficando um pouco histérico.

— Doutor, apresente-se à ponte. — depois de dizer isto, o vulcano deu meia-volta e afastou-se.

— Nave não-identificada aproximando-se. — repetiu o computador. Phasers de prontidão.

— Meu bom Deus! — disse McCoy e correu para o elevador.

Antes de chegar ao transportador, Spock parou para pensar um pouco. Podia voltar a Aleph Primo e impedir que a *Enterprise* fosse desviada ou poderia conversar com o Dr. Mordreaux mais uma vez e fazer-lhe a demonstração que o liberaria de sua promessa. Esta era, sem dúvida, a ação mais lógica.

Quando McCoy cancelou a mira automática dos phasers, a nave desconhecida que alertara os sensores aproximara-se o bastante para ser vista na tela, sem ampliação. Era pequena e rápida, um ponto prateado movendo-se contra o campo estelar.

— Quem é? De onde veio? — McCoy imaginou se Braithwaite não tinha mandado uma mensagem a Aleph Primo chamando reforços.

Chekov e Uhura estavam de folga e McCoy não conseguia lembrar os nomes dos jovens cadetes que estavam em seus lugares.

— Estamos recebendo uma transmissão, Dr. McCoy, — falou o oficial de comunicações substituto.

— Coloque na tela.

Hunter apareceu na frente dele. No canto da imagem, podia ver o Sr. Sulu, calado e taciturno, com uma expressão vidrada de dor no olhar. Hunter não parecia muito melhor. McCoy sabia exatamente como ela devia sentir-se: da mesma maneira que na noite em que Jim morreu. Teve o súbito impulso de contar-lhes e contar a todos. Tudo está bem, vamos sair desta também. De algum modo.

Mas nada aconteceu, nada tinha mudado. A energia não tinha sumido, de novo. Onde estava Spock?

Talvez nada mudasse, nunca. Talvez desta vez o caminho continuasse inalterado, com Jim Kirk e Mandala Flynn mortos, e se Spock conseguisse fazer alguma coisa, seria apenas começar alguma versão alternativa da realidade. Os olhos de McCoy marejaram subitamente, a suspeita da impotência acarretada pela incerteza.

— Capitão Hunter, — disse ele, entristecido. — Olá, Sr. Sulu.

— Olá, Dr. McCoy, — respondeu Hunter. O Sr. Sulu cumprimentou inclinando a cabeça, como se não conseguisse falar.

— Lamento vê-los de novo sob estas circunstâncias.

— Não era como eu esperava. Permissão para subirmos a bordo?

— Claro. — disse McCoy, mas aí percebeu seu erro. Além do fato de Spock ainda não ter partido, McCoy não fazia idéia se o

transportador ainda servia para uso normal.

— Capitão, — acrescentou ele rapidamente, — pensando melhor, sugiro abordar a *Enterprise*. Acabamos de sofrer um blecaute total e eu preferiria não usar o transportador até que saibamos o que aconteceu.

— Como preferir. — respondeu-lhe Hunter.

Hunter girou sua pequena nave, colocando-a de costas contra a *Enterprise*, prendendo-se suavemente à comporta de atracação. McCoy estava à sua espera, quando pulou de sua nave para o campo gravitacional da nave maior. Caiu no convés.

Sulu seguiu-a, mais devagar.

— Capitão, — cumprimentou McCoy — Senhor Sulu.

— Pelos deuses, doutor, — disse Hunter, — não estou com disposição para suportar esse falatório militar agora. Não podemos ser um pouco mais informais? Meu nome é Hunter. Os outros o chamam de Leonard?

— Às vezes. Por mim, tudo bem.

— Obrigada. O que aconteceu?

McCoy suspirou. — Isso vai exigir algumas explicações, Hunter. Vamos nos sentar para conversar.

— Está bem.

Nenhum dos dois reparou quando Sulu deixou-os, muito antes de chegarem ao clube dos oficiais.

Sulu achou que não suportaria ouvir as explicações. 1\ido o que sabia, tudo o que precisava saber, era que Mandala estava morta. Parou junto à porta da sala de estase, criando coragem para entrar. Por fim, ficou perto o bastante para a porta notar sua aproximação e abrir-se.

Lá dentro, duas das unidades de estase irradiavam um brilho fraco, seus campos de energia estabilizando os corpos em seu interior. Estavam identificados fria e oficialmente: *KIRK, James % Capitão*, e *FLYNN, Mandala, Tenente-Comandante*. Sulu fez uma homenagem silenciosa a seu ex-capitão, passando os dedos sobre a placa com seu nome. Por fim, com grande relutância, abriu a unidade onde estava o corpo de Mandala.

Uma névoa de luz azul brilhava ao seu redor.

A teia de aranha não dava uma morte clemente e não deixava memórias fáceis de encarar para os que ficavam para trás. Sulu podia ver a luta que ela enfrentara, mesmo naquele rosto sem olhar. Ela lutara até o fim da vida, nunca desistira.

O cabelo estava solto; os cachos formavam uma massa desorganizada em torno do rosto e ombros.

Sulu empurrou a mão contra o campo de energia protetora para tocar o rosto dela, afastar uma mecha de cabelo. O anel de rubi que fora dela brilhou através da luz azul, dando reflexos dourados.

Gostaria de poder fechar os olhos dela. Sabia que isso não era possível.

Sentou-se no chão, encolheu as pernas contra o peito, segurou os joelhos com os braços e escondeu o rosto.

Muito tempo depois, imerso em sonhos e memórias, sentiu alguém tocando seu ombro. Rapidamente, ergueu os olhos.

Barry ai Auriga agachou-se a seu lado, olhando-o em silêncio.

— Eu deveria ter estado lá, — disse Sulu. — Na ponte.

— Para morrer com ela? Ela não gostaria disso.

— O que você sabe disso? — surpreendeu-se com a veemência de sua reação e tentou afastar-se.

A mão de Barry apertou-se em seu ombro.

— Eu também estou de luto. — disse ele, por fim. Sulu olhou-o de novo.

— Não seria conveniente apaixonar-se pela comandante do meu próprio setor, — disse Barry, — E eu vi que vocês... Eu via que ela o queria... Não podia dizer nada. Mas eu estou de luto, como você.

Sulu agarrou o antebraço de Auriga. — Lamento. Eu não sabia...

Barry ai Auriga balançou a cabeça. — Nem ela sabia. Agora não importa. — Levantou-se, erguendo Sulu consigo. — Vamos embora. Este não é um bom lugar para recordarmos dela.

Sulu empurrou a unidade de estase de volta ao seu lugar. Foi a gota d'água, para ele. Ficou de costas para ai Auriga, as duas mãos apertadas contra a parede, esforçando-se para controlar as lágrimas.

— Vamos embora, — disse Barry, de novo. Pôs o braço na cintura de Sulu, como um irmão: ele também chorava.

SETE.

Hunter escutava, o rosto uma máscara. McCoy não sabia dizer o que ela pensava ou o quanto acreditava da história que lhe contava porque ela não reagia de maneira alguma. Mas ele bem sabia como a história podia parecer esfarrapada. Terminou e tomou um grande gole de sua bebida.

Hunter brincava com sua trança negra, com a pena na ponta.

— Está bem, Leonard. Agora, por favor, conte-me a verdade.

Ele piscou, surpreso. Não sabia o que dizer: a descrença dela era demasiado direta.

— Você é um péssimo mentiroso. Ainda assim, ele não sabia o que dizer.

Hunter inclinou-se, apoiando os cotovelos nos joelhos, e falou com raiva, mas sinceramente.

— Eu poderia pilotar esta nave pelos buracos de sua história. Cúmplices misteriosos e um revólver que desaparece e uma mutante com intoxicação alimentar? Quer que eu acredite que Mandala Flynn teria aceito um imediato que não encontrasse uma só informação útil em vinte e quatro horas? Ela era ambiciosa demais para escolher um imediato incompetente — ele faria com que ela parecesse uma idiota. Presumo que você tenha contado essa mesma lengalenga para o ai Auriga. Mas agora há uma diferença: você pode ser o oficial superior dele, mas não é meu. Onde está o Sr. Spock? Aliás, onde está Ian Braithwaite?

— Bem, até que Spock tenha repousado um pouco...

— Chega! Não me venha com essa história de novo! O capitão dele está morto, o crime não foi resolvido, ele está no comando e você quer que eu acredite que ele foi dormir por três dias? Mesmo que fosse, houve um blecaute total, os computadores falham a toda hora e quer que eu acredite que um oficial de ciências vulcano ficou dormindo? Ora, vamos!

— Depois de tanto tempo...

— Doutor McCoy, — ela interrompeu e seu tom de voz deu-lhe um calafrio. — Dr. McCoy, não há nada místico sobre o sono de recuperação. Conheço essas técnicas. O senhor mesmo poderia aprendê-las. Spock não está catatônico, não está em nenhum tipo de transe e acordar não lhe faria mal à saúde. Ele pode acordar e ele acordaria, dadas as circunstâncias que o senhor descreveu.

As mãos de McCoy estavam frias e uma gota de suor correu em seu flanco. Se contasse a ela a verdade... Ela conhecia muito sobre a nave e seus tripulantes, não podia ser enganada por tanto tempo quanto Braithwaite e ele não podia prender Hunter em seus aposentos.

E ele mesmo não acreditava que poderia enganá-la e também não podia aceitar o risco de tentar convencê-la de que o que dizia era a verdade. Em desespero, tentou enganá-la mais uma vez. Tudo o que precisava fazer era dar a Spock mais tempo. Mas o que é que o oficial de ciências estava fazendo? A cada segundo que passava, a cada ruído ao acaso, McCoy esperava um blecaute, com a partida de Spock. Por que ele continuava a bordo?

— Hunter, — falou gentilmente, — nenhum de nós tem agido muito racionalmente desde a morte de Jim. Sabe como eu lamento,

lamento mesmo, mas acho que você está ficando um pouco emocional demais...

Hunter levantou-se.

McCoy continuou falando, sem parar.

— Sei como você e Jim eram chegados. Ele me contou... a última coisa que ele me disse foi sobre você.

A expressão dela não mudou. Olhou-o bem de frente.

— Ele sabia que tinha cometido um erro, recusando seu convite de parceria. Queria dizer-lhe isso ele mesmo, mas quando foi ferido, sabia que estava morrendo. Sabia que nunca a veria de novo.

Pedi-me que...

— Cale a boca.

— Ele queria que você soubesse.

— Não acredito em você, — disse ela, a voz completamente indiferente.

— Mas é verdade!

— Você não me disse uma só palavra verdadeira desde que vim a bordo. Jim confiou em você, confiou em você mais do que em ninguém, incluindo eu. Mas juro que não sei por quê. — disse, prestes a deixar o clube dos oficiais.

McCoy pulou e agarrou seu braço. Surpresa, ela esquivou-se e colocou-se em posição de ataque tão depressa que quase o atingiu, mas controlou-se em tempo, baixou a guarda e afastou-se de novo.

— Onde vai?

Ela não respondeu, mas McCoy seguiu-a. Logo percebeu que dirigia-se para a cabine de Mordreaux.

— Não adianta nada falar com Mordreaux. — disse, apressadamente, a voz dele soava ainda menos convincente do que

as palavras em si. — Ele está completamente incoerente, ele...

— Não minta mais para mim, Leonard. Conte-me a verdade ou cale-se.

Ian Braithwaite tentou mais uma vez abrir a porta da cabine, mas falhou de novo. A fechadura não respondia mais à sua voz. O terminal de comunicações, bloqueado, impedia que falasse com qualquer um; não podia entrar em contato com o Sr. Scott. Frustrado e furioso, bateu fortemente na porta. Já estava rouco, gritando sempre que ouvia alguém passar.

McCoy realmente o convencera, com aquela baboseira sentimental sobre os últimos desejos do amigo. O homem era um ator consumado. Ian supôs que era um talento que a maioria dos médicos cultivava, de qualquer maneira, e McCoy usara aquela capacidade magnificamente. De uma maneira estranha, Ian não conseguia deixar de admirá-lo. Atingia seus objetivos com alguma classe. O promotor percebia agora que McCoy não poderia ser perdoado por nenhuma de suas ações: por mais perturbado que ficasse quando da morte de Kirk, até que estava recuperado, e muito bem. Sem dúvida, os lucros potenciais do seqüestro da *Enterprise* e o uso do modificador do tempo consolaram sua dor e sua consciência.

Ian sentia-se completamente inerme, assim como estivera nas mãos de ai Auriga. O oficial de segurança não o ferira, mas Ian estava à mercê de McCoy, Spock e Mordreaux. A precariedade de sua própria posição começou a ficar bem clara. Até agora, estivera irritado demais para se preocupar muito sobre sua própria

segurança. Esta era a primeira vez, desde que viera a bordo da *Enterprise*, que não tinha coisas demais com que se preocupar.

Não estava com medo. Considerava seu possível destino com uma certa resignação, numa atitude fatalista. Talvez eles o tivessem vencido. Certamente, era o que parecia, no momento. Mas se tivesse só mais uma chance, só um golpe de sorte, não seria tão cuidadoso para obter prova absoluta da culpa deles.

Tanto quanto lhe concernia, a única pergunta ainda a ser respondida era se planejavam usar a nave e o modificador do tempo em seu próprio benefício ou tomá-lo, bem como à *Enterprise*, o exemplar mais avançado da tecnologia da Frota Estelar, e leiloá-los entre os inimigos da Federação.

Jogou-se no catre e passou um braço sobre os olhos. O estômago revirava; sentia-se nauseado com a tensão e a raiva. Vivia todo tempo à beira de uma úlcera, fato que sempre negava. Estava convencido de que poderia deduzir os eventos do dia anterior adequadamente, bem como o que aconteceria a seguir, e depois impediria um desastre ainda maior. Mas tudo o que conseguia fazer era pensar, sem parar: eu não deveria ter confiado em McCoy. Depois de tudo o que vi, eu devia saber, eu não deveria ter confiado em McCoy.

Ouviu a porta se abrir; ficou quieto, fingindo dormir. A luz projetou-se nas dobras de sua manga. Imaginou se McCoy viera para matá-lo, assim como se livrara do capitão, ou se era Spock, para envenená-lo, como de alguma forma envenenara Lee, o juiz Desmoulins e a guarda da segurança. Passos próximos. Preparou-se para lutar, tentando tensionar os músculos, mas sem aparentar movimento.

— Senhor Braithwaite?

A tensão desapareceu rapidamente. Afastou o braço dos olhos e sentou-se logo.

— Senhor Scott... graças a Deus!

— Eu cancelei a trava. Tentei achá-lo pelo comunicador, mas não consegui nada.

— Eles me isolaram. — respondeu Braithwaite. Ficou de pé. — Tentei dar a McCoy mais uma chance e ele me prendeu.

— Sim. — reconheceu Scott, melancólico.

Ian tomou Scott pelos ombros. O engenheiro não queria encará-lo.

— Sabia que podia confiar no senhor, — disse Ian. — Sabia que haveria alguém nesta nave que se importaria. Meu Deus, se o senhor não estivesse aqui...

— Não me recorde essas coisas, — disse Scott. — Não me cumprimente. Não há nada, senão vergonha, em tudo isto.

— Precisamos tentar recapturar Spock e Mordreaux. Os dois deixaram a nave, mas podem ter deixado de alguma pista. Estavam trabalhando na cabine de Mordreaux. Vamos lá!

Saiu correndo pelo corredor, sem se importar se fosse visto ou recapturado. Scott foi atrás.

O Dr. Mordreaux estava enterrado numa poltrona, braços cruzados sobre o peito. Estava furioso com Spock.

— Maldição, não! — disse de novo. — Sabia que isto ia acontecer se eu o ajudasse, eu sabia. Nunca vai ficar satisfeito até que consiga impor sua vontade e sua ética para cima de mim!

— Garanto-lhe, Dr. Mordreaux...

— Cale a boca! Saia! Faça o que quiser, eu não me importo.

— O senhor me libera de minha promessa?

— Não! Seus atos estão em sua cabeça. Se fizer isso, vou expô-lo como o mentiroso que é!

Spock olhou para o modificador do tempo. A ameaça do Dr. Mordreaux era bastante trivial: se Spock quebrasse sua promessa e impedisse que o professor fosse preso, a promessa, tecnicamente, nunca teria sido feita. Se Spock falhasse, o professor seria levado para a colônia de reabilitação e ninguém daria atenção ao que dissesse. Mas mesmo que a ameaça fosse mais importante, não poderia controlar as ações do vulcano. Só Spock poderia decidir se devia quebrar sua promessa e se poderia depois conviver com sua consciência.

A porta da cabine do Dr. Mordreaux abriu-se.

— O senhor disse que eles tinham fugido! — o Sr. Scott falou para Ian Braithwaite.

Braithwaite ficou olhando para Spock e Mordreaux, a expressão estupefata mudando para alívio e triunfo. — Não importa, nós os pegamos. Afaste aquela coisa de Spock. É... é uma arma!

— Senhor Scott, — disse Spock, — o senhor esteve procurando por mim?

— Senhor Spock... o Sr. Braithwaite fez algumas graves acusações contra o senhor e contra o Dr. McCoy. Tenho algumas perguntas que não consigo responder em minha mente. Acho que devemos conversar.

Braithwaite sentiu-se profundamente contrariado.

— Está me dando uma ordem, Sr. Scott? — perguntou Spock.

— Não quero apresentar uma acusação formal de incompetência contra o senhor, mas é o que farei, se me forçar.

— O senhor será acusado de motim.

— Por que simplesmente não explica? — exclamou Scott. — Não respondeu minhas perguntas e mentiu para mim...

— Pelos deuses, Sr. Scott! — interveio Braithwaite, gritando. — Isto não é hora para discutir sobre seus sentimentos feridos! — Inclinou-se na direção de Spock. — Dê-me isso...

Quando Braithwaite ia agarrar o modificador do tempo, Spock empurrou-o de lado e fugiu. Abriu caminho à força entre os dois oficiais de segurança à porta do Dr. Mordreaux, mas Scott e Braithwaite seguiram-no, correndo, e o homem mais alto diminuiu logo a distância entre eles.

— Segurem esse homem! — gritava Scott, e o rumor de vozes confusas e passos aumentavam a confusão.

Spock corria pelos corredores da *Enterprise*. Virou uma esquina e deu de frente com o Dr. McCoy e o capitão Hunter. Mas Hunter não tinha nenhuma razão para segurá-lo; escapou de novo e deixou McCoy na confusão, enquanto Scott e Braithwaite chegavam até eles. Podia ouvir a gritaria, ordens conflitantes e explicações, com McCoy fazendo o melhor que podia para piorar ainda mais as coisas. Mas, depois de um momento, a confusão se transformou de novo numa fila de perseguidores. Quando Spock mergulhou na sala de transporte, Ian Braithwaite deu um último salto, jogou-se sobre Spock, procurando agarrar os joelhos do vulcano. Caíram, num emaranhado, Ian pegando o modificador do tempo e tentando arrastá-lo para longe.

Spock pinçou os dedos em torno do músculo na base do pescoço de Ian, procurando o nervo vulnerável. O promotor desabou, num amontoado anguloso. Spock soltou-se dele e rapidamente colocou-se em pé. Sem se dar tempo para verificar os ajustes do

modificador, sem parar para pensar se devia tentar voltar mais atrás do que o originalmente planejado, até o começo de tudo, Spock pulou para a plataforma do teletransporte. Hunter apareceu na porta, a pistola de energia na mão. Apontou, mas não era uma arma para atordoar; era só para matar.

Tentando voltar à consciência, Braithwaite gemeu, — Detenha-o, faça alguma coisa: ele matou o capitão Kirk.

Mas ela hesitou. Enquanto Scott e dois oficiais de segurança atarantados entravam correndo na sala de transporte, seguidos um instante depois pelo Dr. McCoy, Spock pressionou os controles e sentiu o arco-íris a engolfá-lo, esmagá-lo e arrebatá-lo pelo *continuum*.

O Dr. McCoy sentiu os motores de dobra estremecer, ressuscitando contra a vontade, injetando sua energia pelo modificador do tempo. O dreno foi demais. Quando as luzes se apagaram, o médico observava Hunter baixar a pistola de energia.

Ela teve todo o tempo para disparar, pensou McCoy.

— Mas que diabo ele fez? — perguntou Hunter.

— Fez uma ruína em meus consertos de novo, só para começar, — Scott disse, no escuro, em seu velho estado de espírito.

— A energia de emergência deve vir em um minuto, mais ou menos, — disse McCoy. — Como lhe disse, temos tido alguns problemas...

— Você tem tido mais do que problemas, — respondeu Hunter, num tom que o fez calar.

O suave movimento do ar voltou e as luzes brilharam fracamente à volta deles. As vozes dos tripulantes, assustados, foram num "crescendo" embaralhado. O computador começou a balbuciar e depois caiu num ruído contínuo.

O Sr. Scott ajudou Ian Braithwaite a levantar-se. Tonto, o promotor quase caiu de novo. McCoy avançou, depressa, mas Ian puxou o braço, evitando sua ajuda.

— Fique com as mãos longe de mim. — Sentou-se na plataforma do transportador e enterrou o rosto entre as mãos.

— Está bem, Ian. — McCoy disse, brandamente. Voltou-se para os oficiais de segurança. — Alguém está guardando o Dr. Mordreaux?

— Eu... acho que não, doutor.

— É melhor voltar para lá, então, vocês dois. Aqui está tudo sob controle.

Eles pareciam não acreditar. McCoy não os culpava.

— Fora! — ele gritou.

Saíram, relutantes, de volta a seu posto. McCoy cruzou os braços e olhou para Braithwaite.

— Você deveria estar em seus aposentos, Ian, — disse ele. — U que esta fazendo aqui? .

— Eu o libertei, Dr. McCoy, — disse Scott. — Não sabia o que tinha acontecido com esta nave, não sabia o que tinha acontecido com o senhor e o Sr. Spock, desde que tudo isto começou. Mas o Sr. Braithwaite fez algumas perguntas que precisam ser respondidas e o senhor precisa respondê-las.

— Scotty, você desobedeceu minhas ordens diretas...

— Suas ordens! O senhor não é um oficial comandante! Por que ele deveria deixá-lo no comando? t

— Spock deixou o doutor no comando porque era a única maneira de levar a cabo os seus planos, — disse Braithwaite. — Tinha de manter você fora do caminho.

— Agora, espere um pouco! — retrucou McCoy.

— Parem, todos vocês.

Os três homens ficaram calados, reconhecendo o tom de voz de alguém que merecia obediência e respeito.

— Minha patente é superior à de todos vocês, inclusive Spock, — disse Hunter — e se é uma questão de patente, para descobrir o que está acontecendo, considerem a questão resolvida. Dr. McCoy, tem algo a dizer.

Ele ia começar a responder, mas como Spock já tinha ido e talvez precisasse apenas de alguns minutos para pr tudo em ordem, mas se falhasse de novo e voltasse, seria detido, se seus planos fossem descobertos. McCoy não podia arriscar-se a revelar o que estavam tentando fazer. Negou com a cabeça, derrotado.

— Senhor Scott? — Hunter perguntou.

— Eu não sabia o que estava acontecendo. O Dr. McCoy disse que o Sr. Spock estava num sono profundo. Mas não estava dormindo, como pode ver por si mesma. Isso aí não se parece com nenhum raio transporte que já vi antes... e para onde ele poderia ter ido? Não consigo ver sentido nenhum em suas ações. A menos que as suspeitas do Sr. Braithwaite... Não queria acreditar nelas... mas se elas não são verdadeiras, por que o Dr. McCoy quer ir para Arcturus?

— Arcturus! — surpreendeu-se Hunter.

— De onde tirou a idéia que eu queria ir para Arcturus? — perguntou McCoy, assombrado.

— O senhor mesmo me disse, — respondeu Scott, e quando McCoy balançou a cabeça, — o senhor disse e até perguntou, caso pedisse dobra quatro para Arcturus, se teríamos energia.

— Mas não era isso o que eu quis dizer, — respondeu McCoy. — Eu só disse o primeiro exemplo que me veio à mente. E se eu quisesse ir para Arcturus? Que diferença isso faria?

— Leonard, — disse Hunter, — Arcturus está eqüidistante do espaço da Federação, dos romulanos e dos klingons. É uma região neutra — quase todo o tempo, pelo menos. As pessoas vão a Arcturus para fazer negócios.

— Mas eu não quero ir para Arcturus, — insistiu McCoy. — eu só queria saber se o motor de dobra estava funcionando.

— Ele nem inventa desculpas decentes! — exclamou Ian.

— Não, Sr. Braithwaite, — retrucou Hunter, com aspecto de quem ia começar a rir. — Tem razão sobre isso. O Dr. McCoy não dá boas desculpas. Mas, o que tem a dizer?

— Spock tem tentado soltar Mordreaux, — disse Braithwaite. — Esteve em Aleph logo depois do julgamento, eu o vi. E estava mexendo no transportador pouco antes de Kirk ser morto. Mas Spock não conseguiu levar Mordreaux embora, de modo que tratou de fugir antes que o mundo caísse em sua cabeça. Já tinha envolvido o Dr. McCoy em seu plano. A chefe da segurança estava envolvida, mas eles se livraram dela...

— A chefe da segurança? Não pode estar falando de Mandala Flynn!

— Sim! Ela queria tanto comandar uma nave como esta que não podia ver a hora. Isso não era segredo, até falou disso a Kirk. Mas ele riu. Devia saber que uma pessoa sem posses não teria chance de ser promovida tão alto na Frota Estelar.

— O senhor tem umas idéias bem estranhas, Sr. Braithwaite.

— Mas foi isso o que aconteceu! Spock provavelmente ofereceu a ela a *Enterprise* em troca de sua ajuda. Precisavam livrar-se de Kirk primeiro. O

Dr. Mordreaux tentou matá-lo, mas não conseguiu, de modo que Spock pressionou McCoy para que deixasse Kirk morrer.

— Maldição, Braithwaite, ele já estava morto! Ele já estava morto! — McCoy interrompeu-se e afastou-se. No silêncio que se seguiu, conseguiu controlar-se. — Executei seus desejos. Segui os termos de seu testamento. Pode consultá-lo, se quiser.

— É o que pretendo fazer, — disse Hunter. — O que fez ou deixou de fazer depois, isso não altera o fato de que Jim foi atacado.

— Você poderia tê-los detido! — gritou Ian. — Por que não atirou em Spock quando teve a oportunidade?

Hunter olhou para a pistola ainda em sua mão e lentamente recolocou-a no coldre. — Acha que eu mataria uma pessoa só porque o senhor me mandou?

Ian levantou-se e olhou para o console do transportador. — Ainda não é tarde demais! Ainda podemos... — parou no exato momento em que McCoy ia pular em cima dele, para que não descobrisse a unidade auxiliar do modificador do tempo. Ian cambaleou, com um ar desorientado, confuso, no rosto.

— O que há? — disse Scott. — Ian...

O promotor desmaiou, o corpo completamente relaxado. — O toque de vulcano... — disse Scott.

— Não é isso, — disse McCoy, ajoelhando-se no chão ao lado de Braithwaite. Reconheceu os sintomas imediatamente, a segunda vez em poucos dias. — É botulismo hiper-mórfico! Ajudem-me com ele, não há tempo de esperar por uma maca!

Nas garras do modificador, Spock sentia o tempo passar. A sensação era muito diferente do teletransporte simples, que nada mais era que um breve momento de deslocamento, no fim do processo. Isto era como cair pelo espaço, no vácuo, soprado por todas as lufadas do vento solar, todas as correntes do campo magnético, jogado daqui para lá pelas ondas de gravitação, pela própria luz.

Materializou-se dois metros acima do chão, no parque central de Aleph Primo, e caiu. Aterrissou duro o bastante para perder o fôlego e precisou se esforçar para ficar consciente.

Poderia ter sido pior. Sabia que não podia calibrar o aparelho com precisão total, saindo de uma astronave em movimento, para o lugar onde Aleph estivera vários dias antes, já era um feito sensacional — de modo que escolheu surgir em pleno ar. Assim teria uma melhor chance de não se reintegrar dentro de uma parede. Preferiria aparecer na sala do transmissor de emergência, mas achou que as chances contrárias eram grandes demais para arriscar. Levantou-se, tentando limpar a roupa, olhando à volta, para ver se alguém o avistara.

Escolhera a escuridão, além de um espaço aberto; o parque imitava um ciclo diurno e agora estava imitando a noite. Uma lua artificial estava pendurada no céu sem estrelas.

Deixando o parque para trás, Spock entrou em um dos corredores labirínticos que formavam Aleph Primo. Passou por um terminal de informação pública e perguntou as horas. Chegara, como pretendia, aproximadamente uma hora antes da mensagem de emergência para a *Enterprise* ser transmitida.

Nas horas pouco antes do nascer do sol, mesmo solitários de licença das naves e dos serviços de transportes e mineração perto de Aleph já estavam na cama, mas os poucos seres pelos quais Spock passou não lhe deram atenção. McCoy estivera certo sobre o uniforme; teria chamado muita atenção. Conhecia muito bem a inclinação humana para comparar missões, naves e comandantes: se estivesse de uniforme, não demoraria muito para que algum humano embriagado e amigável além da conta fizesse mais perguntas do que poderia responder.

O pequeno setor da administração pública estava ainda mais silencioso que o resto da estação. Sabia onde ficava o transmissor de emergência, mas era inacessível a qualquer um que não soubesse o código certo. Andou devagar por um salão com fileiras de escritórios com paredes de vidro, todos escuros e desertos: alfândega, segurança, Federação, Frota Estelar, escritório do advogado de defesa público, escritório do promotor...

As luzes piscaram; Ian Braithwaite deixou um aposento interior e entrou na sala principal. Spock gelou, mas era tarde para esquivar-se. Agarrando valise, leitora portátil e uma brochura de folhas de listagens, Braithwaite entrou no saguão. As luzes se apagaram quando ele fechou a porta. Notou Spock só quando quase se chocou contra ele; olhou-o distraidamente.

— Desculpe. Posso ajudá-lo? Está procurando alguém?

Claro, pensou Spock. Ele ainda não me conhece e não tem nenhuma suspeita sobre mim. Amanhã, quando a *Enterprise* chegar, vai lembrar de ter-me visto.

Isso significa que vou falhar aqui, também?

— Onde é o Consulado de Vulcano?

Braithwaite cocou o septo nasal com o polegar e o indicador. — Bem, você está no setor errado; todos os consulados estão numa região no nível superior da estação. — Deu orientações para ir a uma região no pólo norte de Aleph Primo. Spock agradeceu-lhe e Braithwaite saiu, lendo uma das listagens, enquanto andava. Não era de surpreender que tivesse levado muito tempo para lembrar onde vira Spock antes.

Uma vez como promotor fora das vistas, Spock tentou forçar a porta do transmissor de emergência. Estava, claro, trancada e o computador que guardava a porta exigia identificação. Teve o cuidado de não falar com ele, nem aplicar a palma no sensor; não queria que existisse nenhuma prova legal de sua presença por ali.

Por um instante, pensou em voltar à cabine de informação pública, H acessar o computador e contornar sua proteção para abrir a sala do transmissor. Já enganara os sistemas de Aleph Primo antes ou, mais precisamente, era o que faria no futuro; poderia muito bem fazê-lo agora.

Mas isso era exatamente o que o Dr. Mordreaux faria. Era a maneira mais simples e direta de chegar ao transmissor, era o que o professor tinha a fazer para ordenar que a *Enterprise* fosse para Aleph. 1lido o que Spock tinha a fazer era encontrar um lugar escondido, esperar e capturá-lo, quando chegasse.

Cautelosamente, Spock experimentou cada porta ao longo daquele corredor. Um tanto para sua surpresa, uma delas se abriu. Dentro estava escuro, mas não fez nenhum gesto para que as luzes se acendessem. Podia enxergar bem: era uma sala de julgamento pequena, talvez aquela onde o Dr. Mordreaux tivesse sido condenado, sentenciado e onde lhe fora negada qualquer apelação.

Tout comprendre c'est tout pardonner, pensou Spock: uma filosofia difícil de expressar em vulcano. Podia entender por que os humanos que se defrontaram com a pesquisa do Dr. Mordreaux ficaram tão terrificados por ela, tão determinados em suprimi-la, a ponto de subverter a Justiça, para terem sucesso. Mas dificilmente ele os perdoaria; poderia apenas desejar que não tivessem tanta certeza do mau uso do que o professor tinha descoberto. Se estivesse em Vulcano, se vulcanos fossem os únicos seres envolvidos, teriam estudado os princípios e honrariam o seu descobridor e teriam concordado, por um consenso ético, nunca por aqueles princípios em prática.

Ele sabia. Tinha certeza. Quase.

Escondendo-se dentro da sala de julgamentos, na escuridão, onde podia ver sem ser visto, esperou.

Sua lógica não o desapontou, desta vez. Depois de alguns minutos, o Dr. Mordreaux esgueirou-se pelo saguão, indo para o transmissor de emergência, olhando nervosamente por sobre o ombro, a cada passo, parando a cada mínimo ruído. Sobre o ombro, levava um modificador do tempo quase idêntico ao de Spock.

Pousou a mão contra o painel de trava da porta: conseguira romper os circuitos de segurança, assim como Spock faria. A porta deslizou. Spock sacou seu phaser e foi para o saguão.

— Doutor Mordreaux, — disse em voz baixa.

O professor girou, pânico na expressão. Tentou agarrar a sua própria arma.

— Não, espere! — ele gritou. Spock disparou.

Apanhou Mordreaux antes que caísse. Seu phaser, claro, estava ajustado só para atordoar. Não queria matar, se pudesse evitá-lo.

Levantou com facilidade o homem idoso e levou-o para a sala de julgamento, trancou a porta por dentro, tornou opacos os vidros e aumentou a iluminação, para que o professor enxergasse bem, quando acordasse. Spock sentou-se e esperou.

Na enfermaria, o Dr. McCoy trabalhava freneticamente, receando ter deixado passar demasiado tempo, receando falhar de novo, receando ter que observar Ian Braithwaite também morrer em suas mãos.

Spock, pensou, onde diabos, está você? Por que não faz alguma coisa? O mundo está se rasgando pelas costuras e não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

Fora da unidade de terapia intensiva, Scott e Hunter esperavam. Os ruídos a esmo dos sistemas de sustentação da vida não conseguiam encobrir a voz de Scott.

— Ele tinha medo de ser morto, — dizia, a voz tensa, torturada. — Ele estava com medo...

O veneno estava vencendo o organismo de Ian, apesar do apoio dos aparelhos. O coração dele entrou em fibrilação e o corpo ficou convulsionado, com o choque que restaurou seu pulso.

Lute, seu grandalhão teimoso e estúpido, McCoy gritava em sua mente.

Mal notou quando Hunter saiu.

OITO.

Hikaru Sulu estava sentado no chão, de pernas cruzadas, na cabine de Mandala Flynn, mãos relaxadas sobre os joelhos, olhos fechados. Tentava recuperar alguma coisa dos sentimentos que tivera naquele quarto, quando ela estava viva. Mas era como se nunca tivesse estado ali: não deixara para trás nada daquilo que transforma os aposentos de uma pessoa num reflexo de sua personalidade. Pendurara o sabre antigo de Hikaru na parede, mas estava pendurado sozinho, naquela área vazia. O anel dela, quente no lado de dentro, frio no de fora, ainda rodeava seu dedo.

A individualidade de Mandala não fora função de qualquer coisa que tivesse possuído. Tinha-se ido e não havia como recuperá-la, exceto pela memória. Vivia forte e claramente na mente dele — pensou, por um instante, que sentiu o suave perfume de seu cabelo — e começou a entender porque ela não gostava de juntar objetos. Não poderia perder as memórias dela e estas nunca lhe poderiam ser tiradas.

A cama ainda estava desarrumada, desde quando fizeram amor.

O blecaute despertou-o de suas divagações e atçou seu sentimento de culpa. Vagando pela *Enterprise* numa névoa de dor, não era de nenhuma utilidade para Hunter, não serviria para descobrir o que acontecera. Pelo que Barry ai Auriga lhe contara, toda explicação possível se dissolvia num pântano de ocorrências peculiares. Hikaru sentiu-se atordoado e revoltado, como Barry, porque Mandala estava sob suspeita.

Levantou-se devagar, erguendo-se da posição de pernas cruzadas num só movimento; no silêncio, a volta do zumbido dos ventiladores soou muito , alto. Como um fantasma passando pela fraca iluminação da meia-força, Sulu deixou a cabine da sua amante.

Na sala de transporte, Hunter tocou aquele acessório estranho do console, tomando cuidado para não mexer em nenhuma de suas ligações ou controles. Spock não tinha lugar nenhum para onde se transportar, não com um teletransporte normal, e esta máquina, definitivamente, não era mais um transportador normal.

— O que é essa coisa? — perguntou o Sr. Sulu. Viera ter com ela, assim que ela deixou a enfermaria. Hunter gostou de ter a companhia dele, não só porque poderia ser-lhe útil com seu conhecimento da nave e tripulantes, mas porque estava preocupada com ele, sozinho com sua dor. Conversaram sobre Mandala e Jim, no caminho até a *Enterprise*; sabia como ele sofria.

Voltou sua atenção para o dispositivo acrescido ao transportador. — Não estou certa. — Estava ardendo de vontade de abri-lo e ver o interior. — Acho que vou dar ao Dr. McCoy mais uma chance de nos dizer o que acontece e o que essa coisa faz, antes que eu comece a mexer com ela.

Fechou os cristais cor de âmbar no transportador e ela e Sulu voltaram à enfermaria.

— Como está se sentindo? — ela perguntou, calmamente.

— Melhor do que há alguns minutos. E você?

— Quando eu descobrir porque eles precisaram morrer, poderei dizer-lhe. Não quero que tenha sido por nada.

— Não foi por nada. Ninguém está agindo normalmente, nem o Dr. McCoy, nem Spock, nem o Sr. Scott, e as pessoas não mudam

assim por nenhuma razão.

Ela sabia que ele estava dizendo isso para defendê-los, mas também poderia servir para acusá-los. Mas não disse nada.

Na enfermaria, Ian Braithwaite estava inconsciente e cercado pelas máquinas de terapia intensiva. Os sensores mostravam sinais vitais estáveis, o que proporcionou algum alívio a Hunter; pensara que ele ia morrer.

McCoy e Scott estavam sentados, em silêncio, no consultório de McCoy, sem olhar um para o outro. Hunter sentou-se num canto da mesa do médico e o Sr. Sulu perto da porta.

— O Senhor Braithwaite vai ficar bom?

— Não sei. — respondeu McCoy.

— Tinha medo de ser envenenado, — disse Scott.

— Quer parar de dizer isso? Ele não foi envenenado aqui! Alguém lhe deu a toxina encapsulada. A cápsula ficou se dissolvendo por uns dois dias. Desde antes de vir a bordo.

— Desde que viu o Sr. Spock em Aleph, antes da *Enterprise* chegar lá, assim como eu vi o Sr. Spock onde ele não deveria estar!

— Braithwaite provavelmente teve uma alucinação...

— Está querendo dizer que eu também tive uma alucinação? Quer dizer que eu também fui envenenado?

Hunter estava querendo deixar os dois discutirem, para obter alguma informação útil, mas isto era ridículo. — Dr. McCoy, acabo de descobrir uma coisa muito estranha no transportador. Um acessório bioeletrônico.

Scott olhou bem para ela. — Bioeletrônico! Então era essa a engenhoca que o Sr. Spock tinha consigo quando desapareceu...

algum tipo de arma, disse o Sr. Braithwaite. Nada disso deveria estar no transportador! — levantou-se.

— Fique aí, Sr. Scott! — disse Hunter, sem olhar para ele, mantendo os olhos em Leonard McCoy. O doutor mentia mal com o rosto, assim como com as palavras. O rosto empalidecia, e olhou para ela. — Não quero que seja desmontado, Sr. Scott. Ainda não. Leonard, quer me dizer o que é?

— Não, não quero.

— Então eu vou lhe contar algo a respeito. Intensifica o feixe. E o transforma em algo... algo mais. O mais interessante é o controle de retorno.

— Você não tocou nele...!

— Não; ainda não. Mas se eu o ligar e o Sr. Spock ainda tiver o dispositivo correspondente a este com ele, vai trazê-lo de volta. De onde quer que esteja. Não é assim?

— Talvez.

— Mas que inferno! Simplesmente diga-me o que está acontecendo!

— Dê a Spock um pouco mais de tempo! — respondeu McCoy. — Por favor.

— Quanto tempo?

— Disse que tentaria voltar em doze horas. Já fazem duas que partiu.

— Quer que eu espere sem fazer nada por dez horas? Sem uma explicação razoável? Nem mesmo uma explicação pouco razoável? McCoy sacudiu a cabeça. — Se não acreditou em mim antes, não há a menor chance de acreditar no que lhe diria agora.

— Leonard, o que tem a perder? — Tudo.

Na pausa incômoda, o Sr. Sulu avançou. — Doutor McCoy, por favor, confie nela. Como ela poderá confiar no senhor, se não lhe der uma chance?

McCoy olhou para o piloto, afundou o rosto entre as mãos com um gemido e, por fim, ergueu a cabeça de novo.

— Se ligarem aquela coisa no transportador, — disse devagar, — poderão trazer Spock de volta. Mas é mais provável que o matem.

— Por que não começa do começo?

Respirou fundo, cruzou os dedos e depois apertou as palmas contra os olhos fechados e começou a contar uma história ainda mais inacreditável do que a de Ian Braithwaite, mas Hunter escutava, fascinada, malgrado ela mesma.

Ao terminar, Hunter, Scott e Sulu estavam olhando para ele.

— Nunca ouvi uma história mais maluca em toda minha vida! — declarou Scott.

— Scotty, você sabe que a viagem no tempo é possível, — disse McCoy,

— Sim... — o engenheiro ficou retraído, com seus pensamentos.

— Ou o Dr. Mordreaux não era tão maluco como eu pensei, — disse Hunter, — ou você é que ficou maluco de pedra!

McCoy suspirou. — Sei como a história soa, especialmente agora, depois que passei tanto tempo tentando enganá-los. Eu tinha sempre a esperança de que Spock conseguiria alguma coisa, se lhe desse tempo.

— E agora quer que eu lhe desse tempo.

— Hunter, você poderia tê-lo impedido antes, mas não o fez.

— Eu não mataria Spock por você ter mentido para mim, assim como não o mataria simplesmente porque Ian Braithwaite me

mandou.

— Não o mate agora. Dê-lhe um pouco mais de tempo. Essa é toda a verdade, eu juro.

Hunter inclinou-se contra a parede e olhou para o teto. — Não poderia fazer mais nada por Jim, mas Spock era amigo de Jim e foi essa a verdadeira razão pela qual eu não o detive.

— Hunter, — disse Sulu, com força, — é só uma questão de tempo — contra a chance de Mandala e o capitão não serem, ou não terem sido mortos. É um risco que vale a pena!

Ela riu de mansinho. — Não se estivermos errados. — Sacudiu a cabeça, surpresa consigo mesma, — Acho que vou passar os próximos dez anos pendurada pelos polegares numa prisão militar por causa disto, mas Spock pode ter suas malditas doze horas!

Deitado num banco da sala de julgamento, o professor Mordreaux gemia. Spock foi para o seu lado, e quando seu ex-professor voltou completamente à consciência, gentilmente ajudou-o a sentar-se.

— Spock? Sr. Spock, o que está fazendo aqui? Como...? — Olhou para os modificadores do tempo do vulcano. — Oh, não, — e começou a rir.

Spock esperava por isso, mesmo ansiando por algum sinal de racionalidade. Não conseguiria argumentar com esta versão de Dr. Mordreaux, assim como não conseguiu com a outra.

O professor saltou de pé. — Por quanto tempo estive inconsciente? Talvez ainda haja tempo! — Correu para a porta, mas Spock alcançou-o e segurou-o antes que desse três passos.

— Senhor Spock, o senhor não entende! Não há tempo a perder!

— Entendo perfeitamente. Se esperarmos um pouquinho mais, pelo menos um evento nesta corrente do tempo terá mudado e a *Enterprise* não será desviada da rota.

— Mas não sou eu! Eu não sou ele! — Emitiu um ruído desarticulado, de pura frustração, e respirou fundo. Fechou os olhos, reabriu-os, e recomeçou.

— Você está segurando a pessoa errada. Você veio aqui para tentar deter-me, o meu eu enlouquecido, para que não chame você para longe da singularidade. Sei de tudo o que aconteceu. Quer impedir que Jim Kirk seja morto. Eu estive caçando a mim mesmo pelas correntes de tempo por... — parou, riu de novo, ainda à beira da histeria. — Claro, a duração nem faz mais sentido. Não entende, Sr. Spock? Estou tentando deter a mim mesmo, para salvar a mim mesmo.

Spock passou por ele, saiu da sala e foi para o saguão. A porta para a sala do transmissor estava escancarada. Correu para dentro, o Dr. Mordreaux logo atrás dele.

Um segundo Dr. Mordreaux voltou-se, junto ao transmissor subespacial. A fita girava na máquina, com um assobio causado por sua velocidade.

— Muito tarde! — gritou, alegre, na frente dele, o Dr. Mordreaux.

— Muito tarde, — o Dr. Mordreaux atrás dele lamentou, em voz baixa. — Muito tarde.

O professor junto ao transmissor tocou seu modificador do tempo. Os dois sabiam que a mensagem não podia ser interrompida ou cancelada. Era parte do seu sistema de segurança.

— Diabos! — resmungou Mordreaux. — Vamos sair daqui antes que apareça alguém. Se me reconhecerem, vão disparar.

Pegaram os modificadores do tempo na sala de julgamento, saíram do setor da administração de Aleph Primo e andaram juntos, em silêncio, em direção ao parque central. Estava deserto agora, ainda de madrugada, e provavelmente era o lugar mais seguro em que o Dr. Mordreaux poderia estar. Sentaram-se num banco. Mordreaux apoiou o rosto nas mãos.

— Está se sentindo bem, professor?

Depois de algum tempo, fez que sim. — Tão bem quanto possível, considerando que o universo continua a me provar como é mais fácil criar o caos do que a ordem.

— Pode-se provar facilmente que o caos é o resultado principal de tudo o que aconteceu.

Mordreaux olhou para ele. — Ah! Você percebeu a conexão entre o seu trabalho e o meu. Não estamos lutando contra mim. Estamos lutando contra o caos. Entropia.

— De início, acreditei ter cometido algum engano em minhas observações, — disse Spock.

— Não, elas estavam bastante precisas. Desde que comecei a usar o modificador do tempo, o aumento da entropia realmente tem acelerado.

— Achei difícil aceitar seu potencial destrutivo.

— Sim, eu também. Por um milhão de anos, os seres humanos fizeram o melhor que puderam para descobrir a arma final. Coube a mim inventar aquela que realmente pode destruir o Universo.

Passou as mãos pelo cabelo, um hábito que não se alterara com o tempo.

— Está ficando muito ruim na minha época, Sr. Spock. O universo simplesmente está...acabando. Bem. O senhor pode muito bem

imaginar.

— De fato.

A falsa lua desapareceu atrás de um monte pintado na parede oposta e raios do sol, avermelhados, incandescentes, surgiram atrás dele.

— Por que deixou as coisas irem tão longe, professor? Ou estavam tentando mudar as coisas no passado já faz muito tempo?

— Sim, um longo tempo. Mas não pude nem começar até refazer todo o meu trabalho. O programa do vírus foi muito eficiente, Sr. Spock. Todos os meus artigos se evaporaram. Podia-se dar busca em bancos de memória e bibliotecas e dificilmente se encontraria qualquer referência a meu nome.

— Poderia ter entrado em contato comigo. Deve saber a meu respeito por seu trabalho. Devia supor que eu teria cópias em segurança.

Mordreaux estendeu a mão para Spock e este não evitou seu toque. Todas as emoções que recebia de seu velho professor eram de simpatia e estima e, para sua vergonha, Spock sentiu-se com necessidade daqueles indesejáveis sentimentos.

— Ora, meu amigo, você não sobreviveu às acusações que lhe foram feitas. Foi mandado para reabilitação, mesmo as autoridades sabendo o que isso significaria para você. Tenho certeza que eles sabiam que você resistiria aos esforços deles para reprogramar sua mente...

Spock concordou. Muitos humanos foram mandados para reabilitação e voltaram obedientes, complacentes, mas vivos; só uns poucos vulcanos haviam recebido esta sentença e todos morreram.

Saber que era muito mais vulcano do que humano, dava a Spock um tipo estranho de consolo.

— E o Dr. McCoy? E a capitão Hunter?

— A Frota Estelar forçou-os a aceitar uma expulsão. Ela se divorciou da família, para proteger as crianças da vergonha, e juntou-se aos Comandos Livres. Foi morta na fronteira da galáxia, poucos meses depois. Um de seus oficiais cometeu suicídio em protesto contra o tratamento recebido por ela....

— O Sr. Sulu! — Malgrado ele mesmo, Spock ficou surpreso. Sulu nunca parecera o tipo de chegar ao *haraquiri*⁽⁵²⁾.

— Sulu? — Não, era um nome russo. Esqueci qual era. Acho que o Sr. Sulu foi também para os Comandos. — O Dr. Mordreaux deu de ombros. — Pequena diferença, só um suicídio mais lento. Quanto ao Dr. McCoy... — O professor balançou a cabeça. — Tentei não perdê-lo de vista. Depois que o dispensaram, desapareceu. Mesmo antes de proferirem a sentença, ele desanimou completamente. Foi condenado por matar Jim Kirk, sabe?

— No entanto, o senhor saiu com a mente intacta, isso é evidente.

— Reconsideraram o meu caso. Perceberam como eu poderia ser valioso, fazendo exatamente aquilo pelo que fui condenado.

— Como escapou?

— Depois que enlouqueci, era de pouca utilidade para eles e pararam de me vigiar com tanto cuidado. Levei algum tempo para voltar à normalidade... e cá estou eu.

— Não consigo entender porque o seu outro eu matou o capitão Kirk. O senhor disse na ponte... ontem, amanhã... que ele o destruíra. Mas tudo o que fez foi responder às ordens enviadas pelo senhor mesmo.

— Eu sei. Mas na trajetória do tempo em que ele não morreu, defendeu a sua proposição — de que eu era valioso demais para ser destruído — e defendeu bem demais. Depois que enlouqueci, pensei que seria melhor a reabilitação. Ficaria dócil e feliz, e ninguém me processaria. Então decidi voltar e impedir que ele me salvasse.

— Quantas trajetórias de tempo há em questão?

— Elas se multiplicam, Sr. Spock, como ratos. A trajetória principal dividiu-se várias vezes quando enviei meus amigos para trás no tempo; dividiu-se de novo, depois de meu julgamento, quando uma versão de mim, do futuro, particularmente assassina, voltou e iniciou uma campanha de vinganças...

— O Conselho? E o juiz?

O Dr. Mordreaux assentiu. — E Ian Braithwaite, mas esse ficou para o fim.

O sol de imitação já estava alto o bastante para projetar sombras e as silhuetas de suas imagens esticavam-se para o lado do monte.

— Outra trajetória dividiu-se de novo, quando enviei aquela mensagem. Há uma em que você termina suas observações e a mudança é corretamente atribuída a mim e sou processado, e em outra, eu impeço que você as termine e eu mesmo percebo o efeito entropia depois de muitos anos. — Olhou interrogativamente para Spock. — Viu como fica complicado?

— E elas todas evoluem a partir da sua primeira utilização do modificador do tempo.

— Sim, receio que sim.

— O que aconteceu quando o senhor tentou alterar aqueles eventos?

— Tentei uma vez, até agora. Voltei para persuadir a mim mesmo que não fizesse uma aplicação prática da viagem no tempo. Fiquei só por um momento. Como vi um de meus amigos me matar — um outro eu, quero dizer, um do meu futuro ou de outra trajetória do tempo... fiquei com medo de tentar de novo. Sei que devo, eventualmente, mas...

— Suas chances de alterar os acontecimentos tão longe no futuro são desprezíveis.

— Mas preciso tentar.

— Eu não estou tão deslocado assim.

— Você voltaria de novo... e tentaria impedir-me?

— Prometi-lhe não interferir com seus amigos. — Spock desviou o olhar. — Meu juramento parece... um assunto trivial, em comparação com o que acontecerá se eu não rompê-lo.

— Duvido que seu julgamento seja trivial para o senhor, Sr. Spock. Posso dispensá-lo de sua promessa?

— Não posso dizer. O senhor é o mesmo ser a quem eu a fiz?

— Acho que sou. Tanta coisa aconteceu, e minhas memórias da época antes de eu enlouquecer ficaram nebulosas. Mas isso soa familiar, e certamente é algo que eu exigiria do senhor, quando era mais jovem e mais tolo. Sr. Spock peço-lhe que me deixe dispensá-lo de sua promessa. Juro que, tanto quanto tenho consciência, tenho esse direito.

— Preciso voltar atrás, para começar a desfazer tudo, — disse Spock, — quer o senhor tenha o direito de permitir-me ou não fazê-lo. Agradeço pelo que me disse e tentarei aceitar a situação.

— Obrigado, Sr. Spock. — O Dr. Mordreaux hesitou. — Há algo mais que preciso dizer-lhe, porém. Afinal, não seria justo não dizer.

— O que é?

— Quanto mais longe for e quanto mais freqüentemente, maior será o mal causado ao seu corpo. Não é só o *continuum* que é desorganizado. Já notou os efeitos da viagem no tempo sobre o seu corpo?

— Experimentei... algum desconforto.

— Desconforto, hein? Bem, todos sabem que os vulcanos são mais resistentes que os humanos. Mesmo assim, é perigoso e tem efeito cumulativo. Acho justo contar-lhe isto, antes de decidir o que fazer.

Spock nem se interrompeu. — A escolha é entre viajar mais longe no passado ou voltar para minha época e enfrentar a desonra, a vergonha para minha família e a morte. Não considero esta decisão difícil de tomar. — pegou seu modificador.

Mordreaux pegou o seu, também. — Talvez eu deva ir com o senhor.

— Isso é desnecessário e irracional. O senhor estaria pondo sua vida em perigo, além do que suas chances de conseguir alguma coisa se aproximam de zero.

Mordreaux esfregou os dedos sobre a superfície das contas de âmbar de seu modificador. — Obrigado, Sr. Spock. Quanto mais tenho viajado pelo tempo, mais assustado fico. Não tenho vontade de morrer.

O Dr. Mordreaux levou Spock até seus aposentos em Aleph Primo: os aposentos do antigo Dr. Mordreaux, que agora estava no hospital, esperando ser transferido para a *Enterprise*. Vivia num setor mais antigo da estação espacial, a meio-caminho entre o parque central e a parede exterior. A subestrutura da cidade era

formada por asteróides: aqui, os corredores pareciam túneis e os quartos, cavernas.

Os pertences do Dr. Mordreaux estavam na mais total confusão. Livros e papéis por todo o chão e a tela do terminal de computador piscava da maneira que máquinas conscientes ficam quando suas memórias são arrancadas ou prejudicadas. A mobília revirada e estilhaços por todo o chão.

— Parece que o senhor objetou fortemente contra sua prisão.

— Talvez não esteja na mesma trajetória que pensei que estava, — disse Mordreaux. — Mas não me lembro de nenhuma em que não fui levado calmamente.

Examinou toda aquela destruição, foi à sala de trás, o laboratório, onde a desordem era menor. O transportador não parecia danificado. Mordreaux examinou seu interior.

— Levaram os modificadores, claro. Mas o resto parece em ordem. Apertou algumas conexões, enquanto Spock trabalhava nas coordenadas que precisaria para voltar antes que a trajetória de probabilidade máxima começasse a se dividir em diversas linhas em desintegração.

— O transportador está pronto, — disse o Dr. Mordreaux. — E você?

— Estou pronto. E o senhor, o que vai fazer?

— Assim que você partir, voltarei à minha época. Se puder.

Spock subiu na plataforma do transportador, segurando o modificador do tempo com as duas mãos.

— Adeus, Dr. Mordreaux.

— Adeus, Sr. Spock. E muito obrigado.

Spock respondeu tocando os controles do modificador. Os dois campos de energia interagiram em lampejos furiosos e ele desapareceu.

Do ponto de vista de Spock, o aposento semelhante a uma caverna do apartamento do Dr. Mordreaux desapareceu em meio a um espectro multicolorido, vermelho-laranja-amarelo-verde-azul-violeta, até um cegante ultravioleta, com o aumento da energia. Sentiu-se puxado por um vazio, depois de volta à barreira ultravioleta e por todo o arco-íris, até chegar ao espaço normal. Sentiu-se materializar de novo, uma molécula de cada vez, com o feixe puxando-o com violência de volta ao ser.

Tremeu, perdeu o equilíbrio e foi ao chão de pedra, caindo duramente, sem conseguir esquivar-se do modificador para não danificá-lo. Rolou de costas, olhando para cima, momentaneamente ofuscado. Começou a levantar-se, mas parou, engasgado com chamadas de agonia.

Vozes admiradas cercaram-no e, depois, sombras: ainda estava tonto com o assalto da luz ultravioleta. Apoiou bem as palmas das mãos contra o frio chão e fechou bem os olhos. A dor era grande demais para ser ignorada ou deixada de lado.

Tentou, sem conseguir, identificar qualquer voz em particular do vozerio ao seu redor. Podia ouvir e sentir consternação, surpresa, ultraje. As autoridades de Aleph Primo deviam tê-lo seguido e ao Dr. Mordreaux ou mantiveram a sala sob vigilância e agora vieram prendê-los e, mais importante, impedir suas ações. Nada os convenceria que ele e o Dr. Mordreaux estavam tentando algo da maior importância.

Uma voz se destacou em meio ao barulho todo.

— Senhor Spock? Está bem?

Piscou devagar várias vezes e a visão gradualmente voltou. O professor estava inclinado sobre ele, muito preocupado.

— Como chegou aqui? O que está fazendo aqui?

Spock forçou-se para ficar de pé, num movimento repentino, desengonçado. Câimbras reverberavam por todos os músculos do seu corpo, e sentia-se como se a sala estivesse girando ao seu redor. Recusou-se a aceitar aquela percepção; forçou os olhos para fixar o Dr. Mordreaux, agachado a seu lado.

Não era o Dr. Mordreaux que acabava de deixar: era um homem bem mais jovem, que parecia o mesmo de anos antes, quando Spock conheceu-o na Makropyrios. Em um mês, envelheceria dez anos, depois do sofrimento causado pela acusação, julgamento e condenação.

— Posso ajudá-lo? — Mordreaux perguntou, cortesmente. Estendeu a mão, sem tocá-lo, e Spock balançou a cabeça.

— Não, obrigado. — levantou-se, desajeitadamente, mas por suas próprias forças. O modificador sacudiu, a seu lado.

— Mas onde é que você arranjou isso? — perguntou Mordreaux. — E de onde veio?

— O que está acontecendo? — alguém perguntou, na outra sala, e uma das duas pessoas junto à porta voltou-se para responder.

— Alguém acaba de se materializar na plataforma do modificador.

— Bem, Sr. Spock, faz muito tempo que não nos vemos, — o Dr. Mordreaux apontou o modificador. — Mais tempo para o senhor, creio, se contarmos desde Makropyrios.

— Vim para avisá-lo, Dr. Mordreaux. — a voz de Spock estava fraca e não podia impedir o tremor de joelhos e mãos. Endireitou-se,

forçando a dor a se afastar, confrontando-se com ela. Várias pessoas que estavam na sala de estar aglomeraram-se junto à porta: os amigos do Dr. Mordreaux, a gente cujos sonhos colocaram-no num curso fatal. Spock esperara chegar numa hora em que o doutor estivesse só.

— Venha, sente-se, — disse o professor. — Você parece um cadáver. Mesmo para Spock havia um ponto em que precisava reconhecer suas

limitações. Foi andando com dificuldade até a sala ao lado, e sentou-se na poltrona oferecida pelo Dr. Mordreaux.

As pessoas que estavam à porta afastaram-se para que passasse e reuniram-se num círculo, com ar desconfiado: seis adultos e quatro crianças.

— O que ele quer, Georges?

— Bem, Perim, eu ainda não sei. — Fez sinal para que todos sentassem.

— Você é um vulcano? — perguntou uma das crianças.

— Este é o Sr. Spock, — explicou Mordreaux. — Foi um de meus melhores alunos quando eu era professor de física e agora ele trabalha numa nave estelar. Pelo menos, é o que acho que esteja fazendo agora, mas pode ter começado alguma outra coisa, desde a época da qual veio até nós.

— Não, — respondeu Spock, — eu ainda sirvo a bordo da *Enterprise*. Uma das meninas, em idade escolar, deu a Spock um copo de água.

Bebeu um pouco.

— Bom, chega de lembrar os velhos tempos e o chá da tarde, — disse Perim. Tomou a mão da criança que falara e afastou-a de

Spock e de Mordreaux. — O que ele está fazendo aqui? É uma hora por demais inconveniente para fazer uma visita. A menos que tenha vindo para deter-nos.

— É por isso que o senhor está aqui, Sr. Spock?

— Sim, senhor, é. — Olhou para todas as faces, imaginando quem teria reagido ou reagiria com tanto medo e violência quando o futuro Dr. Mordreaux tentasse o que Spock estava para tentar agora. O grupo de viajantes do tempo ajuntou-se e Spock sentiu sua raiva e apreensão crescentes.

— Senhor, — disse Spock, — dentro de um mês o senhor será acusado de assassinar todas estas pessoas. A acusação será provada contra o senhor, bem como a acusação de experiências antiéticas com seres inteligentes. Seu trabalho não será reconhecido, nem; será classificado como secreto e mantido sob controle. Será censurado. Vai gerar tanta preocupação entre os altos funcionários do judiciário e da administração que não verão outro caminho para contrabalançar o que o senhor criou. O senhor será sentenciado para a reabilitação. A *Enterprise* será requisitada para transportá-lo. Durante a viagem, o senhor provocará as mortes da chefe da segurança e do capitão James T. Kirk.

— Isso é totalmente absurdo!

— Mas é a verdade. O senhor não deve continuar esta experiência. Só levará a uma catástrofe.

— Espere um pouco, — disse um dos viajantes do tempo. — Está dizendo que não devemos ir? Que devemos ficar aqui?

— É o que devem fazer.

— Podemos deixar um registro de nossos planos, de modo que Georges não seja prejudicado — todos concordamos em testar as

teorias dele.

— Concordamos o diabo, — disse uma mulher de meia-idade sentada no espaldar de um sofá. — Nós é que o convencemos a nos deixar ir.

— Vários de vocês deixarão registros, — falou Spock. — Serão usados como evidência da capacidade de persuasão dele. Do poder dele sobre vocês, se assim o quiserem.

O Dr. Mordreaux jogou-se numa poltrona. — Pensei ter tomado precauções suficientes para evitar essa dificuldade. Mas com certeza, posso tomar outras medidas.

— Elas não serão suficientes. Ou melhor, poderiam ser, mas não deve executar este plano. Seu destino e o destino destas pessoas aqui — isso é relativamente trivial em comparação com as implicações mais amplas deste trabalho. O deslocamento permanente de seus amigos para o *continuum* errado cria uma tensão que o espaço-tempo não pode tolerar.

— Bom Deus, — disse Perim. — Você parece estar falando do fim do mundo.

— Dado o devido tempo, é esse mesmo o resultado.

— Com o devido tempo, tudo vai dar nisso, mesmo! — disse a mulher de meia-idade.

— Não em menos de cem anos-padrão da Terra. Silêncio.

— Mas que monte de bobagens, — disse a mulher, agressivamente.

— Ouça, Sr. Spock, quem quer que seja, e não importa de onde ou quando tenha vindo, não me importa que tenha sido um genial aluno de física, eu mesma estudei essas equações e não vejo nelas a menor oportunidade para a criação da dobra no *continuum*.

— A senhora errou. O erro era inevitável, mas vocês erraram, de qualquer maneira.

— Georges, que diabo... — ela voltou-se para Mordreaux.

— É verdade, Sr. Spock. Eu fiquei preocupado porque a transferência poderia causar alguma distorção. Mas isso não acontece. Nada nas equações evidencia isso.

— Mas vocês erraram, — repetiu Spock. Seus planos distorcem a realidade a tal ponto que o aumento de entropia acelera. O efeito não é grande, de início, é claro, mas depois de vinte anos, as estrelas maiores se tornam *novas* e os ecossistemas mais precários começam a entrar em colapso.

— Prove, — disse Perim.

Spock olhou para o terminal de computador no canto da sala. — Vou mostrar-lhes a derivação.

Trabalhou no teclado por meia hora. As crianças brincavam, no outro canto. Depois de alguns minutos, a maior parte dos adultos se afastou, incapaz de acompanhar uma demonstração que estava muito longe de suas especialidades, mas a mulher de meia-idade, Mree, e o Dr. Mordreaux, observavam cuidadosamente. Perim, o pai da menina, ficou atrás do ombro esquerdo de Spock, braços cruzados.

Spock abriu algum espaço no meio da tela e digitou uma nova equação.

— Mas que diabo do inferno é isso? — disse Mree.

— Blasfemar não é necessário, — observou Spock. — Explicarei qualquer coisa que a senhora ache que está além da sua compreensão.

— Não está além de minha compreensão, — ela disse, contrafeita.
— Isso é um fator de correção, é óbvio. Você pode provar qualquer coisa, se jogar no meio fatores de correção.

— Mree, — disse o Dr. Mordreaux, — por favor, deixe que ele acabe antes de ficar com raiva. Senhor Spock, Mree foi quem construiu o modificador do tempo. Se puder segurar seu sarcasmo, todos ficaremos mais contentes.

— Não pretendia ser sarcástico.

— Está bem. Mas é seguro presumir que Mree e eu podemos acompanhar qualquer coisa que ponha na tela, desde que não tire nada da manga da camisa que, tanto quanto posso dizer, é de onde você tirou isso.

Spock reclinou-se, apoiando as mãos nos joelhos e olhando para a tela de vídeo. — Essa é a equação que derivei das observações que estou, nesta corrente de tempo, me preparando para começar. Como pode ver, o valor numérico é extremamente pequeno, mas como também podem depreender, depende do valor de t (tempo final) menos t_1 (tempo inicial) ao quadrado. Em suma, seu valor não só cresce, mas seu incremento se acelera. — Inclinou-se sobre o teclado de novo e mostrou como o fator de correção se encaixava nas equações originais.

O Dr. Mordreaux soltou um assobio.

— Georges, — alegou Mree, — não há a mínima evidência desse fator!

— Isso é verdade, — respondeu Mordreaux. — E então, Sr. Spock?

— Não há evidência de que ele existe porque ainda não existe. O valor de t depende do momento em que se começa a distorcer o

continuum temporal mandando gente de volta no tempo, deixando-os lá.

Mree resmungou mais alguns palavrões, incrédula: — É o argumento mais idiota que já ouvi. É completamente circular.

— Foi o Dr. Mordreaux que criou o círculo, — falou Spock.

— Você está tentando salvar a vida de James Kirk, não é? — Mordreaux encarou Spock pela primeira vez. — Claro, é óbvio. Ele deve ser uma pessoa excepcional. Admiro sua lealdade, Sr. Spock, mas isso não é razão para arruinar os planos de todos os meus amigos. O senhor me avisou e isso basta — não vou deixar que me prendam depois de enviar Mree e os outros para o passado. Eu mesmo voltarei ao passado, se necessário.

— Tenho tentado persuadi-lo a fazer isso todo o tempo, — disse Mree. Spock levantou-se e encarou o velho professor. — Doutor Mordreaux, vulcanos nunca mentem. O efeito entropia causou-me considerável... incômodo. — levou muito esforço para ele admitir isto — quando eu o descobri, pensei ter cometido um erro. Mas o senhor — uma versão futura do senhor, que estivera tentando reparar o *continuum* tanto quanto eu — garantiu-me que eu não cometi nenhum erro. E ele veio da época em que os efeitos estão tendo sérias conseqüências.

Mordreaux escarneceu dele. — Os vulcanos dizem que não mentem, mas, para começar, essa afirmação não é necessariamente verdadeira e em segundo lugar, você não é vulcano. Não inteiramente. E os seres humanos são os melhores mentirosos do universo.

— Eu... eu me esforcei para ressaltar os elementos vulcanos de minha formação e suprimir as características humanas.

— Por que simplesmente não aceita meu compromisso? Não vai ser envolvido em nada do que estou fazendo, sua nave nunca será chamada a Aleph Primo, e seu capitão ficará a salvo.

— O destino de James Kirk não está envolvido com o que lhe contei. Quer ele viva ou morra, isso nada tem a ver com o que vai acontecer se continuar com seus planos.

— Onde está essa suposta outra versão de mim, então? Por que ele não volta e me conta tudo isso ele mesmo?

Spock ia começar a responder. Mas atrás dele, Perim de repente agarrou-o, dando uma chave de braço, arrastando-o, para perder o equilíbrio.

— Não podemos deixar que ele nos impeça! Ajudem-me a amarrá-lo e vamos embora...

Spock deixou-se puxar para trás, até que o próprio Perim ficou sem equilíbrio, então o vulcano abaixou, virou e jogou o homem sobre o ombro, no chão. Perim ficou tonto, não sendo mais um perigo, e Spock voltou-se para o Dr. Mordreaux, satisfeito por ter descoberto qual dos amigos do professor tinha pavio curto.

— O senhor tentou, — disse Spock. — Tentou pelo menos duas vezes. Da segunda...

Um segundo tarde demais, sentiu a mão agarrar seu ombro. Os dedos procuraram e encontraram o nervo vulnerável antes que o vulcano pudesse reagir. Qualquer sensação o abandonou. Ficou de pé num átimo, mas oscilando, acabou caindo.

Através de uma nuvem de paralisia, Spock viu Mree inclinar-se sobre ele.

— Ele vai ficar bem, Georges. — disse ela. — Mas Perim está certo, vamos sair daqui antes que seja tarde demais.

Spock esforçou-se para reconquistar o controle de seu corpo, mas o conhecimento que Mree tinha daquele golpe era total e deixara-o imobilizado, embora não inconsciente. Ele só podia sentir admiração pelo seu domínio da técnica: os humanos que tentaram, não conseguiram produzir qualquer efeito ou usaram-na tão agressivamente que matavam o adversário. Só um estudante muito capaz poderia produzir imobilidade sem inconsciência.

O Dr. Mordreaux hesitou. Spock podia vê-lo, no limite do campo visual, mas não podia virar a cabeça, nem falar.

— Está bem, — resolveu Mordreaux, abruptamente.

Entraram em fila no laboratório. Spock esforçou-se para reconquistar alguma sensação, alguma capacidade de movimento.

Um lampejo de arco-íris, uma luz ultravioleta cegante, indicou-lhe que tinha falhado novamente. Estavam fugindo, para algum lugar que jamais descobriria e ele poderia voltar muitas e muitas vezes, cada vez mais cedo, fragmentando ainda mais a essência do universo, enquanto tentasse futilmente reparar o dano provocado. Mas sempre falharia, ele sabia, algo sempre aconteceria para que falhasse. A entropia ganharia sempre.

Como era de se esperar.

Gritou de desespero.

Combatendo o sentimento de impotência que o assolava, conseguiu jogar-se sobre o peito. Cada nervo e músculo de seu corpo gritava, enquanto procurava se arrastar no chão, como o aleijão que era, como o anfíbio primordial, esforçando-se por respirar nas praias de um lago em desaparecimento sabendo instintivamente, nas interconexões mais primitivas do cérebro, que provavelmente

morreria, se continuasse, que com certeza morreria, se ficasse, e que sua única chance era continuar, tentar!

Hunter andou pela enfermaria, desejando estar em qualquer outro lugar do universo. Parou na porta do consultório de McCoy.

— Leonard, as doze horas do Sr. Spock estão acabando.

— Eu sei, — respondeu McCoy veementemente. — Hunter, ele me disse que havia um limite máximo de catorze horas...

— Pelos deuses! — disse Hunter, exasperada. — Leonard...

— Espere... — McCoy levantou os olhos. — Ouvia? Os sensores! — Pulou e correu por ela, indo para a sala principal.

Na unidade de terapia intensiva, os sinais caíram a zero, mas não porque a toxina finalmente vencera a vida de Ian Braithwaite. Hunter olhou a cama vazia e foi para o corredor. Percebeu Ian desaparecendo numa esquina.

— Ele vai tentar chegar ao transportador! — disse McCoy.

Hunter correu atrás de Ian. Ainda estava muito fraco, e ela diminuiu a distância, mas ele conseguiu se jogar para dentro do elevador. Hunter saltou atrás, mas só conseguiu chocar-se contra as portas fechadas.

— Maldito! — esperou, queimando de raiva; McCoy alcançou-a quando o elevador voltou. Precipitaram-se para dentro e, assim que parou, Hunter saiu atrás do promotor. Já alcançara a sala de transporte e já atingira o console: estava examinando o dispositivo bioeletrônico, que se destacava do módulo como um brilhante câncer.

— Não, Ian, pelos deuses, não!

— É o único jeito, — ele disse, baixinho.

Apoiando-se nos cotovelos junto à porta do laboratório, Spock sussurrou: — Doutor Mordreaux...

O pequeno grupo dos viajantes do tempo espalhou-se, para poder olhar para ele, todos surpresos em ouvir sua voz. E todos estavam ali!

Spock não conseguia forçar seus olhos para focalizar bem: pensou que estava com visão dupla. Mas então o segundo Dr. Mordreaux cambaleou para fora da plataforma do transportador e caiu, tal como Spock, e o primeiro Dr. Mordreaux, o que pertencia a esta época, este lugar, ajoelhou-se ao seu lado e virou-o. O professor mais velho gemeu.

Usando o batente da porta como apoio, Spock arrastou-se até ficar de pé. Mree olhou de um Mordreaux para o outro, depois para Spock.

— Senhor... — Spock dizia.

— Nada mudou, — disse Mordreaux. — Nada... mudou... — A voz dele era como areia sobre pedra, rouca, seca, fraca. — Esperei, mas o caos...

Spock forçou-se a cruzar os poucos metros entre ele e o professor e caiu de joelhos. O Dr. Mordreaux do presente estava admirando a si mesmo.

— Eles estão determinados a ir, — disse-lhe Spock. — Eu tentei mostrar-lhes o que ia acontecer...

A mão de Mordreaux agarrou seu pulso. — Eu não quero morrer assim.

— Olhou para si mesmo. — acredite nele. Por favor, acredite nele.

— Suspirou, os olhos fecharam, a mão caiu, frouxa, ao seu lado, e a

vida escoou lentamente daquele corpo.

O Dr. Mordreaux do presente agachou-se.

— Meu Deus! — murmurou Mree. — Meu Deus, olhe!

O Dr. Mordreaux do futuro desapareceu gradualmente em poeira e a poeira dissolveu-se em nada. Quando esvaneceu em partículas subatômicas, Spock pegou o modificador, reajustou-o e atirou sobre a poeira. Em sintonia com as moléculas que formavam o corpo do Dr. Mordreaux, o aparelho puxou-o, vibrando e sumindo, de volta a seu tempo. Spock ficou pensando por que teria se dado ao trabalho de reparar o espaço-tempo, pois parecia que não ia conseguir evitar os danos mais sérios, que estavam por ocorrer.

Levantou-se devagar, dolorido de cansaço. — Acredita em mim, agora?

— Sua fachada de autocontrole e ausência de emoção começava a rachar.

— Ele sabia que morreria se voltasse para tão longe. Sabia! Temia isso! Na época dele, as mudanças que vocês provocaram ficaram tão intoleráveis que ele deliberadamente escolheu a morte, para tentar detê-los!

— E nós? — gritou Perim. — Isso está a muitos anos no futuro! Nossas esperanças...

— E as esperanças de seus filhos? — Spock relanceou para a menininha curiosa que lhe perguntara se era um vulcano. Percebeu que ninguém lhe

respondera direito e olhou solenemente para o outro, como se ela tivesse entendido tudo o que havia acontecido. Talvez ela tivesse entendido, melhor que ele ou qualquer outro. — Longe, no futuro, quando sua filha for adulta e o universo não for nada, senão o caos.

Então, o quê? Voltarão ao passado, estarão em segurança. — Contemplou cada membro do grupo, adultos e crianças. — Seus filhos vão sofrer as conseqüências.

— O Dr. Mordreaux do presente levantou-se. — Senhor Spock... — a voz tremia. — Talvez...

— Georges! — Perim avançou um passo, punhos fechados. — Você não pode...

Mree agarrou seu braço, com suavidade, mas ele parou e calou-se.

— Acho que precisaremos procurar outras esperanças, — disse ele.

— Não!

— Perim, — falou Mree. — Spock tem razão. Fomos egoístas. Sabíamos disso todo o tempo, mas agora precisamos saber como serão os resultados de nosso egoísmo.

— Lamento, — disse o Dr. Mordreaux. Olhou ao redor, para seus amigos, Mree e Perim e os outros, que o fitavam sem querer acreditar.

O jovem estudante que dera água a Spock chorava. — Seria... — não pôde terminar.

— Meus amigos, lamento. — Mordreaux falou. Foi ao transportador e começou a desconectar os acessórios. Perim e um dos outros tentaram detê-lo, mas Mree e outros três adultos impediram que interferissem. Mordreaux terminou a desmontagem, e depois, também com lágrimas no rosto, abraçou cada um dos outros. — Nunca conseguirei compensar-lhe esta perda, — disse quando se aproximou de Perim. — Eu bem sei.

Perim afastou-se do abraço. — Tem toda a razão, — o tom de sua voz, mais um rosnado que um som humano. — Não poderá. — Pegou sua filha e saiu.

Ian Braithwaite bateu no botão de controle do modificador do tempo. Hunter e McCoy alcançaram-no ao mesmo tempo, mas tarde demais: arrancaram-no do controle do transportador, enquanto os motores de dobra, forçados, entraram em operação, trovejando, tão fora de sincronismo que a *Enterprise* inteira tremeu. A luz que emanava do transportador iniciou seu arco-íris, vermelho-laranja-amarelo...

McCoy gemeu de dor e desespero.

-verde-azul-violeta-

A nave escureceu, o feixe enfraqueceu e McCoy viu-se esparramado no chão. Quando abriu os olhos, a iluminação era perfeitamente normal e ele estava só. Esforçou-se por ficar de pé; estava com o corpo rijo, como se estivesse deitado ali havia horas. Algo terrível acontecera, mas era como um sonho que tentara agarrar e escorregara por entre os dedos. Algo acontecera: mas não conseguia lembrar-se do quê.

— Mas, o que estou fazendo aqui? — murmurou. Olhou uma última vez a sua volta, a sala vazia, deu de ombros e voltou à enfermaria.

Na sala de estar, depois que os outros saíram, o Dr. Mordreaux olhou maliciosamente para Spock e depois para Mree. — Suponho que não devo publicar meu último trabalho.

A despeito de tudo o que acontecera, Spock sentiu mais do que uma mera pontada de culpa e mal-estar à idéia de suprimir o conhecimento. De novo, ansiou por uma sociedade tão estável como aquela de Vulcano.

— Acho que não, — disse Mree. — Tenho certeza que eu é que não vou mencionar isso. Que droga! A idéia foi ótima enquanto durou.

— Será que algum dos outros tentaria forçar um de vocês a reconstruir o modificador do tempo? — perguntou Spock.

Mordreaux disse, com algum desprezo. — Poderiam. Quem sabe? Quem pode ter certeza? Mas acho que esse é nosso problema, não seu, Sr. Spock.

— Espero que não o tenha ferido, — disse Mree. — Lamento.

— Sua técnica é impecável, — disse Spock. — Congratulações.

— Obrigada.

Mordreaux olhou para a porta do laboratório, onde seu outro eu se pulverizara.

— O senhor estará bem, Sr. Spock? Pode voltar à sua época sem...

— Seu outro eu fez mais viagens no tempo do que eu.

— As fisiologias são diferentes.

— Não tenho escolha, Dr. Mordreaux. Não posso ficar aqui, assim como o senhor não pode mandar seus amigos de volta às eras em que prefeririam viver. Tenho consciência dos riscos. — Levantou-se. Não fazia sentido ficar e possivelmente era perigoso. Cada momento que ficava aumentava as chances de inconscientemente cometer uma ação cujos efeitos formariam uma cascata, que levaria a uma catástrofe em algum lugar do futuro. — Devo voltar, — disse ele. Pegou o modificador. Suave e frio em suas mãos.

— Senhor Spock...

— Devo voltar, — repetiu Spock. — Devo voltar, agora. — Os dedos dele se apertaram convulsivamente sobre o modificador porque só queria atirá-lo longe, assim que pudesse, e nunca mais tocá-lo. Não

queria mais viajar pelo tempo. Estava tão cansado e não queria mais lutar contra a dor...

Estava com medo.

— Adeus, — disse ele, e tocou os controles.

Ouviu as vozes dizendo-lhe adeus e a unidade de energia acumulando energia de limiar ao seu redor, e todo o som desapareceu, enquanto era arrastado a uma maré avassaladora. O ultravioleta perfurou sua visão.

Apesar de tudo o que dissera ao Dr. McCoy, não tinha muita certeza que ele, esta versão de si mesmo, auto-consciente, nesta corrente de tempo, continuaria a existir uma vez a jornada terminasse.

A *Enterprise* materializou-se a seu redor: só tinha um momento para ter certeza, antes de escorregar em pura agonia, que então era a única sensação que sua mente podia perceber.

A luz de arco-íris desapareceu e o Sr. Spock foi junto. Georges olhou para Mree; ela olhou para a plataforma do transportador e balançou a cabeça.

— Acha que ele vai se safar dessa?

— Espero que sim. Precisaremos esperar algumas semanas, até que esteja em casa, de novo. Depois, vou fazer uma chamada para a *Enterprise*. Se ele não se lembrar do que aconteceu, direi apenas que foi para cumprimentá-lo.

— Vai chamá-lo daqui mesmo?

Georges estranhou. — Por que pergunta?

Mree tomou sua mão. — Se Perim está com muita raiva, poderia começar a fazer-lhe ameaças. Você poderá ficar em perigo.

Georges considerou aquilo por um pouco, e depois perguntou: — Eu é que poderia estar em perigo?

Mree deu de ombros.

— Suponho que poderia eu mesmo montar o modificador, mas Perim sabe tão bem quanto eu quem o construiu.

— Sim, — respondeu ela. — Mas estou planejando deixar Aleph, de qualquer maneira. Não creio que faça muita diferença se viajar pela quarta dimensão ou pelas três, normais.

— Você acha que eu devo partir também?

— Isso mesmo.

— Fugir?

— Como um coelho assustado. — Ela parou e depois falou, mais seriamente. — Georges, o que o prende aqui?

— Não muito. — ele reconheceu. Os segundos se prolongaram, enquanto Mree e Georges olhavam um para o outro, lembrando-se de outras conversas, muito parecidas com esta.

— Não, você não precisa me responder. Esse lugar para onde está indo... acha que eles teriam alguma utilidade para um cientista louco?

— Claro, — respondeu ela. — Desde que forme uma equipe com uma inventora louca. — Apontou o modificador do tempo. — Pense só nos projetos que poderíamos realizar. Ora, não podemos errar! Os dois riram muito e abraçaram-se bem apertado, por muito tempo.

Gritando incoerentemente, Jim Kirk sentou-se na cama. Apalpou o rosto: alguma coisa estava tentando entrar em seus olhos...

As luzes se intensificaram aos poucos, em resposta ao seu movimento; estava em seu quarto, na sua nave, e estava bem. Não era nada; só um pesadelo.

Deitou-se de novo e esfregou o rosto com ambas as mãos. Estava ensopado de suor. Esse foi o sonho mais realista que teve, desde há muito tempo. O terrorismo que vira no começo de sua carreira da Frota Estelar o assombrara por anos, em sonhos exatamente como este. Um vulto aparecia, apontava um revólver para ele e disparava; depois, como se fosse duas pessoas diferentes, observava a si mesmo morrer, enquanto uma teia de aranha lentamente se infiltrava em seu cérebro. O sonho sempre terminava quando uma morte cinza-prateada cobria-lhe os olhos castanhos.

Esfregou o peito, bem sobre o esterno, onde a bala entrara no sonho. — Seria melhor que me matasse instantaneamente. — disse em voz alta, fazendo o máximo para ter algum senso de humor, mesmo que amargo.

O sonho de antes do pesadelo, porém, era diferente. Um outro sonho, que fazia muito tempo que não tinha: sonhara com Hunter. Tentava nem pensar nela, na maior parte do tempo. Quase destruía aquela amizade por causa de sua imaturidade; com certeza, destruía a intimidade deles.

Jim, por que você não cresce? Seus sonhos não são para seu entretenimento, são para lhe dar bons conselhos. Você foi advertido sobre sua mortalidade, apesar de que, se tiver uma morte melhor que essa, vai ser mais sortudo. Mas você é mortal, tanto quanto ela. Ela está em perigo maior que você e a maior parte do tempo: e se algo acontecer com ela e você nunca puder lhe falar dos seus sentimentos ou pelo menos lhe disser o quanto você é um idiota?

Ordenou que as luzes se apagassem de novo, e ficou no escuro, tentando reconciliar o sono. Mas sabia que, pela manhã, não teria esquecido os sonhos desta noite.

Na escuridão da sua cabine, Hunter ergueu os olhos de sua tela iluminada e estremeceu. Será que adormecera sem perceber? Achava que não. Reclinou-se, espreguiçou-se, esfregou as têmporas e devolveu a atenção à leitora. O artigo que apresentava era de difícil leitura, tanto tempo se passou desde seu curso de física, mas o artigo era bizarro o suficiente para despertar seu interesse. Sempre considerara Georges Mordreaux um tanto biruta e este artigo só vinha confirmar tais suspeitas. O quarto artigo numa série de cinco e publicado há dois anos. Não conseguiu encontrar nenhuma referência a qualquer monografia subsequente, que seria o artigo número cinco.

Imaginou o que teria acontecido com Mordreaux depois de abandonar Makropyrios num ataque de amor-próprio e ego ferido. Ele sempre assinava seus trabalhos, mas nunca dava o endereço.

Hunter sentia-se cansada demais para se concentrar em Física. Desligou a leitora, dobrou-a contra a parede, e foi à ponte de comando para preparar a *Aerfen* para atracar em Aleph Prima.

A tripulação precisava substituições mais que a *Aerfen* de reparos, mas a Frota Estelar já recebera seu pedido e nem se dignara a responder, ainda. Sempre que Hunter se chocava contra a burocracia, o que acontecia cada vez com mais freqüência à medida que ganhava mais responsabilidade, sonhava até em pedir reforma. Sempre poderia ir para os Comandos Livres. Ou ir para casa e ficar lá, por um pouco. Suas férias seriam só em dois anos; enquanto isso, o máximo que poderia esperar eram algumas semanas em casa, com a família, com sua filha; uns poucos dias sozinha, nas

montanhas para renovar sua amizade com a águia fênix que a vigiara, quando descobriu seu nome-de-sonho.

Balançou a cabeça. As vezes, ficava desesperadamente sentimental; se piorasse, começaria a pensar em Jim Kirk, o que provocaria um caso grave de "se..."

Se ele fosse uma pessoa bem diferente, pensou Hunter. Se eu também fosse diferente. Então tudo seria perfeito.

Caminhando para o seu gabinete, Ian Braithwaite parou e enfiou a cabeça no escritório da advogada pública de defesa de Aleph Primo.

— Oi, Lee, como está se sentindo hoje?

— Melhor. Acho que peguei algum micróbio, mas já estou bem.

— Ótimo.

— Alguma coisa interessante acontecendo? Estou cansada de pedir fiança para mineiros embriagados. Por que não aparece um belo caso de contrabando?

— Também espero.

— Quer tomar café mais tarde?

— Claro, — respondeu Ian. — Encontro você depois da audiência.

Foi pelo saguão até o seu escritório, para atacar sua carga pesada de causas absolutamente enfadonhas, dia após dia, sempre a mesma coisa.

Sem fazer barulho, sem um movimento, Mandala acordou. Passou de um sono profundo ao alerta completo em um instante. Sentia frio, suave frio.

Quase tão depressa quanto acordou, lembrou-se de onde estava: sua cabine, a bordo da *Enterprise*, seu novo posto. Não estava mais

na patrulha, no meio dos combates. Esfregou onde doía, debaixo da cicatriz, no ombro esquerdo. Devia ter forçado a velha fratura, fazendo exercícios. Devia fazer tudo para achar tempo para regenerar um novo osso. Era irracional tentar acomodar-se àquele desconforto. Desta vez, a pontada de dor cutucara sua memória e trouxera-lhe de volta seu pesadelo.

Mas era apenas um pesadelo. Enfrentara e superara seus perigos, como fora vencida por outros perigos verdadeiros, e a luta e a vitória fundiram-se nela, numa forte alegria.

Hikaru dormia em paz a seu lado. A fraca iluminação fazia o ombro dele brilhar. Estava deitado de bruços, o rosto apoiado nos braços, virado para ela. Ontem os dois tinham percebido que queriam e precisavam passar o máximo de tempo juntos, mesmo que ele deixasse logo a *Enterprise*.

Ele era tão gentil... Mandala não gostava de pensar nele endurecido pela violência, como ficaria com seu próximo posto. Mas não podia contrariá-lo. As razões dela eram egoístas demais e ela estaria pedindo que desistisse de suas ambições.

Ele poderia ser forte o bastante para sair da experiência inalterado. Era possível. Mas isto era tão provável quanto suas chances de ser promovido sem pedir transferência.

Afastou aqueles pensamentos deprimentes, pois ainda sentia-se eufórica pelo sonho que tivera. O coração batia depressa; estava excitada. Inclinou-se e beijou a ponta do ombro de Hikaru. Beijou o ângulo de seu maxilar, a orelha, a têmpora. Os olhos dele abriram, fecharam e abriram de novo.

Ele respirou fundo. — Que bom que você me acordou.

— Que bom que você acordou. — Ela acariciou lentamente as costas dele, com os dedos, para cima e para baixo. Ele estremeceu.

— Você me tirou de algum pesadelo. — ele falou.

— Um sonho mau?

— Parece que sim... mas não consigo me lembrar de mais nada.

Ela aproximou-se e abraçou-o pelos ombros. Ele apertou-a, enterrando o rosto nos seus cabelos longos até afastar o mal-estar e começou a reagir à proximidade dela.

Inclinou-se sobre ele, deixando o cabelo cair como uma cortina ao redor deles. Quando o cabelo passou por seu pescoço e ombros, ele sorriu. Ela o acariciou, traçando linhas quentes com os dedos e frias com o anel de rubi.

— Você é tão bonito, — disse Mandala e inclinou-se para beijá-lo de novo, antes que ele pudesse pensar em qualquer coisa para dizer.

Jenniver Aristeides e Snnanagfashtalli estavam sentadas de frente uma para a outra, na sala de reuniões, jogando xadrez. Preferiam o tabuleiro bidimensional em vez do tridimensional; era mais claro e fácil, mas conservava sua infinita complexidade.

— Pelo menos, se pedir uma transferência para Mandala Flynn, não vai cuspir no meu rosto, — dizia Jenniver.

— Não, — disse Fashtall. — Ela não é como o outro, não é do tipo que cospe.

— Só que eu tenho muita dificuldade em fazer os outros acreditarem que não gosto de socar os outros no chão, sempre que tenho chance. — Jenniver deu o desprezo. — Acho que não posso culpá-los.

Fashtall ergueu sua elegante cabeça e olhou para ela, por sobre a mesa, as pupilas de seus olhos castanhos dilatando-se. — Eu acredito. Ninguém vai dizer que não acredita em você, quando eu estiver por perto. E ninguém vai cuspir na sua cara.

— Ele nunca cuspiu de verdade, você sabe. — disse Jenniver, suave. — De qualquer modo, nunca conseguiria cuspir tão alto.

— O antecessor de Mandala Flynn se foi. — comentou Fashtall. — E Mandala Flynn é nosso oficial superior. Se não lhe der a transferência para a Botânica, vai lhe dar um bom motivo, pelo menos. Não creio que ela vá forçá-la a ficar no posto mais do que o estritamente necessário, se souber que você não gosta dele.

— Estou com medo de falar com ela, — disse Jenniver.

— Ela não vai lhe bater. Nem você vai feri-la. Já a viu praticando judô?

Nenhum ser humano comum nesta nave poderia derrotá-la, nem mesmo o capitão.

— Você conseguiria? — quis saber Jenniver.

Fashtall piscou para a amiga. — Eu nunca jogo limpo, com todas aquelas regras.

A mutante riu. Pensando que Fashtall tinha muito mais senso de humor que qualquer outro tripulante podia imaginar, Jenniver moveu o peão de sua rainha.

Depois de um instante, Fashtall rosnou.

Jenniver sorriu. — Mas você nem está em xeque!

— Mas logo estarei. Vencida por um peão! — Fez outro ruído irritado. — Você pensa uma jogada à frente de mim, amiga Jenniver, eu a invejo.

Virou-se rapidamente, a pelagem manchada na sua nuca arrepiando-se.

— O que foi isso?

— Alguma coisa caiu. Ou alguém. No observatório.

Fashtall pulou fora da sala de estar de quatro e Jenniver foi atrás, correndo com facilidade, naquela gravidade absurdamente fraca. Ultrapassou Fashtall e chegou primeiro ao observatório.

O Sr. Spock estava no meio da sala, na penumbra, claudicando, os olhos tão revirados que só mostravam crescentes brancos, o cabelo despenteado, sangue correndo na face, de um corte na têmpora esquerda, e, a coisa mais estranha, depois que Jenniver notou-a: sem uniforme, usando uma túnica marrom-escuro solta e não o uniforme regulamentar. Correu para ele: sua bota esmagou uma coisa que quebrou feito plástico. Hesitou, pois freqüentemente quebrava coisas frágeis, das frágeis pessoas que a cercavam. Mas o chão estava coberto com aqueles pedacinhos cor de âmbar: qualquer que fosse o prejuízo, não era algo que ela tivesse feito.

Os joelhos de Spock dobraram e Jenniver esqueceu-se daqueles fragmentos de âmbar: pulou para a frente e apanhou o oficial de ciências antes que caísse. Ela o amparou. Fashtall levantou-se nas patas traseiras e tocou a testa dele.

— Febre. Alta. Alta demais, mesmo para um vulcano.

Spock levantou a cabeça. — Minhas observações... Entropia... — Um olhar confuso, espantado, nos olhos dele. — Capitão Kirk...

— Fashtall, vá acordar o Dr. McCoy. Vou ajudar o Sr. Spock até a enfermaria.

Os bigodes brancos de Snnanagfashtalli esticaram para fora: gesto de concordância. Pulou por sobre o instrumento quebrado e

desapareceu pelo corredor.

— Estou bem, — falou Spock.

— O senhor está sangrando.

Pôs a mão na têmpora; os dedos ficaram ensopados de sangue. Depois olhou para a manga, seda marrom, não tecido azul.

— Deixe-me levá-lo à enfermaria, por favor!

— Não estou precisando de assistência!

Pensou que poderia estar sendo cruel, mas não pode pensar em outra coisa, senão obedecê-lo. Estava sustentando quase todo o peso dele. Soltou-o, o mais devagar que pode, para dar-lhe uma chance de firmar os pés. Mas, como receara, as pernas não o sustentavam. Caiu de novo e, de novo, ela o amparou.

Ela desviou o olhar para a parede, do outro lado da sala, evitando-o: se ela fingisse não ter notado, talvez ele fingisse que ela não viu nada.

— Estou indo para a enfermaria. O senhor me acompanha?

— Alferes Aristeides, meu orgulho não exige tanta proteção assim. Agradeço se me ajudar.

Leonard McCoy andava para cá e para lá, em seu escritório, pensando no que tinha feito, para ficar com esta insônia. O inexplicável período de inconsciência na sala de transporte, não importa por que estava lá, isso nada contribuía para aliviar seu cansaço, só o piorou. E fez com que ficasse ainda mais preocupado. Sentia-se como se estivesse com uma ressaca que não tinha desde que era estudante, apesar de sua reputação e pose fingida de grande bebedor da velha escola do Sul. Mas não tinha bebido nada mais forte do que café — e muito pouco, desde que começara a ter

insônia — desde aquele café e *brandy*, na recepção dos oficiais para Mandala Flynn: uma dose pequena demais, para que seus efeitos viessem assaltá-lo dois meses depois.

— Doutor McCoy! — Snnanagfashtalli ergueu-se graciosamente nas patas traseiras, saindo da posição de correr. — O Sr. Spock está doente. Febre, pelo menos três centígrados...

— Ele sempre está com uma febre de pelo menos três centígrados.

— Tanto quanto eu, — disse Rosnado, achatando as orelhas, — em termos humanos.

Rosnado não era pessoa com quem se trocasse sutilezas; McCoy logo ficou sério.

— Onde está ele?

— Ele não perdeu a consciência, de modo que a alferes Aristeides o está trazendo para a enfermaria.

— Muito bem. Obrigado. — McCoy sentiu alívio quando Rosnado relaxou suas orelhas peludas, de novo.

Jenniver Aristeides foi entrando, carregando Spock. O vulcano estava inconsciente nos braços dela, suas longas mãos soltas, a cabeça jogada para trás. Com intervalo de alguns segundos, uma gota de sangue sujava o chão.

— Desmaiou agora há pouco. — Mesmo que a alferes fosse mais alta de ombros e cabeça em relação a McCoy, falou timidamente. — Pensei ser melhor trazê-lo, ao invés de esperar uma maçã.

— Você demonstrou bom discernimento, — McCoy suspirou. — Receava isto: trabalhou até desmaiar de esgotamento.

Epílogo.

Jim Kirk estava sentado ao lado da cama de Spock, revirando o fragmento de equipamento quebrado e de estranha forma, repetidamente nas mãos. Nunca vira antes algo sequer parecido com aquilo e não conseguia adivinhar o que era — ou o que fora. E este era o único pedaço grande o bastante para inspecionar; os outros estilhaços estavam reunidos numa caixa, a seu lado.

McCoy veio e sentou-se, esfregando os olhos, cansado.

— Magro, — disse Jim, — eu o chamo quando ele acordar. Por que não vai dormir?

— Mas é esse exatamente o problema; eu tenho tentado dormir, mas não consigo. O que quer que Spock tenha feito consigo mesmo para não dormir, acho que ensinou para mim também.

Jim esfregou a ponta do dedo naquela superfície lisa, de âmbar, parando numa aresta quebrada.

— Senti-me realmente pouco à vontade nestes últimos dois dias, — disse McCoy. — Como se alguma coisa horrível estivesse para acontecer e sem que eu pudesse fazer nada. Ou já aconteceu e eu nem fiquei sabendo.

Kirk sorriu. — Você sentiu isso só por uns dois dias? Eu estive assim desde que chegamos tão perto daquela maldita singularidade.

— Olhou para Spock, que não fizera um só movimento desde que entrara no quarto. — Será que ele vai ficar bem, Magro?

— Acho que sim.

— Mas não tem certeza? — perguntou, alarmado, pois fizera a pergunta só para receber uma resposta reconfortante.

— Estou razoavelmente certo, mas não consigo imaginar como ele caiu nesse estado. Eu estava esperando mesmo que alguém o trouxesse aqui carregado por causa de esgotamento, um desses dias...

— Você sabia que ele não estava dormindo...

— Sim.

— ... e nem me contou?

— O que queria que eu fizesse? Proibi-lo? — McCoy sorriu — Não lhe contei por causa da ética médica, por causa da confiança que deve existir entre médico e paciente. Não queria que meu capitão arrancasse minha cabeça.

— Está bem, está bem. Mas o que há de errado com ele, se não é exaustão?

— É exaustão, mas do tipo que esperaríamos se estivesse sob extraordinário desgaste físico. Umas duas maratonas vulcanas, por exemplo: cem quilômetros pelo deserto. O ferimento do couro cabeludo é completamente inexplicável. Não foi feito quando caiu — só reabriu uma ferida que já estava em parte curada. E foi tratada com pele sintética híbrida. Spock sabia que eu tinha feito alguma de acordo com o seu genótipo. Ele mesmo poderia tê-la usado. Só que não foi isso porque o pacote estava guardado e intocado. — Parou e fez um gesto de indiferença, — Devo continuar?

— Não, eu mesmo posso continuar. Ele estava sem uniforme, e eu nunca o vi sem uniforme a bordo. E... — analisou o pedaço de equipamento estranho — isto não é nada que eu tenha visto antes. Scott não sabe para que serve. É bioeletrônico, coisa tão nova que é difícil de achar. Nunca assinei uma requisição de coisas assim e não há registro de que alguém trouxe isto pára bordo.

O Sr. Spock, a consciência voltando lentamente, despertando de um sono muito profundo, gradualmente tomou consciência das vozes ao redor. Estavam falando sobre ele, mas ainda não era capaz de discernir as palavras. Tentou concentrar-se.

— Algo muito estranho está acontecendo. — Jim Kirk dizia. — Algo que não entendo. E não estou gostando nada.

— Jim! — Spock sentou-se tão depressa que cada músculo, cada articulação rangeu: tinha consciência da sensação, mas pouco se importava, por todas as razões erradas do mundo. Pegou o braço de Jim. Era sólido e real. Alívio e, sim, alegria dominaram o vulcano. Passou a mão no braço de Jim, passou a tocar o rosto do outro para sentir a energia inquieta da mente de Jim, perfeitamente saudável. Retirou a mão de repente, chocado por seus próprios impulsos; virou-se para a parede, fazendo força para controlar-se.

— Spock, o que há de errado? O Magro...

— Bem, você queria que ele acordasse, — disse McCoy secamente.

— Não há nada de errado, capitão, — disse Spock. Recostou-se, ainda na cama. A voz estava calma o bastante para não revelar que estava a ponto de rir e chorar. — Apenas... estou contente por vê-lo.

— Estou contente por vê-lo, também. — Kirk não estava entendendo nada. — Esteve nocauteado por um bom tempo.

— Quanto tempo, capitão?

— Cerca de duas horas. Por quê?

Spock relaxou. — Porque, senhor, a singularidade está no processo de se converter num pequeno buraco negro⁽³²⁾, o que chamariam na tradição da Terra de buraco negro de Hawking⁽³²⁾ Quando a conversão se completar, o sistema vai explodir.

Kirk deu um pulo e foi para a porta.

— Capitão...

Kirk olhou em sua direção para trás.

— A *Enterprise* não está em perigo. O processo vai continuar ainda por seis dias pelo menos.

— Oh, — Kirk voltou para o lado de Spock. — Muito bem, Sr. Spock. O que aconteceu?

Spock levantou a mão e tocou a ferida da bala em sua têmpora. Mal era perceptível, pois McCoy colocou mais pele sintética e selou com spray transparente. A camisa marrom e dourada estava jogada numa mesa do outro lado do quarto... e Jim estava com os restos do modificador do tempo nas mãos.

— Você esteve no observatório, — falou Jim. — Rosnado ouviu você cair. Jenniver Aristeides levou-o para a enfermaria. Lembra-se disso?

O que Spock lembrava, lembrava bem demais. Olhou de Jim para o Dr. McCoy. Tal como estavam agora, nunca haviam existido na corrente de tempo alternativa. E Spock tinha clara memória de uma corrente de tempo em que as observações procediam sem problemas; a singularidade, de fato, apareceu e mesmo que não pudesse deduzir sua causa, estava claro desde o começo que ela logo se autodestruiria e deixaria de representar perigo. A *Enterprise* nunca fora chamada a Aleph Primo. O Dr. Mordreaux nunca viera a bordo e Spock não detetara nenhuma aceleração no crescimento da entropia.

Depois, reaparecera no observatório, arrastado de volta à *Enterprise* pelo espaço e tempo, ao lugar ao qual pertencia, e simultaneamente, ao que parece, os abusos cometidos contra o seu

corpo finalmente se manifestaram. A viagem no tempo, o esgotamento, ou os dois, fizeram com que perdesse a consciência.

— Spock? — Jim perguntou. — Você se lembra?

— Não, capitão, — Spock disse, sinceramente. — Não consigo entender o que aconteceu. — Não esperava lembrar-se dos eventos no *loop* do tempo em que voltara sobre si mesmo e apagara parte de si. Mas lembrava-se.

Aprendera como o *continuum* era frágil. Não o restaurara à sua forma original. Só conseguira remendar as partes mais seriamente rasgadas, esperando que o remendo ficasse bom. Talvez não devesse ficar surpreso caso os remendos não ficassem tão bons e imperceptíveis. Se as incoerências não ficassem piores do que um inexplicável fenômeno astronômico que para sempre ficaria um mistério e memórias conflitantes em sua mente, talvez devesse aceitar tudo com espírito esportivo, agradecido.

— Peço desculpas, capitão, mas não sei explicar o que aconteceu.

— Você sofreu uma forte concussão, — disse McCoy. — Sua memória poderá voltar quando se recuperar do choque.

Spock sinceramente esperava que não, mas nada disse. Kirk analisou o pedaço quebrado do modificador do tempo. — Talvez possa explicar pelo menos o que é isto.

— Claro, capitão. É um instrumento que ajudou-me a terminar o trabalho. — Mesmo que isto fosse tecnicamente correto, era bem perto de uma mentira para que Spock sentisse profunda vergonha.

— Onde conseguiu?

— Eu mesmo fiz, capitão.

— Não há nenhum componente bioeletrônico nesta nave!

— Ei, Jim — interveio McCoy, — vá com calma!

— Claro, Magro, assim que o Sr. Spock responder às minhas perguntas.

— Isso não foi uma pergunta, capitão, — disse Spock. — Foi uma afirmação. É bem verdade que a *Enterprise* não tem nada bioeletrônico. Mas devo indicar que uma das mais interessantes propriedades dos cristais bioeletrônicos é que eles podem crescer sozinhos. — Estendeu a mão para o modificador do tempo.

Kirk olhou um pouco para ele e depois sorriu. — Muito bem, Sr. Spock, nunca pensei que o senhor tinha um dedo verde!

Inexplicavelmente, McCoy reclamou. — Muito bem, chega. Fora daqui!

Spock olhou para suas mãos. Não entendeu a observação do capitão, pois se o capitão pensasse bem, os dedos de Spock eram mesmo ligeiramente esverdeados.

— Spock, — Kirk disse, sério de novo, — você não está me contando tudo e não gosto disso.

— Capitão... nas vizinhanças de uma singularidade, a única coisa que se pode prever é que vão acontecer eventos imprevisíveis.

— Suponho que você não vá se importar em falar mais sobre a natureza desses eventos imprevisíveis.

— Prefiro não fazer comentários, capitão.

Kirk pareceu contrariado e Spock pensou que ele não ia lhe dar os restos do modificador. Abruptamente, Kirk sorriu de novo e entregou o dispositivo ao oficial de ciências.

Spock aceitou-o.

— Muito bem, Sr. Spock, confio no senhor e confio no seu julgamento sobre o que quer que não possa explicar, desde que não afete a segurança desta nave ou de ninguém a bordo.

McCoy cruzou os braços. — Agora que vocês dois já trocaram manifestações de imorredoura confiança mútua, quero que... — olhou para Kirk — que saia daqui e você... — transferiu seu olhar irritado para o Sr. Spock — que volte a dormir. Agora mesmo. É uma ordem.

Jim riu. — Muito bem, Magro. Sr. Spock, podemos dar o fora?

— Sim, capitão. Minhas observações estão completas.

— timo. — Kirk levantou-se e preparava-se para sair. Spock puxou-o pelo cotovelo.

— Capitão... Jim... Kirk olhou para trás.

— Muito obrigado.

Ao virar uma esquina, Jim Kirk viu o Sr. Sulu à frente, dirigindo-se ao turboelevador.

— Senhor Sulu! — chamou. O piloto não se virou. Kirk chamou-o de novo.

Sulu parou e virou-se. — Desculpe, capitão. Eu estava... pensando em outra coisa.

Os dois continuaram pelo corredor lado a lado.

— Está indo para a ponte?

— Sim, senhor, entro em serviço em dez minutos.

— Ainda bem que é o seu turno, — comentou Jim. — O trabalho do Sr. Spock terminou e podemos sair daqui. Prefiro ter você no leme do que qualquer outro dos pilotos quando estamos manobrando perto de uma singularidade.

— Ora... obrigado, capitão, — disse Sulu, surpreendido por aquele cumprimento espontâneo.

Sulu parece preocupado nos últimos tempos, pensou Kirk. E precisa cortar esse cabelo. Está cultivando um bigode, também... mas o que

está acontecendo com ele? Começa a se parecer com um dos homens das patrulhas da fronteira, não de uma nave de linha. Claro, também esteve sob muita tensão...

Quase fez uma piada sobre o cabelo de Sulu, piada que Sulu tomaria como sugestão para, pelo menos, apará-lo.

Mas por que você quer que ele corte o cabelo? Jim Kirk perguntava a si mesmo. Não altera em nada o trabalho dele; não vai ficar com o cabelo preso em nenhum equipamento.

Pensou de novo: Vê se cresce, Jim.

— Está feliz a bordo da *Enterprise*, Sr. Sulu?

Sulu titubeou. O tom de sua voz, ao responder, era sério, como se estivesse pesando a pergunta muito seriamente e por muito tempo.

— Sim, capitão. É um posto melhor do que qualquer coisa que eu poderia esperar, e o melhor que eu jamais terei, provavelmente.

Kirk ia dizer algo sobre o cumprimento implícito naquela frase, mas percebeu uma interpretação alternativa. Kirk conhecia bem a ficha de Sulu e sabia como um burocrata, um militar de gabinete, a examinaria. "Insuficiente variedade de experiência", seria a análise mais provável, a despeito do fato que ninguém poderia exigir mais variedade de experiência do que servir na *Enterprise*. Infelizmente, os itens na ficha eram enumerados e Sulu sabia disso, como todo mundo.

Kirk de repente, percebeu uma coisa: se ele quisesse promoção, é quase inevitável que peça transferência da *Enterprise*. Você vai perder o melhor piloto que esta nave já teve, se não fizer alguma coisa e bem depressa.

— Estive pensando, — disse Kirk, — e o que estive pensando é que já é hora de fazer a sua ficha refletir as responsabilidades que o

senhor tem e não apenas as de obrigação do posto. Seria uma vergonha danada se mais adiante você quisesse uma promoção e ela fosse para alguém apenas semi-competente, só porque o outro foi promovido regularmente e você não.

A expressão de Sulu deu a Jim todas as desculpas.

— A solução não é normalizar seu registro. É torná-lo único, para que você tenha de ser julgado estritamente pelo que é. Acho que um bom primeiro passo seria uma promoção de campo para tenente-comandante. Sem dúvida, você receberia esta promoção por tempo de serviço, mas uma promoção de campo é incomum o bastante para chamar a atenção até de um piloto de escrivanhinha.

— Capitão... — Sulu estava tonto.

— Vai significar mais responsabilidades, claro.

— Está tudo bem. Quero dizer... seria ótimo!

— Muito bem. Vamos discutir o assunto. Você dá aulas de esgrima às tardes, não é?

— Dia sim, dia não. Nos outros, tenho aula de judô com a tenente-comandante Flynn.

— A que horas acabam?

— Por volta das dezesseis, senhor.

— Então o que me diz das dezessete horas, amanhã, no clube dos oficiais?

— Estarei lá, capitão! Muito obrigado, senhor.

Kirk fez um sinal de cabeça. Chegaram ao turboelevador, entraram e subiram à ponte.

— Aliás, Sr. Sulu, acho que vai ficar um belo bigode quando crescer um pouco mais.

Sulu corou.

— É verdade, — insistiu Kirk.

— Não tinha certeza se o senhor aprovaria.

— Eu mesmo cultivei um bigode, há alguns anos.

— Mesmo? E por que não ficou com ele?

— Vou lhe contar, mas prometa não espalhar.

— Claro, senhor.

— O bigode era vermelho. Como tijolo. A coisa mais ridícula que vi na minha vida.

Ele riu e Sulu também.

— Não creio que o meu vá ficar vermelho, capitão.

As portas do elevador se abriram e os dois saíram para a ponte. Kirk sorriu para Sulu.

— Não, creio que você não vai precisar se preocupar com essa possibilidade.

Kirk tomou seu lugar, Sulu substituiu o suboficial do leme e conferiu os controles.

— Senhor Sulu, — disse Kirk, — trace um curso para sairmos daqui.

— Sim, senhor!

Levou-lhe apenas alguns segundos; estivera preparado para afastar a nave da singularidade quase a qualquer momento; estava pronto para qualquer emergência.

— Curso registrado, senhor, dobra fator um.

— Obrigado, Sr. Sulu.

Como um pássaro solto da gaiola, a *Enterprise* saiu do alcance da singularidade, soltando-se das cortinas chamejantes de matéria em desintegração que a cercavam e foi para o espaço profundo.

Diário de Bordo

Data Estelar 5001.1:

Estamos agora a um dia de distância da singularidade e o mal-estar que tomava conta da Enterprise e de minha tripulação durante toda a missão desapareceu, deixando em seu lugar alívio e mesmo alegria. O moral é melhor do que há muito tempo, em especial no setor da segurança e, apesar de eu achar a nova comandante um tanto presunçosa, ela faz seu trabalho muito bem.

Decidi levar a Enterprise para a região da fronteira, entre o espaço da Federação e o território klingon, guardada pela frota da capitão Hunter. Os klingons têm se mostrado mais agressivos que o usual; infligiram algumas perdas ao esquadrão e até que as substituições cheguem a presença de uma nave de linha na região não vai fazer mal algum.

Notas administrativas:

Apresentei à Frota Estelar minha recomendação para a promoção de campo do Sr. Sulu a tenente-comandante. Como isto vai tomá-lo um dos oficiais mais jovens desta patente sem experiência formal na linha de frente, poderei ter de enfrentar algum purista burocrata para que a aprove; por outro lado, se servir na Enterprise não qualifica alguém como tendo experiência na linha de frente, não sei o que qualifica.

Por recomendação da tenente-comandante Flynn, também aprovei a transferência da alferes Jenniver Aristeides da Segurança para a Botânica e o Sr. Spock pediu-lhe para se encarregar de um projeto que quer iniciar: o crescimento de mais componentes bioeletrônicos.

Até agora, Aristeides sempre me pareceu um tipo em nada mais emotivo que o Sr. Spock, mas está muito feliz com o novo posto.

O Sr. Spock está se recuperando de um severo esgotamento por excesso de trabalho. Garantiu à Frota Estelar que a singularidade logo vai se extinguir por si. Meu oficial de ciências não deu mais nenhum sinal sobre querer discutir os "eventos imprevisíveis" que ocorreram durante suas observações. Apesar de uma certa tentação de lhe perguntar se não seria informação que não deveríamos conhecer — pergunta que arranharia sua objetividade científica — não estou inclinado a pressioná-lo quanto a uma resposta. Possivelmente, ele apenas cometeu algum erro, que seria humilhante revelar.

O que quer que tenha realmente acontecido, parece ter envolvido apenas Spock; o que quer que fosse, não afetou a Enterprise de maneira alguma.

E esta, é claro, é sempre minha principal preocupação.

Glossário Jornada nas Estrelas

Este glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que tem alguma importância na trama e os termos técnicos que são comumente mencionados na série Jornada nas Estrelas.

1. ESCUDO DEFLETOR: Uma barreira física invisível que suporta cargas (disparos e impactos) de altíssima intensidade. Todos os escudos do sistema de defesa são ativados automaticamente por qualquer objeto em curso de colisão com a nave.

2. RÁDIO SUBESPACIAL: Instrumento de comunicação que garante contato instantâneo entre dois pontos do espaço. Tem importância preponderante na exploração espacial.

3. FROTA ESTELAR: Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação de Planetas que controla a navegação espacial. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de "braço militar" da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a chamada Primeira Diretriz.



4. VULCANO: Natural de Vulcano, um dos principais planetas da Federação. Conhecido por suas temperaturas elevadas durante o dia e muito baixas durante a noite, esse exótico mundo tem uma atmosfera muito rarefeita que dificulta a respiração para os humanos. Vulcano passou por um sangrento período onde diversas tribos combateram entre si para obter a soberania do planeta. Surak, um mestre da filosofia, política e história, usando seus grandes conhecimentos e sua superior capacidade de comunicação telepática, iniciou uma campanha para substituir as emoções pela lógica. Graças à essa "disciplina lógica" os vulcanos conseguiram escapar da destruição e floresceram como uma das civilizações mais inteligentes, sábias e pacíficas do universo conhecido.

5. ACADEMIA: Centro de treinamento e formação de oficiais da Frota Estelar.

6. FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS: Organização política, econômica e social, fundamentada no conceito da diversidade, com diferentes mundos, raças e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação e o direito de escolher e seguir seu próprio destino. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura ou civilização. Os fundadores da Federação são: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri.

7. IMPÉRIO KLINGON: Constituído por vários planetas sob o regime violento e ditatorial dos klingon, uma raça de cultura militarista. Sua religião tem como conceito central a guerra, e é um

complexos ritual de honra e crueldade. Os princípios klingon se chocam frontalmente com os da Federação. Apesar disso nunca ocorreu uma guerra interestelar entre as duas organizações graças ao Tratado de Paz de Orgânia. Isso, porém, não impediu freqüentes escaramuças com naves da Frota.



8. TRICORDER: Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros.

Existem várias versões, dependendo das especialidades: o tricorder médico tem suas funções voltadas para análise de órgãos internos de seres vivos; o de engenharia para análise de materiais, etc.



9. ROMULANOS: Acredita-se que sejam os descendentes dos separatistas vulcanos liderados por S'task que, contrários às idéias pacifistas de Surak e sua "disciplina lógica", deixaram Vulcano em busca de um novo mundo. Estabeleceram-se em dois planetas,

Ch'rihan e Ch'hauran, posteriormente chamados de Romulus e Remus pela nave *USS Carrizal* nas primeiras tentativas de contato. A cultura militar e guerreira do romulanos levou-os imediatamente a uma violenta guerra contra a Federação, que terminou com o Tratado de Alfa Trianguli — provavelmente o único tratado da história da Federação negociado inteiramente por um computador. Os representantes dos dois lados nunca se conheceram! O Tratado estabeleceu uma Zona Neutra, marcada e guardada por satélites de defesa e monitoramento de ambos os lados.



10. TELETRANSPORTADOR: Um aparelho de teleportação que desmaterializa qualquer coisa, dissolvendo sua estrutura atômica, e materializando-a novamente em qualquer outra parte. Um transportador permite o desembarque da tripulação ou da carga de uma nave sem necessidade de uma nave auxiliar.

11. DOBRA ESPACIAL: Conceito físico que se utiliza das características métricas do espaço-tempo. Para ir de um ponto à outro de um mesmo espaço, em vez de percorrer todos os pontos entre eles, "dobra-se" o espaço, fazendo os dois pontos ficarem mais "próximos". Sua utilização para vencer distâncias interestelares foi proposta pelo cientista Zefram E. Cochrane, de Alpha Centauri, e permitiu o avanço da exploração espacial, derrubando as barreiras das distâncias interestelares.

12. PHASER: Armamento básico da Frota Estelar, que sobrepujou o antigo *laser*. É usado em armas portáteis para defesa pessoal; canhões de pequeno porte e em bancos de armazenamento de naves para ataque e defesa em manobras no espaço.

Glossário Cultural

Este Glossário contém verbetes sobre diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não apenas uma compreensão de alguns termos usados neste livro, mas procura também servir de alicerce, estímulo e motivação para a ampliação e busca de novos conhecimentos.

30. SINGULARIDADE: Termo emprestado da matemática para indicar pontos particulares de funções nas quais seu valor "explode". A função $y = 1/(1-x)$, por exemplo, apresenta uma singularidade no ponto $x = 1$. De modo semelhante, as equações que descrevem a "morte" por contração gravitacional de estrelas muito massivas, conduz a interpretações em que o volume da estrela se reduz a zero, e conseqüentemente, sua densidade "explode" para o infinito. As equações da Teoria da Relatividade Geral de **EINSTEIN** (1879-1955), descrevem o espaço e o tempo como uma só entidade contínua, o **CONTINUUM** espaço-tempo. A singularidade gravitacional equivaleria a uma ruptura (buraco) nesse *continuum*.

31. ESPECTRO VISÍVEL: A luz é uma radiação eletromagnética da mesma natureza das ondas de rádio ou dos raios-X. Toda a faixa de freqüências dessas ondas é denominada *espectro eletromagnético*.

Dentro desse espectro existe um intervalo de frequências capazes de impressionar o olho humano, denominada *espectro visível*. A frequência mais baixa dessa faixa corresponde ao vermelho e a mais alta ao violeta. Radiações de frequência inferior à do vermelho são invisíveis ao olho humano (mas não ao da cascavel, por exemplo) e são denominadas de *infravermelho*. De frequência maior que a do violeta também são invisíveis para os nossos olhos (mas não para a maioria dos insetos) e são chamadas de *ultravioleta*. Entre esses extremos existem as cores do arco-íris: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

32. **BURACO NEGRO:** A partir das proximidades de um corpo celeste podemos lançar um corpo com velocidade tal que, apesar de atraído gravitacionalmente de volta, ele possa se afastar indefinidamente. Essa velocidade mínima é denominada *velocidade de fuga* e seu valor varia em função da massa e densidade do corpo que está gerando o campo gravitacional do qual se quer escapar. A velocidade de fuga a partir da superfície da Terra, por exemplo, é de 11,2 km/s, enquanto que da Lua é apenas 2,4 km/s. A partir de Saturno, planeta muito mais massivo que a Terra ela passa a ser de 35,2, enquanto que de Júpiter seriam necessários nada menos que 60,5 km/s! Quando, no Universo, se forma uma singularidade gravitacional, o campo gravitacional em suas proximidades é tão intenso que a velocidade de fuga assume valores absurdamente altos. Em torno de cada singularidade existe um volume no interior da qual a velocidade de fuga é maior que a própria velocidade da luz (300.000 km/s)! O raio dessa região é denominado *raio de Schwarzschild* e sua superfície é denominada **HORIZONTE DOS**

EVENTOS pois nada, nem mesmo luz, pode escapar de seu interior. Assim sendo não podemos obter nenhuma informação do que ocorre em seu interior e tudo que penetrar nessa região não poderá mais voltar, nem sequer sua imagem. Esse é o motivo pelo qual a região contida dentro do horizonte dos eventos é denominada *BURACO NEGRO*. Os trabalhos de Stephen **HAWKING** (1942-), Roger **PENROSE** e **Paul TIPLER** foram fundamentais para uma interpretação das singularidades baseada na Mecânica Quântica, cujas **FUNÇÕES DE ONDA** permitiram evitar interpretações absurdas da singularidade, como volume nulo, densidade infinita, etc. Nessas funções aparecem **TERMOS ENTRÓPICOS** que possibilitaram frutíferas analogias com a termodinâmica. Como os buracos negros costumam ter um movimento de rotação, a matéria próxima que vai sendo sugada em seu interior atinge, ao se aproximar do horizonte dos eventos, acelerações enormes, emitindo, conseqüentemente, radiações que podem ser detectadas a partir da Terra. Foi assim, estudando não o Buraco negro em si (que não emite nada de detectável) mas esse disco de matéria, essa espécie de rodamoinho cósmico que se forma em torno dele, denominado **DISCO DE ACRESÇÃO**, que se detectaram indícios da existência de várias singularidades no Universo.

33. ENTROPIA: Grandeza física relacionada com o Segundo Princípio da Termodinâmica. De certa forma ela quantifica o grau de *desordem* de um sistema. Para ter uma noção elementar deste conceito podemos imaginar uma tropa de soldados marchando com uma certa velocidade. Se eles estiverem marchando em ordem unida, veremos um bloco coeso com todos os soldados marchando

na mesma direção e praticamente parados uns em relação aos outros. Se, mantendo a mesma velocidade média, eles começarem a se mover ao acaso, mudando de direção a cada poucos passos, veremos de longe um bloco parado mas com muita agitação interna. Somando a energia de movimento dos soldados em ambos os casos veremos que ela é praticamente a mesma, só que no primeiro caso ela está *organizada* e, no segundo caso, *desorganizada*. Dizemos que, no segundo caso, a *ENTROPIA* é maior. Se substituirmos o bloco de soldados por uma bala de revólver, por exemplo, disparada contra um anteparo, onde cada átomo seria um dos soldados, podemos distinguir duas situações. Na primeira, a bala está se movendo rapidamente com todos os átomos se deslocando juntos na mesma direção. Macroscopicamente dizemos que a bala está fria e está dotada de energia mecânica (no caso, *cinética*). Na segunda, a bala bateu contra o obstáculo e parou. Seus átomos, porém, não pararam: eles continuam se movendo, mas de forma caótica, mudando constantemente a direção de sua velocidade, naquilo que denominamos "agitação térmica". Macroscopicamente, dizemos que a bala transformou sua energia mecânica em energia térmica: parou mas, em compensação, ficou mais quente. Nessa transformação, ocorreu um aumento da entropia. As transformações espontâneas, no Universo, sempre ocorrem com aumento de entropia. Ninguém espera que um bloquinho de chumbo quente e parado esfrie de repente e saia zunindo a toda velocidade! Em alguns casos, porém, como no fenômeno "vida" e suas conseqüências, a entropia pode diminuir localmente, mas sempre às custas de um aumento muito maior na entropia do ambiente. A superfície do planeta Terra, por exemplo,

está infestada com a espécie (*Homo Sapiens*) que inventou o motor a gasolina. Nesse motor há um abaixamento local da entropia, pois energia térmica é transformada em mecânica. Seu rendimento, entretanto é de cerca de 30% (ou 1/3), ou seja, de cada 3 litros de gasolina, 1 é usado para fazer o carro andar e 2 para abaixar localmente a entropia. Esses 2, porém, aquecem o meio ambiente, o poluem e aumentam a degradação ambiental, fazendo a entropia do sistema Terra crescer. Como a entropia do Universo sempre aumenta, alguns cosmólogos afirmam que ele terminará numa "morte entrópica", onde não haverá mais energia em forma "organizada".

34. ESTRELA TIPO G: Todas as estrelas, incluindo o nosso Sol, são gigantescas centrais termonucleares em cujo interior ocorrem fenômenos de fusão nuclear análogos aos de uma *bomba H* e que dão origem aos diversos elementos químicos. As estrelas mais massivas, que são uma minoria, queimam seu combustível nuclear mais rapidamente e são muito luminosas, durando uns poucos milhões de anos. Nas fases finais de suas vidas, essas estrelas explodem quase que totalmente, num fenômeno conhecido como super-nova, dando origem aos elementos químicos mais pesados que o ferro. As estrelas menos massivas brilham mais fracamente, mas podem durar bilhões de anos. Nas fases finais de suas vidas, algumas dessas estrelas "explodem" suas camadas mais externas, transformando-se em **NOVAS**. Esse, provavelmente, será o futuro do Sol. Pode-se correlacionar o estágio de evolução de uma estrela com os elementos químicos que ela contém e que determinam os tipos de radiações que ela emite. Em função dos tipos de radiações

as estrelas foram classificadas pelos astrônomos nas categorias O, B, A, F, G, K e M.

Nosso Sol pertence à classe G, que representa uns 9% da população de nossa galáxia, e tem uma vida estimada em uns 10 bilhões de anos, dos quais já decorreram aproximadamente a metade. Conhecendo-se a classe espectral das estrelas e também as quantidades de radiações que elas emitem, pode-se observar que a maioria situa-se numa faixa chamada **SEQÜÊNCIA PRINCIPAL**. Essa faixa corresponde ao estado em que as estrelas permanecem a maior parte de suas vidas numa situação de quase estabilidade, como o Sol.

Obs: O adjetivo *massivo* é um neologismo ainda não registrado em muitos dicionários mas indispensável para descrição de características não abrangidas por *maciço*. Um bloco oco de Ósmio, por exemplo, não é *maciço* mas pode ser muito *massivo*. *Massivo* está para massa assim como *pesado* está para peso. Como poucos filólogos e lingüistas brasileiros têm, infelizmente, um mínimo de formação científica, mesmo a nível elementar, não registram esse adjetivo em seus textos pois nem sequer sabem distinguir peso de massa.

35. RITMO CIRCADIANO: Termo obtido do latim *circa* (em torno, ao redor de) e *diem*, acusativo singular de *dies* (dia). Refere-se ao ritmo biológico sincronizado com o período de rotação de 24 horas da Terra. Viagens internacionais muito rápidas produzem perturbações no ritmo circadiano dos viajantes, resultando em distúrbios no sono e na alimentação, podendo levar até a situações extremas de *stress*. Exploradores que passam longos períodos em cavernas, longe da

luz do Sol e sem usar relógios, costumam alterar seu ritmo circadiano para períodos maiores que 24 horas. A falsa interpretação das perturbações nos ritmos circadianos deu origem à pseudociência do biorritmo.

36. UTOPIA: Do grego *U* (não) e *topos* (lugar). Significa "*lugar que não existe*". Foi usado pelo Lord Chanceler Sir Thomas More (1478-1535) em seu mais famoso trabalho, *Utopia*, onde descreve uma estrutura social cuja política é baseada na razão, o que tornou o termo quase um sinônimo de uma sociedade ideal.

37. VENTO SOLAR: O Sol, assim como todas as estrelas, emite quantidades enormes de radiação (fótons) e outras partículas. Essa massa de partículas é chamada de *vento solar* e sua intensidade varia com a atividade do Sol. As partículas mais perigosas (em função de sua radiatividade) são felizmente desviadas pelo campo magnético da Terra, conseguindo penetrar na alta atmosfera apenas nas proximidades dos pólos magnéticos, dando origem às auroras boreais e austrais. Se um veículo espacial desfraldar uma vela fina, metálica e muito ampla, receberá sobre ela uma pressão de radiação, principalmente dos fótons (luz) suficiente para produzir um impulso sensível. Apesar da aceleração resultante desse impulso ser muito pequena, ela atua o tempo inteiro e, no prazo de uns poucos dias, pode resultar em velocidades fantásticas, da ordem de grandeza da velocidade de fuga do sistema solar.

38. RADIOLÁRIOS: Microrganismos unicelulares que existem nos mares quentes que se-cretam um "esqueleto" de sílica ou sulfato de

estrondo, formando belíssimos desenhos "rendados" com simetria radial.

39. D'ARTAGNAN: Personagem do escritor francês Alexandre Dumas (1802-1870) em sua obra *Os Três Mosqueteiros*. Foi o quarto e o melhor espadachim a juntar-se ao trio que servia ao Rei Luis XIV.

40. LEWIS CARROL: Pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898). Matemático inglês autor de vários livros, inclusive de ficção. Tornou-se famoso como autor de *Através do Espelho* (1872) e, principalmente, *Alice no País das Maravilhas* (1865), onde descreve uma realidade regida por regras incomuns e habitada por seres fantásticos. Ao se defrontar com os mistérios desse mundo estranho, Alice exclamava: "*Mysteriouser and mysteriouser*".

41. BOTULISMO: Envenenamento alimentar causado pela toxina produzida pela bactéria anaeróbica *Clostridium Botulinum*, encontrada normalmente no solo, mas que pode infectar comida enlatada. Mata por paralisia do sistema nervoso.

42. PESTE NEGRA: Epidemia de peste bubônica (bacilo de Yersin transmitido pelas pulgas dos ratos) que se espalhou de Constantinopla para a Europa e a Ásia no século XIV, vitimando mais da metade da população.

43. BABEL-17: Um dos mais famosos romances de ficção científica de Samuel Delany, um dos primeiros escritores negros a fazer sucesso nos Estados Unidos. A trama possui elementos inovadores,

como fantasmas tripulando naves espaciais, o uso da lingüística como arma de guerra, e uma mulher como protagonista da história.

44. ERA ESPACIAL: Alguns consideram seu início em 1957, quando foi colocado em órbita o **SPUTNIKI**, primeiro satélite artificial lançado pela União Soviética. Outros consideram seu início em 1969, quando Neil Armstrong desceu da Apoio 11 e pisou o solo lunar.

45. ATHENA: Palas Athena, deusa da sabedoria dos gregos antigos, identificada pelos romanos como Minerva. Nos poemas de Homero ela identifica-se como a protetora dos gregos e de Ulisses em particular.

46. HOMERO: Autor grego do século IV a.C. conhecido por seus poemas épicos, *Ilíada* e *Odisséia*, onde descreve a Guerra de Tróia e a viagem de volta de Ulisses, um de seus heróis.

47. TENNYSON: Alfred, primeiro barão de Tennyson (1809-1992). Um dos principais poetas ingleses do século XIX, mais conhecido por sua elegia *In Memoriam*. Era o poeta favorito da Rainha Vitória.

48. HIPERESTESIA: Super-excitação dos sentidos, provocada normalmente por excesso de epinefrina (adrenalina). Pode ser também provocada artificialmente pelo consumo de certas drogas.

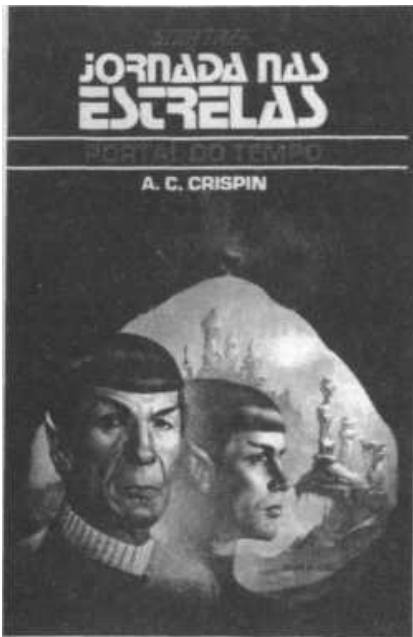
49. MEMBRANA NICTITANTE: Terceira pálpebra das aves que desliza horizontalmente para lubrificar o olho.

50. CLONES: Seres gerados a partir de células não germinativas. Como não é uma reprodução sexuada, os clones são cópias genéticas idênticas ao original. É como se os organismos-filhos fossem gêmeos idênticos do organismo-pai.

51. **EEG:** Eletro-Encefalograma. Diagrama obtido pela análise de correntes elétricas cerebrais detectadas por eletrodos ligados à cabeça. Através do EEG, pode-se diagnosticar a morte cerebral, o que justifica, na legislação de vários países, o desligamento de aparelhos de suporte artificial de vida.

52. HARAQUIRI: Suicídio ritualístico dos japoneses, usado principalmente em reparo à honra. Consiste em rasgar o ventre com uma espada ou sabre.

53. "ATIRADO AOS LEÕES": Na Roma Antiga, uma das maiores penas aplicadas pelo Estado a um criminoso era "atirá-lo aos leões" no *Circo Romano*, onde o povo podia assistir e se divertir. Muitos dos antigos cristãos dos primeiros séculos foram mortos dessa forma.



PORTAL DO **TEMPO**

A. C. Crispin

Certa vez Spock, o mais frio e paradoxalmente mais simpático personagem de *Jornada nas Estrelas*, viajou para o passado e, envolvido pelo turbilhão do Tempo, acabou se apaixonando e vivendo um feroso caso de amor! Voltando ao presente, e à sua normal frieza de sentimentos, descobre a evidência arqueológica de que deixou um filho no passado!

Mas o Guardião da Eternidade está num planeta sob ataque dos Romulanos e precisa ser protegido... ou destruído!



ENCONTRO EM FARPOINT

David Gerrold

Oitenta e cinco anos depois das primeiras viagens da *Enterprise*, tripulada por Kirk, Spock e McCoy, uma nova *Enterprise* prepara-se para entrar em ação. Sua tripulação deverá se reunir na avançada Estação Farpoint construída em tempo recorde pelos *Bandis* um povo que nunca saiu de seu planeta.

Sua missão... descobrir o mistério que cerca esse paradoxo tecnológico, enfrentando as interferências de uma arrogante mente superior. O primeiro desafio para o Cap. Picard.